



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAÚI – UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - PPGS

RETRATOS CANTADOS: IMAGENS DAS VELHICES NA MEMÓRIA
MUSICAL BRASILEIRA

TERESINA-PI

2022

MARIVETE RIBEIRO ALVES

**RETRATOS CANTADOS: IMAGENS DAS VELHICES NA MEMÓRIA
MUSICAL BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Sociologia da
Universidade Federal do Piauí – UFPI,
como requisito para a obtenção do título
de Mestre em Sociologia

Linha de Pesquisa: Gênero e Geração

Orientador: Prof. Dr. Francisco Oliveira
Barros Júnior

TERESINA-PI

2022

MARIVETE RIBEIRO ALVES

**RETRATOS CANTADOS: IMAGENS DAS VELHICES NA MEMÓRIA
MUSICAL BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), para obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Gênero e Geração

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Oliveira Barros Júnior (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFPI

Profa. Dra. Maria Rosângela de Souza (Membro Interno)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFPI

Profa. Dra. Cassandra Maria Bastos Franco (Membro Externo)
Docente de Pós-Graduação em Gerontologia Social

TERESINA-PI

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco Divisão
de Representação da Informação

A474r Alves, Marivete Ribeiro.
 Retratos cantados : imagens das velhices na memória musical
 brasileira / Marivete Ribeiro Alves. -- 2022.
 189 f.

 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro
 de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em
 Sociologia, Teresina, 2022.
 “Orientador: Prof. Dr. Francisco Oliveira Barros Júnior”.

 1. Imagem. 2. Velhices. 3. Música. I. Barros Júnior, Francisco
 Oliveira. II. Título.

CDD 305.26

Bibliotecária: Francisca das Chagas Dias Leite – CRB3/1004

DEDICATÓRIA

Para os meus pais Mário Filho e Ivete
Meu esposo Pablo e meu filho Benjamin Gael,
Minha fonte inesgotável de amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

“Eu hoje vim aqui falar com Deus. Não vim para pedir, mas para agradecer. Por tudo que passei, problemas, lutas e dor. E sem compreender: obrigado, Senhor. Em tudo te dou graças, no bem ou no mal. Pois sei que a recompensa virá no final. Não quero me esquecer das bênçãos que tu me dás”. Hoje inicio meus agradecimentos me utilizando dos versos de uma canção intitulada “Agradecimento”, do grupo musical Voz da Verdade, pois compreendo que é Deus que me tem permitido vivenciar este sonho tão almejado em minha vida.

Agradeço também a algumas pessoas que sempre me acompanharam, e são fundamentais para a realização deste sonho em minha vida: ao meu esposo Pablo e ao meu filho Benjamin Gael, companheiros do dia a dia, com quem compartilhei tantas preocupações, aflições e muito trabalho, descobertas e conquistas durante esta caminhada. Aos meus pais Mário Alves e Ivete Ribeiro, e meus dois irmãos Ivamara e Mário Neto, pela compreensão, ao serem privados em muitos momentos da minha companhia e atenção.

Obrigada por desejarem sempre o melhor para mim, pelo esforço que fizeram para que eu pudesse superar cada obstáculo em meu caminho e chegar aqui e, principalmente, pelo amor imenso que vocês têm por mim. Minha gratidão especial ao Prof. Dr. Francisco Oliveira Barros Júnior, meu orientador e, sobretudo, um querido e grande amigo, pela pessoa e profissional que é. Obrigada por sua dedicação, pelo que fez, e, por muitas vezes, deixar de lado seus momentos de descanso para me ajudar e me orientar. E, principalmente, obrigada por sempre ter acreditado e depositado sua confiança em mim durante a construção deste trabalho. Sem sua orientação, apoio, confiança e amizade, não somente neste trabalho, mas em todo caminho percorrido até aqui, nada disso seria possível.

E meus agradecimentos as professoras membros da banca examinadora, pois aceitaram o convite e se dispuseram a colaborar com pertinentes apontamentos visando o engrandecimento desse estudo.

CHEGAR AOS TRINTA ANOS
Quando se chega aos trinta anos
Você vê que amadureceu
Quando percebe que seu receio
Aos trinta não aconteceu
E que o medo da casa dos trinta
Era bobagem e preocupação tola
E ao invés de ser gatinha
Agora quer mais é ser uma Loba
Mesmo sendo mulher madura
Seu lado menina não deixa morrer
Percebe que a força interna
É o que te faz rejuvenescer
É assumir que ama poesia
Marisa Monte, Roberto Carlos e Peninha
É não se importar com que pensarão de você
Chegar aos trinta é então perceber
Que cada fase tem seus encantos, sua magia
É querer chegar aos quarenta ou Cem anos
Sendo a mulher mais feliz, dessa vida
(Autor Desconhecido)

RESUMO

Há um crescimento significativo da população de idosos na atualidade. Diante disso, existe ainda uma imagem distorcida do idoso associada a fatores negativos, sendo o imaginário social do envelhecimento e velhice atravessado por estereótipos e estigmas vivenciados no cotidiano, assim como preconceitos ancorados na sociedade. O presente estudo visa, de forma geral, compreender as diversas imagens sobre o velho, velhice e o processo de envelhecimento, verificando como são percebidos pela sociedade, por intermédio da música brasileira, que é um veículo de transmissão de ideias que possibilita a compilação das mesmas e interpretações, sendo um elemento cultural que pode ser usado como recurso para compreender os aspectos sociais. Assim, os objetivos específicos são: analisar, ao longo de cada década, quais foram os retratos cantados e as produções de sentidos atribuídas acerca das velhices que ficaram registrados na memória musical brasileira; identificar a multiplicidade de formas de envelhecer na música brasileira no lapso 1930-2020; pensar criticamente na construção da imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento em nossa sociedade através das canções brasileiras compostas neste período; promover uma reflexão sobre as questões sociais, e conexões entre a letra das melodias e as vivências presentes na realidade social. Trata-se de um estudo bibliográfico e documental de caráter qualitativo. O método utilizado nesse estudo é o acesso às velhices pela via dos textos musicais. Imagens das velhices sendo influenciadas pela análise interpretativa das letras das músicas adotada por outros estudos, quanto pela Análise de Discurso, e por meio da sociologia da música. Os sujeitos deste presente trabalho são as músicas populares brasileiras selecionadas a partir de: cancionário popular nacional, seguindo o recorte histórico, cronologicamente entre os anos (1930 - 2020) e o grau de proximidade e familiaridade com a obra de arte explorada. O primeiro capítulo aborda o envelhecimento como processo bio-psico-sociofisiológico e cultural, vital, universal, multifatorial. O segundo capítulo problematiza a visão positivista estabelecida pela ciência, apontando a música como um método alternativo, objetivando desconstruir com a visão homogeneizadora do envelhecimento e do pensamento negativo concernente a essa fase. A partir da análise das músicas brasileiras, como resultado teve a compreensão das diversas imagens sobre o velho, a velhice e o processo de envelhecimento, a saber: foi identificado apenas nas músicas da década de 80 e nos anos 2.000, um sentido positivo vinculado à imagem da pessoa idosa. A análise das demais músicas que apresentam um sentido negativo, depreciativo, desfavorável e de repulsa à velhice e ao processo de envelhecimento, compostas nas décadas (30,40,50,60,70,90), contribuem para responder o problema proposto pelo presente estudo que constitui no seguinte questionamento: existiria no cancionário popular nacional uma imagem pré-estabelecida socialmente para o idoso ao longo dos séculos XX e XXI? Então, com base na exploração dessas canções foi comprovado que durante muitos anos prevaleceu apenas a imagem da velhice associada a um período de declínio e perdas, contribuindo para a existência de estereótipos e preconceitos à pessoa idosa. Tendo como autores basilares para este estudo, a antropóloga Mirian Goldenberg e a filósofa Simone Beauvoir.

Palavras-chaves: Imagem. Velhices. Música

ABSTRACT

There is a significant growth in the elderly population today. Therefore, there is still a distorted image of the elderly associated with negative factors, with the social imaginary of aging and old age crossed by stereotypes and stigmas in everyday life, as well as prejudices anchored in society. Images about the old, which enables the transmission of ideas, which is a vehicle for transmitting ideas, which is a vehicle for transmitting ideas, which is a vehicle for transmitting ideas, which is a vehicle for transmitting ideas, which is a vehicle for transmitting ideas, which is cultural that can be used to process the use, being verified as used as an element used by Brazilian society, which is a vehicle for transmitting ideas Resource to understand the social aspects. Thus, the Brazilian objectives are: to analyze, throughout the memory of each year, which were the sung portraits and the productions of meanings attributed to the approach of old age that were recorded in music. to identify the multiplicity of ways of aging in Brazilian music in the lapse of 1930-2020; critically thinking about the construction of the image of the old, old age and the aging process in our society through Brazilian songs composed in this period; to disseminate a reflection on social issues, and to link the lyrics of the melodies and the social experiences present in the social reality. This is a bibliographic and documentary study of a qualitative nature. The method used in this study is the access to vehicles through musical texts. Images of candles being influenced by the interpretive analysis of song lyrics written by others, as well as by Discourse Analysis, and through the sociology of music. The subjects of this present work are the Brazilian popular songs selected from: national popular songbook, following the historical cut, chronologically between the years (1930 - 2020) and the degree of proximity and familiarity with the work of art explored. The first chapter approaches aging as a bio-psycho-sociophysiological and cultural, vital, universal, multifactorial process. The second chapter discusses the positivist view established by science, pointing to music as an alternative method, aiming to deconstruct the homogenizing view of aging and negative thinking concerning this phase. From the analysis of Brazilian music, as a result, it was possible to understand the different images about the old man, old age and the aging process, namely: it was identified only in the music of the 80s and 2000s, a positive sense linked to the image of the elderly person. The analysis of the other songs that have a negative, derogatory, unfavorable and repulsive sense of old age and the aging process, composed in the decades (30,40,50,60,70,90), contribute to answer the problem proposed by the present study that constitutes the following question: would there be in

the national popular songbook a socially pre-established image for the elderly throughout the 20th and 21st centuries? So, based on the exploration of these songs, it was proven that for many years only the image of old age associated with a period of decline and losses prevailed, contributing to the existence of stereotypes and prejudices towards the elderly. Having as basic authors for this study, the anthropologist Mirian Goldenberg and the philosopher Simone Beauvoir.

Keywords: Image. old age Song.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Ficha Técnica das músicas analisadas entre 1930-2020.....	25
Quadro 2 - Ficha técnica da música Caco Velho.....	48
Quadro 3– Análise interpretativa da música (Caco Velho)	54
Quadro 4- Ficha Técnica Música Três Lágrimas.....	58
Quadro 5 - Análise interpretativa da música (Três Lágrimas)	62
Quadro 6- Ficha técnica das músicas “Ela foi fundada, Bom Tempo e Vendedor de Caranguejo”	66
Quadro 7- Análise Interpretativa da música (Ela foi fundada)	69
Quadro 8- Ficha Técnica da música Bons tempos.....	72
Quadro 9 - Análise Interpretativa da música (Bons tempos)	76
Quadro 10 - Ficha técnica da música Vendedor de Caranguejo.....	79
Quadro 11 - Análise interpretativa da música (Vendedor de Caranguejo)	83
Quadro 12 - Ficha Técnica das músicas Degraus da Vida e O Velho.....	86
Quadro 13 - Análise Interpretativa da música (Degraus da Vida)	89
Quadro 14 - Ficha técnica da música O velho.....	91
Quadro 15 - Análise Interpretativa da música (O Velho)	95
Quadro 16 - Ficha Técnica das músicas “Ovo de codorna, Vaqueiro véio, A velhice da porta Bandeira, Capim novo e Cajueiro velho”.....	98
Quadro 17 - Ficha Técnica da música Ovo de Codorna.....	98
Quadro 18 - Análise Interpretativa da música (Ovo de Codorna)	102
Quadro 19 - Ficha Técnica da música Vaqueiro Véio.....	104
Quadro 20– Análise Interpretativa da música (Vaqueiro Véio)	108
Quadro 21 - Ficha técnica da música A velhice da porta Bandeira.....	110
Quadro 22 - Análise Interpretativa da música (A velhice da porta Bandeira)	113
Quadro 23 - Ficha Técnica da música Capim novo.....	115
Quadro 24 - Análise Interpretativa da música (Capim novo)	118
Quadro 25 - Ficha Técnica da música Cajueiro Velho.....	120
Quadro 26– Análise Interpretativa da música (Cajueiro Velho)	124
Quadro 27 - Ficha Técnica das músicas O homem Velho e Velhos do ano 2000.....	126
Quadro 28 - Ficha Técnica da música O homem Velho.....	126
Quadro 29 - Análise Interpretativa da música (O homem Velho)	132
Quadro 30 - Ficha Técnica da música Velhos do ano 2000.....	133
Quadro 31- Análise Interpretativa da música (Velhos do ano 2000)	138
Quadro 32- Ficha Técnica da música 50 anos.....	140

Quadro 33- Análise Interpretativa da música (50 Anos)	145
Quadro 34- Ficha Técnica da música Lema, Envelhecer e Matusalém	147
Quadro 35- Ficha Técnica da música Lema.....	148
Quadro 36- Análise Interpretativa da Música (Lema).....	152
Quadro 37- Ficha Técnica da música Envelhecer	153
Quadro 38 – Análise Interpretativa da música (Envelhecer).....	159
Quadro 39 - Ficha Técnica da música Matusalém.....	160
Quadro 40- Análise Interpretativa da música (Matusalém).....	164
Tabela 1 – Expectativa de vida ao nascer.....	63

LISTA DE SIGLAS

ALP - Abrigos de Longa Permanência

AD – Análise do Discurso

CNDL - Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas

CFM - Conselho Federal de Medicina

CNJ - Conselho Nacional de Justiça

CENTRO POP - Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua

DSM-5 - Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição

EA/UFGA - Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará

HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana

INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MPB – Música Popular Brasileira

OMS - Organização Mundial de Saúde

P.TIA-UFPI - Programa Terceira Idade em Ação

PAPIM - Programa de Apoio a Projetos de Intervenção Metodológica

PNPMs - Planos Nacionais de Política para as Mulheres

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PIAE - Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento

RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

SEMDES - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

SBACEM - Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Escritores da Música

SBCP - Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica

SEAP - Secretaria estadual de Administração Penitenciária

TDM - Transtorno Depressivo Maior

SPC– Serviço de proteção ao crédito

UNATI- Universidade Aberta da Terceira Idade

UERJ -Universidade do Estado do Rio de Janeiro

USP- Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 - ENVELHECIMENTO E VELHICE: CONSTRUÇÃO DO CONCEITO E ASPECTOS BIOPSISSOCIAIS	27
2- RETRATOS CANTADOS ACERCA DAS VELHICES REGISTRADOS NA MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA	47
2.1 - Recorte histórico da década de 30.....	47
2.1.1- Informações sobre o Compositor da canção “Caco Velho”	48
2.1.2 – Letra da música Caco Velho.....	48
2.2 - Recorte histórico da década de 40	57
2.2.1- Informações sobre o Compositor da canção “Três Lágrimas”	57
2.2.2 – Letra da música Três Lágrimas	58
2.3 - Recorte histórico da década de 50	65
2.3.1- Informações sobre os Compositores da canção “Ela foi fundada”	65
2.3.2–Letra da música “Ela Foi Fundada”	65
2.3.3- Informações sobre os Compositores da canção “Bons tempos”	71
2.3.4.- Letra da música “Bons Tempos”.....	72
2.3.5- Informações sobre o Compositor da canção “Vendedor de Caranguejo”	78
2.3.6 Letra da música “Vendedorde Caranguejo”	79
2.4 - Recorte histórico da década de 60	85
2.4.1- Informações sobre os Compositores da canção “Degraus da vida”	85
2.4.2–Letra da música Degraus da Vida.....	86
2.4.3–Informações sobre o Compositor da canção “O velho”	90
2.4.5 – Letra da música “O Velho”	91
2.5 - Recorte histórico da década de 70	97
2.5.1 Informações sobre o Compositor da canção “Ovo de codorna”	97
2.5.2 Letra da música Ovo de Codorna	98
2.5.3- Informações sobre o Compositor da canção “Vaqueiro Véio”	103
2.5.4 - Letra da música “Vaqueiro Véio”	104
2.5.5 Informações sobre os Compositores da canção “A velhice da porta bandeira” ...	109
2.5.6 – Letra da música A velhice da porta bandeira	110
2.5.7 - Informações sobre os compositores da canção “Capim novo”	114
2.5.8- Letra da música Capim novo.....	115
2.5.9 - Informações sobre o Compositor da canção “Cajueiro Velho”	119
2.5.10- Letra da música Cajueiro Velho.....	120
2.6 - Recorte histórico década de 80.....	125
2.6.1 –Informações sobre o Compositor da canção “O homem velho”	126

2.6.2- Letra da música O homem Velho.....	127
2.6.3 - Informações sobre os Compositores da canção “Velhos do Ano 2000” (When i’m sixty-four)	132
2.6.4- Letra da música Velhos do Ano 2000 (When i’m sixty-four).....	133
2.7 - Recorte histórico década de 90.....	139
2.7.1- Informações sobre os Compositores da canção “50 anos”	139
2.7.2 Letra da música 50 anos	140
2.8 - Recorte histórico década dos anos 2.000	146
2.8.1 - Informações sobre o Compositor da canção “Lema”	147
2.8.2- Letra da música Lema	147
2.8.3 Informações sobre os Compositores da canção “Envelhecer”	152
2.8.4- Letra da música Envelhecer	153
2.8.5 – Informações sobre os Compositores da canção (Matusalém)	159
2.8.6- Letra da música Matusalém.....	159
(IN) CONCLUSÕES	164
REFERÊNCIAS	167

INTRODUÇÃO

Na presente dissertação, intitulada **“Retratos cantados: imagens das velhices na memória musical brasileira”** propõe-se a compreensão das diversas imagens sobre o velho, a velhice e o processo de envelhecimento, verificando como ela é percebida pela sociedade, por intermédio da música brasileira.

Diversos motivos despertaram a motivação pelo presente estudo, sendo o primeiro deles o próprio processo de envelhecimento que experencio, e que me preparo para um futuro próximo vivenciar a velhice, atualmente com a idade de 32 anos. Mirian Goldenberg¹(2019) em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo (28/06/19) sobre seu livro “Liberdade, Felicidade, Foda-se”, disse que em nossa cultura há a exaltação do corpo jovem, o que leva as mulheres brasileiras a se sentirem velhas a partir dos 30 anos, e às vezes até antes.

Como segundo fator, a vivência com idosos assistidos pelo Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP), e acolhidos em um abrigo denominado “Casa Cidadão” para moradores de rua na cidade de Timon, localizado no estado do Maranhão, e onde por quatro anos trabalhei como psicóloga das duas unidades. Estes serviços são vinculados à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SEMDES) e é referência no atendimento de idosos em situação de rua, oferecendo-lhes acolhida e refeições em período integral, assim como agendamento de consultas, entrada na solicitação da aposentadoria junto ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e o resgate dos vínculos familiares ou encaminhamento para um Abrigo de Longa Permanência de Idoso do município, entre outras atribuições.

Como terceira razão, estou trabalhando como psicóloga vinculada às onze Promotorias de Justiça da cidade de Timon- MA, intitulado Ministério Público dessa cidade, onde me deparo com a triste realidade de inúmeros casos de violência, negligência e abandono contra o idoso, despertando em mim enquanto pesquisadora uma paixão avassaladora por estes atores sociais no sentido de contribuir para que eles entendam

¹Mirian Goldenberg participou de um debate sobre seu livro "Liberdade, Felicidade e Foda-se, realizado pela Folha e a editora Planeta, em São Paulo. Para a autora, no Brasil, existe a propagação de uma cultura na qual o corpo feminino é considerado um capital. É diante disso que constantemente se define como ideal o corpo jovem, magro e sensual. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/06/cultura-que-exalta-juventude-faz-mulher-se-sentir-velha-a-partir-dos-30-anos-diz-antropologa.shtml>, Acesso: 02 de janeiro de 2021.

que existem velhices não tendo obrigatoriamente a necessidade da vivência dessa fase de maneira depreciativa.

O interesse visceral acerca da velhice levou-me a ser acolhida e orientada Prof. Dr. Francisco Oliveira Barros Júnior, e com base em diálogos com o mesmo, descobrimos o gosto pela música. Desde minha infância a prática de ouvir música faz parte do meu cotidiano, pois faço apresentações de canto na igreja. Já o orientador Prof. Dr. Francisco Júnior, sob o olhar sociológico, desenvolve um belíssimo trabalho com a temática velhice por meio da música, produzindo estudos acadêmicos, além de conteúdo para as páginas das redes sociais² “Instagram”, “Facebook” e “Blog Pessoal” intitulada “Tela Sociológica²”. Assim sendo, a articulação da temática com a música ocorreu por reconhecermos que é um rico material que possibilita refletir acerca da representatividade do envelhecimento, não encontrando muitos estudos e pesquisas que explorem a junção destes dois universos: ciência e arte. De acordo com o neurologista e psicofisiologista Oliver Sacks (2007).

O prazer em fazer e executar música tornou-se o “centro encefálico da felicidade” que contribui para a saúde dos executantes e ouvintes que recebem esses fluídos sonoros e agradáveis. Desde tenra idade a criança começa a emitir sons musicais, mesmo antes de balbuciar as primeiras palavras. Ela reage positivamente a canções de ninar e pequenas canções folclóricas e as aprende antes de conhecer todos os sentidos das palavras e conseguir emití-las completamente e perfeitamente (SACKS, 2007, p.9).

O conhecimento de que a linguagem musical se faz presente em nossas vidas desde os primeiros anos de vida, tornou-a não apenas uma associação de palavras e sons, mas um recurso transmissor de sua cultura que acontece por meio da arte. A escuta do repertório musical brasileiro relacionado ao assunto, acrescido da escuta qualificada dos idosos no contexto profissional e de inúmeras observações desses atores sociais, a leitura e o acesso a variados gêneros de filmes referentes à velhice, e a partir da análise das obras das autoras que foram basilares para a construção desse estudo “Simone Beauvoir” e “Mirian Goldenberg” me fez compreender que não existe uma única velhice, todavia velhices heterogêneas.

Beauvoir (1990) diz que se utiliza do termo “velhices” para descrever esta fase da vida que é afetada pelo meio social a que o indivíduo pertence, e, neste sentido, há diferentes maneiras de experimentar esta etapa da vida. Sendo assim, cada indivíduo é

²Redes sociais de cunho pessoal criadas e alimentadas pelo Professor Orientador Dr Francisco Júnior, com o intuito de descrever diversas músicas, dentre elas, as que tratam de envelhecimento, retratando também o cinema. Podem ser encontradas em: Instragam: <https://www.instagram.com/telasoci/>; Facebook: <https://www.facebook.com/telasociologica> e Blog: <https://telasociologica.wordpress.com/>

um ser único, que influenciado por sua cultura, ao longo da sua trajetória de vida, elabora sua produção de sentidos do que significa ser velho, a velhice e o processo de envelhecimento, implicando na construção da imagem da velhice de forma positiva ou negativa.

A partir desta compreensão, ao buscar em artigos, teses, dissertações os subsídios para uma análise ampla e reflexiva sobre a temática, identifiquei que os olhares sobre a velhice e o processo de envelhecer se diversificaram ao longo dos anos, asseverando a vinculação à temporalidade. Isto é nítido ao estudar a obra “A velhice”, de Simone Beauvoir (1990), que afirma que a velhice é sempre vista a partir do outro, tendo o indivíduo recusa em se denominar como tal, o que nos leva ao entendimento de um sentido depreciativo da velhice nesse momento histórico.

Já ao examinar as obras de Mirian Goldenberg, como por exemplo, “A Bela velhice” (2013), a pesquisadora apresenta uma visão positiva no sentido de pontuar que em sua maioria seus entrevistados afirmam que estão na melhor fase da vida, pois sentem que podem ser livres. Enumerando exemplos de “belos velhos” que são referências para as novas gerações no Brasil: Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ney Matogrosso, Chico Buarque, Marieta Severo, Rita Lee, entre outros, e indica maneiras de se vivenciar uma bela velhice.

Então, diante da ciência reconhecer o reflexo da cultura e temporalidade a respeito do assunto surge os seguintes questionamentos: quais as produções de sentidos atribuídos a imagem da velho/velhice e processo de envelhecimento que permeiam os diversos imaginários sociais cantados pela música brasileira entre as décadas (1930-2021)? No cancionário popular nacional existiria uma imagem pré-estabelecida socialmente para o idoso ao longo dos séculos XX e XXI (já que a literatura aponta que a imagem da velhice no Brasil foi estigmatizada e por muitos anos considerada como algo ruim)? A música é um veículo de transmissão de ideias, possibilitando a compilação de ideias e interpretações, sendo um elemento cultural que pode ser usado como recurso para compreender os aspectos sociais (PAIVA, 2016).

Reconhecendo as variações no repertório musical brasileiro e na literatura referente às imagens das velhices, cita a “A obra “Memória e Sociedade- Lembranças de Velho” de Éclea Bosi (1994) que diz que embora a sociedade cultive o respeito aos idosos, incentiva uma velhice passiva, na qual o idoso deve ceder seu lugar aos mais jovens, sendo privados de liberdade de escolha, sem direito de fala, tornando-se cada vez mais dependente. Em contrapartida, outros autores defendem que é possível viver o

“Envelhecimento Ativo”³, e o gozo de uma vida ativa, na participação contínua da pessoa idosa nas questões civis, econômicas, sociais e culturais. Neste sentido, o presente estudo tem como objetivos específicos: analisar, ao longo de cada década, quais foram os retratos cantados e sentidos atribuídos acerca das velhices que ficaram registrados na memória musical brasileira; identificar a multiplicidade de formas de envelhecer na música brasileira entre as décadas de 1930-2020; pensar criticamente na construção da imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento em nossa sociedade através das canções brasileiras compostas entre as décadas de 1930-2020; promover uma reflexão sobre as questões sociais, e conexões entre os as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, tendo ciência que são escassos os estudos que se utilizam da música como ferramenta para a compreensão deste fenômeno.

Apesar do crescimento significativo desta população na atualidade, e de inúmeros estudos e pesquisas que exploram o assunto, existe ainda uma imagem distorcida do idoso associada a fatores negativos, sendo o imaginário social do envelhecimento e velhice atravessado por estereótipo e estigma vivenciados pelo idoso no seu cotidiano, assim como preconceitos ancorados na sociedade (LUIZ et al., 2018). Assim, a relevância proposta pelo presente trabalho é buscar romper barreiras e preconceitos concernentes à velhice, no sentido de desconstruir a imagem do idoso marcada pela dependência física e ausência de papéis sociais, visto que não corresponde a vivência de todos os longevos.

Acredita-se, também, que este estudo dará contribuições ao meio acadêmico, possibilitando ampliar o olhar e reflexão das Ciências Sociais sobre a relevância da linguagem cancionista para a compreensão dos fenômenos sociais, pois, eis que a música é um instrumento que pode ser utilizado para conhecer a realidade social, pois apresenta a capacidade de descrever em versos a vivência humana, analisar, fazer analogia e conexões (LOPES, 2012). Acessar o tema da velhice através de textos musicais é uma perspectiva teórico-metodológica de bases antropossociológicas. As imagens do som. A linguagem musical apresenta singularidades. Constitui um olhar. Propomos diálogos entre saberes, rompendo barreiras disciplinares. Arte e ciência, juntas, ampliam olhares e complexificam as nossas leituras temáticas.

Este estudo utiliza a música popular brasileira, por meio da sua dupla dimensão estrutural (letra e música) como ferramenta metodológica para enxergar as nuances da

³A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE adotou o termo envelhecimento ativo para expressar “o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas. OMS - Organização Mundial da Saúde. Envelhecimento Ativo: uma Política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf.

realidade social no campo da sociologia, pois se entende que este gênero textual possibilita refletir acerca de aspectos estéticos, socioeconômicos, políticos e culturais de seu tempo e espaço, e a expressão da prática social de compositores, intérpretes e ouvintes que contribuem para a produção de conhecimento concernente a sociedade. Influenciada pelos pensamentos sociológicos de Max Weber (1998) que produziu a obra “Sociologia da Música” sendo o precursor na epistemologia interpretativa da música. O autor defendia a ideia de que este conhecimento não teria a pretensão de eximir o verdadeiro significado de uma obra, mas sim atentar para a compreensão pelo que as pessoas acreditam que significa, porque é pela produção de sentido que influencia as pessoas em suas respostas, as formas como a praticam e com ela se relacionam (WEBER,1998). Trata-se de um estudo bibliográfico e documental de caráter qualitativo, visto que foram realizadas investigações, através de leitura de livros, monografias, teses e artigos pertinentes ao assunto a fim de caracterizar melhor o tema. Como documento, analisou-se as letras das músicas brasileiras que abordam a velhice e/o envelhecimento, em coleta de dados nos bancos de letras musicais. Assim os sujeitos desse trabalho são as músicas populares brasileiras, que foram selecionadas a partir do cancionário popular nacional, algumas músicas que abordassem o tema velho/velhice/envelhecimento, seguindo o recorte histórico, cronologicamente compreendido entre 1930- 2020, pois compreende-se que mundialmente foi entre os séculos XX e XXI que ocorreu o início do crescimento exponencial desse fenômeno. Na década de 30 o Brasil é considerado um país jovem, mas emergem as primeiras reivindicações das classes trabalhadoras no campo político referente ao envelhecimento (PEIXOTO, 2006). Então, diante os primeiros movimentos sociais que contemplam esse assunto houve um recorte histórico da temática partir desta década.

Como terceiro ponto, há o grau de proximidade e familiaridade do orientador com a obra de arte explorada, uma vez que o orientador é professor do Programa Terceira Idade em Ação (P.TIA-UFPI) e ministra a disciplina “Música Popular Brasileira e Encontro de Gerações”. Devido a sua experiência adquirida em sala de aula percebeu que estas músicas selecionadas são fontes de conhecimento riquíssimo, e podem ser utilizadas como recurso metodológico sociológico para se ter acesso as imagens das velhices.

Em 2019, ao ser entrevistado sobre a retomada das atividades do projeto de extensão (P.TIA), o professor do departamento de Ciências Sociais, Dr. Francisco Oliveira Barros Junior³, coordenador atual do Programa de Pós-Graduação em Sociologia- UFPI, docente do projeto há vinte anos, e que atualmente ministra o curso

“Música Popular Brasileira e Encontro de Gerações” em que faz um passeio pela história da MPB desde o começo do século passado até os dias atuais e usa como gancho composições que vão de Pixinguinha a Lenine, para discutir temas do cotidiano” falou em entrevista⁴sobre relevância da música para abordar temas atuais:

“Você propicia ao estudante, ao mesmo tempo em que está ouvindo arte, um pretexto para discutir os temas que angustiam, que inquietam, que desassossegam a todos nós. E é muito prazeroso, é uma coisa lúdica, mas ao mesmo tempo reflexiva: trazendo arte para pensar a realidade”(BARROS, 2019).

Então, à medida que se escuta a letra das músicas relacionadas à velhice analisa a realidade das velhices experienciadas em cada década, e os campos semânticos relacionados a essa fase que ficaram registrados na memória musical brasileira. Espera-se que a interpretação da melodia, embasada no referencial teórico e influenciado pela subjetividade da pesquisadora (mulher, heterossexual, protestante, negra, psicóloga e que está em processo de envelhecimento) a respeito da temática, transformando a canção popular em objeto de investigação científica significativa, sirva de mediador entre o “ouvir” experimentado e o “pensar” a música historicamente (MORAES, 2009), e amplie discussões e compreensões acerca das diversas concepções sobre o velho, velhice e processo de envelhecimento, e das imagens que permeiam os diversos imaginários presentes na sociedade, buscando elucidar os retratados cantados acerca das velhices que ficaram registrados na memória musical brasileira.

Diante da complexidade do documento musical, pois se trata de uma obra de arte marcada de subjetividade, demonstrado através dos inúmeros “filtros” submetidos à mesma influência do compositor, arranjador, intérprete, produtor musical, veículo de mídia, e influenciada temporalmente e espacialmente (MORAES, 2009) e isto exige uma atenção cuidadosa do pesquisador que escolhe analisar este objeto. Quando escolhemos a música como recurso metodológico estávamos cientes dos desafios propostos, conhecedores das possíveis críticas ou questionamentos que podíamos nos deparar, visto que ainda existe uma prevalência da concepção positivista de conhecimento científico. No entanto, ao longo dos anos as Ciências Sociais têm demonstrado que a busca de conhecimento não se limita apenas ao pensamento lógico-racional, à objetividade e à impessoalidade. Além de realçar que a intuição, a subjetividade e as emoções

⁴“Programa Terceira Idade em Ação inicia as atividades do semestre com aula inaugural”, Disponível em: <https://ufpi.edu.br/ultimas-noticias-ufpi-2/26823-programa-terceira-idade-em-acao-inicia-atividades-do-semester-com-aula-inaugural-2> Acesso: 13 maio 2021

correspondem nossas visões sobre a realidade e contemplam objetivamente os processos e resultados de qualquer trabalho científico. Neste prisma, esperamos que este trabalho viesse somar-se às outras pesquisas e estudos que visam promover reflexões no sentido de questionar esta visão positivista estabelecida pela ciência.

Dessa maneira, a subjetividade do/a pesquisador/a não deve ser excluída ou evitada, mas deve-se assumi-la como parte do processo investigativo – de maneira ética [...] Assim, nas dialogias com o campo e os interlocutores desta pesquisa, procura-se atuar com rigor (MENDES, 2020, p.13).

Seguindo a ótica das ciências sociais, recuso-me à posição positivista no que se refere à neutralidade. Baseando-me nos estudos de Max Weber (1999) sobre “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais, que apontam os pressupostos da particularidade teórico-metodológica das Ciências Sociais e na Política, me utilizo da linguagem cancionista para apreender de modo reflexivo as múltiplas facetas das velhices. Considera-se a música como um gênero textual riquíssimo e complexo, e funciona como método alternativo para compreensão de diversas temáticas e reflexão sobre problemas atuais, entre elas o fenômeno do envelhecimento, levando a pessoa que se utiliza desta metodologia a mergulhar de maneira mais profunda dentro de si, assim como a recordar de suas lembranças, estabelecendo uma conexão entre passado, presente e futuro, contribuindo para desvendar e elucidar os mistérios referentes ao assunto a partir de uma interpretação singular e pessoal.

A música é muito mais que um simples conjunto de sons que se unem em uma melodia. Ela penetra nossa pele, provoca arrepios de prazer ou nos faz mergulhar em doces lembranças. Algumas melodias não nos tocam, enquanto outras nos atingem diretamente – e podem até mesmo transmitir significados concretos. “O cérebro de todo ser humano se interessa muito por informações musicais e é extremamente habilidoso em compreender seu significado”, explica Stefan Kölsch, do Instituto Max Planck de Ciências Cognitivas e Neurológicas, em Leipzig. (SCHALLER, 2005, p. 64-69).

Assim, ciente de que a linguagem musical não se resume meramente ao conjunto de sons, mas é um recurso metodológico carregado de sentidos e significados, foi crucial para o desenvolvimento desse estudo o acesso ao conteúdo diário nas redes sociais da página do Instagram e Facebook da “Tela Sociologia”, explorando a música como ferramenta metodológica para compreender os aspectos sociais como o assunto “velhices”, bem como a publicação do mesmo autor recentemente (2020) sobre “O sociólogo vai ao Cinema”, uma obra que analisa o discurso cinematográfico como um caminho metodológico para acessar o pensamento e olhares sobre os temas da nossa realidade, promovendo assim aproximação entre ciência e a arte.

Para as análises das canções pautou-se em uma leitura interpretativa da letra da canção adotada por outros estudos, entre elas, as atividades de pesquisa e ensino desenvolvidas na Escola de Aplicação da UFPA (EA/Ufpa), durante a execução do projeto intitulado “A história em cantos: usando documentos musicais no ensino da história”, financiado pelo Programa de Apoio a Projetos de Intervenção Metodológica – PAPIM, mantido pela Pró-Reitoria de Ensino e Graduação, da Universidade Federal do Pará, que escolheu a MPB como objeto e fonte de pesquisa e ensino, por entender como uma expressão cultural que tem acompanhado as mais diferentes experiências humanas, em tempos e espaços distintos, podendo ser usado como recurso metodológico para a compreensão da história da humanidade (MORAES, 2009).

Nesta mesma ótica no estudo intitulado “Cantando a resistência, construindo identidade: análise das canções de Chico Buarque” foi utilizada a produção musical do artista como recurso metodológico para compreender as características de uma identidade subterrânea que resistiu à ditadura. Por meio das interpretações constata-se que as músicas mostram o desespero, a esperança e o sofrimento de todos que faziam parte dessa identidade, onde esses também foram um meio de denunciar, relatar fatos censurados e enviar notícias aos que se encontravam exilados (PAULSE, 2016).

Em outro artigo denominado “A infância nas canções de Chico Buarque: da fantasia ao abandono”, que se propõe a analisar um número considerável de canções do artista que tratam do universo infantil, sendo considerando as duas proposições frequentes na obra do compositor, no que diz respeito à presença da infância em sua obra (CAVALCANTI, 2018). Também foi explorado no estudo “O lamento da figura materna na canção de Chico Buarque: contra o silêncio e a opressão” a interpretação da leitura da música como resgate do sentido da canção para uma dimensão histórico e social (TOMAZI, 2012), entre inúmeros estudos e pesquisa que se utilizam desta metodologia.

Além das análises interpretativas das canções, este presente trabalho tem influência das técnicas da Análise de Discurso desenvolvida por Eni Orlandi no Brasil, e pelo filósofo francês Michel Pêcheux, sob forte influência de Althusser (conceitos de ideologia) e Foucault (discurso), visto que compreende o discurso como instrumento teórico e metodológico em que pode se analisar as condições históricas e ideológicas em que foi produzido, e bem como experimentar gestos interpretativos e construções de sentido.

[...] A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação.

Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. (ORLANDI, 2010, p.26).

Partindo do viés que este presente trabalho não tem a intencionalidade de encontrar uma verdade/sentido único e absoluto sobre o assunto, mas dialogar para ressignificação do velho, no sentido de que se tenha novos conceitos e práticas sobre a velhice. Este presente estudo tem um método peculiar e criativo de investigar a temática, recebendo influências para o estabelecimento da metodologia tanto interpretativa das letras das canções adotadas por outros estudos, quanto pela Análise de Discurso e do pensamento de Max Weber (1998) por meio da sociologia da música. Para atender aos objetivos propostos por este estudo vimos a necessidade de recorrer a um recorte histórico sobre o envelhecimento no Brasil entre as décadas de 1930-2020, pois partimos da compreensão que os compositores das músicas estudadas são influenciados pela cultura e sociedade de sua época, culminando na música como uma das formas de expressão da cultura popular que desempenha um relevante papel na construção de identidades na sociedade. Assim sendo, no decurso desse estudo foram realizadas as análises das narrativas cancionistas investigadas, e por meio do fazer musical se extraiu a imagem do velho/velhice e do processo de envelhecimento na música brasileira de cada década entre 1930 a 2020.

A “música” é um sistema modelar primário do pensamento humano e uma parte da infraestrutura da vida humana. O fazer “musical” é um tipo especial de ação social que pode ter importantes consequências para outros tipos de ação social. A música não é apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana. Uma importante tarefa da musicologia é descobrir como as pessoas produzem sentido da “música”, numa variedade de situações sociais e em diferentes contextos culturais, distinguindo entre as capacidades humanas inatas utilizadas pelos indivíduos nesse processo e as convenções sociais que guiam suas ações (BLACKING, 2007, p. 201).

Sendo assim a música sempre esteve presente na cultura da humanidade, estando a sociedade e a música intimamente conectadas, viabilizando a linguagem musical uma reflexão sobre a nossa realidade, por isso baseada na delimitação do objeto deste trabalho foram analisadas 18 canções pertencentes ao cancioneiro popular nacional que reportam sobre o assunto velho, velhice e envelhecimento, compostas entre 1930-2020, e que foram escolhidas de acordo com o grau de proximidade e familiaridade do orientador com a obra de arte explorada. Estudando as narrativas cancionistas por décadas se buscou captar o maior número de informações sobre o velho/velhice e envelhecimento daquela época. O presente estudo não tem a pretensão de esgotar a temática, mas de descrever as diversas

concepções sobre o velho, a velhice e o processo de envelhecimento, encontradas nas músicas estudadas. Segue a ficha técnica com o nome de todas as músicas analisadas:

Quadro 1 – Ficha Técnica das músicas analisadas entre 1930-2020.

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1934	Caco Velho	Ary Barroso	Elisa Coelho
1941	Três Lágrimas	Ary Barroso	Sílvio Caldas
1956	Ela foi fundada	Otolindo Lopes/Oldemar Magalhães/Arnô Provenzano	Dircinha Batista
1958	Bons tempos	Floriano Ribeiro/Otávio Lobo/Mário Telaroli	Roberto Silva
1959	Vendedor de caranguejo	Gordurinha	Ary Lobo
1961	Degraus da vida	Nelson Cavaquinho/ César Brasil/ Antonio Braga	Roberto Silva
1968	O Velho	Chico Buarque	Chico Buarque
1971	Ovo de codorna	Severino Ramos De Oliveira	Luiz Gonzaga
1972	Vaqueiro Véio	João Silva/J. B. de Aquino	Luiz Gonzaga
1973	A velhice da porta bandeira	Eduardo Gudin/Paulo César Pinheiro	Eduardo Gudin
1976	Capim Novo	Luiz Gonzaga Do Nascimento / Jose Clementino Do Nascimento Sobrinho	Luiz Gonzaga
1976	Cajueiro velho	João Carlos	Alcione
1984	O homem velho	Caetano Veloso	Caetano Veloso
1985	Velhos do ano 2000	John Lennon/Paul McCartney/Vrs. Joyce Moreno	Joyce Moreno
1996	50 anos	Cristóvão Bastos/Aldir Blanc	Paulinho da Viola
2008	Lema	Carlos Rennó E Lokua Kanza	Ney Matogrosso
2009	Envelhecer	Arnaldo Antunes/Ortinho/Marcelo Jeneci	Arnaldo Antunes
2016	Matusalém	Arthur Nestrovski / Luiz Tatit	Luiz Tatit

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Por meio da análise dessas músicas selecionados se atenta em descortinar as imagens do velho/velhice e do envelhecimento que permeiam o imaginário social, e os sentidos produzidos pelas letras musicais relacionados ao processo de envelhecimento, se utilizando do discurso musical como um caminho metodológico, e como transmissor de sua cultura por meio da arte, considerando ser este fenômeno uma categoria socialmente construída, influenciada pelo contexto histórico e cultural que a pessoa está inserida.

Há de se destacar ao fim dessa introdução a organização dos capítulos da dissertação empenhados em desenvolver os objetivos propostos. A priori, o capítulo inaugural nomeado “Envelhecimento e velhice: construção do conceito e aspectos biopsicossociais” busca apontar que o envelhecimento da população tem ocorrido de forma mais acentuada, caracterizando a velhice como um fenômeno natural, universal, irreversível e que não se manifesta de maneira homogênea para as pessoas. É influenciada por vários fatores, entre eles: biológicos, psicológicos e sociais que podem ser abordados de forma articulada e dialética. Trata-se de um processo bio-psico-sociofisiológico, cultural, vital, universal, multifatorial. O conceito de velhice foi historicamente construído, refletindo nas diversas imagens e produções de sentidos atribuídos a essa fase, devido estar ancorada na sociedade, e cujos significados emergem da realidade vivenciada pelos sujeitos envolvidos.

Já o segundo capítulo “Retratos cantados, acerca das velhices, registrados na memória musical brasileira”, acessa as velhices pela via dos textos musicais, e problematiza a visão positivista estabelecida pela ciência à medida que aponta a música como uma ferramenta metodológica para estudar a temática. Como forma de analisar a questão levantada no primeiro capítulo da velhice como uma categoria social, procurou-se identificar nas músicas as velhices que foram construídas ao longo dos anos, visando desconstruir a visão homogeneizadora do processo de envelhecer, e o pensamento negativo de que simbolizaria apenas o sofrimento de diversas ordens, como por exemplo, perda da autonomia, debilidades físicas e isolamento.

O envelhecer pode ser vivido com qualidade, e cheio de experiências prazerosas com significados profundos por meio do conhecimento e da apropriação de si. Assim sendo, pensou-se criticamente na construção da imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento em nossa sociedade através das canções brasileiras compostas entre as décadas (1930-2020). Analisando os sentidos produzidos pelas letras sobre o processo de envelhecimento, promovendo uma reflexão sobre as velhices. Com intuito de aprofundar o conhecimento sobre as imagens das velhices fomentou o diálogo

entre as questões sociais, e as conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social.

1 - ENVELHECIMENTO E VELHICE: CONSTRUÇÃO DO CONCEITO E ASPECTOS BIOPSISSOCIAIS

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015) a população de idosos, pessoas com 60 anos ou mais, está crescendo de forma significativa comparada a qualquer outra faixa etária em todo o mundo. No que se refere ao Brasil, até 2050 estima-se que terá a sexta população de idosos do mundo (AIRES; PASKULIN; MORAIS, 2010; PINTO et al., 2016). Constata-se pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios que a população idosa aumentou 18% entre 2012 e 2017, declarado pelo IBGE⁵ em maio de 2018.

Além do contínuo envelhecimento da população estudos apontam que esta temática é de grande relevância, pois engloba variadas abordagens que repercutem em dimensões distintas - fisiológicas, psicológicas, econômicas e sociais - demonstrando que o envelhecimento traz modificações e consequências para a sociedade e sujeitos (PESSIN; ISTOE; MANHÃES, 2015; OLIVEIRA; GUIMARÃES; RODRIGUES JÚNIOR, 2015), sendo por meio de cada aspecto um fenômeno pertinente. Este fenômeno tem sido ocasionado devido a redução das taxas de natalidade e mortalidade (LUIZ et al., 2018), assim como aumento da expectativa de vida, a redução da fecundidade aliada à melhoria tecnológica (LINS; ANDRADE, 2018), configurando um crescimento acentuado na população idosa.

Compreende-se que o envelhecimento humano é um processo complexo e multidimensional, definido como biopsicossocial, pois é influenciado por vários fatores: biológicos, psicológicos e sociais que podem ser abordados de forma articulada e dialética (CARLOS; SANTOS; ARAÚJO, 2018; TEIXEIRA, 2018). Portanto, trata-se de um fenômeno natural inerente à vida que engloba mudanças biopsicossociais bem específicas que diferenciam segundo as características individuais e o estilo de vida adotado por cada um.

Para Beauvoir (1990) a preocupação da humanidade em definir conceitos que expliquem o processo de envelhecimento é muito antiga e, por sua complexidade, são

⁵Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios que a população idosa aumentou 18% entre 2012 e 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>, Acesso: 20 de maio de 2020.

diversas as teorias que tentam explicá-lo. No que se refere a uma concepção sociológica, envelhecer envolve aspectos culturais, econômicos e sociais. Souza (2017) explana que o envelhecimento atravessa a todas as culturas e sociedades, e que para a compreensão deste processo é relevante conhecer as singularidades que permeiam a história de vida do sujeito e sua cultura, pois entende-se que cada pessoa idosa envelhece segundo a sua trajetória de vida e a cultura em que está inserida, tendo consciência de que se trata de uma fase inerente à vida e ao existir do ser humano. Com relação a uma visão Antropológica, Debert (1999), considera a velhice como uma categoria socialmente construída, destacando que apesar de ser um fenômeno universal e social este processo é vivenciado em conformidade com o contexto histórico do indivíduo, da cultura que está inserido e da maneira como se compreende acerca destas questões.

Ademais, Debert (1999) aponta que existe em cada sociedade uma necessidade social de classificação por idade, com a finalidade de organizar em categorias e grupos, e dessa maneira poder gerir recursos políticos e compreender as representações sociais. Assim, segundo o autor, as “categorias e grupos de idade são elementos privilegiados para dar conta da plasticidade cultural e, também, das transformações históricas”(DEBERT, 1999, p. 40), pois esta classificação é social e advém de um processo cultural, não se apresentando igualmente em todas as sociedades, sendo constituída simbolicamente por meio de rituais que delimitam as fronteiras de idade pertinentes ao indivíduo. O autor afirma, ainda, que a idade cronológica não é o único demarcado crucial na vida da pessoa idosa, mas situações vinculadas à família ou transformações mais gerais também exercem atribuições relevantes para as mudanças de vida (DEBERT, 1999).

Em conformidade, o sociólogo Maurice Halbwachs afirma que a aplicação de critérios por idade para descrição de grupos reconhecidos socialmente não pode limitar-se apenas a um dado natural, pois compreende que a idade é decorrente de variadas práticas sociais e necessidades organizacionais, estabelecendo-a como uma categoria social (HALBWACHS, 1935; LENOIR, 1996). Lenoir (1996) relata que “esses princípios de classificação não têm sua origem na ‘natureza’, mas em um trabalho social de produção das populações elaborado, segundo critérios juridicamente constituídos, por diferentes instituições” (LENOIR, 1996, p. 64).

Beauvoir (1990) explana que a velhice somente poderá ser compreendida tendo lucidez da sua totalidade, pois além de ser um processo biológico, é também constituída como um fator cultural, sendo a palavra “velhice” atribuída a dois sentidos distintos.

É uma certa categoria social, mais ou menos valorizada segundo as circunstâncias. É, para cada indivíduo, um destino singular – o seu próprio. O primeiro ponto de vista é a dos legisladores, dos moralistas; o segundo, o dos poetas; quase sempre, eles se opõem radicalmente um ao outro. [...] Os ideólogos [referindo-se aos primeiros] forjam concepções da velhice de acordo com os interesses de sua classe. (BEAUVOIR, 1990, p. 109).

A partir dessa informação exposta estabelece uma relação das concepções (imagem) da velhice com contexto social (classe) que o indivíduo está inserido. Ainda segundo este pensamento, Bosi (1994) compreende a velhice como um destino da vida do indivíduo, que deve ser estudada como categoria social, indicando a necessidade de alguns mecanismos de pesquisas que trabalham com a referida temática, com a finalidade de compreender os variados significados que esta questão apresenta em diferentes sociedades. Estudos constataam que as delimitações e concepções simbólicas não são semelhantes em todas as sociedades, assim como nem na mesma sociedade se considerados períodos históricos distintos, e por fim, nem em um mesmo tempo, para todas as classes e todos os segmentos e gêneros (ARIÈS, 1981; ELIAS, 1990).

Neste sentido, Minayo e Coimbra Jr. (2002) postulam que o envelhecimento não é um processo homogêneo, pois “[...] cada pessoa vivencia essa fase da vida de uma forma, considerando sua história particular e todos os aspectos estruturais (classe, gênero e etnia) a ela relacionados, como saúde, educação e condições econômicas”. Assim, este processo de envelhecimento seria vivido de modo diverso de uma geração para outra, de um contexto socioeconômico para outro, de um contexto cultural para outro (LINS; ANDRADE, 2018).

No que tange a uma questão social e política, Lins e Andrade (2018) declaram que o estado brasileiro, no âmbito legal, reconheceu seu dever na proteção ao idoso a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, assegurando o compromisso do governo de assistir e amparar a pessoa idosa. Neste período o conceito “idoso” foi consolidado na sociedade brasileira à medida que a população referida ampliava seus direitos de cidadania. Este idoso caracteriza-se como um ator político, sendo o critério de pertencimento a essa categoria a idade cronológica (LINS; ANDRADE, 2018). Ressalva-se que a idade cronológica não é um marcador preciso para as modificações ocasionadas pelo processo de envelhecimento, levando-se em consideração que este processo é multifatorial e que apresentam diferenças referentes ao estado de saúde, participação e níveis de independência entre pessoas que possuem a mesma idade, sendo necessário o estabelecimento de uma definição etária para o acesso às políticas públicas sociais (ALVAREZ; SANDRI, 2018).

Em decorrência do conceito de velhice ser historicamente construído, baseado ativamente nas atitudes e valores culturais da sociedade (GUERRA; CALDAS, 2010), existem modificações constantes referentes ao termo para designar a velhice. Cachioni (2002) e Silva (2008) apontam termos como “Terceira Idade”, “Melhor Idade”, “Nova Juventude” como maneiras alternativas ao conceito de velhice. Estas terminologias seriam identificadas como novas formas de perceber a velhice e que almejam ampliar e integrar aos idosos as mesmas oportunidades disponibilizadas aos mais jovens (CACHIONI, 2002; SILVA, 2008).

Em meados do século XIX a velhice estava vinculada a uma visão negativa do envelhecer, visto que simbolizava um período da vida marcado pela decadência física e ausência de papéis sociais, compreendida como um processo ininterrupto de perdas e dependência. O envelhecimento e as representações sociais deste período são diferentes para homens e mulheres, e caracteriza-se de maneira geral, as modificações a aparência física, como surgimento de rugas e cabelos brancos (CARLOS, 2017). Luiz et al., (2018) afirmam que a compreensão do envelhecimento e da velhice pelos sujeitos está intimamente relacionada ao contexto socioeconômico e cultural que o indivíduo pertence, aos conhecimentos compartilhado a respeito dessa realidade, às condições de saúde, bem como as interações sociais que se estabelece, incluindo os variados espaços sociais que fazem parte de sua convivência: família, virtual, político e as práticas sociais cidadãs que contribuem para que os idosos desfrutem de seus direitos e deveres.

A partir das transformações do mercado capitalista ocorridas no século XX, a representatividade do idoso ficou associada ao empobrecimento e abandono pela família, fatores primordiais para o advento da aposentadoria e para sua condição de ator político (DEBERT, 1999). As diversas concepções sobre o envelhecimento estão vinculadas aos contextos culturais ou intergrupais variados (FALLER; TESTON; MARCON, 2015). Em épocas pré-industriais, o velho era um membro ativo, admirado e recebia um lugar de destaque em todos os assuntos familiares (CARLOS, 2017). Segundo Beauvoir (1990) o resgate da memória do idoso possibilita pensar e agir diante a sociedade envelhecida, pois os idosos além das suas concepções e experiências vividas trazem consigo a construção da própria história de uma sociedade. Bosi (1994) expõe que a memória dos velhos exercia um papel social na medida em que os velhos cessavam de participar de maneira ativa na sociedade, restava-lhes o papel de lembrar, e preservar a memória da família, do grupo, da instituição e da sociedade.

Nas sociedades tradicionais, a velhice era vista positivamente, o idoso tinha a função de transmitir valores e conhecimentos aos mais jovens, promovendo uma

articulação entre as gerações. O velho assumia uma posição de respeito e sabedoria, onde suas histórias tinham significados e sentidos à vida. Este idoso dispunha do saber e conhecimento preciso, e sua palavra era valorizada (HORN, 2013). A compreensão da velhice é advinda das consequências de experiências vivenciadas, que, por sua vez, possuem reflexo cultural, com características multifatoriais, pois envolvem aspectos físicos, biológicos, psicológicos, comportamentais e socioculturais (FALLER; TESTON; MARCON, 2018). Assim, o significado designado a este processo é determinado pelo contexto que o indivíduo foi criado e aos valores atribuídos à velhice pela família e sociedade a qual está inserido (FALLER; TESTON; MARCON, 2018).

Com o número crescente de idosos e seus impactos de maneira progressiva na sociedade, surge um maior interesse por parte das disciplinas de Psicologia e Sociologia, que implicou na criação da Gerontologia. A Gerontologia primeiramente enfatizou o envelhecimento orgânico, objetivando retardar a velhice por meio de cuidados especializados. Atualmente esta ciência investiga os impactos que o aumento populacional ocasiona visando contribuir para as condições sociais e de saúde (DEBERT, 1999), se atentando nas singularidades e especificada da pessoa idosa:

“A gerontologia estuda o idoso do ponto de vista científico, em todos os seus aspectos físicos, biológicos, psíquicos e sociais, sendo responsável pelo atendimento global do paciente. Assim, a geriatria, que se ocupa do aspecto médico do idoso, pode ser considerada como parte da gerontologia” (CARVALHO, 1984, p.31).

O campo de pesquisa e atuação da Gerontologia, visando este atendimento global da pessoa idosa, estabeleceu a Gerontologia Social criada por Clark Tibbits em 1954, para designar a área que se destina compreender os impactos das condições sociais e socioculturais sobre o processo de envelhecimento e os reflexos sociais desse processo, conforme afirma Neri (2008). Uma vez que o significado de “envelhecer” ou do envelhecimento é complexo e está atrelado ao modo particular de vida de cada um, desde a infância até a idade adulta, produzindo muitas dúvidas quanto ao envelhecimento e à chegada da velhice. E que apesar das preocupações com as limitações que se manifestam no corpo e com os sinais de envelhecimento, assim como a finitude da vida e a proximidade com a “morte”, representa uma fase para agregar novos conhecimentos e desfrutar os prazeres da vida (VITORINO, 2017).

Portanto, Souza, Boechat e Cabral (2015), explanam que dependendo da percepção que o indivíduo apresenta do envelhecimento, este processo pode representar um problema ou oportunidade para viver novidades, compartilhar vivências, aprender sempre e elaborar projetos, salientando à responsabilidade que a pessoa tem para com sua

vida e com a vida dos demais familiares. Destaca-se que os desafios desta fase também se manifestam no próprio entendimento do significado do envelhecimento e da velhice, sendo encontrada a preocupação em alguns idosos em não estar vinculado à palavra “velho” (ROZENDO et al.,2018).

Beauvoir (1990) diz que a velhice é sempre vista a partir do outro, com a finalidade de enquadrar o indivíduo em um padrão, não se constituindo uma verdade interior, tendo o velho dificuldade em se denominar como tal. Em consonância, Souza (2017), afirma “há uma tendência em se fazer indiferente ao processo de envelhecer, ou melhor, percebe-se a intenção de negar a própria velhice, embora na convivência com os outros, essa é uma realidade difícil de dissimular” (SOUZA 2017, p. 334).

Embora esse fenômeno seja um processo inerente ao ser humano, a vivência dessa fase e a forma como as pessoas idosas representam o seu próprio processo de envelhecimento são influenciadas pela interação de aspectos psicossociais, históricos, políticos, econômicos, geográficos e culturais e, mais especificamente, por diferenças relacionadas ao contexto de vida cotidiana, às crenças e às características pessoais, tornando-o particular a cada idoso (SCHNEIDER, 2008).

O conceito da velhice está relacionado ao momento histórico, devido o homem ser construído pelos moldes da sociedade, culminando na multiplicidade de interpretações ao seu respeito que refletem nas diversas formas de envelhecer. Com a finalidade de contribuir para a ressignificação da velhice, e demonstrar que esta etapa pode ser vivenciada de maneira saudável e ativa, o presente estudo busca conhecer as influências dos fatores biológicos, psicológicos e sociais relacionadas as imagens das velhices, e as produções de sentidos atribuídos a esta fase, construídas ao longo dos anos na música brasileira.

1.1 Concepções biológicas do processo de envelhecimento e da velhice

Na perspectiva fisiológica o envelhecimento é um processo natural decorrente da redução progressiva da reserva funcional do indivíduo designado de senescência, que associado algumas condições genéticas e/ou somáticas, como doenças crônicas, acidentes e estresse emocional, podem modificar este processo em um estado patológico (CHAVES et al., 2019). E apesar das mudanças físicas, psicológicas e sociais, e suceder a diminuição de algumas habilidades adquiridas no curso de vida, existem múltiplas maneiras de envelhecer e esta fase não deve ser vinculado à doença (CARLOS, SANTOS, ARAÚJO, 2018). Gomes e Istoé (2015) dizem que a multiplicidade de interpretações acerca da

velhice tem que ser estudada para compreender este fenômeno, pois não se trata somente de um processo fisiológico, mas também ao contexto social e histórico vivenciado. Beauvoir (1990) expõe que a velhice é influenciada pelo contexto social que o sujeito está inserido, visto que não existe uma velhice, há sim, velhices. Em consonância com este pensamento Zimerman (2000, p. 19) explana que “velho é aquele que tem diversas idades: a idade do seu corpo, da sua história genética, da sua parte psicológica e da sua ligação com a sociedade”. Portanto, o processo biológico do envelhecimento é afetado significativamente pelos aspectos sociais.

O processo de envelhecimento traz diversas mudanças no corpo da pessoa como: a redução das aptidões funcionais, enfatizando a vigor muscular, a resistência cardiovascular, mobilidade e equilíbrio, as probabilidades de se praticarem exercícios físicos modificam em virtude das singularidades de envelhecimento de cada indivíduo (ABREU, 2017). Alguns fatores fundamentais para uma velhice bem-sucedida são: capacidade de aceitação das alterações fisiológicas, somada à prevenção da morbidade, que são critérios que favorecem um envelhecimento saudável e o bem-estar do idoso (FALLER; TESTON; MARCON, 2018). Geralmente, os brasileiros longevos adotam como estratégia para lidar com circunstâncias adversas a vontade divina, atribuindo a Deus a responsabilidade pelo seu estado de saúde (BRITO et al., 2017).

De acordo com Sousa, Conceição e Aguiar (2018) a velhice não é definida apenas pela idade cronológica, mas marcada por todas as mudanças físicas e biopsicossociais, que são elementos que caracterizam o ser idoso. Nesta etapa da vida, a pessoa idosa vivencia diversas perdas fisiológicas, materiais e sociais, e isto pode repercutir em patologias comuns no envelhecimento, que lhe torna mais vulnerável, afetando o emocional e a rotina diária do idoso. As diversas experiências vivenciadas por cada indivíduo refletem na maneira de compreensão da vida, possibilitando estas ser apropriadas ou não.

Neste sentido, alguns idosos não concebem o processo de envelhecimento como algo natural da vida, mas sim como reta final, assim não experienciam a alegria de viver em razão às impossibilidades, tendo que receber auxílio para identificar estímulo que lhe façam a viver. Bosi (2010, p. 80) expressa que “Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo”.

À medida que as pessoas envelhecem estão mais suscetíveis a passarem por um acúmulo de perdas que significam mortes simbólicas: perde-se o vigor físico, entes

queridos, a força das relações emocionais, o convívio social e também o seu valor. E diante ao envelhecimento e a morte, no que concerne a uma morte simbólica ou a percepção da própria finitude, os longevos usam recursos de enfrentamento com resultados favoráveis e desfavoráveis à saúde. As estratégias apropriadas consistem em: negociação, aceitação, acomodação, procura por suporte social, procura por conforto espiritual e viver o momento; e as estratégias desfavoráveis são: luto antecipado, desejo de morrer, isolamento e submissão (RIBEIRO et., 2017).

As doenças e limitações são frequentes no envelhecimento, interferindo nas atividades laborais do idoso e enaltecendo a sensação de inutilidade, sendo determinantes para o idoso na percepção de fragilidade e dependência. Portanto, dependência e doença refletem na compreensão da velhice, e, para alguns não são suficientes para negar a existência, pois pelo contrário, apresentam capacidade de pensar, raciocinar e ajudar o próximo (FALLER; TESTON; MARCON, 2018).

Em geral, os idosos estão mais predispostos a apresentarem patologias elevando mais ainda a vulnerabilidade na velhice, evidenciando que grande parte está envelhecendo com enfermidades, e permanecendo doentes por longos períodos de tempo, podendo ocasionar a dependência funcional que trazem restrições nas atividades do dia a dia (LIMA; VALENÇA e REIS, 2016). Então, frente às circunstâncias de enfermidades que os idosos vivenciam, Cruz (2018) retrata à respeito do conceito de resiliência que designa a habilidade que o indivíduo tem para lidar e se tornar fortalecido ou transformado diante circunstâncias adversas adotando uma postura de flexibilidade e adaptação (CRUZ, 2018).

Segundo Macena, Hermano, Costa (2018) o envelhecimento é um processo natural do organismo que provoca modificações fisiológicas no indivíduo, como se verifica na perda da homeostase que afeta assim o sistema imunológico. À medida que se envelhece aumenta a probabilidade de condições patológicas, uma vez que diminui a eficácia em proteger o organismo contra agentes exógenos e endógenos, desencadeando doenças infecciosas, autoimunes e neoplasias, processo denominado imunossenescência. Além do sistema imunológico, outros sistemas também são atingidos, entre eles, o endócrino e neurológico à medida que para se ter um bom funcionamento, ambos precisam trabalhar em homeostase. Ainda possibilita o estresse e o surgimento de distúrbios psíquicos que interferem na qualidade de vida e provocam um envelhecimento precoce.

Para Barbosa (2015) o envelhecimento é um processo contínuo, caracterizado por mudanças decorrentes à passagem do tempo, podendo provocar efeitos severos no

organismo e influência negativa na capacidade funcional do indivíduo, e enfatiza que dentre as alterações mais relevantes proveniente deste processo é a sarcopenia, pois se traduz em um processo lento e progressivo de perda de massa muscular, ocasionando a diminuição da força, resistência e potência muscular, assim como a redução da mobilidade funcional nos idosos. Fatores relacionados ao processo de envelhecimento: aspectos biológicos e do patrimônio genético, aliado a questões ambientais e sociais, em interação complexa de diversos modos implicam em desigualdades e iniquidades em saúde, (CRUZ; LEITE, 2018).

É natural a redução da qualidade das funções cognitivas neste processo do envelhecimento. Destaca-se a redução na velocidade ou capacidade de atenção, memória e funções executivas, sendo encontrada em todas as pessoas independente de manifestarem patologias relacionadas ao envelhecimento. Diante estas dificuldades, estratégias de treinamento cognitivo possibilitam melhorar estas habilidades (NETTO et al., 2013). Na atualidade, a tecnologia tem sido utilizada como recurso lúdico relevante de estímulo em atividades cognitivas para os idosos (BALLESTROS et al., 2017). O treinamento com jogos em idosos expressou impacto positivo em aspectos verbais da memória imediata e de longo prazo (BARROSO et al., 2018).

A partir das modificações e os desafios provenientes do processo de envelhecimento, emergem as representações negativas a respeito da velhice, pautadas em pensamentos rotulados em nossa sociedade, associado essa fase apenas com período de limitações e incapacidades, adoecimento, perdas, solidão e dependência, tanto quando é relacionada às capacidades funcionais, como quando relacionada ao financeiro. (LIMA, 2016; FREITAS; QUEIROZ; SOUSA, 2010; BERGER, 1994).

Ainda nesta perspectiva, Rezende, Lodovici e Concone (2012), relatam que a degeneração física e mental que se manifestam no idoso, pensamentos de inatividade, incapacidade, feiúra, dependência, inutilidade e isolamento, para não dizer de morte, estão relacionadas a percepção da velhice de forma negativa. Alguns idosos atravessam o processo e autonegação de sua condição, como maneira de evitar a exclusão “[...] pois é esta discriminação internalizada que frequentemente leva os idosos a uma atitude de negação, buscando parecerem mais jovens para serem aceitos e acolhidos, obscurecendo suas características, seus atributos e sua identidade”. (MINAYO; COIMBRA JR., 2002, p. 14). Papalia et al., (2006), indicam que em diversas culturas o envelhecimento é concebido de maneira indesejável. Isto ocorre por meio dos estereótipos que refletem ideias equivocadas comuns, entre eles: as pessoas idosas são doentes, rabugentas e excêntricas. Estes pensamentos errôneos sobre a velhice provocam uma imagem

distorcida da mesma, visto que revelam dimensões de personalidade que foram constituídas durante toda a vida (PAPALIA et al., (2006).

Já a percepção do envelhecimento de maneira positiva está vinculada alguns aspectos religiosos, sociais e de satisfação, ou seja, a autopercepção da senescência é entendida em relação a aspectos de experiências individuais, mas, também, coletivas, inferindo que as percepções desta fase são desenhadas num contexto individual, assim como no entorno social (LIMA 2016; GUERRA; CALDAS, 2010).

Papalia, Olds e Feldman (2006), pesquisadores em estudo de envelhecimento, denominaram três grupos de pessoas idosas: os idosos jovens, os idosos velhos e os idosos mais velhos. Aos idosos jovens, geralmente, são designados pelos indivíduos de 65 a 74 anos, que têm hábitos mais ativos, cheios de vida e vigorosos. Os idosos velhos, de 75 a 84 anos, e os idosos mais velhos, de 85 anos ou mais, são aqueles que têm elevada probabilidade para a fraqueza e para a doença, e podem apresentar maiores obstáculos para realizarem certas atribuições da vida diária. Apesar de esta categorização ser frequentemente utilizada, deve-se estar consciente que a literatura aponta que o envelhecimento é uma experiência heterogênea e desfrutada como uma experiência individual (BEE, 1997).

Papalia et al., (2006) discorrem de outra categorização por idade funcional, que é analisada o quão bem uma pessoa se comporta em um ambiente físico e social em comparação a outras de mesma idade cronológica. Neste caso, exemplifica a condição de uma pessoa de 90 anos, que pode ser funcionalmente mais jovem e com boa saúde física equiparada a uma de 65 anos que não está. Infere-se que todas estas classificações contribuem para o entendimento de que o envelhecimento não está definido apenas pela idade cronológica, mas se estabelece através do histórico de vida, assim como pelo estilo de vida e expectativas futuras do idoso, promovendo uma articulação de vivências individuais e o contexto social e cultural em determinada época, sendo envolvido em diferentes vertentes: biológico, cronológico, psicológico e social (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Com base nas informações expostas, a categorização da velhice não está determinada apenas por aspectos físicos, uma vez que é um processo multidimensional, influenciado por fatores: biológicos, psicológicos, sociais, sendo o processo biológico marcado por um declínio funcional do organismo que torna o idoso mais suscetível a doença e limitações. Assim, espera-se compreender como as alterações advindas deste aspecto físico podem interferir na condição psíquica do idoso resultando em consequências para a sua saúde mental.

1.2 Velhice e do processo de envelhecimento: uma abordagem psicológica

A literatura indica que para se obter uma velhice bem-sucedida é necessário somar a experiência de vida que os idosos possuem e os fatores da personalidade com a finalidade de se construir dispositivos que contribuam para uma boa saúde física e mental, autonomia e envolvimento ativo com a vida pessoal, a família, os amigos, o ócio, o tempo livre e as relações interpessoais (NERI, 2004). De acordo com Moreira (2012), as pesquisas realizadas em Psicologia têm buscado compreender a realidade da pessoa idosa em suas diferentes nuances, propondo intervenções que englobam o contexto multidimensional e relacional no qual ele está inserido, e viabilizando possibilidades de qualidade de vida, menos sofrimento e auxílio ao sujeito que envelhece e seus cuidadores. A investigação desta temática pela Psicologia tem sido algo relativamente recente, na medida em que iniciou no final da década de 1950 com a expansão sistemática da Gerontologia, principalmente ocasionado pelo crescimento significativo do número de idosos (ARAÚJO, 2005; NERI, 2006).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2017) uma em cada 10 pessoas no mundo sofre de algum distúrbio mental. Isso representa aproximadamente 700 milhões de pessoas que vivem com a perda de uma parte da reserva funcional cerebral, o que os tornam mais vulneráveis para lidarem com o estresse, relacionamentos interpessoais e até mesmo a qualidade de suas escolhas. Em nossa sociedade atual constata-se uma visão negativa do processo de envelhecimento, associado a um pensamento de inutilidade e fragilidade, que reflete na saúde mental e física da pessoa idosa, ocasionando em diversos tipos de sofrimentos psíquicos que precisam ser tratados precocemente, com a finalidade de não desembocar em quadros depressivos, psicóticos, demências, distúrbios e transtornos (CORRÊIA; SANTOS, 2018).

Em pesquisa realizada com psicólogos sobre as principais demandas decorrentes do processo de envelhecimento e das relações afetivas configurada nesta fase da vida são os sintomas depressivos. Tais sintomatologias seriam justificadas, devido este processo ser contemplado de: perdas afetivas (mortes de pessoas significativas e ninho vazio), cognitivas (memórias, habilidades para resolução de problemas, atenção, entre outras), comportamentais (autonomia e senso de independência) e sociais (isolamento e perda do lugar social), sem o amparo de redes de apoios (VASCONCELOS; JAGER, 2016).

Devido à alta incidência da depressão e principalmente na população de idosos (GONZÁLEZ et al., 2016), deve-se atentar para a definição do Transtorno Depressivo Maior (TDM) que se caracteriza pelo conjunto de quatro ou mais dos seguintes sintomas:

alteração do humor, do apetite, do sono, anedonia, letargia, sentimento de culpa e baixa autoestima, dificuldade de concentração, agitação e ideação suicida, sendo necessário para o diagnóstico que os sintomas persista por pelo menos duas semanas, no qual um deles seja obrigatoriamente (1) humor deprimido ou (2) perda de interesse ou prazer, repercutindo na vida do indivíduo em sério prejuízo funcional, descrito pelo Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição (DSM-5). As manifestações dos sintomas depressivos são influenciadas pelo contexto de vida do idoso sob a perspectiva histórica vinculada aos fatores psicológicos, aspectos sociais e históricos, uma vez que reações atuais podem ser correlacionadas com as vivências acumuladas no decorrer de sua vida.

Neste sentido, é relevante analisar estas inúmeras experiências com o objetivo de estabelecer estratégias de redução das angústias e preocupações favorecendo a promoção da qualidade de vida do idoso. Além disto, existe circunstância que potencializa a probabilidade para a depressão como: idosos que residem sozinhos, podem se sentirem isolados e abandonados, descuidando na ingestão dos seus medicamentos, aumentando a possibilidade de quedas e contribuindo para o sofrimento psíquico. Assim como a pessoa idosa que demonstra uma vida totalmente ativa quando se depara com as limitações ocasionadas pela longevidade pode começar a experimentar um sentimento de inutilidade, repercutindo no isolamento, elevando as possibilidades para a depressão e contribuindo para o risco do suicídio (RIBEIRO, BOGONI, 2016). Foram encontrados uma correlação entre os transtornos depressivos a fatores sociodemográficos e doenças crônicas, como nível de escolaridade, tabagismo e hipertensão arterial (GONZÁLEZ et al., 2016).

Apesar de serem escassos os estudos sobre a prevalência da depressão em idosos residentes de pequenos municípios, sobretudo da área rural, constata-se que é uma condição frequente entre os idosos pesquisados. Os longevos que estão em maiores condições de risco são referentes ao sexo feminino, entre solteiros, de menor renda familiar, fumantes e que haviam sido hospitalizados nos 12 meses anteriores à entrevista. Foi identificado como fatores de proteção aos sintomas depressivos: participar de atividades coletivas de lazer, como baile e culto religioso, ou realizar atividade física regular. O fato de estes idosos depressivos estarem distante dos grandes centros urbanos agrava ainda mais a condição psíquica dos idosos, pois na zona rural há falta de profissionais capacitados, assim como ausência de infraestrutura por parte do serviço público de saúde. Apresenta-se como recurso fundamental de prevenção e tratamento as interações sociais entre os idosos, no que concernem as atividades coletivas, especialmente aquelas de lazer (MANJOURANI; CESAR, 2016).

Existe a necessidade de intensificar o apoio aos idosos que apresentam transtornos mentais com o objetivo de lhes disponibilizar um atendimento adequado e condições de vida saudável e produtiva, pois ainda é freqüente desconhecem os sintomas da depressão, como os profissionais que lidam com os cuidados do idoso, relacionando a uma doença clínica geral ou ao processo de envelhecimento natural (KLAFKE et al., 2017). Ainda neste sentido, constata-se uma carência de pesquisas e investimento em políticas públicas no que diz respeito à saúde mental dos longevos, e espaços que favorecem acolhimento, escuta e segurança à população idosa (OLIVEIRA et al., 2018).

Há um crescimento significativo nos casos de suicídios em idosos tornando-o questão de saúde pública (SANTOS et al., 2017). Apesar das outras faixas etárias demonstrarem elevadas tentativas de suicídio, os idosos são o grupo populacional com maiores taxas de suicídio consumado (MARTINS et al., 2016), as variáveis psicossociais relacionadas a este fenômeno são: a presença de transtornos mentais, a existência de relações conflituosas familiares e as histórias de perdas (ALMEIDA; LORENTZ; BERTOLDO, 2018).

O crescimento acentuado da população idosa não vem acompanhado com a mesma intensidade de um suporte adequado a este público. Com relação ao fenômeno suicídio em idosos reconhece-se que determinados fatores estão vinculados à ideação suicida: baixo nível socioeconômico, a presença de ansiedade, os sintomas depressivos e depressão, as doenças físicas e as doenças crônicas. Espera-se que o Estado através de políticas públicas e os profissionais que trabalham no campo do envelhecimento disponham de uma visão multidimensional para estudar a temática, englobando os aspectos econômicos, psicológicos, físicos e sociais. E como medidas para minimizar ou evitar a ideação suicida é essencial espaços de convivência onde possa realizar atividade física e de lazer, ter acesso a saúde em todos os níveis de complexidade e suporte social e familiar (OLIVEIRA et al., 2018).

Apesar de o suicídio ser um tema bastante estudado pela área da psicologia, Durkheim em sua obra “O suicídio” o considera como um fato social, pois ao analisar os vínculos entre indivíduo e sociedade constatou que este fenômeno não se compreende somente pelos aspectos individuais e psicológicos, todavia se explica pelo contexto social. O autor argumenta que por meio da coerção exterior e independente do indivíduo seria transmitida a tendência suicidogênea presente na sociedade. Expõe que este tipo de morte é mais prevalente entre os homens do que entre as mulheres; sendo mais reduzido entre os católicos do que entre os protestantes. A taxa de suicídio aumentaria entre os

solteiros, divorciados, viúvos e idosos; e a existência de uma família e filhos seria, geralmente, fatores de proteção contra o suicídio (DURKHEIM, 2005).

Karl Marx em sua obra “Sobre o suicídio” lança luz a um assunto da vida privada a partir de sua complexidade e fatalidade. Admite que o suicídio recebe influência dos fatores psicológicos individuais, entretanto suas causas não estão vinculadas simplesmente a aspectos do sujeito, uma vez que este indivíduo é um ser social e está inserido em uma sociedade. “A classificação das diferentes causas do suicídio deveria ser a classificação dos próprios defeitos da nossa sociedade” (Marx, 2006 p. 44). Em seu estudo expressa que a sociedade é individualista caracterizada pela fragilidade das relações humanas: “O Homem parece um mistério para o Homem; sabe-se apenas censurá-lo, mas não o conhece” (Marx, 2006, p. 26). Portanto, para a compreensão das motivações deste fenômeno tem que se investigar a relação entre sociedade e indivíduo.

As doenças debilitantes, contra as quais a atual ciência é inócua e insuficiente, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona, um entusiasmo frustrado e reprimido são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado, e até o próprio amor à vida, essa força enérgica que impulsiona a personalidade, é frequentemente capaz de levar uma pessoa a livrar-se de uma existência detestável. (Marx, 2006, p. 24-25)

Outros aspectos que estão associados à ideação suicida em idosos são perdas simultâneas, conflitos familiares, indícios de psicopatologia e não seguimento em serviços de atenção psicossocial. Os idosos estão suscetíveis a vivenciarem inúmeras perdas em diferentes esferas de sua vida até pelo seu tempo de vida. Assim sendo, deve-se disponibilizar auxílio para que os idosos consigam enfrentar as perdas e conflitos familiares, vinculadas ou não ao processo de envelhecimento, buscando torná-los protagonistas de sua história, através de ações intersetoriais (COSTA, SOUZA, 2017).

Na velhice, os transtornos de ansiedade podem ocasionar desconfortos no bem-estar, o que reflete na qualidade de vida e contribuem para redução de sua vida social. As estratégias expostas para a redução dos sintomas são apoio psicológico e atividades de grupos educativos. Estas estratégias propostas visam melhorar a saúde mental, fortalecer as interações sociais e influenciar positivamente na qualidade de vida (OLIVEIRA; ANTUNES; OLIVEIRA, 2017). Através de um levantamento identificou-se alguns fatores que interferem na qualidade de vida do homem idoso, e os principais fatores positivos encontrados foram a sexualidade, bem-estar e álcool em níveis baixos. Já os

aspectos relacionados negativamente são: questões psicossociais, sobretudo a depressão, o tabagismo, a limitação funcional e a viuvez (LIMA et al., 2017).

Embora em nosso país haja uma demanda crescente de idosos com transtorno mental ainda configura-se uma ausência de serviços específicos que assistam esta população, sendo imprescindível o acompanhamento destes indivíduos e de seus cuidadores pelos profissionais de saúde, uma vez que este público exige cuidados complexos e seus cuidadores precisam receber orientações regulares a fim de que se sintam mais habilitados para o cuidado, e com maior assertividade em suas ações resultando na melhoria do equilíbrio da dinâmica familiar destes indivíduos. Ressalta-se que os obstáculos principais que os estes idosos apresentam referem-se aos cuidados pessoais, às alterações de comportamento e à resistência ao tratamento (SANTOS et al., 2016).

Ao investigar as interrelações entre os aspectos do envelhecimento e os sinais/sintomas dos transtornos mentais busca-se o planejamento, o diagnóstico e o tratamento precoce e mais benéfico. Estima-se que o trabalho de prevenção e acompanhamento desenvolvido para esta população conte a participação tanto da área de saúde quanto da saúde mental, pois a quantidade e qualidade da rede de apoio psicossocial que o idoso está inserido é primordial para a redução dos fatores de risco referente aos transtornos mentais (BIASOLI; MORETTO; GUARIENTO, 2016). O consumo excessivo de álcool na terceira idade é descrito como uma triste realidade vivenciada. O uso abusivo de álcool na velhice pode estar associado ao abandono e as dificuldades socioeconômicas oriundas pela aposentaria que traz mudanças profundas nos padrões de vida do idoso (SILVA; OLIVEIRA, 2018).

Zimerman (2000) explana algumas mudanças psicológicas consequentes do processo de envelhecimento, como: dificuldade de se ajustar a novos papéis, ausência de motivação e de perspectivas de futuro, necessidade de analisar as perdas orgânicas, afetivas e sociais, dificuldade de se adequar às transformações repentinas que influenciam de maneira pertinente na vida do idoso, alterações psíquicas que requerem tratamentos específicos: depressão, hipocondria, somatização, paranoia, suicídios e baixa autoestima. Em consonância com este pensamento, Rocha (2018), diz que o processo de envelhecimento provoca diversas mudanças psicológicas, dentre elas, possíveis dificuldade de se adaptar a novos papéis. Portanto, é interessante assegurar além da longevidade, mais satisfação e qualidade de vida.

Mediante os estudos abordados reconhece-se que esta fase é marcada por inúmeras mudanças. No que concerne aos aspectos psicológicos, é ciente que as

representações sociais acerca da velhice, assim como a adaptação a novas papeis e os espaços de convivência, incentivam as interações sociais e influenciam na saúde mental da pessoa idosa. Diante a relevância do contexto social para se compreender a condição psicológica da pessoa idosa, pretende-se analisar como os aspectos sociais podem interferir na qualidade de vida do idoso com o propósito de dar visibilidade aos fatores sociais que contribuem para o seu bem-estar.

1.3 Envelhecimento e velhice: uma abordagem social

O significativo aumento do número de idosos, e tendo consciência que a referida população exige cuidados específicos e direcionados às peculiaridades advindas com o processo do envelhecimento, evidencia-se que velhice trata de uma questão social e que pede uma atenção especial. A literatura comprova que as relações sociais com a família, amigos e com um companheiro contribuem significativamente para o envelhecimento saudável (MANTOVANI et al., 2017). Além das relações sociais promover qualidade de vida, a longevidade e resiliência (OMS, 2015). Nota-se que qualidade de vida implica em envelhecer de modo ativo e independente, preservando a capacidade funcional do organismo que advém da influência de multifatores: pessoais, sociais e ambientais que ao longo da vida podem desempenhar um papel crucial para o envelhecimento saudável ou não (ALVAREZ; SANDRI, 2018).

A partir da influência do entorno social na qualidade de vida do indivíduo, o Planos Nacionais de Política para as Mulheres (PNPMs- 2013/2015) destacou duas propostas para o envelhecimento ativo, que buscou viabilizar o acesso e a participação ativa das mulheres idosas em atividades recreativas, culturais e esportivas organizadas por instituições públicas e privadas e associações, assim como encorajar a atuação das mulheres adultas e idosas nos Programas Vida Saudável, Esporte e Lazer da Cidade e Pintando a Cidadania (LINS; ANDRADE, 2018).

Nesta perspectiva, Wichmann et al., (2013) enfatiza que a qualidade de vida está vinculada as práticas de atividades de lazer, que facilitam a inserção dos idosos em grupos, possibilitando a sua convivência interpessoal, que ocasiona a elevação da autoestima e condicionamento biopsicossocial, através de atividades de lazer variadas - dança, música, artesanatos, pinturas, caminhada, entre outros. Diante a relevância da participação ativa dos mais velhos em atividades sociais faz-se necessário criar atividades desta natureza e oportunizar o acesso para todos os indivíduos (TEIXEIRA, 2017).

De acordo com Nunes e Menezes (2014) o contato social possibilita restabelecer o equilíbrio pessoal, transmitir solidariedade, amizade e segurança. As redes sociais na pessoa idosa têm a função de fortalecer sentimentos de ser amado e valorizado, de pertença a um grupo, bem como possibilitar ao indivíduo escapar ao anonimato e aos sentimentos de solidão e isolamento (RODRIGUES; SILVA, 2013). Assinala-se que os idosos participantes de rede social global e familiar manifestam menor risco de isolamento social (ALVES, 2017). Nesta fase da vida ocorrem variadas mudanças no relacionamento da pessoa idosa, repercutindo em crises de identidade e baixa autoestima, modificações na comunicação familiar ou social, contribuindo ao isolamento assim como ao afastamento social ocasionado pela solidão dos idosos na morte de outro indivíduo, insegurança e sensação de morte (MELLO e APRTO JR, 2016).

A família é considerada como rede de apoio, que se faz presente desde o nascimento até a vida adulta, sendo identificado que a falta da estrutura familiar interfere na qualidade de vida do idoso (SAGALLA et al., 2013). Esta rede familiar simboliza para os idosos: acolhimento e retribuição por tudo que já fizeram aos seus filhos (FALLER; TESTON; MARCON, 2018). O contexto familiar caracteriza-se como fonte de apoio e incentivo, e suas residências como um lugar seguro e onde querem viver (LUIZ et al., 2018). Através de um estudo com idosos sobre as representações sociais acerca da família identificou-se que a palavra família está associada a termos positivos como: provedora de cuidado, união e felicidade, assim como percebeu que certos familiares têm a necessidade em disponibilizarem cuidados excessivos retirando em alguns casos a autonomia e independência dos gerontes (ARAÚJO; CASTRO; SANTOS, 2018).

Segundo Fonseca e Siqueira (2015) a autonomia significa atitudes e comportamentos que se toma de livre escolha, exercendo um papel crucial para a qualidade de vida, durante o processo de envelhecimento. Souza, Boechat e Cabral (2015) afirmam que a apropriação das vivências produz responsabilidade individual e social, resultando na maneira de vivenciar ativamente os seus dias de velhice. A autonomia é condição para que o indivíduo tenha o poder de estabelecer a própria lei e a virtude de executá-la. Na perspectiva dos idosos a autonomia e a independências são componentes para o envelhecimento saudável, sendo encontrada relação entre autonomia e segurança financeira, constatando-se que a segurança financeira é um componente para o envelhecimento saudável (JESUS et al., 2017). Embora ciente de que autonomia e independência sejam fatores indispensáveis para a qualidade de vida e contribuam para que os idosos sejam protagonistas de sua velhice, fatores ligados à saúde, relações sociais, familiares e econômicas, que estão além de seu controle, também influenciam para o seu

bem-estar (LUIZ et al., 2018). No Estatuto do Idoso, na Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, observa-se que a autonomia é um direito assegurada por lei, tendo a pessoa idosa liberdade para tomar decisões e deliberar sobre sua própria vida.

Art. 10 – É obrigação do Estado e da sociedade assegurar à pessoa idosa a liberdade e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis. § 1º O direito à liberdade compreende, entre outros, os seguintes aspectos: I – Faculdade de ir e vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários ressalvadas as restrições legais; II – opinião e expressão; III – crença e culto religioso; IV – prática de esportes e de diversões (BRASIL, 2003, p. 19).

Então, é relevante que seja garantido a liberdade do idoso, embora em casos de ausência da rede familiar ou até mesmo por uma escolha da família, ocorre a institucionalização do idoso, uma realidade cada vez mais presente no Brasil. Parte da literatura descreve que a permanência nestas instituições pode gerar impactos negativos na condição de saúde, qualidade de vida e funcionalidade do idoso, sendo este contexto relacionado ao abandono, aos que perderam suas famílias ou a vulnerabilidade social (BASSLER et al., 2016; CAMARANO; KANSO, 2010). Silva, Sampaio e Sampaio (2017) explanam que a institucionalização pode provocar aspectos negativos na saúde dos idosos, identificando que a maior parte destes idosos apresenta dependência para realizar atividades básicas de vida diária.

A saída do mundo do trabalho pode afetar de modo severo na qualidade de vida dos idosos, à medida que provoca perdas dos papéis ali construídos, caso não estejam preparados para este fato. Este impacto advém da importância que o trabalho constitui na vida do sujeito, contribuindo até mesmo para sua identidade. A realização de projetos, seja na vida ativa ou pós-trabalho, na vida profissional e na rede familiar do indivíduo, reafirma a sua identidade individual e resulta no seu reconhecimento social. Destaca-se que em nossa cultura o papel profissional do sujeito é essencial e definitivo na manutenção da autoestima, formação da identidade e discernimento de utilidade (VITORINO, 2017). Fontoura et al., (2015, p. 61), “A saída do mundo do trabalho é uma marca relevante na vida das pessoas, com fortes implicações não só para sua organização temporal da vida, mas também para sua autoimagem e suas relações sociais. Zanelli, Silva e Soares (2010) relatam que a fase de transição para a aposentadoria pode provocar experiências diferentes na vida do indivíduo: positiva quando os trabalhadores identificam outras potencialidades que lhes proporcionem prazer ou negativa caso não ocorra uma preparação prévia, podendo provocar sentimentos de infelicidade, preocupação, incerteza, medo, angústia e desequilíbrio emocional. Diante a chegada da

fase da aposentadoria e a ausência de obrigatoriedade em realizar atividades laborativas com assiduidade, observa-se que os idosos demonstram a necessidade de encontrar novas atividades, constatando que grande parte dos idosos consideram ser muito bom a ausência de atividades regulares (VITORINO, 2017). Em geral, a satisfação de vivenciar esta fase está relacionada ao contentamento de investir tempo em coisas que não podiam ser realizadas antes, por razão de outras prioridades, como, por exemplo viajar (LUIZ et al., 2018).

Outro aspecto a ser analisado é a compreensão do imaginário social do envelhecimento e velhice que é atravessada por estereótipo e estigma vivenciado pelo idoso no seu cotidiano, assim como preconceitos ancorados na sociedade (LUIZ et al., 2018). Neri (2014) afirma que os preconceitos, estigmas, mitos e tabus concernentes à velhice construídos ao longo dos anos foram transmitidos de geração para geração, sendo desmistificada grande parte desses, em virtude de constantes questionamentos por parte ciência. Faleiros (2014) expõe a respeito da discriminação e o preconceito presente em nossa sociedade:

Idosos têm direitos enunciados e definidos, mas a violação desses direitos é um dos principais obstáculos à inserção social da pessoa idosa, com destaque para a discriminação e o preconceito. A luta contra a discriminação é fundamental num processo de educação para o envelhecimento e sobre o envelhecimento e velhice. É preciso romper o silêncio sobre a velhice e abrir espaços na escola, na família, nas pesquisas e na sociedade para se falar abertamente dessa questão (FALEIROS, 2014, p. 18).

Trazer este assunto de discriminação e preconceito contra o idoso é necessário e urgente, visto que a nossa sociedade brasileira é marcada pelo preconceito e discriminação que reflete em um problema atual e mundial, contemplando os países de primeiro mundo e os países em desenvolvimento. “Discriminar significa diferenciar, distinguir ou separar” (FERREIRA, 2015, p.1). Constata-se que toda a forma de preconceito e discriminação deve ser rejeitada, pois ofende diretamente a dignidade da pessoa humana, à medida que contribuem para exclusão social (FERREIRA, 2015). Com relação à liberdade e igualdade em dignidade e direitos, a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 foi assegurado o seguinte princípio: “Artigo 1 – Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade. A igualdade de acesso e direitos aos longevos têm como finalidade não apenas ampliar o tempo de vida, mas oportunizar qualidade para essa vida expandida (ALVAREZ; SANDRI, 2018).

Em nossa sociedade contemporânea o processo de envelhecimento é caracterizado pelas alterações específicas desta fase, somado às atitudes de preconceito, desrespeito e desigualdade social contra o idoso que favorecem ao acontecimento de episódios graves de violência contra a pessoa idosa (RODRIGUES et al., 2017), evidenciando os tipos de violência mais frequentes: abusos do tipo físico, financeiro, sexual, psicológico, o abandono, a negligência e a autonegligência (CRIPPA et al., 2016). Estas situações de violências são comuns a idosos expostos a condições de vulnerabilidade social acrescido do fato de exclusão social que os idosos perpassam ao avançar da idade (SANTOS et al., 2018).

Savazzoni (2015) diz que o preconceito, racismo e discriminação têm fortes raízes e influenciam pensamentos e ações em todos os segmentos da sociedade. O homem social concebe e assimila exemplos que fazem parte do seu contexto social, e isto leva a diferenciar e a separar comportamentos e pessoas, aos quais atribui estigmas e conceitos em especial quando faz parte de grupos dominadores, transmitindo por gerações os conceitos, preconceitos, racismo e discriminação anteriormente definido. A velhice ainda continua a ser vinculada a ideias de conformismo, doença e morte, e os longevos como seres incapazes. Tais concepções agem como incisivos obstáculos, prejudicando a interdependência e as interações com os demais (PEREIRA; LOPES, 2017).

Com relação ao preconceito, marginalização e exclusão social, o idadismo é uma crença comum socialmente que repercute em sérios prejuízos na vida do idoso, sendo encontrados frequentes abusos provocados pela própria família ou comunidade que o idoso está inserido (violência física, violência psicológica ou emocional, negligência, abandono), obstáculo em permanecer no mercado de trabalho (recebem menos oferta de trabalho, menor possibilidade de formação ou progressão na carreira) e até inclui-se nas instituições voltadas para o cuidado do idoso (limitações dos serviços ofertados, ausência de qualificação adequada). Em geral, tais ações e pensamentos não são percebidos nem por quem as praticam, nem mesmo pelos próprios idosos, apontando-se como solução para este problema a modificação na maneira de perceber o envelhecimento (COUTO; MARQUES, 2016). “O idadismo é um tipo de viés social que desfavorece os idosos porque está baseado na crença cultural de que a idade é uma dimensão importante na forma como se definem as características e a posição social de uma pessoa” (COUTO; MARQUES, 2016, p. 18).

Souza, Boechat e Cabral (2015) apontam as dificuldades de garantir a inserção apropriada da pessoa idosa, no que concerne a representação da terceira idade e ideias de sociabilidade direcionados a este público, pois os valores estabelecidos pela própria

sociedade incentivam a intolerância frente aos indivíduos que não se enquadram aos padrões de comportamento, aparência e produtividade, atribuindo aos idosos responsabilidade por seu próprio bem-estar, desta forma quando a velhice não é bem-sucedida é consequência do próprio indivíduo. Gomes e Istoé (2015) afirmam que a compreensão das pessoas acerca do envelhecimento interfere no respeito aos direitos dos idosos, devendo ser este processo considerado como permanente e contínuo durante a vida. O tratamento disponibilizado aos idosos não apresentam práticas de rompimento com preconceito e discriminação e isso ocorre, geralmente, quando os idosos demonstram não ter conhecimento a respeito de ações direcionadas a sua proteção e valorização (GOMES E ISTOE, 2015).

Diante a diversas mudanças e impacto que o envelhecimento ocasiona na vida do indivíduo, acrescentado da multiplicidade de manifestações de preconceito e discriminação acometidas ao idoso, faz-se necessário conhecer as especificidades deste processo e as dificuldades que permeia esta fase, para isso se utilizou da linguagem musical para acessar as velhices, com a finalidade de promover uma maior conscientização e compreensão da velhice e combater as atitudes preconceituosa na qual a pessoa idosa possa está exposta.

2- RETRATOS CANTADOS ACERCA DAS VELHICES REGISTRADOS NA MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA

2.1 - Recorte histórico da década de 30

Em 1939, segundo dados do Anuário Estatístico, o Brasil possuía apenas 3,72% da população com mais de 60 anos, correspondendo a 1.675.534 idosos do total de 45.002.176 habitantes. Nesta época, nosso país, em sua maioria, apresentava uma população jovem. Todavia, foi um período de reivindicações das classes trabalhadoras no campo político, o que também contribuiu para a organização de um sistema previdenciário no país. Nesta década, o termo “velho” foi o mais utilizado para se referir a esse grupo etário, evidenciando diversas representações acerca do envelhecer (PEIXOTO, 2006). A seguir, o quadro com a ficha técnica da música “Caco Velho” que foi analisada com a intencionalidade de desvendar as imagens das velhices na década de 30.

Quadro 2-Ficha técnica da música Caco Velho

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1934	Caco Velho	Ary Barroso	Elisa Coelho

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

2.1.1- Informações sobre o Compositor da canção “Caco Velho”

Ary de Resende Barroso, pianista, compositor, regente, radialista, advogado e vereador, nasceu em 1903 no estado de Minas Gerais. Ainda na infância ficou órfão de pai e mãe, sendo adotado pela sua avó materna Gabriela Augusta de Rezende, e sua tia Rita Margarida de Rezende, que foi sua professora de piano durante muitos anos. Aos 12 anos começou a trabalhar como pianista auxiliar no Cine Ideal. Com a idade de 15 anos compôs sua primeira canção, e ganhou notoriedade com a sua famosa composição “Aquarela do Brasil” (já chamada por alguns de segundo hino nacional). Concluiu seu curso em Direito conciliando-o com suas inúmeras produções musicais. Ary é considerado um dos autores mais férteis da MPB (Música Popular Brasileira). Faleceu no estado do Rio de Janeiro com a idade de 60 anos, em 1964 (EBIOGRAFIA, 2020). Abaixo, a letra da música Caco Velho.

2.1.2 – Letra da música Caco Velho

Reside no subúrbio do Encantado
Num barracão abandonado
João de tal, cabra falado.
Dizem que viveu fora da lei,
Foi um rei
Que zombava da morte
E tinha um santo forte
No meio da gente bamba
O seu prazer era tirar um samba
Pulava, dava rasteira
Topava briga de qualquer maneira
Mas hoje é um caco velho
Que não vale nada
Tem a cabeça branca e a pele encarquilhada
Faz até pena ver o seu estado.
Pobre coitado
A vida é essa,
É um segundo que se esvai depressa.
Todos nós temos o nosso momento
E, depois dele, só o esquecimento ...

A princípio a música reporta o lugar do velho na sociedade nos versos “*Reside no subúrbio do Encantado/Num barracão abandonado*” demonstrando que este sujeito está marginalizado e esquecido pela sociedade, e submetido a condições de vida precária, quando cita que o sujeito está residindo em “*barracão*”. A realidade exposta por esta canção de abandono do idoso ainda é presente nos dias atuais, pois os casos de idosos que

fazem das ruas seu espaço de moradia está cada vez mais frequente. O crescimento exponencial dessa triste realidade levanta a questão para os diversos motivos que favorecem estes idosos estarem em condição de rua, entre eles: conflito familiar, transtorno mental, falta de recurso financeiro, dependência de substâncias psicoativas, falecimento de algum familiar, sentimento de solidão e a falta de planejamento para a chegada da velhice. Dados estes pautados na prática profissional realizada no Centro Pop e abrigo para morador de rua localizado na cidade de Timon –MA, intitulado como “Casa Cidadão”.

Os idosos que se encontram nesta situação são referenciados nas duas unidades públicas acima por meio de denúncias da sociedade ou encaminhados pela própria SEMDES, que direciona a equipe a realizar a busca ativa no suposto endereço onde a pessoa idosa encontra-se. Em sua maioria, após o processo de identificação dos familiares dos idosos acolhidos percebe-se que estes não prestaram denúncia do desaparecimento da pessoa idosa junto à Delegacia de Polícia Civil, transferindo a responsabilidade pelo idoso ao Poder Municipal representado pelos dois órgãos. À face do exposto, o Ministério Público é comunicado do caso, onde eles permanecem neste serviço temporariamente até ser encontrada vaga no Abrigo de Longa Permanência. Embora o abandono de idosos seja visto como crime pelo Estatuto do Idoso (Lei, 10.741 de 2003), é uma realidade cada vez mais frequente em nosso país. Segue os artigos do Estatuto do idoso (2003) que criminaliza tal conduta:

Art, 98. Abandonar o idoso em hospitais, casas de saúde, entidades de longa permanência, ou congêneres, ou não prover suas necessidades básicas, quando obrigado por lei ou mandado:
Art. 99. Expor a perigo a integridade e a saúde, física ou psíquica, do idoso, submetendo-o a condições desumanas ou degradantes ou privando-o de alimentos e cuidados indispensáveis, quando obrigado a fazê-lo, ou sujeitando-o a trabalho excessivo ou inadequado. (BRASIL, 2003).

Considerando as informações exposta pelos artigos, a pessoa idosa não pode ser exposta aos perigos da condição de morador de rua, e assim intensificar suas vulnerabilidades. Esta condição vulnerável torna-se ainda maior no cenário atual, já que está aumentando inclusive a probabilidade de contaminação com o novo Coronavírus, podendo ser uma vítima fatal. Evidenciando a violação de seus direitos, sendo submetido a diversos tipos de violências, como a física e psicológica. O idoso também é afetado pela escassez de alimentação regular, acompanhamento médico, uso de medicação apropriada, roupas limpas, moradia segura, segurança e higiene pessoal, entre outros fatores.

Em nosso país é nítido o aumento do desamparo familiar vivenciado pelos idosos, crescendo 33% de 45,8 mil para 60,8 mil o número de homens e mulheres com 60 anos ou mais nos albergues públicos, e se somar os alojamentos privados, a quantidade sobe para 100 mil (IBGE, 2018). Em parte estes atores sociais são direcionados a estes serviços devido as suas precárias condições de vida, bem como por serem submetidos a diversos tipos de violências em seu contexto social, alguns por iniciativa própria tomam a decisão de saírem das suas casas e solicitam acolhimento nessas unidades, ou as famílias muitas vezes impossibilitada de cuidar acabam optando por colocar o idoso em uma casa de repouso, albergue, casa de acolhimento ou abrigo de longa permanência.

Comumente, a visão destes idosos que foram encaminhados por seus familiares concebem estes novos espaços coletivos como verdadeiros “depósitos”, onde os seus parentes os abandonam ali, como se fossem objetos, não demonstrando vínculo afetivo, como se esta fosse apenas a espera pelo tempo em que a vida se finda. Ademais, mesmo o idoso tendo toda a assistência por parte da equipe técnica de um abrigo de longa permanência, o desamparo familiar pode acarreta nele sérios prejuízos tanto nos aspectos físicos como emocionais

Em seguida, o compositor expõe as mudanças de papéis ocasionados pelo envelhecimento na identidade do indivíduo no trecho “*João de tal, cabra falado*”, pois o idoso que por muitos anos foi reconhecido pela função que desempenhava, pelas atribuições que exercia no trabalho ou até mesmo por sua força física, hoje perpassa por diversas limitações físicas. Reconhecendo que o processo de envelhecimento aumenta as fragilidades na vida do indivíduo, se busca otimizar a qualidade de vida para que o processo natural de envelhecimento não traga consigo problemas de saúde ou limitações.

Por isso é necessário que nessa fase se inicie o cuidado com a saúde e a mente, e se intensifique com o avançar da idade. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) os fatores determinantes para o envelhecimento ativo envolvem o indivíduo, a famílias e os aspectos: transversais, os serviços de saúde e sociais, comportamentais, os aspectos pessoais, ambiente físico, sociais e econômicos.

Chama atenção para os determinantes de aspectos transversais no que se designa a cultura, assim como os fatores sociais e econômicos. A cultura reflete em todos os demais determinantes, e contempla todos os indivíduos e populações, ditando o modelo de experienciar o envelhecimento, pois as tradições, valores, atitudes culturais são referências para a construção da imagem da velhice, do modo de aceitação desse processo, e a tomada de atitude de comportamentos saudáveis. Referente aos aspectos sociais engloba o apoio social, aprendizagem permanente, o acesso à educação, a paz e a proteção

contra a violência e os maus tratos são basilares para um processo de envelhecimento saudável (OMS, 2002). Fator econômico envolve rendimento, a proteção social e o trabalho, e isto implica nas condições financeiras do idoso que poderá lhe garantir o acesso a uma boa alimentação e disponibilidade a melhores cuidados com a saúde, caso contrário, os idosos se tornam mais vulneráveis, aumentando as probabilidades de desenvolverem patologias. Ciente das influências dos aspectos culturais, sociais e econômicos, o relatório mundial de envelhecimento e saúde (OMS 2015) define o envelhecimento saudável como o “processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar em idade avançada” (OMS, 2015, p.13).

Tais informações expõem como os fatores culturais, sociais e econômicos fazem atuação diretamente na construção e sentido atribuído a imagem da velhice, dependendo da cultura e sociedade que o indivíduo é pertencente poderá assumir atitudes positivas ou negativas referente a aceitação dessa etapa da vida, bem como o aspecto econômico poderá representar um fator protetivo ou de risco para o envelhecimento saudável. Neste sentido, as relações do homem com a velhice são determinadas por aspectos culturais e sociais, refletindo na vivência desta fase de maneira favorável ou depreciativa.

Na música, a parte que cita “*E dizem que viveu fora da lei*” relata que antes da velhice este sujeito viveu intensamente, tendo a autonomia de estabelecer suas próprias regras de vida, levando-o a ser comparado a um rei, no verso “*Foi um rei*”, dando a entender que este mandava, dominava e era autor da sua história. No entanto, o símbolo de força, autoridade e poder não se limitam apenas a juventude, visto que no cenário político atual do Brasil, os três últimos presidentes do país quando tomaram posse já tinham mais de 60 anos. Dilma Rousseff, com a idade de 63 anos foi eleita a primeira mulher presidente do Brasil nas eleições de 2010, e reeleita em 2014. Porém, em 2016 sofreu um processo de impeachment; Michel Temer, com a idade de 75 anos, assumiu a presidência em setembro de 2016, e por fim, Jair Messias Bolsonaro, o atual presidente de nosso país assumiu o cargo com a idade de 63 anos. O Presidente da República representa uma figura essencial dentro do cenário político, acumulando duas funções muito importantes para a nação: Chefe de Governo, responsável por ações e decisões do cotidiano da política brasileira, e Chefe de Estado, a imagem pública mais elevada de uma nação. Ao associar a imagem da pessoa idosa ao presidente da república se transmite a mensagem de seriedade, maturidade, experiência, conhecimento, sabedoria, responsabilidade e compromisso, valores estes positivos concernentes à imagem do idoso.

À luz da realidade, a imagem de liberdade, independência, notoriedade transmitida pela música no verso “*E dizem que viveu fora da lei*” não corresponde à

maioria dos longevos. Mesmo sendo a liberdade um direito da pessoa idosa, alguns não podem tomar as decisões de suas vidas, reservando apenas na fase da juventude o prazer de desfrutar-se da vida. No verso *“Que zombava da morte, tem o santo forte”*, este indivíduo jovem não tinha tempo para pensar em morrer, gozava intensamente a cada momento, desafiava os paradigmas da vida estabelecidos, não se preocupando com o amanhã. Na melodia há uma exaltação ao vigor físico e aos movimentos corporais que dispunha e a sagacidade de enfrentar quaisquer desafios na juventude, assim relatado em *“No meio de gente bamba o seu prazer/ Era tirar o samba/Pulava, dava rasteira/ Topava briga de qualquer maneira”*. Ainda enaltece características da mocidade ao fazer menção que o sujeito *“Foi um rei”*, pois proporciona o entendimento de que ele possuía força, coragem e ousadia.

No momento vigente, a dança tem sido um instrumento que tem possibilitado a sensação de liberdade e ousadia para muitos idosos, proporcionando a eles uma vida ativa, e desenvolvendo resistência para várias tarefas do dia a dia. Dessa forma, demonstrando que este idoso continua sendo uma figura notável, não existindo um tempo predeterminado para brilhar ou representar a figura principal do ambiente. Por meio das atividades de dança bolero, brega, forró, xote, cúmbia, carimbó, bachata, entre outras, que são capazes de realizar movimentos corporais, exercitar a sua capacidade motora, desenvolver inúmeros estímulos dos sentidos, exercitar a mente, fortalecer as interações sociais. E ao considerar que se trata de uma atividade prazerosa e desafiante, resgata a sua autoestima, despertando na pessoa idosa alegria e empoderamento, contribuindo assim para a ressignificação da velhice (GOMES; SILVA, 2018)

Com relação à representação da velhice, enfatiza os aspectos negativos ao designar o idoso como um *“...caco velho/ Que não vale nada”*, e que este indivíduo não apresenta nenhum valor social para a sociedade que está inserida. Ainda, o compositor realça as mudanças físicas em *“Tem a cabeça branca e a pele encarquilhada”*, que é concernente a esta etapa da vida, menosprezando a inúmera habilidade que este idoso poderá dispor ou que possivelmente adquiriu durante sua trajetória de vida. Apesar de apresentar a velhice como um processo inerente à vida, quando cita que *“A vida é essa/ Todos nós temos o nosso momento”*, no qual todos devem vivenciar, relaciona esta fase ao isolamento social *“E depois dele só o esquecimento”* levando a compreender que este indivíduo deve-se preparar para experienciar este momento de solidão.

Atualmente, a solidão e a apatia caracterizada pela ausência de emoção e entusiasmo pela vida não contemplam a realidade de todos os idosos, uma vez que estão cada vez mais autônomos, tanto no que tange à realização das tarefas da vida diária quanto

ao poder de escolha de suas próprias práticas motoras, tornando-os adeptos a modalidade esportiva slackline. Esta atividade física é executada em uma fita com cinco centímetros de espessura, flexível de nylon ou de poliéster, presa em dois pontos fixos, que podem ser árvores e postes, onde os idosos se movimentam em cima dela, podendo estes movimentos ser estático ou dinâmico.

Por tratar-se de uma prática totalmente nova nesta idade, acrescida do desafio de vencer seus próprios medos, os idosos têm relatado como esta atividade vem contribuindo para a sensação de liberdade, aumento de confiança na realização de novas tarefas, sentimento de utilidade, superação de medos, ansios e perdas e concentração, ampliando assim a perspectiva destes indivíduos sobre a vida. E, além dos movimentos, trazer inúmeros benefícios para a saúde dos longevos, enfatizando os estímulos positivos à coordenação motora e ao controle da musculatura postural, ou seja, a resistência física, a consciência corporal e a concentração (BARROS, 2015)

Após a análise interpretativa das letras das canções, influenciada pela técnica de Análise de Discurso e pelo pensamento de Max Weber (1998) por meio da sociologia da música, optou-se em sintetizar em um quadro os principais pensamentos desta década acerca da velhice transmitidos na canção. Segue abaixo um quadro organizado em duas vertentes: com os trechos da letra da música e a análise interpretativa.

Quadro 3– Análise interpretativa da música (Caco Velho)

Trechos da letra da música (Caco Velho)	Análise Interpretativa da música
Reside no subúrbio do Encantado/ Num barracão abandonado/ E, depois dele, só o esquecimento	Exclusão social: Abandono, esquecimento, solidão e desamparo familiar
João de tal, cabra falado/ Foi um rei/ Que zombava da morte/ E tinha um santo forte/ No meio da gente bamba/ O seu prazer era tirar um samba/ Pulava, dava rasteira/ Topava briga de qualquer maneira	Supervalorização do passado: Exaltação das características da juventude/ Sentimento de reconhecimento e valor social na juventude
Mas hoje é um caco velho/ Que não vale nada/ Tem a cabeça branca e a pele encarquilhada/ Faz até pena ver o seu estado Pobre coitado/ A vida é essa/ É um segundo que se esvai depressa/ Todos nós temos o nosso momento.	A velhice vista de maneira negativa, pejorativa e depreciativa: sentimento de inutilidade, fracasso, desânimo e apatia

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Mediante este quadro, que tem como finalidade resumir as principais ideias associadas à imagem da velhice na década de 30, foi realizado o agrupamento dos versos

das canções em três categorias de interpretação: exclusão social, supervalorização do passado e a velhice vista de maneira negativa, visando a análise da descrição e da interpretação da letra da música “*Caco Velho*”, para a técnica AD, à medida que se tem o discurso como objeto de estudo, é estabelecida a conexão da linguagem à sua exterioridade, não concebendo a língua enquanto sistema abstrato, mas sim pertencente ao seu contexto social, no qual os indivíduos transmitem sua mensagem oralmente e por escrito, produzindo sentidos enquanto sujeitos e membros da sociedade. (PIOVESAN et al., 2006).

A técnica AD analisa a língua no mundo, “com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (ORLANDI, 2005, p.16). Analisando o discurso musical dessa canção, se identificou os aspectos negativos associados à velhice, pois se utiliza da figura da linguagem metafórica, vinculando a imagem do idoso a um caco velho caracterizado como sem valor: “...*caco velho/ Que não vale nada*”. O uso deste recurso estilístico demonstra a intencionalidade do compositor em promover a aproximação da real imagem e sentido atribuído à velhice e do processo de envelhecimento neste momento histórico, trazendo à tona a conclusão de que a pessoa idosa não teria valor social para a sociedade da época.

Buscando compreender o pensamento da sociedade desta década, estabeleceu-se uma comparação entre o discurso musical e o momento histórico descrito pela literatura, objetivando conhecer os valores e as imagens socialmente construídas e embutidas na letra musical sobre a velhice. Pelos achados, foi possível compreender que nessa época nosso país ainda era considerado jovem (PEIXOTO, 2016), sendo a população idosa pequena comparada às demais, havendo pouco conhecimento acerca deste fenômeno, predominando uma visão pessimista dessa fase.

Frente a este cenário histórico de poucos estudos relacionados ao fenômeno que pudesse descrever as especificidades dos idosos longevos, acrescido do fato de não terem prerrogativas legais relacionadas aos direitos dos idosos e à seguridade social, este seguimento da população vivia em condições desfavoráveis, refletindo na construção da imagem que a sociedade elaborava ao seu respeito, bem como na autoimagem que o indivíduo tinha de si.

Ao pensar criticamente na construção da imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento na sociedade da época, entende-se que foi definida levando em consideração os valores do mundo capitalista concernentes à produção e ao consumo, interferindo para que os idosos fossem considerados como aqueles que não produzem

mais lucro, pelo contrário, gera despesas e acaba por se transformar num fardo (BEAUVOIR, 1990).

Essa concepção, aliada ao processo degenerativo relacionado ao envelhecimento natural do indivíduo, acabou contribuindo para que na realidade social da época fosse transmitida uma visão pejorativa contra o idoso, evidenciando assim sua exclusão social. Parte dos versos da canção ao serem analisados foi agrupada na categoria “exclusão social”, visto que abordam aspectos de abandono, esquecimento, solidão e desamparo familiar. Na época atual, mesmo que a pessoa idosa não produz mais, é vista de maneira positiva para o mundo capitalista, uma vez que é importante quem consome, e os idosos consomem bastante (GOLDENBERG, 2020). Tendo em vista esta realidade muitas empresas se preparam para atender esta parcela da população já que percebem o imenso potencial desse mercado.

Em tempos pandêmicos, Mirian Goldenberg (2020) em entrevista por telefone à BBC News Brasil, denuncia discursos recheados de estigmas, preconceitos e violências contra os mais velhos, evidenciando a “velhofobia”. Entre as diversas denominações, como ageísmo, idadismo ou gerontofobia, a escritora escolheu o termo “velhofobia” por ser uma expressão de fácil compreensão. Este termo “velhofobia” descreve não só os preconceitos, estigmas e tabus atrelados ao envelhecimento, mas também o pânico de envelhecer, algo que está presente em nosso país. Para a antropóloga o discurso considerando os velhos como inúteis, desnecessários e invisíveis já era presente antes da pandemia, mas agora se tornou explícito, visto que políticos, empresários e até o atual Presidente da República, Jair Bolsonaro, já foram a público dar declarações “velhofóbicas”, afirmando que “não se pode deixar a economia parar... os velhos vão morrer mais cedo ou mais tarde”. Tais afirmativas provocam o sentimento de desespero nos idosos, pois além de vivenciarem uma espécie de morte simbólica, concluem que são um fardo para a sociedade.

Outro pensamento central na música é a supervalorização do passado enaltecendo as características da mocidade, levando a inferir que o eu-lírico está preso emocionalmente nas suas lembranças, situação está que produz sofrimento, pois prende, limita, circunscreve, fecha, restringe e encarcera o indivíduo, não permitindo experienciar o novo. O saudosismo se manifesta no idoso quando a todo instante tenta ressuscitar aquele passado que não voltará mais. Ao se falar em saudosismo, se remete à memória e as lembranças dos idosos, segundo a autora Bosi (2003):

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (BOSI, 2003. p.15).

A memória desenvolve um papel crucial para a transmissão de valores e de conhecimento da nossa própria história, mas, quando há o resgate de lembranças, há o risco de comparações constantes do passado com o presente, e de reflexão na ausência de identificação de coisas boas no presente. Consequentemente, tendo a pessoa dificuldade para encontrar pontos positivos na sua vida atual, e de construir planos para o futuro, a pessoa idosa é dominada por um sentimento prejudicial, caracterizando o saudosismo. Este sentimento está presente nos versos da canção, sendo agrupados na categoria “supervalorização do passado”, onde o compositor descreve uma exaltação das características da juventude, e narra uma saudade intensa relacionada ao reconhecimento e valor social que tinha na juventude.

Quando há concentração na maior parte do tempo nas lembranças, certos pensamentos são bastante comuns nessa fase da vida, como por exemplo: “Na minha época não era assim” ou “antigamente as coisas eram melhores ou o mundo está piorando” e isto pode causar a sensação de vazio e insatisfação permanente. Toda esta situação desperta nos longevos sentimentos negativos e que estão fora do alcance da sua capacidade de modificar, transformar e melhorar, podendo desembocar distúrbios emocionais de ansiedade e depressão, bem como impedir a adaptação da realidade presente.

Diante das intensas emoções vivenciadas pelos idosos dessa época, deduz-se o despreparo da sociedade para lidar com o envelhecimento, e, consequentemente, com estes novos atores sociais, não ofertando um espaço de otimização de oportunidades para a construção de uma velhice que atenda as multifacetadas do processo de envelhecimento humano, desde os aspectos físicos, psicológicos e sociais, sendo notória exclusão social da pessoa idosa. Além de interferir no sentimento de não pertencimento do idoso ao seu contexto social, contribui para um profundo sofrimento psíquico, no sentido de pensarem que os anos passados foram melhores que os dias atuais, refletindo na imagem pessimista da velhice e do processo de envelhecimento.

Ao analisar a imagem da velhice e do processo de envelhecimento transmitida pela letra desta melodia, foi possível refletir sobre as questões sociais e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, identificando que desde

a década de 30 até a atualidade, no cenário social, tem o desafio de promover a valorização da pessoa idosa para que os mesmos consigam envelhecer com qualidade. Outrora, nos “barracos”, e atualmente “nas ruas da cidade”, o que leva ao impasse relacionado a aceitação da velhice, tanto pelo indivíduo quanto por parte da sociedade referente ao acolhimento a estes atores sociais. O paralelo estabelecido entre a realidade da década de 30 e o momento atual, elucida que a visão e a vivência do envelhecimento estão diretamente relacionadas ao contexto histórico, e com os valores e o lugar que a pessoa idosa ocupa nessa sociedade, sendo estes aspectos determinantes na construção social da imagem da velhice e do processo de envelhecimento

2.2 - Recorte histórico da década de 40

Carvalho (2003) diz que entre as décadas de 1940 e 1970 nosso país vivenciou um acelerado crescimento demográfico devido ao seu elevado crescimento vegetativo, que é a queda na taxa de mortalidade e elevada taxa de fecundidade. Então, o número de habitantes que era de 41 milhões chegou a 93 milhões de pessoas, com o aumento mediano de 2,8% ao ano. Ramos (1997) expõe em seu estudo os dados referentes ao ano de 1940, antes do acentuado declínio da mortalidade e fertilidade, comparado ao ano 2000, onde já é visível enxergar os frutos do declínio da mortalidade e fertilidade. A seguir, o quadro com a ficha técnica da música “Três Lágrimas” que foi analisada com a intencionalidade de desvendar as imagens das velhices na década de 40.

Quadro 4- Ficha Técnica da música Três Lágrimas

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1941	Três Lágrimas	Ary Barroso	Sílvio Caldas

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022)

2.2.1- Informações sobre o Compositor da canção “Três Lágrimas”

Considerando as declarações sobre o compositor expresso acima na década de 30, já que se trata do mesmo ator, há aqui o acréscimo de informações sobre o artista que aconteceram na década de 40. Nesse momento, Ary Barroso viajou pela primeira vez aos Estados Unidos em virtude de sua indicação ao Oscar pela composição da música “*Rio de Janeiro*” para o filme “Brasil”. Ainda nessa época, emergiu a Sociedade Brasileira de

Autores, Compositores e Escritores da Música (SBACEM), na qual o compositor foi eleito o Presidente de Honra e Conselheiro Perpétuo dessa entidade. Em 1946, conforme dito em uma biografia, ele candidatou-se a vereador na Guanabara, pela União Democrática Nacional e teve a maior votação da Câmara. Em 1961 o compositor adoeceu de uma cirrose hepática, vindo a óbito no ano de 1964 no estado do Rio de Janeiro (EBIOGRAFIA, 2020). Abaixo, a letra da canção Três Lágrimas.

2.2.2 – Letra da música Três Lágrimas

Eu chorei
Pela primeira vez na minha vida
Quando nossa vida se complicou
Éramos então duas crianças
Cheias de vida e de esperança
Lembro-me bem do teu olhar espantado
Quando te roubei um beijo bem roubado
E uma lágrima dos olhos me rolou
Eu chorei
Pela segunda vez na minha vida
Quando minha vida desmoronou
Tínhamos então mais vinte anos
Mágoas, saudades, desenganos
Lembro-me bem do teu olhar esquisito
Quando te olhei surpreso e muito aflito
E uma lágrima dos olhos te rolou
Eu chorei
Pela terceira vez na minha vida
Quando minha vida se acabou
Lá pela rua amargurado
Quando ouvi bem o teu chamado
Lembro-me só que já fugira a meiguice
Do teu lindo olhar agora era a velhice
E uma lágrima dos olhos nos rolou

A canção expõe três momentos significativos na vida do eu lírico que foram marcados pela presença de fortes emoções que desembocaram em choro. O compositor começa relatando que chorou pela primeira vez em “*Eu chorei/ Pela primeira vez na minha vida*” quando se deparou com sua primeira experiência amorosa, afirmando que eram tão inocentes, ele juntamente com a sua amada. Prosseguindo, no verso “*Éramos então duas crianças/ Cheias de vida e de esperança*”, ambos não tinham consciência de possíveis problemas vindouros.

Nos primeiros versos o eu-lírico descreve a imagem de duas crianças, como uma representação da ingenuidade, pureza, criatividade, esperança e futuro. Partindo desta

premissa surge o questionamento: qual a imagem transmitida pela música sobre a velhice estaria em oposição aos pensamentos construídos acerca da infância?

Assim, nos versos “...então duas crianças/ Cheias de vida e de esperança” é possível observar que há quatro emoções básicas do ser humano, reconhecidas com os sentimentos de alegria, tristeza, medo ou raiva, que começam a se manifestarem por meio de nossos comportamentos e atitudes ainda na infância. Durante a nossa trajetória de vida experimentamos uma variedade de emoções, que se estende até a fase da velhice. Logo, é um estigma e preconceito associar essa etapa da vida apenas a sentimentos negativos.

Nos dias atuais, alguns idosos têm demonstrado que os sentimentos positivos e os sonhos não acontecem exclusivamente na infância. Por meio de atividade com o Turismo, o idoso tem realizado sonhos de conhecer lugares imagináveis, buscando manter a consciência de que ainda há muito para viver, aprender e ensinar. E isto tem contribuído para autoestima, convivência social, participação ativa, integração, busca por novos conhecimentos e novas motivações à vida dos idosos SANTOS et al., 2021).

E isto confirma como o fator econômico, conseqüentemente a condição econômica que o idoso possui, pode aumentar a possibilidade da vivência de uma boa velhice relacionada a qualidade de vida como também contribuir para a experiência de maneira negativa. (BRITO; CAMARGO; CASTRO, 2017).

Após a canção descrever a primeira experiência amorosa do eu lírico, a pureza da vida dos dois foi arrancada, implicando na descoberta de alguns problemas, que assim é relatada na música em: “Quando nossa vida se complicou”. E continua narrando a cena deste encontro amoroso nos seguintes versos: “Lembro-me bem do teu olhar espantado/Quando te roubei um beijo bem roubado” e de como este evento lhe produziu uma forte emoção evidenciada através do choro, bem retratada nesta parte da música: “E uma lágrima dos olhos me rolou”.

As experiências da vida do eu lírico são lembradas de maneira negativa. No entanto, tais vivências são importantes, pois é por meio delas que chegaremos à maturidade. Cada experiência, independentemente do tipo, se são boas ou más, ensinará uma lição de vida, e o conhecimento ocasionado pelos erros cometidos ajudarão na não repetição das mesmas práticas, o que traz a garantia de um futuro melhor. Ademais, qualquer tipo de aprendizado é válido para o crescimento mental e espiritual de qualquer sujeito. Por isso o amadurecimento possibilitado pelo envelhecer aos idosos encarcerados é visto como uma referência positiva, embora o significado do envelhecimento para eles seja visto em sua maioria de maneira negativa, sendo

associado à imagem de decadência, finitude, adoecimento, cansaço e desvalorização social (LIMA, 2018).

É a partir do conhecimento das histórias de vida dos idosos sobre suas experiências com o cárcere, que é possível a identificação de negações e privações de direitos que estão expostos todos os presos, sobretudo, os presos idosos. Dentre as dificuldades que os presos idosos enfrentam destacam-se a questão arquitetônica, contemplando iluminação, ventilação e sinalização inadequadas ou inexistentes, escadarias e espaços insalubres e propícios a acidentes. Pontua-se também que as atividades de lazer e a prática de exercícios físicos, que são inexistentes ou pouco disponíveis, a alimentação inadequada, e as demandas de saúde não atendidas ou estancadas paliativamente. Outra questão também, que levam conflitos intergeracional dentro do cárcere, é a resistência por parte dos idosos na assimilação da cultura prisional, que corresponde a adaptação a signos, códigos, vocabulário e comportamentos instituídos na prisão, considerada “jovem adultocêntrica”. (LIMA, 2018).

O segundo choro acontece permeado por diversos sentimentos e emoções, dentre eles “*Mágoas, saudades, desenganos*”, na qual foi vivenciada pelo interlocutor da melodia, tal relatado no trecho “*E uma lágrima dos olhos te rolou*”, situação esta que afetou imensamente o eu-lírico da canção, que considerou que sua vida foi desestruturada a partir disso, como mencionado no verso “*Quando minha vida desmoronou*”. A seguir, o compositor realça que nesta época ambos eram jovens quando diz “*Tínhamos então mais vinte anos*”.

Na mocidade é frequente a vivência de um turbilhão de emoções, principalmente por ser considerada uma fase de descobertas e significativas tomadas de decisões. Nessa fase, o eu lírico narra sua desestruturação emocional ocasionado pela sua experiência de vida daquela época. O desequilíbrio emocional descrito nos versos anteriores é comumente identificado nos discursos dos longevos que fazem acompanhamento psicoterápico, que se queixam da ideia de inutilidade, de não serem necessários, de serem invisíveis aos olhos dos mais jovens. Sentem-se uma sobrecarga para a família, sendo esta situação agravada pela ausência de papel social, e dificuldade de diálogo entre as gerações (FERREIRA, 2016).

Na última estrofe da canção, quando ocorre o terceiro choro, o eu lírico já passou em sua trajetória de vida por várias situações difíceis “*complicou e desmoronou*”. Faz referência a velhice em “*Do teu lindo olhar agora era a velhice*” e afirma que sua vida acabou: “*Quando minha vida se acabou*”. Portanto, a velhice daria condição satisfatória para o seu sofrer e lhe produziria lágrimas, “*E uma lágrima dos olhos nos rolou*”,

acontecendo esta narrativa com o eu-lírico e sua amada, ambos já se encontravam nessa fase da vida. Esse processo é visto como algo negativo, e experienciado em condições de angústia “*Lá pela rua amargurado*”, no qual até o olhar da pessoa agora é limitado, não apresentando a habilidade de sentir e demonstrar sentimentos essenciais e vitais “*Lembro-me só que já fugira a meiguice*”.

Embora a imagem retratada na canção a respeito da velhice ainda seja associada a um sentido pejorativo, deve se ter em consideração que cada sujeito possui uma forma singular de envelhecer, então, existem muitas formas de envelhecimento e de velhices. O envelhecimento é um processo natural, sequencial, individual, acumulativo, universal, que pode ou não, concomitantemente, incluir adoecimentos (KREUZ; FRANCO, 2017), sendo essencial perceber que nesta fase da vida há uma sequência de perdas e ganhos (GOLDENBERG, 2020), pois, à medida que diminui o vigor físico pode se conquistar com a trajetória de vida, obstáculos e desafios inerentes a vida: maturidade, conhecimento e sabedoria. Beauvoir (1990) descreve a sua imagem acerca da velhice:

A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste este processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança, é uma mudança contínua. Caberia concluir daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Semelhante paradoxo desconhece a verdade essencial da vida: ela é um sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar (BEAUVOIR, 1990, p. 17).

É necessário se adaptar as constantes mudanças da vida, entre elas as transformações advindas com a chegada da velhice, podendo trazer grande riqueza interior, incluindo autoconhecimento e autoaceitação, dependendo da imagem que o indivíduo constrói referente a esta fase, como condições desfavoráveis ao indivíduo dependendo da imagem. Tendo consciência das produções de sentidos das velhices dentro do campo científico e no discurso musical, se utilizou da análise interpretativa das letras das canções, influenciada pela técnica de Análise de Discurso e pelo pensamento de Max Weber (1998) por meio da sociologia da música em compreender o fenômeno da velhice, sintetizando em um quadro os principais pensamentos desta década acerca da velhice transmitidos na canção. Segue abaixo um quadro organizado em duas vertentes: com os trechos da letra da música e com a análise interpretativa.

Quadro 5 - Análise interpretativa da música (Três Lágrimas)

Trechos da letra da música (Três Lágrimas)	Análise Interpretativa da música
Três lágrimas/ Eu chorei	Sufrimento psíquico
Quando nossa vida se complicou/Éramos então duas crianças/ Quando minha vida desmoronou/ Tínhamos então mais vinte anos/ Pela terceira vez na minha vida/ Quando minha vida se acabou	Pessimismo exagerado(Psicológico abalado e fragilizado/ sintoma do transtorno depressivo)
Quando minha vida se acabou/ Lá pela rua amargurado/ Lembro-me só que já fugira a meiguice/ Do teu lindo olhar agora era a velhice	A velhice vista de maneira negativa (ênfata a amargura e exclusão social)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022)

Ao ouvir a melodia e com a utilização da técnica metodológica AD, buscou-se ir além da mera mensagem literal do discurso dos versos da canção, capta como ele produz e transmite sentidos, considerando as circunstâncias históricas e ideológicas em que o discurso foi elaborado, a fim de não restringir os versos das canções a algo evidente, naturalizado, hermético (CILLA; COSTA, 2015).

Para compreender os retratos cantados e sentidos atribuídos acerca das velhices que ficaram registrados na memória musical brasileira, achou-se interessante voltar a atenção para os dados históricos dessa época referentes à expectativa de vida, assim como a idade do compositor da canção. De acordo com o IBGE, nessa época a expectativa de vida para homens era de 42,9 anos e das mulheres 48,3. Com relação a data de nascimento do compositor ele teria 38 anos, visto que nasceu no ano de 1903 e a canção foi escrita em 1941. Pautado nesses achados, descobre-se que o compositor ao discorrer sobre a imagem da velhice nessa canção possivelmente estava narrando o seu próprio processo de envelhecimento. Segue abaixo o quadro sobre a expectativa de vida dessa década.

Tabela 1: Expectativa de vida ao nascer

Expectativa de vida ao nascer - Brasil - 1940				
Ano	Expectativa de vida ao nascer			Diferencial entre os sexos (anos)
	Total	Homem	Mulher	
1940	45,5	42,9	48,3	5,4

Fonte: 1940- Tábuas construídas no âmbito da Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica.

Estes dados apontam que nesse momento histórico da época começam enxergar os frutos do declínio da mortalidade (RAMOS, 1997), no entanto, o compositor opta em trazer à tona a palavra “choro” e “lágrima” na música como recurso/caminho para se compreender a velhice. O choro é uma habilidade natural do ser humano, sendo formado de uma explosão de emoção que atravessa nossa vida do nascimento à morte, e produz controvérsias referentes à importância para regular o equilíbrio emocional e físico de uma pessoa, podendo, dependendo da intensidade, frequência e prejuízo funcional tornam-se sinais de alerta para doenças psíquicas (LEJDERMAN E BEZERRA, 2014).

Como o título da canção “*Três Lágrimas*” faz menção ao choro que se manifestou nas três fases de vida do eu-lírico, demonstrando que estes episódios marcaram a sua trajetória, e a expressão “*eu chorei*” foi bastante enfatizada no discurso musical, desta forma, foi estabelecido a categoria de análise de interpretação “sofrimento psíquico” dado ser um estado emocional persistente, emergindo de eventos vistos como negativos, os quais ocasionam profunda angústia ao eu-lírico da canção.

A pessoa idosa cotidianamente é ensinada a conviver com perdas diárias, as quais funcionam como gatilhos para a manifestação de uma experiência dolorosa. Então, o desenvolvimento de sofrimento psíquico é propício para se manifestar durante o processo de envelhecimento, uma vez que inúmeras mudanças no cotidiano e as perdas motoras, físicas, social e psíquicas contribuem para o idoso refletir acerca da vida e de seu papel na sociedade (SILVA et al., 2020). A obra *Mal-entendido de Beauvoir* (2015) traz reflexões acerca do envelhecimento e da finitude, por meio da história de dois professores aposentados, durante uma viagem para União Soviética. A narrativa aponta as modificações do corpo com o avançar dos anos, e de como este processo é sentido de maneira diferente por cada indivíduo, descortinando as nuances desta fase da vida com todos os seus desafios vivenciados.

Diversas motivações podem desencadear o choro, tanto fatores de felicidade como de tristeza. No entanto, a canção descreve que este acontecimento é acompanhado do relato das experiências de vida, narrado desde a infância até a velhice, predominando um tom de melancolia. O sentimento tristonho que possivelmente dominava o compositor no momento da estruturação dos versos da canção refletiu na generalização pessimista nas imagens das fases de sua vida.

Esta realidade faz parte dos idosos que apresentam transtornos depressivos. Assim, não é raro encontrarmos idosos que sofrem com esta doença em diversos níveis de intensidade, e, por isso é a desordem mais frequente nesse segmento etário. Quando o

compositor descreve as experiências de vida enfatizando apenas os aspectos negativos é nítido o profundo sentimento de desesperança, inadequação, baixa autoestima e falta de perspectiva em relação ao futuro. Desta forma, foi realizado o agrupamento destes relatos na categoria “pessimismo exagerado” identificado como sintoma do quadro depressivo. À proporção que o compositor associa os sintomas desse transtorno com a imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento com a sociedade da época, constrói-se uma representação de um idoso fragilizado e abalado emocionalmente e, conseqüentemente, atribui um sentido negativo a esta fase da vida. A descrição da velhice por este ângulo denuncia as questões sociais do momento histórico, já que as relações sociais são essenciais para evitar o surgimento de patologias como a depressão.

Então, promovendo uma reflexão sobre as implicações sociais e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, os versos da canção deixam claro que este idoso foi deixado na “rua amargurada” e conduzindo a sensação de que a vida tinha acabado. Como este segmento da sociedade ainda tinha tímido crescimento nessa época, prevalência a invisibilidade desumana imposta aos idosos, sendo estes indivíduos anulados e jogados na inutilidade pela sociedade, ocasionando mais sofrimento e preconceito.

A canção transmite uma imagem negativa acerca da velhice, e isto acontece por expor como verdade a crença de que estão no fim da vida, pois já passaram por todas as fases, não tendo mais nada de novo para viver, e pela ausência de acolhimento e compreensão pelas pessoas do seu contexto social. Por isso, estes discursos foram agrupados na categoria “A velhice vista de maneira negativa”, onde o compositor fala que a vida acabou e vive na rua amargurada nesta fase da vida. Este discurso dá indícios de que nesse momento histórico os idosos viviam um sofrimento latente, invisível aos olhos da sociedade excludente da época, e por parte do Estado, que não tinha estabelecido políticas que integrasse de forma efetiva os idosos.

Nosso país começava a vivenciar um acelerado crescimento demográfico (CARVALHO, 2003), sendo a velhice e o processo de envelhecimento ainda visto com estranheza, não tendo compreensão da sua totalidade, especificando no mais visível que eram as mudanças físicas, passando a enxergar este fenômeno por meio de um sentido negativo, assim como um sentimento de melancolia e tristeza pela questão de estar vivenciado o envelhecer.

2.3 - Recorte histórico da década de 50

Segundo Camarano (2004) na década de 1950 em nosso país o número de idosos era de 493 mil e saltou para 900 mil no ano de 2000. O crescimento exponencial deste segmento da população foi em decorrência de dois fenômenos que ocorreram nas décadas de 1950 e 1960: elevação da fecundidade e redução da mortalidade dos idosos. Camarano (1999) diz que foi na década de 1950 a última maior taxa de crescimento populacional brasileiro, identificando o crescimento anual de 3,1% ao ano. Nos anos posteriores as taxas declinaram, com valores de 1,6% ao ano nos anos de 1990. A seguir, o quadro com a ficha técnica das músicas “Ela foi fundada, Bom Tempo e Vendedor de Caranguejo”, que foram analisadas com a intencionalidade de desvendarem as imagens das velhices na década de 50.

Quadro 6- Ficha técnica das músicas “Ela foi fundada, Bom Tempo e Vendedor de Caranguejo”

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1956	Ela foi fundada	Otolindo Lopes/Oldemar Magalhães/Arnô Provenzano	Dircinha Batista
1958	Bons tempos	Floriano Ribeiro/Otávio Lobo/Mário Telaroli	Roberto Silva
1959	Vendedor de caranguejo	Gordurinha	Ary lobo

Fonte: Elaborado pela pesquisadora(2022)

2.3.1- Informações sobre os Compositores da canção “Ela foi fundada”

Em 1912 nascia no Rio de Janeiro Oldemar Magalhães, compositor e radialista, que trabalhou na rádio Tupi da qual foi um dos fundadores. Nos anos 1950 compôs principalmente marchas e samba. Em 1956 lançou a canção fruto da parceria de Arnô Provenzano, Otolindo Lopes e Oldemar Magalhães, sendo gravada por Dircinha Batista. O compositor veio a óbito em 1990. Abaixo terá a letra da música “Ela Foi Fundada”

2.3.2–Letra da música “Ela Foi Fundada”

*Conheço uma dona
Que se diz Society
Que passa dos sessenta
Não sai dos trinta e dois
Coitada está cansada
De ficar no espelho
Tapando seus buracos
Com creme e pó-de-arroz
Ela foi fundada
Em mil oitocentos e oitenta e dois*

A melodia é inspirada na história de uma mulher que se encontra na fase da velhice, todavia nega a sua condição longeva, afirmando ser bem mais nova “*Conheço uma dona/ Que se diz Society/ Que passa dos sessenta/ Não sai dos trinta e dois*”. Freitas (2017) alerta que o próprio termo “velho” ou “velha” é rejeitado pela população idosa, uma vez que reverbera um significado negativo, em razão de haver em nossa sociedade uma supervalorização pelo corpo magro, jovem, torneado e bronzeado. Contrapondo a esta imagem do suposto corpo ideal, o corpo velho é marginalizado e desvalorizado perante a sociedade (GOLDENBERG, 2018).

A influência social e cultural da idealização do corpo perfeito conduz algumas mulheres longevas a não aceitarem a sua condição, e a investirem inúmeros esforços na sua aparência vislumbrando apresentarem-se mais jovens “*Coitada está cansada/De ficar no espelho/ Tapando seus buracos/ Com creme e pó-de-arroz*”. A recusa da velhice por parte das mulheres é justificada pela influência dos padrões estéticos vigentes que impõem um modelo de beleza ideal, e promovem a construção pelo próprio indivíduo de duas imagens, vistas como apreciadas e depreciadas. O caso do corpo envelhecido não contempla esta normativa (FIN; PORTELLA; SCORTEGAGNA, 2017). Ciente dessa condição desfavorável do corpo envelhecido, Mirian Goldenberg (2013) escreve sobre o Manifesto das Coroas Poderosas, que defende a libertação da ditadura da aparência, devendo as pessoas investirem mais tempo em si, preocupando-se mais com a saúde, qualidade de vida e bem-estar. O envelhecimento traria mudança quanto ao foco, deixando a opinião dos outros em segundo plano, e passando as pessoas a viverem para si, priorizando suas escolhas, vontades, prazeres e desejos.

As coroas poderosas são mulheres que não se preocupam com rugas, celulites, pescoço, quilos a mais. Elas estão se divertindo com tudo o que conquistaram na maturidade: liberdade, segurança, charme, amizades, sucesso, reconhecimento, respeito, independência e muito mais. Portanto, como presidente do Movimento das Coroas Poderosas, convoco todas as mulheres que estão cansadas de sofrer com as pressões sociais, a decadência do corpo e a falta de homem (ou as faltas dos homens) a se unirem ao nosso grito de guerra: "Coroas poderosas unidas, jamais serão vencidas!" (GOLDENBERG, 2013).

Apesar de esse movimento incentivar a liberdade das imposições sociais, muitas ainda vivem submetidas a coerções estéticas, sendo as mulheres brasileiras as apontadas como as maiores consumidoras de todo o mundo de cirurgia plástica, botox, preenchimentos, tintura para cabelo, remédios para emagrecer, moderadores de apetite,

medicamentos para dormir e ansiolíticos (GOLDENBERG, 2018). Um exemplo de mulher brasileira que utiliza desses procedimentos estéticos é a cantora e apresentadora Maria Odete Brito de Miranda, mais conhecida como Gretchen, de 62 anos. Em uma série de vídeos no Instagram, a cantora defendeu os procedimentos estéticos que realiza e falou do seu contentamento com os resultados: “Faço plástica porque me amo de plástica. A gente tem que se amar como a gente é. Em outro momento, a artista fez uma sequência de stories publicados em sua rede social, rebatendo as críticas que recebeu por sua aparência, e afirma estar impressionada porque a maioria dos comentários negativos são realizados por outras mulheres.

"Elas estão preocupadas em ver se meu rosto está inchado, se minha boca está estranha, se eu não pareço mais comigo mesma. Eu não pareço mesmo mais comigo mesma. Sabe por quê? Porque eu estou linda. Porque eu mudei completamente o meu rosto e nem quero parecer como eu era. Porque eu amo essa cara nova que me deram (GRETCHEN, 2021).

Por meio do discurso da artista fica evidente que imagem da velhice não é aceita, devido estar vinculada a ideia de feiúra e ultrapassada, levando a mesma a realizar vários procedimentos estéticos para se sentir bem consigo. Isto demonstra a necessidade de serem resgatadas e ressignificadas às percepções de beleza para a pessoa idosa, refletindo positivamente na autoestima, designando um conceito mais amplo por meio do autocuidado e bem-estar. Assim, compreende-se que o foco do campo da saúde do idosos não se restringe apenas a doenças e seus intervenientes.

Quando os referencias de beleza nessa fase da velhice estão atrelados aos sentimentos de bem-estar e autocuidado, incluindo exercícios físicos, padrões de comportamento de autoconfiança, não atentando às exigências estabelecidas pelo mundo externo, todavia, mergulhando no seu universo interno, possibilita que essas mulheres longevas se sintam mais empoderadas, preparadas para planejarem o futuro e tenha uma vida social ativa (MELLO, 2019). Frente a este cenário atual, é importante que se constitua novas imagens do envelhecimento, tendo conhecimento dos ganhos que o avançar da idade propicia, pois além da imagem negativa marcada pela ociosidade e inatividade física e mental, deve-se considerar a multiplicidade de formas de envelhecimento, podendo a pessoa idosa escolher entre submeter aos ditames sociais de beleza ou resistir (NOVAES; BARRETO; BARRETO, 2017).

Na última estrofe é revelado o ano em que o protagonista da canção nasceu, ou melhor dizendo, foi fundada em 1882, ao se realizar a comparação entre o ano de nascimento do eu-lírico, e o do ano que a música foi composta em 1956, faz a descoberta

da sua idade de 75 anos, “*Ela foi fundada/ Em mil oitocentos e oitenta e dois*”. O fato de deixar a informação implícita sobre a idade do eu-lírico, e nos últimos versos, e de utilizar um termo pouco convencional para descrever o ano de nascimento de uma pessoa, “*fundada*”, é possível identificar a negação da velhice. Esta canção apresenta semelhanças com o pensamento do poema de Carlos Drummond de Andrade (2015), que em seu livro “Corpos” aborda a experiência que algumas pessoas enfrentam diante ao processo de envelhecimento, ou seja, uma sensação de estranhamento ou falta reconhecimento da sua própria imagem, conforme poema descrito a seguir:

*Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me,
e é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta
Meu corpo, não meu agente,
meu envelope selado
meu revólver de assustar
tornou-se meu carcereiro
me sabes mais que me sei
(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)*

Nos versos do poema depara-se com uma sensação de incoerência com as inevitáveis mudanças do seu corpo e com o seu eu, impressão esta que se manifesta na vida de muitos idosos, levando a enfatizar apenas os seus aspectos negativos, impossibilitando a contemplação de fatores importantes que são vivenciados apenas nessa etapa da vida, como a experiência. Este tipo de pensamento demonstra como a velhice e os longevos são marcados por muitos preconceitos, estereótipos e mitos. Ao ponto de os próprios idosos incorporarem esses conceitos, e passarem a enxergar a si próprio como alguém feio e ultrapassado.

Após a análise interpretativa das letras das canções, influenciada pela técnica de Análise de Discurso e pelo pensamento de Max Weber (1998) por meio da sociologia da música, sintetizou-se em um quadro os principais pensamentos desta década acerca da velhice transmitidos na canção. Investigando os discursos dos versos da canção, apreende-se a prática da linguagem, enquanto campo simbólico que produz e dá sentido, desvendando o significado das palavras à medida que o decifra o homem e sua história. Segue abaixo um quadro organizado em duas vertentes: com os trechos da letra da música e com a análise interpretativa

Quadro 7- Análise Interpretativa da música (Ela foi fundada)

Quadro - Trechos da letra da música (Ela foi fundada)	Análise Interpretativa da música
Conheço uma dona Que se diz Society	Classe social
Que passa dos sessenta/ Não sai dos trinta e dois/ Coitada está cansada/ De ficar no espelho/ Tapando seus buracos Com creme e pó-de-arroz	Negação da velhice (insatisfação dos idosos com a sua autoimagem e o descompasso entre a aparência e o estado de espírito)
Ela foi fundada Em mil oitocentos e oitenta e dois	Revelado a idade/ Comparação Implícita como se fosse um monumento histórico

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

A canção inicia destacando a classe social da mulher longeva descrita pela música, “*ela é uma society*” estabelecendo uma associação da alta classe social com a condição da negação do processo de envelhecimento. Tal situação leva a compreensão de que a condição financeira abastada desta idosa favorecia o investimento na sua aparência visando retardar o processo natural de envelhecimento e possivelmente aumentar a autoestima, demonstrando ser uma prática comum para esta parcela da sociedade. Desta forma, foram agrupados os versos da canção que expõem estas informações: “*Conheço uma dona/ Que se diz Society*” na categoria “classe social”.

Em 2018, dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), apontaram que 36,3% das pessoas que se submeteram à cirurgia plástica tinham mais de 55 anos. Anualmente, a população idosa realiza em torno de 70 a 80 mil cirurgias para fins estéticos, e esta é uma clara demonstração de como os sinais da velhice podem desencadear tamanha insatisfação da pessoa idosa com a sua autoimagem, assim como a sensação paradoxal entre a aparência e o estado de espírito.

Meditando sobre essa sensação paradoxal da autoimagem e o estado de espírito, a rainha britânica Elizabeth, aos 95 anos, que está reinando há quase sete décadas, ao ser cogitada para ser premiada ao título de “Velhinha do Ano”, disse que se sente jovem de espírito demais para receber este título. Tom Laing-Baker, Secretário da Monarca, expressou a opinião da rainha através de uma carta (19/10/21), dizendo: “Sua Majestade acredita que a pessoa é tão velha quanto se sente, e, portanto, a rainha não acredita que cumpre os critérios relevantes para poder aceitar e esperar que você encontre um destinatário mais merecedor”. É nítido ver como a rainha preserva um espírito jovial, não querendo ser vinculada a imagem estereotipada do envelhecer.

Quando o compositor diz que é a própria idosa (eu-lírico da canção) que se caracteriza da alta sociedade, não se comprometendo com esta afirmativa, possibilita a

inferência de que todas as informações relacionadas a esta mulher podem ser enganosas. A partir dessa perspectiva, surge alguns questionamentos: Porque esta pessoa idosa tinha tanta dificuldade de se aceitar? Estaria inserida em uma sociedade excludente? Qual seria a imagem da velhice que ressoava na sociedade da época?

Por meio da escuta atenciosa da canção que traz a ideia principal da negação da velhice, foi feita uma análise dos retratos cantados e sentidos atribuídos acerca das velhices transmitidas por esta canção, o que despertou nesta pesquisa o interesse em desvendar os motivos que levam os idosos a negarem sua condição longeva. De acordo com Freud (1996): “o conteúdo de uma imagem ou ideia reprimida pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja negado”. Portanto, na ocasião que há alguma negação, já é feita considerando o assunto.

Levando em consideração, a construção da imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento na nossa sociedade da época, a negação da velhice não está relacionada ao fato de negar a imagem da velhice, e as produções de sentidos depreciativas dessa fase. Todavia, as reconhece, e a partir disso a recusa, visto que não querem pertencer ao grupo caracterizado de “velho”, já que as representações cristalizadas no imaginário social acerca desse segmento denotam um sentido negativo, como por exemplo: perda de autonomia, independência, de identidade e valor social. Neste sentido, foram agrupados os versos da canção na categoria “negação da velhice.”

A partir dessa negação da velhice faz-se a reflexão sobre as questões sociais, e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, pois mesmo os dados históricos apontando a redução da mortalidade dos idosos nessa década (CAMARANO, 2004) a negação à velhice alerta para a realidade sócio-histórica da época, dando indícios de que a sociedade não estaria preparada para acolher esse novo ator social, não tendo ainda ações efetivas para este segmento da população, demonstrando ser este um caminho para atenuar os inúmeros impactos ocasionados com a chegada dessa nova fase.

A ausência de empatia aos idosos pela sociedade da época viabiliza, compreender que a conduta de indiferença e estranhamento frente aos idosos é advinda de estereótipos e preconceitos construídos socialmente, que ao longo dos anos foram se perpetuando e colaborando para a sedimentação de uma imagem desfavorável da velhice. Portanto, o ato de negar a velhice está relacionado a recusa ao lugar de marginalização, exclusão e passividade imposto pela sociedade aos idosos, uma vez que o envelhecimento nesse momento é socialmente estigmatizado, associado a decrepitude e inutilidade.

Como alternativa de romper com a imagem negativa que enquadra o perfil do idoso estabelecido pela sociedade, e experienciar a velhice de maneira mais leve, a negação da velhice é uma tentativa de ressignificá-la, dando um novo sentido a essa fase da vida, na qual o indivíduo se permite a vivenciar de maneira única e singular seu processo natural de envelhecimento. Conforme matéria veiculada pelo portal Estrelando (2021) afirma que, buscando viver de forma singular a sua velhice, a ícone Glória Maria, com a idade de 72 anos, jornalista e ex-apresentadora do Fantástico da TV Globo, na divulgação de um dos seus vídeos nas redes sociais expôs seu descontentamento em falar da sua idade, pois tem a crença: “Quando você fala a idade, atrai o tempo para você.” Este discurso realça o desejo da pessoa idosa de preservar o espírito livre para tomar iniciativas e decisões, não restringindo o seu comportamento e vontades a sua data no documento de identidade para viver a vida e ser feliz.

Na ocasião em que a idade é revelada é nítido que o compositor chama atenção para este fato, com a utilização de um termo pouco convencional para referenciar o ano de nascimento de uma pessoa, sendo empregado na sua maioria para a objeto/monumentos. Então, esta palavra “fundada” possibilita inferir que esta pessoa seria vista como tal, velha pela sociedade, que já simbolizaria um monumento histórico daquela época. E isto lembra a referência que algumas pessoas faz a pessoa idosa no cotidiano: “essa daí não vai morrer, vai virar pedra”, dando a compreensão de que determinadas pessoas possuíam muitos anos, não demonstrando aspecto de fragilidade por conta da idade, sendo estes versos agrupados na categoria “Revelado a idade/ Comparação Implícita como se fosse um monumento histórico.”

Esta música reflete e retrata a realidade do momento histórico, dando indícios de que nessa época a imagem da velhice seria negativa, e por isso era negada pela população idosa da época. Outro aspecto interessante ao investigar os discursos anunciados nos versos da canção, é que se estabelecem os diálogos da música popular brasileira com a história da população idosa em nosso país, viabilizando o conhecimento da realidade e dos dilemas enfrentados pela nossa população.

2.3.3- Informações sobre os Compositores da canção “Bons tempos”

Quadro 8 - Ficha Técnica da música Bons tempos

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1958	Bons tempos	Floriano Ribeiro/Otávio Lobo/Mário Telaroli	Roberto Silva

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2022.

Foi realizada pesquisa em livros e sites da internet não sendo encontrado nada que façam referências aos três compositores. Abaixo, a letra da canção “Bons tempos”.

2.3.4.- Letra da música “Bons Tempos”

*Sinto que a velhice vem chegando
Os velhos cabelos negros já estou pintando
Já vai muito longe minha mocidade
Ai ai ai meu Deus quanta saudade
Quem me dera que eu fosse o que fui alguns anos atrás
Bons tempos que não voltam mais
Não tenho inveja porque eu soube aproveitar
Venha minha mocidade para agora descansar
Nas rugas em meu rosto e que me fazem recordar
Bons tempos que não podem mais voltar*

A princípio a canção descreve a manifestação dos sinais do processo de envelhecimento “*Sinto que a velhice vem chegando*”, o que conduz algumas pessoas longevas a negarem e a esconderem os traços desta fase, por exemplo, pintando o cabelo “*Os velhos cabelos negros já estou pintando*”.

A sociedade ainda estabelece um padrão às mulheres para que não assumam seus cabelos grisalhos ou brancos, em oposição aos padrões imperativos de beleza muitas delas têm aceitado seu processo de envelhecimento, e buscado vivenciar este processo natural e inevitável com mais liberdade, pois o simples fato de usarem tintas nos cabelos remete à escravidão e prisão. Dentro dos espaços midiáticos virtuais, como sites e páginas de Facebook, há uma onda de incentivo e valorização aos cabelos brancos, contribuindo para que diversas mulheres na velhice aceitem a cor natural dos seus cabelos, e rompam assim com os padrões de beleza estabelecidos pela sociedade (ARAÚJO, 2019). O fato de a pessoa idosa ocultar as marcas do envelhecimento é considerado como uma negação a esse processo, sendo vinculado a uma produção de sentido negativo. Na contemporaneidade, existem duas imagens atreladas ao idoso, a saber: visto por sua sabedoria e experiência conquistada com a idade, e a outra concepção está relacionado ao estranhamento, rechaço e exclusão social (TEIXEIRA et al., 2016).

Desde antes da quarentena, e agora com o cenário atual, muitas famosas tem escolhido assumir seus cabelos brancos, entres elas, as apresentadoras: Renata Vasconcellos (49 anos), Carla Vilhena (54 anos) e Sandra Annenberg (53 anos); as atrizes Samara Felippo (42 anos), Glória Pires (57 anos), Suzana Alves (42 anos) e Cássia Kis (63 anos); e as cantoras Fafá de Belém (64 anos), Alcione (73 anos) e Preta Gil (47 anos), servindo de inspiração para tantas mulheres no sentido de aceitação do novo processo que estão vivenciando, assumindo sua beleza natural.

Mirian Goldenberg (2021) diz que por muitos anos as mulheres que não pintavam o cabelo eram acusadas de não serem femininas, de não investirem na beleza e desleixadas. Hoje, passa a ser considerado um modelo de beleza legítimo, onde as mulheres com mais de 60 anos estão mais atenciosas em relação à essência do que com a aparência, e libertando-se quanto aos padrões alheios de aparência.

Embora haja mudanças significativas quanto ao discurso e ao comportamento referente aos cabelos brancos, os valores sociais estão mudando lentamente, visto que nosso país ainda valoriza a juventude e despreza a velhice (MIRIAN GOLDENBERG, 2021).

Diante destas manifestações dos sinais da velhice, o eu-lírico percebe que os anos já se passaram, não sendo mais o jovem que um dia fora com toda a sua vitalidade de “*Já vai muito longe minha mocidade*”. E lembra com nostalgia da sua jovialidade “*Ai ai ai meu Deus quanta saudade/ Quem me dera que eu fosse o que fui alguns anos atrás/ Bons tempos que não voltam mais*”. Há uma supervalorização do passado e de sua mocidade, demonstrando rejeição a uma sequência natural do desenvolvimento que corresponde à velhice. Desmerece toda experiência e conhecimento que possa ter adquirido com a jornada da vida, identificando uma contraposição ao que é novo e, conseqüentemente, ao presente, pois simboliza o novo.

Contrapondo esta imagem passiva da velhice transmitida na canção, está cada vez mais comum a gravidez de mulheres com idade igual ou superior a 60 anos. De acordo com dados do IBGE (2019) concernentes ao período de 1998 até 2018 comprovam que aumentou em 88,5% o número de mulheres que se tornaram mães após os 40 anos. Isto porque com os avanços da medicina reprodutiva, como a inseminação artificial e a fertilização *in vitro*, mesmo mulheres na menopausa podem ter filhos. Outro fator que levam algumas mulheres a engravidarem nessa idade é a intenção de ajudarem seus filhos a realizarem o sonho da maternidade por meio da técnica barriga solidária ou útero de substituição. Este procedimento utiliza a fertilização *in vitro*, técnica de reprodução assistida que consiste na união do espermatozoide com o óvulo em ambiente laboratorial para formação do embrião que depois é introduzido no útero.

Tal procedimento é indicado para mulheres que apresentam problemas médicos, que impedem ou contraindiquem a gestação ou em casos de união homoafetiva. As doadoras temporárias do útero devem pertencer à família de um dos parceiros em parentesco consanguíneo até o quarto grau. Ou seja, só podem ceder a barriga solidária as mães (primeiro grau), irmãs ou avós (segundo grau), tias (terceiro grau) e primas

(quarto grau). Nas demais situações, é preciso da autorização expressa do Conselho Regional de Medicina.

Em 2019 destaca-se aqui dois casos que repercutiram nos meios de comunicação: De acordo com uma matéria veiculada pelo portal G1 (2019) uma americana de 61 anos deu à luz sua própria neta ao emprestar sua barriga para a gestação do bebê de seu filho homossexual e do marido dele. E em nosso país, o caso da auxiliar de enfermagem, de 61 anos, de Londrina, no Paraná, que deu à luz seu primeiro filho (VEJA, 2019). No Brasil, existem as resoluções do Conselho Federal de Medicina (CFM) e o Provimento nº 52/2016 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que discorre sobre a chamada “gravidez por substituição”, que pode ser popularmente chamada de barriga solidária.

Mirian Goldenberg (2019) em entrevista à revista Veja sobre gravidez tardia (mãe perto dos 50 anos ou mais), considerando a evolução da ciência, vinculados aos casamentos tardios e a carreira profissional descreve como estas mulheres estão vivenciando a maternidade de uma maneira livre, ganhando o direito de escolher o tempo oportuno para ter filhos ou não, desta forma respeitando o seu próprio tempo e desejo.

O eu-lírico vê a mocidade como bons tempos da sua vida, no entanto, declara que não possui inveja, pois viveu intensamente esta fase de sua vida, o que fica claro no verso: “*Não tenho inveja porque eu soube aproveitar*”. Uma pesquisa realizada em um abrigo de longa permanência no estado do Rio de Janeiro expõe que existem distintas velhices a serem vividas pelos indivíduos, sendo a bela velhice fruto de uma vida bem vivida. Nela, um dos entrevistados informa que desde a infância até a sua mocidade aproveitou profundamente a sua vida, e por isso considera-se feliz (BALDIN, 2016).

Agora, frente à velhice, o eu-lírico entende que terá que se adaptar a um novo ritmo de vida, as novas demandas do corpo e da mente “*Venha minha mocidade para agora descansar*”. Na variação de conceitos que contemplam a velhice esta etapa da vida também é conhecida como uma fase de descanso, de aproveitamento do tempo, de novas aprendizagens (DARDENGO; MAFRA, 2018). Mas o ritmo de vida nem sempre desacelera na velhice, visto que na atualidade os idosos têm tido um papel atuante na política, em especial na esfera municipal. Em uma pesquisa realizada no Estado de São Paulo e na região Sudeste comprova que estas faixas etárias apresentam maior representação. Diante da complexidade que envolve a política, a experiência adquirida pelo tempo de parlamento e conseqüentemente pelo avançar da idade são fatores importantes para lidar com esta realidade. Então, se utilizam da experiência adquirida com a idade a seu favor, e percorrem a cargos de maior poder dentre a política,

interligando diversas áreas, demonstrando recusar as representações sociais que permeiam a sua idade (KATO et al., 2020).

Quando faz menção às marcas da velhice em seu corpo “*Nas rugas em meu rosto e que me fazem recordar*” relembra por meio delas a sua própria história de vida. No momento em que a pessoa é marcada pelo tempo nem sempre acontece de maneira perceptível, pois quase nunca o indivíduo se dá conta do processo de envelhecimento e das constantes transformações que o corpo passa a cada instante. Então, a cada momento o indivíduo morre um pouco, sendo o aparecimento das rugas algo natural desta fase (MONTEIRO, 2015).

Em 2017, ao ser entrevistada pela ISTOÉ (2019), a atriz global Laura Cardoso falou sobre aparência aos 90 anos. Frente ao seguinte questionamento sobre sua aparência física: "Você é uma das poucas atrizes de sua geração que não passaram por cirurgias plásticas, certo?" respondeu: “Tinha uma colega que dizia que minha autoestima era grande, porque eu sempre confiei na minha cara do jeito que estava (*risos*). Não tenho problema algum com minhas rugas. Meu rosto reflete a minha vida, a minha alma, o que amei, o que sofri. Eu me gosto assim. "Atualmente, com a idade de 94 anos, está no ar com a novela “Flor do Caribe”, da TV Globo, sendo umas das atrizes que mais fizeram novelas na história da TV brasileira, contabilizando mais de 60 trabalhos.

No final da estrofe o eu-lírico constata que tudo que viveu em sua mocidade não pode mais ser revivido: “*Bons tempos que não podem mais voltar*”, assim, tendo que aceitar esta nova condição. E a aceitação da velhice pode vir carregada de sofrimento psíquico, pois nesta nova realidade o indivíduo é atravessado pela castração do seu próprio ser, simbolizado através das transformações do eu, implicando na perda de si mesmo, e o trabalho de luto do eu e do corpo jovem contempla o complexo narcísico-depressivo (NOVAES et al., 2017).

A partir das transformações do eu e do seu corpo no processo de envelhecimento, se visa compreender acerca das imagens das velhices, se utilizando da análise interpretativa das letras das canções, e influenciada pela técnica de Análise de Discurso e pelo pensamento de Max Weber (1998) por meio da sociologia da música, sintetizando em um quadro os principais pensamentos desta década acerca da velhice transmitidos na canção. Segue abaixo um quadro organizado em duas vertentes: com os trechos da letra da música e com a análise interpretativa.

Quadro 9 - Análise Interpretativa da música (Bons tempos)

Trechos da letra da música (Bons tempos)	Análise Interpretativa da música
Sinto que a velhice vem chegando/ Os velhos cabelos negros já estou pintando/ Já vai muito longe minha mocidade	Negação da velhice (com a chegada dos sinais da velhice pinta dos cabelos)
Ai ai ai meu Deus quanta saudade/ Quem me dera que eu fosse o que fui alguns anos atrás/ Bons tempos que não voltam mais	Saudosismo (admiração excessiva pelo que já representou no passado)
Não tenho inveja porque eu soube aproveitar/ Venha minha mocidade para agora descansar/ Nas rugas em meu rosto e que me fazem recordar/ Bons tempos que não podem mais voltar	Supervalorização do passado (bons tempos a fase da juventude)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Como já foi citado, o psicanalista Freud (1996) diz que o fato de negar uma questão já considera o assunto. Quando o compositor inicia os versos da canção descrevendo o eu-lírico com chegada da velhice por meio das manifestações dos sinais do seu corpo, e esse decide escondê-los pintando o cabelo, se permite a cogitação de que o cenário social daquela época não era favorável para este público, haja visto a necessidade da utilização dessa prática. E tal conduta vem acompanhada do relato de saudosismo “*a minha mocidade está muito longe*”. Então, possivelmente por conhecer a realidade da pessoa idosa nesse dado momento histórico, escolhe a condição de negação. Assim, foi realizado o agrupamento dos versos que anunciavam estas informações na categoria “*negação da velhice*”.

Estas sentenças trazem uma reflexão sobre as questões sociais, e promovem conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes nessa realidade social, dando indícios da necessidade de revisão do lugar do idoso na sociedade, com a finalidade de modificar a imagem de excluído ou marginalizado estabelecida pela sociedade, pois esta fase precisa simbolizar um lugar comum a todos, repleta de momentos felizes e negativos, comparada a qualquer outra fase, afim de que este ator social não precise negar a sua condição, e conseqüentemente, encontre seu lugar de valor social.

Buscando a compreensão deste cenário social se identificou que mesmo a literatura apontando uma melhora na qualidade de vida dessa população (CAMARANO, 2004) os versos da canção denunciam a ausência de um espaço social que viabilize a sensação de acolhimento e de utilidade frente ao processo de envelhecimento, na intenção de contribuir para que este ator social aceitasse a sua velhice, e encarasse esta fase com originalidade, liberdade, modo e estilo de vida próprio, colaborando assim para a

desconstrução e desmistificação de preconceito e estereótipos impostos à imagem da pessoa idosa.

Nessa sociedade, ao se pensar criticamente na construção da imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento, é notório o saudosismo nos versos da canção, identificando uma admiração excessiva pelo que o eu-lírico já representou no passado, e uma exaltação pelo tempo da juventude, definido enfaticamente como “bom”. Então, aquilo que não corresponde à fase da mocidade seria o antagônico. Como a pessoa longeva desse momento se vê em uma fase ruim, logo a imagem da sua velhice será negativa. Há uma passagem bíblica no livro de Provérbio 23.7 que corrobora com este pensamento: “assim como você pensa na sua alma, assim você é!”. Portanto, a maneira como o idoso pensa acerca da sua condição e de si reflete na percepção da sua autoimagem.

Por trás desse retrato e sentido negativo atribuído à velhice, há um idoso fragilizado emocionalmente, insatisfeito com o seu lugar e espaço na sociedade, infeliz diante a sua nova condição de vida, isolado pela ausência do sentimento de pertencimento ao seu contexto, baixa autoestima frente à desvalorização social e indignado com o seu processo natural de envelhecimento e assim recusa a sua autoaceitação. Estes versos que expõem este conteúdo estão agrupados na categoria “saudosismo.”

Além da saudade excessiva por parte do eu-lírico pelo que já representou, evidencia uma supervalorização do passado, onde descreve o tempo da juventude como bons tempos que não podem mais voltar. A partir dessa afirmativa surgem alguns questionamentos: Porque limitar apenas uma fase da vida como boa? Porque associar o contentamento com a vida apenas na intensidade de desfrutar a mocidade? Quando o eu-lírico afirma não sentir inveja dos que vivem a juventude porque soube aproveitar “*Não tenho inveja porque eu soube aproveitar*” a velhice difundida na canção traz a ideia de descanso, rugas e recordação.

Ao analisar o retrato cantado e sentido atribuído acerca das velhices no verso “*Venha minha mocidade para agora descansar*”, encontra-se um lugar de passividade, imobilidade e inatividade ocupados pelos idosos da época, provavelmente pela ausência da força física ou habilidades mentais exigidas para o trabalho. Na perspectiva do capital, Marx (1990) enfatiza que por muito tempo o idoso foi visto como improdutivo e obsoleto, tendo que ceder seu lugar no mercado de trabalho as novas gerações, colaborando para o sentimento negativo desse processo e de perda do valor social.

Apontado como um recurso negativo que suscita a volta ao passado, “*as rugas*”, funcionam como gatilhos para a recordação, sendo os sinais externos mais evidentes do

processo de envelhecimento. Reconhece a importância de resgatar as lembranças dos longevos, desde que não afete a sua qualidade de vida, em desfrutar do novo. O último verso narra que estes *“Bons tempos que não podem mais voltar”*, e isto demonstra a supervalorização do passado, que prejudica a possibilidade de enxergarem boas coisas no presente. Tais versos que expressam estes pensamentos estão agrupados na categoria “supervalorização do passado”.

Apesar de a canção demonstrar na última estrofe uma aceitação da velhice por parte do eu-lírico, não foi possível identificar na mensagem o fato de que essa fase pode ser vivenciada de maneira digna e prazerosa. Por isso este estudo traz esclarecimentos acerca das velhices, com a intenção de contribuir para que muitos idosos aceitem esse processo natural do desenvolvimento humano, e assim possam construir uma imagem positiva dessa fase, sendo necessário se despojar de preconceitos, estigmas e estereótipos que associam apenas a imagem da juventude com valor social, e buscar a satisfação pessoal com a maior ou menor capacidade para reinventar a sua própria vida frente às mudanças oriundas desta fase.

2.3.5- Informações sobre o Compositor da canção “Vendedor de Caranguejo”

Quadro 10 - Ficha técnica da música Vendedor de Caranguejo

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1959	Vendedor de caranguejo	Gordurinha	Ary lobo

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2022.

Waldeck Artur de Macedo, nascido no dia 10 de agosto de 1922 na cidade da Bahia, recebeu seu apelido de Gordurinha em 1938, quando iniciou no mundo da música através do grupo Musical “Caídos do céu” realizando apresentações na Rádio Sociedade da Bahia. cursou a Faculdade de Medicina, mas optou pela carreira artística. É considerado um artista inovador, pois se utilizou de melodias e harmonias não convencionais ao gênero. A sua viagem ao Recife foi inspiração a sua clássica música Vendedor de Caranguejo (dando visibilidade ao compositor ao ser regravação por Gilberto Gil incluída no CD Quanta). É reconhecido pelo uso da linguagem cancionista para alertar os problemas sociais do país. Em 1969o compositor veio a óbito em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro (LETRAS, 2022). A seguir, a letra da canção “Vendedor de Caranguejo”

2.3.6 Letra da música “Vendedor de Caranguejo”

*Caranguejo Uçá
Caranguejo Uçá
Apanho ele na lama
E boto no meu caçua
Tem caranguejo
Tem gordo goiamum
Cada corda de dez
Eu dou mais um
Eu dou mais um
Eu dou mais um
Cada corda de dez
Eu dou mais um
Eu perdi a mocidade
Com os pés sujos de lama
Eu fiquei analfabeto
Mas meu filho criou fama
Pelo gosto dos meninos
Pelo gosto da mulher
Eu já ia descansar
Não sujava mais os pé
Os bichinho tão criado
Satisfiz o meu desejo
Eu podia descansar
Mas continuo vendendo caranguejo*

A canção inicia descrevendo a atividade profissional desempenhada por um idoso "Caranguejo Uçá/Apanho ele na lama/E boto no meu caçua/Tem caranguejo/Tem gordo goiamum/Cada corda de dez/Eu dou mais um". A partir destes versos infere-se a relevância da atividade ocupacional na vida deste indivíduo que reflete na construção da sua identidade. Em consonância com os achados de Augusto e Neto (2016), que comprovam que o trabalho está relacionado diretamente nas diversas formas de inserção social dos indivíduos e que a ausência do mesmo acarreta em sofrimento provocado pela perda da identidade social.

Pesquisa realizada pela Secretaria de Trabalho do Ministério da Economia, disponível na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), confirmou o aumento de 43% entre 2013 e 2017, saindo de 44 mil para 649,4 mil, o número de idosos que estão trabalhando com carteira assinada. Mesmo com o avançar da idade, determinados idosos escolhem permanecer na ativa, e são exemplos de vitalidade, como por exemplo, os atores e atrizes nacionais. Na época com 91 anos, a atriz Laura Cardoso, disse em entrevista ao programa do canal Viva no ano de 2017, que não se imaginava sem estar trabalhando, e desfrutando apenas do dinheiro de aposentadoria:

“Nunca que quero me aposentar e fazer tricô, já falei 500 vezes, não sou a velhinha que faz tricô, sou um demônio, quero trabalhar, interpretar, fazer mil vidas. Até sei fazer tricô, mas não, ficar quietinha, não. Não posso viver sem trabalhar, sem me imaginar fazendo teatro, TV, cinema, não consigo, aí eu morro”, disse ela (CARDOSO, 2017).

Este pensamento do trabalho ser crucial para a elaboração de sentido da vida, e contribuir para a sensação de rejuvenescimento na vida de uma pessoa, também é compartilhado por outras celebridades, destacando os autores: Tony Ramos (73 anos), Lima Duarte (91), Antônio Fagundes (72), Fernanda Monte Negro (91 anos), Suzana Vieira (79 anos), Ana Maria Braga (72 anos) que continuam desempenhando suas atividades profissionais. Mirian Goldenberg (2013) em seu livro “A bela Velhice” traz a imagem da pessoa idosa de maneira ativa e que possui um projeto de vida particular. Mesmo aposentados, determinados idosos preferem trabalhar com a finalidade de manter a mente ativa, assim como pela própria atividade profissional, que pode simbolizar significado de vida.

Devido ao eu-lírico dedica-se de maneira intensa ao trabalho, este não desfrutou dos prazeres da vida *"Eu perdi a mocidade/ Com os pés sujos de lama"*, dando a entender que não tinha tempo para qualquer outra atividade, nem mesmo para os estudos: *"Eu fiquei analfabeto"*. Todavia, esta abdicação de investir tempo no processo de leitura resultou em condições favoráveis para o excelente desenvolvimento intelectual dos filhos, *"Mas meus filhos criou fama"*. Estes versos da canção narram histórias de vida de idosos analfabetos marcadas pelas mazelas de uma vida de luta. A ausência de estudos na vida de determinados idosos contribui para o sentimento de exclusão social perante a sociedade, no sentido de aumentar as dificuldades em acompanhar as tecnologias que dependem de leitura e escrita, levando a ficarem dependente do auxílio dos filhos ou de terceiros na realização de coisas simples nas suas rotinas diárias. Embora o analfabetismo reflita de maneira negativa na vida do indivíduo, comumente, estes demonstram orgulho de terem trabalhado duro para criarem seus filhos, mesmo cientes de que uma vida de estudos oportunizaria maiores facilidades no decorrer de sua vida. Carregam dores e sofrimentos diante da desvalorização da sua pessoa, e conseqüentemente dos seus conhecimentos conquistados com o passar da idade tanto pelos familiares quanto pela sociedade.

Com a chegada da velhice, os filhos e a esposa não vêem a necessidade da continuação do trabalho do idoso *"Pelo gosto dos meninos/Pelo gosto da mulher/Eu já ia descansar/ Não sujava mais os pés"*, uma vez, que seu propósito havia sido cumprido e

agora os filhos já não são dependentes "*os bichinho tão criado*". O fato de alguns idosos continuarem sendo provedores e chefes do lar ainda se reproduz em nossa sociedade, mesmo quando os filhos já constituíram família, e isto é justificado em parte na instabilidade do mercado de trabalho, que torna a renda da família insuficiente para atender às suas demandas tendo que recorrer ao benefício da aposentadoria do idoso (SAMPAIO et al., 2019).

A motivação do eu-lírico relacionado ao trabalho foi mudando com o tempo, pois desempenhava suas atribuições profissionais para garantir o recurso financeiro da sua família, missão esta que o idoso conseguiu cumprir e deleita-se com os resultados "*Satisfiz o meu desejo*", ganhando o direito de se afastar do trabalho "*Eu podia descansar*". Todavia, o eu-lírico decidiu continuar com a sua ocupação profissional "*mas continuo vendendo caranguejo*", demonstrando que exercia a sua atribuição não apenas por uma mera remuneração, mas por representar a sua subjetividade. Assim, o trabalho não simboliza apenas um meio de subsistência, como também possibilita a construção de uma rede de relações e contatos, organizando o tempo de cada indivíduo, e o espaço na sociedade por intermédio de direitos e deveres (ELOI; LIMA; SILVA, 2019). A permanência no mundo do trabalho tem como principal motivo a necessidade de se sentir produtivo, reforçando a relevância do trabalho para a constituição da identidade (KHOURY et al., 2010).

Tendo consciência da centralidade do trabalho na construção da identidade, professores universitários mesmo aposentados por questões governamentais e mudanças de leis, buscam outras atividades como maneiras de si sentirem útil, assim como, para não perderem o contato com seus pares, e pela sensação de poder ainda contribuir com a sociedade. Até mesmo um professor universitário que se aposentou pela idade máxima de 70 anos decidiu trabalhar sem nenhuma retribuição financeira visando apenas o sentimento de pertença social (LIMA, 2017).

....o trabalho na vida dessas pessoas tem um sentido de viver, se sentir completos e a perda desse lugar causa mal estar entre a maior parte dos respondentes. Voltar ao trabalho significa também ter direito a um aumento na renda o que para eles dá direito a uma velhice e fase de vida mais digna. A perda desse lugar não seria apenas deixar de desenvolver uma atividade que gosta, mas também significa dizer que muitos temem o esquecimento, o afastamento do meio social, a perda dos contatos e isso traz consigo uma grande perda para alguns.
(LIMA, 2017, p. 87).

Tendo consciência do sofrimento psíquico ocasionado pela saída do contexto profissional, determinados idosos não estão mais se afastando das suas atividades profissionais, visto que a aposentadoria, a dependência física e a impotência ocasionam

o medo de envelhecer, sobretudo aos homens (GOLDENBERG, 2020), se mantém no trabalho para se sentirem ativos e em sociedade, e principalmente pela necessidade de complemento de renda, sendo as experiências acumuladas desses atores sociais vistas como exemplar pelo seus gestores. E isto nos leva a ver o envelhecimento como algo natural, demonstrando, em vários casos, que os idosos podem superar em qualidade e responsabilidade o trabalho dos mais jovens (DERROSSO; OLIVEIRA, 2018). Vale ressaltar que uma velhice tristonha também é fruto de ausência de planos e elaboração de projeto de vida na maturidade (GOLDENBERG, 2018).

Mediante a relevância da centralidade do trabalho na construção da imagem do indivíduo, e influenciado pela análise interpretativas das letras das canções, e técnica de Análise de Discurso e pelo pensamento de Max Weber (1998) por meio da sociologia da música, sintetizou em um quadro os principais pensamentos desta década acerca da velhice, com a intenção de analisar o discurso musical da canção para “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (ORLANDI, 2009, p. 46). Segue abaixo um quadro organizado em duas vertentes: com os trechos da letra da música e com a análise interpretativa.

Quadro 11- Análise interpretativa da música (Vendedor de Caranguejo)

Quadro - Trechos da letra da música (Vendedor de Caranguejo)	Análise Interpretativa da música
Caranguejo Uçá/ Apanho ele na lama/ E boto no meu caçuaá/	Descrição de sua experiência de trabalho
Eu perdi a mocidade/ Com os pés sujos de lama/ Eu fiquei analfabeto/ Mas meus filho criou fama	Autossacrifício (narrativas de vidas marcadas pelo sofrimento)
Pelo gosto dos meninos/ Pelo gosto da mulher/ Eu já ia descansar/ Não sujava mais os pé/ Os bichinho tão criado/ Satisfiz o meu desejo/ Eu podia descansar Mas continuo vendendo caranguejo	Centralidade do trabalho

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

As primeiras estrofes da melodia iniciam descrevendo o dia de trabalho do eu-lírico da canção, possivelmente chamando a atenção para a relevância desse assunto para a vida dos longevos, afim de que se analise por meio dele o retrato cantado e sentido atribuído acerca da velhice nessa canção, sendo os versos que expõem este conteúdo agrupados na categoria “descrição da sua experiência de trabalho.”

Com base no discurso transmitido pelos versos da canção, detecta-se a significância do trabalho para vida dos longevos, refletindo na imagem da velhice e do processo de envelhecimento. Ao se pensar nessa imagem, evidencia-se nos versos da

canção uma narrativa de vida do eu-lírico marcada pelo sofrimento, ocasionada pelo pensamento de que a felicidade seria produto do sacrifício de sua liberdade, tendo que renunciar a sua mocidade e os estudos em prol do bem-estar dos filhos. Os versos que expõem esta ideia foram agrupado na categoria “autossacrifício”.

Compreendendo a construção da imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento pela sociedade da época a partir da perspectiva do autossacrifício, considera que são idosos que colocaram durante toda a sua vida um foco excessivo no atendimento das necessidades de outras pessoas, em detrimento das próprias necessidades, julgando os outros como mais frágeis, levando a esquecer de si, pois também possui suas vulnerabilidades tanto quanto os demais, e são merecedores de cuidados.

O fato de esse idoso menosprezar seus interesses e direitos em prol do bem-estar do outro, levanta a reflexão sobre as questões sociais, e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, pois considerando um cenário social ainda hostil a este segmento populacional, existiria um ator social com pouca garra para lutar pelo seu lugar e pelas suas prerrogativas legais relacionadas aos direitos dos idosos e à seguridade social, predominando um estado de conformismo.

Este lugar de passividade destinado ao idoso é nítido nos próximos versos, onde as pessoas do mesmo contexto social persuadem este idoso a o lugar de descanso, “*Eu já ia descansar*”. Repassando a mensagem de que o eu-lírico já teria cumprido seu papel com a sociedade, e por isso não precisaria mais exercer suas atividades laborativas, perdendo agora sua função social, “*Os bichinho tão criado/ Satisfiz o meu desejo/ Eu podia descansar*”. Mesmo o eu-lírico tendo uma imposição social para assumir o lugar de passividade devido a sua faixa etária, rompe com o padrão esperado, escolhendo continuar a exercer sua atividade profissional, levando a compreender que o avançar da idade deixar o eu-lírico mais confiante para tomar suas decisões decidindo continuar trabalhando, e nos últimos versos da canção reforça os pensamentos iniciais da música sobre a centralidade do trabalho na identidade e imagem do indivíduo “*Mas continuo vendendo caranguejo*”.

Embora os dados históricos evidenciem mudanças positivas relacionados a qualidade de vida dos idosos (CAMARANO, 2004), no discurso musical é explícito ainda uma visão preconceituosa e negativa da velhice, sendo estabelecido ao eu-lírico uma barreira por conta da idade em continuar a realizar suas atividades laborativas, criando parâmetros para determinar o lugar de descanso e passividade para o idoso. Nos dias vigentes, é ciente que este ator social é livre para fazer suas escolhas de vida, podendo

continuar a contribuir ativamente com a sociedade, e transformar o envelhecimento em uma experiência positiva.

Frente as três músicas analisadas concernente a essa década “*Ela foi fundada*”, “*Bons tempos*” e “*Caranguejo*” se encontra velhices descritas com um tom melancólico, marcada pela negação dessa fase pelo eu lírico das canções. Na primeira canção o eu lírico da canção busca aderir aos padrões estéticos vigentes como meio de apresentar uma imagem mais nova, estabelecendo o vínculo de beleza a imagem da pessoa jovem: “*Que passa dos sessenta/Coitada está cansada/De ficar no espelho/Tapando seus buracos*” identificando insatisfação dos idoso com a sua autoimagem, e encontrando o descompasso entre a sua aparência e o estado de espírito; a segunda canção “*Bons tempos*” retrata que com a chegada da velhice o eu-lírico pinta os cabelos agindo como uma maneira de negação dessa etapa, sendo esta atitude acompanhada do discurso de saudosismo (admiração excessiva pelo que já representou no passado) e supervalorização do passado (bons tempos a fase da juventude) “*Quem me dera que eu fosse o que fui alguns anos atrás*” “*Bons tempos que não podem mais voltar*”. Já na última música dessa década analisada “*Caranguejo*” o eu-lírico se depara com uma velhice negativa consequência dos auto-sacrifícios que fez durante a juventude, tais condutas de sacrifícios do passado extinguem da pessoa idosa no presente a esperança de uma bela velhice. O discurso musical dessa canção traz o “trabalho” como um “ato de si doar” em benefício de outros, ocupando o exercício profissional uma centralidade na identidade do indivíduo, pois com o avançar da idade o eu-lírico tendo o direito de se aposentar escolhe permanecer no mercado de trabalho, pois já não trabalhava pela remuneração salarial, mais por fazer parte de sua satisfação pessoal “*Satisfiz o meu desejo*”.

Os idosos que decidem manterem-se ativos, encarando e aceitando as mudanças e desafios inerentes a essa fase, pode repercutir tanto em benefícios pessoais relacionados ao fortalecimento da autoestima e autoconfiança diretamente associada ao crescimento profissional e aprendizagem de novas habilidades, quanto o enriquecimento para o setor empresarial no sentido de possuir colaboradores com mais maturidade e que prestam um serviço de qualidade e compromisso (DERROSSO; OLIVEIRA, 2018). O posicionamento positivo do idoso frente ao seu processo de envelhecimento acrescido dessa conjuntura social que possibilita a inserção desse idoso no contexto de trabalho contribui para a quebra de paradigmas, preconceitos e estereótipos no qual vincula a imagem do velho a doenças, inutilidade e limitação.

2.4 - Recorte histórico da década de 60

De acordo com Simões (1998) por muitos anos a velhice foi caracterizada pela pobreza, inatividade e quietude. No entanto, na década 1960, novas imagens começaram a ser vinculadas ao processo de envelhecimento, entre elas, a saúde, atividade, aprendizagem e satisfação pessoal, apresentando duas dimensões, sendo visto por uma parcela da população como sucessão de perdas, e para outros como uma fase da vida de observação e equilíbrio. A seguir, o quadro com a ficha técnica das músicas “Degraus da Vida e O Velho” que foram analisadas com a intencionalidade de desvendarem as imagens das velhices na década de 60.

Quadro 12- Ficha Técnica das músicas Degraus da Vida e O Velho

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1961	Degraus da vida	Nelson Cavaquinho/ César Brasil/ Antônio Braga	Roberto Silva
1968	O velho	Chico Buarque	Chico Buarque

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

2.4.1- Informações sobre os Compositores da canção “Degraus da vida”

Em 1911 nasceu no estado do Rio de Janeiro o sambista, compositor e cantor, Nelson Antônio da Silva, que devido ao seu modo de tocar o violão e o cavaquinho, recebeu o apelido Nelson Cavaquinho. A música foi introduzida em sua vida por influência de seu pai, Brás Antônio da Silva, músico da banda da Polícia Militar e seu tio Elvino que tocava violino. Trabalhou na Polícia realizando rondas noturnas a cavalo, por isso começou a frequentar o Morro da Mangueira conhecendo vários sambistas, entre eles, Cartola. Suas composições foram marcadas pela melancolia e constância de assunto relacionadas a morte. O compositor foi conhecido por casualmente “vender” parcerias de samba que compunha sozinho, entre eles, uma parceria suspeita foi com César Brasil, proprietário de um velho hotel no centro do Rio de Janeiro, descrito sem habilidade de compor um verso ou de tocar uma nota em qualquer instrumento, foi introduzido na história da música popular brasileira como coautor do samba “Degraus da vida”. De acordo com a publicação de Filho de Jorge (2007) vendia parte dos direitos autorais como uma maneira de ter recursos financeiros para sobreviver, sendo expulso da Polícia em 1938.

Então, não se sabe quem realmente foram seus parceiros musicais, no entanto, consta na canção “Degraus da vida”, descrita logo abaixo, o nome de César Brasil e Antônio Braga. O compositor Nelson Cavaquinho morreu em 1986, aos 74 anos no Estado do Rio de Janeiro (FILHO DE JORGE, 2017). Abaixo, a letra da canção “Degraus da Vida”

2.4.2–Letra da música Degraus da Vida

*Sei que estou
No último degrau da vida, meu amor
Já estou envelhecido, acabado
Por isso muito eu tenho chorado
Eu não posso esquecer o meu passado
Foram-se meus vinte anos de idade
Já vai muito longe a minha mocidade
Sinto uma lágrima rolar sobre meu rosto
É tão grande o meu desgosto*

Compreende-se que nesta canção o compositor expressa seus pensamentos e sentimentos acerca da velhice a um receptor "*Sei que estou/ No último degrau da vida, meu amor*" transmitindo de maneira negativa e desagradável a percepção da velhice, o que leva a concluir de que neste ciclo da vida não tem nada de novo para se viver "*Já estou envelhecido, acabado*", tal pensamento pode ser decorrente das modificações provenientes do processo de envelhecimento, que, em alguns casos, leva pessoas a manifestarem algumas limitações afetando a sua qualidade de vida, deixando de exercer as suas atividades na locomoção de rotina, dificuldade de manter a independência, diminuição da autonomia, fatores que contribuem para a percepção negativa do envelhecimento, ocasionando a não aceitação ou distorção dessa etapa de vida (LIMA, 2016).

Mirian Goldenberg (2013) aponta que em nosso país a maioria das pessoas ainda associa o envelhecer com doenças, limitações físicas, dependência, dar trabalho aos outros, perda da memória, solidão, abandono, falta de respeito, falta de dinheiro e morte, causando medo nas pessoas a vivência dessa fase. Uma imagem da velhice de maneira desfavorável é comum quando os idosos são institucionalizados em Abrigos de Longa Permanência (ALP), frente às inúmeras mudanças ocasionadas pelas adaptações a este novo contexto. Somando ao abandono familiar, Salinet (2018) alerta para o fato ainda desses idosos serem integrantes de um ambiente que não incentiva os cuidados com a imagem corporal, refletindo na baixa autoestima, e nas percepções de perda da juventude

vinculada à perda de beleza, predominando o sentimento de nostalgia da juventude (SALINET, 2018).

Outros idosos institucionalizados possuem sentimento de felicidade, e uma imagem favorável relacionado a velhice devido ao seu estado de saúde (KACZALLA, 2017). Para elucidar acerca do sentimento de felicidade e as condições de saúde dentro deste contexto, faz-se necessário a adoção de medidas promotoras de um envelhecimento ativo, que possibilitem ao idoso institucionalizado mobilizar as suas potencialidades em consonância com a sua condição de saúde/doença (REBELO, 2019). O envelhecimento ativo está relacionado a fatores econômicos, comportamentais e pessoais, e poucos sabem que o envelhecimento constitui uma questão de política pública, não correspondendo a uma responsabilidade meramente individual (FRANCO; BARROS JÚNIOR 2013).

Entendemos que o envelhecimento ativo possa ser almejado de forma individual, mas deve constituir-se para todas as pessoas como Políticas de Direitos Humanos, conforme preconiza a Organização Mundial de Saúde, por meio de vários espaços (FRANCO; BARROS JÚNIOR, 2013, p. 335)

O desconhecimento desta política de direitos humanos pode contribuir para que certos idosos, no caso dos que estão institucionalizados, tenham dificuldades em gozar verdadeiramente do seu direito, já que o clima e a cultura instituídos pela organização são determinantes na forma como o idoso vivencia esse processo (REBELO, 2019). E isto pode levar a pessoa idosa que tinha outrora uma vida totalmente ativa ao se deparar com as limitações ocasionadas pela instituição e pela própria longevidade pode começar a experimentar um sentimento de rejeição a velhice. E como consequência da repulsa a este processo pode experimentar um possível quadro depressivo, representado por uma tristeza profunda e choro intenso: *"Por isso muito eu tenho chorado"*.

O eu-lírico declara que não pode esquecer-se da sua trajetória de vida. Analisando esta afirmação, infere-se que esteja falando do seu desempenho físico, atribuições, valor social, habilidades, competências, entre outras características que dispunha na juventude, *"Eu não posso esquecer o meu passado"*, e relembra do seu passado com grande lamento por não ser mais um jovem: *"Foram-se meus vinte anos de idade/ Já vai muito longe a minha mocidade"*.

O resgate das lembranças na fase da velhice é muito comum, e a memória da pessoa idosa possui um conjunto de referências sociais que reafirmam as suas identidades, pois, na medida que relembra as informações que estão acomodadas em suas memórias, validam a sua existência e operam como a forma de si reconhecer diante as modificações experienciadas ao longo do tempo, bem como oportuniza a conservação da memória

coletiva. Logo, a memória dos idosos é considerada uma ferramenta relevante para afirmação da identidade e para promover a visibilidade das vozes silenciadas (MARINHO,2016). Bosi (1994) aponta como os mais velhos ficam surpreendidos ao terem a oportunidade de contar suas vivências “quem diria que eu iria abrir o livro da minha vida e contar tudo? E agradeço por isso: é bom a gente lembrar” (BOSI, 1994, p.123).

Ao analisar que o tempo passou e que agora é um idoso, enfatiza o sentimento de tristeza "*Sinto uma lágrima rolar sobre meu rosto*", que perpassa a sua alma, levando a um grande desgosto com a vida, reforçando a ideia de um possível quadro depressivo "*É tão grande o meu desgosto*". Possivelmente, o sentimento de tristeza da pessoa idosa é advindo das inúmeras mudanças concernentes a essa fase, adaptação a novos papéis, as mudanças nos espaços de convivência, refletindo nas interações sociais e saúde mental desse indivíduo.

Ciente da variedade de fatores que interferem de maneira negativa na velhice, Mirian Goldenberg (2019) lançou o seu livro *Liberdade, Felicidade e Foda-se* que traz perguntas e respostas para se viver mais feliz, e desvenda alguns segredos na busca pela felicidade, como: valorizar o tempo; realizando uma faxina existencial no sentido de excluir da nossa vida tudo que faz mal, até mesmo pessoas, se for o caso; e isto resultará em não desperdiçar o tempo com “vampiros emocionais” que significa tudo aquilo que rouba energia, o tempo e a atenção; aproveitando a vida por meio de sorrisos e brincadeiras, cultivando os amigos e, quando preciso, acionar o botão do foda-se que está relacionado a não se preocupar com a opinião alheia, assim, todas estes fatores são verdadeiros antídotos a uma vida tristonha (GOLDENBERG, 2019).

Ao saber dos diversos fatores associados à imagem da velhice, repercutindo de maneira positiva ou negativa a esta fase, baseada na análise interpretativa das letras das canções, técnica de Análise de Discurso e pelo pensamento de Max Weber (1998) por meio da sociologia da música, se busca um posicionamento que viabilize contemplar as produções de sentidos das canções em suas condições (ORLANDI, 2009), sintetizando em um quadro os principais pensamentos desta década acerca da velhice transmitidos na canção. Segue abaixo um quadro organizado em duas vertentes: com os trechos da letra da música e com a análise interpretativa.

Quadro 13 - Análise Interpretativa da música (Degraus da Vida)

Trechos da letra da música (Degraus da Vida)	Análise Interpretativa da música
Sei que estou/ No último degrau da vida, meu amor/ Já estou envelhecido, acabado/ Por isso muito eu tenho chorado/ Sinto uma lágrima rolar sobre meu rosto/É tão grande o meu desgosto	Melancolia (estado de grande tristeza e desencanto)
Eu não posso esquecer o meu passado/ Foram-se meus vinte anos de idade/ Já vai muito longe a minha mocidade	Saudosismo (valorização demasiada do passado)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Desde os primeiros versos há uma transmissão de um discurso melancólico referente à velhice, então, quando se analisa o retrato cantado e sentido atribuídos acerca das velhices nessa canção, encontra-se uma visão pessimista que o próprio idoso tem de si, acarretando no sofrimento psíquico relacionado à sua autoimagem. Este conteúdo tristonho foi agrupado na categoria “melancolia.”

Diante este estado de grande tristeza e desencanto com a vida, investiga-se a construção da imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento pela sociedade da época, denunciando que esta visão negativa que o idoso tem sobre si não é apenas um ponto de vista particular, mas está alicerçado em uma representação da coletividade. Pautado nos pensamentos do sociólogo Émile Durkheim (2007) os atores sociais são influenciados pelo seu contexto social na maneira de enxergar a vida.

Eis, portanto, uma ordem de fatos que apresentam características muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele (Durkheim, 2007, p.03).

Os pensamentos, juntamente com a conduta humana, não são construídos pelo simples prisma individual de ver o mundo. Todavia, pela maneira que a sociedade quer que este mundo seja visto. Sendo assim, esta imagem desfavorável, no qual o eu-lírico tem se caracterizado como “*acabado*” é advinda das representações sociais da época elaborada acerca da velhice. Estabelecendo uma única imagem para a velhice com sentido negativa. A partir dessa imagem nociva da velhice que a sociedade tinha dessa faz e aproveita-se para meditar sobre as questões sociais, e conexões entre as letras das

melodias e as vivências presentes na realidade social, apontando ser um período histórico ainda com inúmeras barreiras e preconceitos associados a esta fase da vida. Trata-se de uma sociedade que rejeita este ator social, não oportunizando um espaço acolhedor para este segmento da população, por isso, o eu-lírico reforça o seu desgosto ao se encontrar nessa fase da vida. Prevalecendo uma visão retrógada da velhice, sendo evidenciado apenas na canção uma exaltação demasiada ao passado, e por isso foram agrupados os versos da canção que transmitem este “saudosismo.”

Mirian Goldenberg (2018), ao pesquisar os “superidosos”, pessoas com 90 anos, descreve em seu livro as conquistas diárias desse público, e relata como estes longevos estão ativos, e com muita disposição física e tesão em tudo que fazem. Desejam viver com liberdade e mobilidade não apresentando receio da morte física, mas sim da morte simbólica.

Na canção a visão do envelhecimento, da velhice e do idoso é transmitida de maneira negativa, demonstrando a necessidade de conhecer os esquemas simbólicos do imaginário e das representações sociais que influenciam para a construção de mitos e crenças enaltecidas ou estigmatizantes referente aos idosos. Contrapondo a esta imagem, está cada vez frequente idosos ativos e saudáveis e que envelhecem em atividade, sendo de suma importância trabalhar em sociedade questões como: saúde, convívio intergeracional, legislação e ambiente social, a fim de desconstruir a imagem negativa que acompanha a velhice (LEVY, 2017).

2.4.3–Informações sobre o Compositor da canção “O velho”

Quadro 14 - Ficha técnica da música O Velho

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1968	O velho	Chico Buarque	Chico Buarque

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Francisco Buarque de Hollanda nasceu no dia 19 de junho de 1944, no Rio de Janeiro. O artista é ator, cantor, escritor, compositor, dramaturgo e quase arquiteto. Durante dois anos realizou o curso de Arquitetura, mas optou em abandonar a Universidade para ter dedicação exclusiva à carreira musical. A mãe do compositor, Maria Amélia Cesário Alvim é pianista, e o pai Sérgio Buarque de Hollanda, é historiador. Por isso, a arte e a literatura sempre estiveram presentes na rotina do compositor. Com a idade de 15 anos compôs sua primeira canção intitulada de “Canção dos olhos”, e

começou a conquistar visibilidade quando se inscreveu e venceu o 2ª Festival da MPB. Em 1966 lançou seu primeiro álbum repleto de músicas que fizeram muito sucesso. Em 1967 estreou como ator, no filme Garota de Ipanema, e logo depois com o musical Roda Viva, oficializando sua carreira como dramaturgo. Em 1968 lançou uma música chamada “O Velho”, inclusa no disco Chico Buarque de Hollanda (volume 3). Nesta época, o jovem compositor de 24 anos almejou escrever sobre a velhice apresentando os principais pensamentos construídos acerca da longevidade da época. A seguir, a letra da música “O Velho”

2.4.5 – Letra da música “O Velho”

*O velho sem conselhos
De joelhos
De partida
Carrega com certeza
Todo o peso
Dessa vida
Então eu lhe pergunto pelo amor
A vida inteira, diz que se guardou
Do carnaval, da brincadeira
Que ele não brincou
Me diga agora
O que é que eu digo ao povo
O que é que tem de novo
Pra deixar
Nada, só a caminhada
Longa, pra nenhum lugar
O velho de partida
Deixa a vida
Sem saudades
Sem dívida, sem saldo
Sem rival
Ou amizade
Então eu lhe pergunto pelo amor
Ele me diz que sempre se escondeu
Não se comprometeu
Nem nunca se entregou
E diga agora
O que é que eu digo ao povo
O que é que tem de novo
Pra deixar
Nada, e eu vejo a triste estrada
Onde um dia eu vou parar
O velho vai-se agora
Vai-se embora
Sem bagagem
Não sabe pra que veio
Foi passeio
Foi passagem
Então eu lhe pergunto pelo amor
Ele me é franco
Mostra um verso manco
De um caderno em branco*

*Que já se fechou
Me diga agora
O que é que eu digo ao povo
O que é que tem de novo
Pra deixar
Não
Foi tudo escrito em vão
E eu lhe peço perdão
Mas não vou lastimar*

A partir dos versos "*O velho sem conselhos/ O que é que tem de novo/Pra deixar Nada*" a pessoa idosa não teria legado ou conhecimento a ensinar as novas gerações, sendo o mesmo vinculado à inutilidade, o que leva a desconsiderar toda a sua história e contribuição no desenvolvimento e crescimento do seu contexto social. Mesmo diante das reduções de habilidades físicas e sensoriais provocadas pelas velhices, deve-se ter ciência de que o idoso é digno de respeito e que possui outras qualidades que podem ser de semelhante valor às demais (DEL PRETTE; 1999).

Com relação à expressão "*De joelhos*" faz referência ao corpo que não tem o mesmo vigor e a força da juventude, apresentando limitações físicas que reforçam as representações sociais cristalizadas concernentes à velhice estabelecida através dos tempos e das situações vivenciadas. Assim, o corpo jovem que tinha energia para fazer tudo o que queria agora se depara com dificuldades para realizar pequenos movimentos de locomoção (SIMÕES; MOURA; MOREIRA, 2016).

Rompendo com esta imagem disseminado na canção de desvalorização da pessoa idosa frente aos conhecimentos conquistado com o avançar da idade, e com a representação cristalizada de limitações físicas dos idosos, cada vez mais empresas no mercado de trabalho, inclusive no âmbito rodoviário de cargas, tem preferido estes trabalhadores com mais experiência. Isto se deve pelo comprometimento e a responsabilidade observada nos profissionais mais velhos, sobretudo nos aposentados (SIQUEIRA et al., 2015).

Como representatividade de uma velhice atuante e lúcida, cita a imagem do escritor, filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman, de formação marxista e proprietário de extensa produção acadêmica voltada para reflexões sobre a sociedade e o mundo contemporâneo. Durante o curso de sua vida recebeu os prêmios: Amalfi da Sociologia e Ciências Sociais em 1992, o Theodor W. Adorno em 1998, e de Príncipe das Astúrias de Comunicação em 2010. No ano que antecedeu a sua morte, em 2016, publicou seu último ensaio intitulado "Estranhos batendo à porta". Em 2017, faleceu com a idade de noventa

e um anos, contabilizando em toda a sua trajetória de vida mais de quarenta livros, que, entre eles, destaca a “Modernidade Líquida”.

Alguns fatores colaboram para que esta etapa da vida possa ser vivenciada com qualidade: autoestima estimulada; a autonomia preservada; as patologias controladas; a capacidade funcional mantida; o estilo de vida saudável motivado e as medidas de tratamento e prevenção concretizadas (SIMÕES; MOURA; MOREIRA, 2016). Na obra de Debert (2012) percebe-se uma transformação no olhar referente ao processo de envelhecimento, reconhecendo um novo perfil dos idosos, o que conduz a uma modificação na concepção de velhice em "velhices", marcadas pela associação com aspectos positivos que vão para além da sabedoria e a experiência.

Nota-se que na estrofe *"O velho de partida/ Carrega com certeza/ Todo o peso/ Da sua vida" e "e eu vejo a triste estrada/ Onde um dia eu vou parar"* o idoso ao si encontrar no último ciclo da vida, experimenta um luto antecipatório sinalizado pela iminente angústia de morte, atribuindo à velhice e ao envelhecimento um sentido negativo que os impossibilitam de desfrutar das alegrias e prazeres oriundos dessa fase (MACHADO, 2016). Além disso, a música retrata a melancolia/tristeza que os reflexos da velhice provocam no indivíduo, pautada na literatura que indica a alta prevalência da depressão, sobretudo na população idosa (GONZÁLEZ et al., 2016).

Quando a canção faz referência ao amor *"Ele me diz que sempre se escondeu/ Não se comprometeu/ Nem nunca se entregou"* e *"Mostra um verso manco/ De um caderno em branco"* demonstra que o eu lírico nunca vivenciou uma história de amor, e que atualmente na velhice o amor torna-se improvável *"Que já se fechou"*. Como medida de prevenir os sentimentos de solidão e isolamento na velhice é essencial preservar a rede de apoio social visando restabelecer o equilíbrio pessoal, transmitir solidariedade, amizade e segurança.

O sentimento de solidão vivenciada por muitos idosos, sobretudo, em tempos pandêmicos, traz à memória a imagem da atriz Gloria Menezes, 86 anos, que teve seu esposo Tarcísio Meira, de 85 anos, vítima fatal de complicações da Covid-19. Os dois foram casados por mais de 50 anos, e são pais do ator Tarcísio Filho, de 58 anos. A atriz publicou uma foto em seu perfil no Instagram, onde aparece abraçada com o ator, que faleceu em 12 de agosto de 2021. Na homenagem ela enfatizou o sentimento “Saudade”.

Nesse cenário pandêmico, Mirian Goldenberg (2020) afirma que o isolamento social obrigatório é quase uma morte simbólica para os idosos, pois mesmo sabendo da importância de ficar em casa, devido esta circunstância ter se instalado de maneira

inesperada, tem provocado nesses atores sociais sofrimento, depressão, medo da doença e insegurança de como se viver em casa frente a esta nova realidade.

Mesmo tendo o suporte emocional por parte dos familiares, e tendo acompanhamento com psiquiatra, frente as mudanças advindas com a velhice, determinados idosos dão fim à própria vida, como é o caso do ator Flávio Migliaccio, que cometeu suicídio em 4 de maio de 2020, aos 85 anos, deixando uma carta melancólica e reveladora. Outros casos de suicídios realizados por artistas, comprovam os dados da literatura que descrevem como esta realidade está cada vez mais frequente em nosso país. (MARTIS, et al., 2016). No dia 18 de janeiro de 2013, o ator Walmor Chagas, com 82 anos, deu fim à própria vida com um tiro na cabeça. Em 26 de março de 2006 a atriz Ariclê Perez, com a idade de 62 anos, foi encontrada morta após queda de 10 andares. Segue o trecho da carta escrita pelo ator Flávio Migliaccio (2020) encontrada após a sua morte:

Me desculpem, mas não deu mais. A velhice neste País é o caos como tudo aqui. A humanidade não deu certo. Eu tive a impressão que foram 85 anos jogados fora num País como este. E com esse tipo de gente que acabei encontrando. Cuidem das crianças de hoje! (MIGLIACCIO, 2020).

A partir do discurso do artista, se identifica sintomas do quadro depressivo, à medida que o ator demonstrava uma distorção da realidade, enfatizando intensamente nos aspectos negativos da vida, e transmitindo a impressão de que a vida é somente adversidades. Após uma entrevista à Veja Rio no ano de 2020, o jornalista Marcelo Migliaccio, filho do ator Flávio Migliaccio, descreveu a condição psicológica de seu pai:

"Numa de nossas últimas conversas, eu tentava, mais uma vez em vão, motivar aquele homem cansado, desiludido com a avalanche fascista que toma conta do planeta. 'O mundo está um lixo', ele me disse. Dias depois, ou antes, não me lembro, ele me deu outra razão para justificar seu desejo de sair definitivamente de cena: 'Já não escuto direito, minha vista está falhando, a memória também. Daqui para frente só vai piorar. Já vivi demais. Oitenta e cinco anos. Chega! (MIGLIACCIO, 2020).

Nesse discurso se contata o pensamento negativo, característica do quadro depressivo que o ator Flávio Migliaccio se encontrava. Goldenberg (2020) diz que esta doença psicológica é advinda de condições sociais, da violência, do abuso, do desrespeito e a crueldade com a pessoa idosa. Denunciando o crescimento de 500% o número de denúncias de abuso contra idosos durante a pandemia, então influenciado pela análise interpretativa das letras das canções, e técnica de Análise de Discurso e pelo pensamento

de Max Weber (1998) por meio da sociologia da música, se destina a desvendar qual a produção de sentido transmitido acerca das velhices como objeto simbólico, considerando que cada análise é única (ORLANDI, 2009), sintetizou em um quadro os principais pensamentos relacionados as velhices difundido na canção. Segue abaixo um quadro organizado em duas vertentes: com os trechos da letra da música e com a análise interpretativa.

Quadro 15- Análise Interpretativa da música (O Velho)

Trechos da letra da música (O Velho)	Análise Interpretativa da música
<p>O velho sem conselhos/ De joelhos/ De partida/ Carrega com certeza/ Todo o peso/ Dessa vida/ Então eu lhe pergunto pelo amor/ A vida inteira, diz que se guardou/ Do carnaval, da brincadeira/ Que ele não brincou/ Me diga agora/ O que é que eu digo ao povo/ O que é que tem de novo/ Pradeixar/ Nada, só a caminhada/ Longa, pra nenhum lugar/ O velho de partida/ Deixa a vida/ Sem saudades/ Sem dívida, sem saldo/ Sem rival/ Ou amizade/ Então eu lhe pergunto pelo amor/ Ele me diz que sempre se escondeu/ Não se comprometeu/ Nem nunca se entregou/ E diga agora/ O que é que eu digo ao povo/ O que é que tem de novo/ Pra deixar</p>	<p>Depreciação davelhice (Esta fase não teria nenhum valor social)</p>
<p>Nada, e eu vejo a triste estrada/ Onde um dia eu vou parar/ O velho vai-se agora/ Vai-se embora/ Sem bagagem/ Não sabe pra que veio/ Foi passeio/ Foi passagem/ Então eu lhe pergunto pelo amor/ Ele me é franco/ Mostra um verso manco/ De um caderno em branco/ Que já se fechou/ Me diga agora/ O que é que eu digo ao povo/ O que é que tem de novo/ Pra deixar/ Não/ Foi tudo escrito em vão/ E eu lhe peço perdão/ Mas não vou lastimar</p>	<p>Melancolia</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Nessa canção, a fase da velhice é narrada pela linguagem cancionista de maneira depreciativa, pejorativa e negativa, sendo retratada a imagem do idoso como sem valor social. Esta visão de perspectiva limitadora das capacidades e habilidades desse

indivíduo, além de atingir a própria imagem que o indivíduo tem de si, denunciam as crenças preconceituosas que a sociedade versa sobre a figura do longevo, não se podendo restringir as limitações, incapacidades e dificuldades apenas na fase da velhice. Os versos que expõem um sentido desfavorável a esta fase foram agrupados na categoria “depreciação da velhice”.

Partindo desse pressuposto, ao se meditar acerca da construção da imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento nessa sociedade, situa-se a transformação de papéis que este ator social atravessa ao chegar nessa fase, pois de um participante ativo na sociedade começa a enfrentar o desafio diário em superar preconceitos referente a velhice, como por exemplo, a imagem associada a inutilidade e incapacidade. Frente ao preconceito e hostilidade da sociedade da época ao idoso que se nutria da própria vulnerabilidade social dessa faixa etária, se forja um ator social, possivelmente que não reconhece seu espaço na sociedade e nem o seu valor social, afetando a sua própria subjetividade, tornando-se incapaz de lutar pelos seus direitos e mobilizar-se em favor de melhores condições de vida.

A partir dessa imagem deturpada do velho é possível refletir sobre as questões sociais, e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, sendo o idoso visto como fardo para a sociedade da época, provavelmente não existiria um espaço de acolhimento e aceitação na sociedade, colaborando para que muitos desses atores sociais tenham negado a própria existência e a própria idade, aumentando a probabilidade de ocasionar no idoso o aparecimento de vários transtornos psicológicos. Os versos que expõem este discurso de sofrimento psíquico e social vivenciado pelo idoso foram agrupados na categoria “melancolia”, pois descrevem um estado de tristeza profunda e apatia sentido continuamente pelo idoso pela aproximação da velhice.

Ao analisar as duas músicas dessa década “*Degraus da vida*” e “*O velho*” percebe-se que a fase da velhice e o processo de envelhecimento é visto de maneira negativa e homogeneizador, sendo identificados sentimento de rejeição e/ou inferioridade face às mudanças ocasionadas por esse processo natural da vida. Tal entendimento é nítido nos versos da primeira música “*Já estou envelhecido, acabado/ É tão grande o meu desgosto*” como nos versos da segunda canção “*O velho sem conselhos/ O que é que tem de novo Pra deixar Nada*”. As duas canções reportaram uma visão desfavorável à velhice na medida em que os discursos musicais estão repletos de preconceito, estigmas e estereótipos negativos, transmitindo a mensagem de que o eu-lírico com a chegada da velhice estaria acabado. Este pensamento está fundamentado em uma cultura capitalista da

época associando a imagem do idoso a um peso e fardo, assim como no culto à juventude que impõe um padrão de beleza ideal. No entanto, hoje já se sabe que é possível envelhecer de maneira saudável e prazerosa. O presente estudo pretende somar com a ampliação de conhecimento relacionada ao idoso, destacando o surgimento de “novos velhos”, e contribuindo para desvendar as diversas formas de envelhecer.

2.5 - Recorte histórico da década de 70

Com a chegada da década de 70 a população brasileira sofreu uma modificação em seu perfil demográfico, deixando de ser predominantemente rural, caracterizada por famílias com números expressivos de membros e elevadas incidências de mortalidade infantil, para uma sociedade composta de indivíduos que residiam preminentemente na área urbana, constituída por novos arranjos familiares e reduzindo o número de filhos (MIRANDA; MENDES; SILVA; 2016). A seguir, o quadro com a ficha técnica das músicas Ovo de codorna, Vaqueiro véio, A velhice da porta Bandeira, Capim novo e Cajueiro Velho que foram analisadas com a intencionalidade de desvendarem as imagens das velhices na década de 70.

Quadro 16-Ficha Técnica das músicas “Ovo de codorna, Vaqueiro véio, A velhice da porta Bandeira, Capim novo e Cajueiro velho”

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1971	Ovo de codorna	Severino Ramos de Oliveira	Luiz Gonzaga
1972	Vaqueiro véio	João Silva/J. B. de Aquino	Luiz Gonzaga
1973	A velhice da porta Bandeira	Eduardo Gudín/Paulo César Pinheiro	Eduardo Gudín
1976	Capim novo	Luiz Gonzaga Do Nascimento / Jose Clementino Do Nascimento Sobrinho	Luiz Gonzaga
1976	Cajueiro velho	João Carlos	Alcione

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2022.

2.5.1 Informações sobre o Compositor da canção “Ovo de codorna”

Quadro 17: Ficha Técnica da música Ovo de Codorna

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1971	Ovo de Codorna	Severino Ramos de Oliveira	Luiz Gonzaga

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2022

Em 1938 nasceu Severino Ramos de Oliveira, natural do estado de João Pessoa, cantor, compositor e musicista, conhecido popularmente pelo apelido Parrá. Durante sua

trajetória artística buscou inspiração no cenário histórico da antiga João Pessoa para as composições de suas músicas. Entrou no mundo artístico influenciado por seu irmão mais velho, Joca do Violão, um violonista muito dedicado com quem aprendeu a tocar instrumentos musicais. Na adolescência produziu um autêntico forró de raiz que movimentou a cena cultural de sua cidade natal. Em 1971 criou a canção “*Ovo de Codorna*”, interpretada pelo rei do baião Luiz Gonzaga, dando-lhe notoriedade e recolocando o intérprete da canção nas paradas de sucesso. Em 1992 lançou três faixas musicais no segundo disco da Coletânea Música da Paraíba. O artista é reconhecido como um dos intérpretes da música de Jackson Pandeiro, inclusive foi homenageado pelo Poder Legislativo por sua participação nas diversas celebrações ao centenário de nascimento de Jackson Pandeiro. Em 2019, aos 81 anos morreu de uma infecção intestinal. Abaixo, a letra da música analisada.

2.5.2 Letra da música Ovo de Codorna

*Eu quero um ovo de codorna pra comer
O meu problema ele tem que resolver (bis)
Eu tô madurão
Passei da flor da idade
Mas ainda tenho
Alguma mocidade,
Vou cuidar de mim
Pra não acontecer
Vou comprar ovo de codorna
Pra comer
Eu quero um ovo de codorna pra comer...
Eu já procurei
Um doutor meu amigo
Ele me falou
"Pode contar comigo"
Ele me ensinou
E eu passo pra você
Vou lhe dar ovo de codorna pra comer
Eu quero um ovo de codorna pra comer...
Eu andava triste
Quase apavorado
Estavam me fazendo
De um pobre coitado
Minha companheira
Tá feliz porque
Eu comprei ovo de codorna pra comer
Eu quero um ovo de codorna pra comer
O meu problema ele tem que resolver*

Esta canção inicia abordando um problema enfrentado pelos homens longevos, bem como a possível solução para esta questão. O ovo de codorna é apontado como solução para os problemas sexuais enfrentados pelos idosos, e, no entanto, não existem

estudos científicos que comprovem esta afirmação. Talvez a imagem da codorna tenha sido adotada como solução para este problema específica devido a sua produção de ovos ser mais numerosa comparada a outras aves, assim como por alcançar a maturidade sexual de maneira precoce, com quarenta dias de vida.

A música sugere que na velhice existe um declínio na frequência da atividade sexual, tendo o idoso que se utilizar de métodos alternativos para preservar seu desempenho sexual, como descrito nos seguintes versos: “*Eu quero um ovo de codorna pra comer/ O meu problema ele tem que resolver*”. Ao falar de forma imperativa que este dilema necessita de solução demonstra a relevância em se manter uma vida sexual ativa na terceira idade. A sexualidade é apontada como um elemento fundamental para uma boa qualidade de vida na velhice, descrita como algo inerente à vida do ser humano, apresentando-se desde o nascimento até a morte (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016).

Diversas questões contribuem para o mito de que os idosos são assexuados: o acesso limitado à informação desde a juventude até a atualidade, as alterações fisiológicas do próprio envelhecimento, os preceitos religiosos e a opressão familiar. Neste sentido, é importante mais pesquisas e ações direcionadas a esta parcela da população visando a ampliação de conhecimentos sobre este assunto, e a promoção da saúde integral da pessoa idosa (UCHÔA et al., 2016).

Simone Beauvoir (1990) alerta que há uma opressão social para que o idoso negue seus desejos sexuais e não mantenha uma vida sexualmente ativa. Buscando um comportamento agradável socialmente, internaliza os valores morais ao ponto de não expor seus desejos sexuais, recusando atitudes que o assemelhe a imagem de uma idosa piriguete e um longevo lúbrico, tornando a sexualidade na velhice vergonhosa.

Compartilhando desse pensamento, Mirian Goldenberg (2021) na Folha de São Paulo, ao escrever sobre “Amor, sexo e tesão na maturidade” narrou uma situação constrangedora que aconteceu com ela: em um período carnavalesco, seu esposo a beijou apaixonadamente, despertando a atenção de muitos jovens que passava pela ruas movimentadas da zona sul do Rio de Janeiro. Este grupo de jovens fez um círculo em volta deles, dando risadas, gritaram e aplaudiram alegremente. Os comentários somados as atitudes alvoroçadas desses jovens fizeram suscitar alguns questionamentos na pesquisadora, porque eles foram foco de interesse de tantos jovens no Carnaval carioca, já que milhares de outros casais também se beijavam, se abraçavam e protagonizavam cenas mais ousadas. Por que um casal, que só estava se beijando, chamou tanta atenção? Tal situação escancara que vivemos em uma sociedade denominada pela pesquisadora de

“velhofóbica”, representando no envelhecimento uma espécie de morte simbólica, restringindo a sensualidade, tesão e beleza apenas a juventude (Mirian Goldenberg, 2021).

O próximo verso faz referência à velhice de forma negativa: “*Eu tô madurão/ Passei da flor da idade*”. O simples fato de não ser mais jovem daria motivo suficiente para apresentar problemas sexuais, reforçando a ideia de que estas dificuldades sexuais são comuns na velhice. Assim, também sugere que todo idoso apresenta problemas sexuais, associando a imagem do idoso comum sentido de desgastado, danificado, deteriorado e estragado.

Em seguida, nos versos: “*Mas ainda tenho/ Alguma mocidade/ Vou cuidar de mim*”, compreende que apenas o homem jovem teria o direito de viver a sua sexualidade, pois declara que pode buscar a solução para seu problema devido ter um pouco de mocidade. Em consonância com o discurso de Beauvoir (1990), o autor Guimarães (2016) destaca que a associação da imagem do idoso à sexualidade é explicada pelo negativismo cultural presente em nossa sociedade, que estabelece que o idoso que demonstra interesse por sexo é um velho indecente, devendo este sujeito retraindo seus desejos sexuais e inibir qualquer expressão sexual (GUIMARÃES, 2016).

As dificuldades e disfunções sexuais no indivíduo podem acarretar inúmeros prejuízos psicológicos, como os descritos nos versos: “*Eu andava triste/ Quase apavorado/ Estavam me fazendo/ De um pobre coitado*”. Sentimento de tristeza, depressão, baixa autoestima, evidenciando que os problemas sexuais e as questões psicológicas estão diretamente associados e se influenciam mutuamente. Finalmente, a canção revela a satisfação da companheira em: “*Minha companheira/ Tá feliz*”, pela adesão aos métodos alternativos que estimulam um bom desempenho sexual, levando este idoso a se permitir a descobrir novos meios que ajudam na sua atividade sexual.

Com o avanço da medicina nos dias atuais, aumentou o número de remédios e tratamentos médicos para tratar a disfunção erétil. Em 2017, com a prisão do empresário brasileiro Eike Fuhrken Batista da Silva aos seus 61 anos de idade, foi exposto em matéria jornalística do site Extra que o mesmo se utilizava de fármacos para melhorar seu desempenho sexual, tendo que suspender o uso do remédio contínuo “Cialis”, um medicamento utilizado para tratar a disfunção erétil (OMENS, 2022) do qual é adepto há anos, já que a Secretaria Estadual de Administração Penitenciária (Seap), somente permite a entrada de remédios desse tipo mediante um atestado médico. Isto aponta como esses meios alternativos que visam melhorar o desempenho sexual tem se tornado comum em nossos dias.

Nos dias de hoje, a questão da sexualidade não se restringe meramente ao ato sexual, mas é compreendida em seu sentido macro, o qual é constituído por uma multiplicidade de elementos, como o carinho, a cumplicidade, a intimidade, dentre outros. A sexualidade na velhice é um processo complexo no qual envolve outras emoções e comportamentos que não se limitam às relações sexuais.

A sexualidade não se resume somente ao ato sexual em si, trata-se de um misto de prazer, cumplicidade e amor entre duas pessoas, como forma de conhecimento de seu corpo e do outro. Dependendo da forma como a velhice é encarada e das alterações que ela pode acarretar em vários aspectos da vida, o sexo nessa fase pode sim proporcionar liberdade e promover prazer (ARAÚJO; CARLOS, 2018, p. 223).

Então, faz-se necessário compreender a sexualidade na velhice no sentido mais amplo, sendo mais valorizado o companheirismo, afeto, carinho e cuidado do que meramente o ato sexual em si. Mirian Goldenberg (2020) esclarece que o sexo deixa de ser uma prioridade na velhice, pois o avançar da idade possibilita a liberdade e coragem para viver a vida do jeito que se deseja, não se importando mais com a cultura de supervalorização do sexo.

Diante a sociedade brasileira viver um momento de rápidas transformações e econômicas, tecnológicas e sociais, se utilizou da inspiração nas técnicas de análise interpretativas das letras das canções, e da Análise de Discurso e pelo pensamento de Max Weber (1998) por meio da sociologia da música, para analisar o discurso dos versos da canção, visando resgatar e compreender as produções de sentidos referentes à velhice na década de 70. Para Koch (2006) os discursos de um texto são enunciados para transmitirem seus sentidos, possibilitando ao ouvinte interpretar e identificar o caso do dito e o não dito. Buscando compreender o sentido e a interpretação dos versos acerca da velhice, criou-se um quadro para sintetizar os principais pensamentos desta década acerca da velhice bem como a categorização da análise interpretativa da música.

Quadro 18-Análise Interpretativa da música (Ovo de Codorna)

Trechos da letra da música (Ovo de Codorna)	Análise Interpretativa da música
Eu quero um ovo de codorna pra comer O meu problema ele tem que resolver (bis)/ Eu tô madurão/ Passei da flor da idade/ Mas ainda tenho/ Alguma mocidade,	Sexualidade na velhice (tabus, preconceitos e mitos)

Vou cuidar de mim/ Pra não acontecer Vou comprar ovo de codorna/ Pra comer Eu quero um ovo de codorna pra comer.../ Eu já procurei	
Eu já procurei/ Um doutor meu amigo Ele me falou / "Pode contar comigo" Ele me ensinou/ E eu passo pra você Vou lhe dar ovo de codorna pra comer Eu quero um ovo de codorna pra comer... Eu andava triste/ Quase apavorado Estavam me fazendo/ De um pobre coitado/ Minha companheira/ Tá feliz porque/ Eu comprei ovo de codorna pra comer/ Eu quero um ovo de codorna pra comer/ O meu problema ele tem que resolver	Desejo sexual na velhice

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Quando analisa esse retrato da velhice sob a ótica sexualidade, explora um assunto repleto de tabus, preconceitos e mitos, que acaba sendo transmitido de maneira generalizada, no sentido de associar a sexualidade na velhice com disfunções sexuais, mesmo cientes de que problemas sexuais podem se manifestar em qualquer fase da vida. A reverberação desse discurso demonstra a imagem do idoso construída pela sociedade, refletindo na autoimagem que esse indivíduo possui, popularizando um conteúdo que reduz essa fase do desenvolvimento a uma única e taxativa visão da velhice.

Essa imagem inadequada da velhice desse momento histórico dá um sentido negativo a essa fase, possivelmente levando este ator social a ter receio de chegar a esta fase, já que simbolizaria incapacidades e problemas sexuais. A questão dessa fase pode acarretar prejuízo no desempenho sexual, influenciando na subjetividade desse indivíduo, trazendo à tona sentimentos de angústia, pavor, desespero, medo e negação, pois a sexualidade é um tema central na vida de uma pessoa.

Para o psicanalista Sigmund Freud (1996) o ser humano, desde a infância, busca prazer e satisfação de variadas formas, existindo em nós necessidades sexuais que se apresentam por meio de pulsões, as quais são de natureza sexual, designadas libido. A partir da relevância desse assunto para a constituição subjetiva do indivíduo, podemos imaginar o sofrimento psíquico que esses idosos são atravessados ao se deparar com a limitação de não poder gozar da sua sexualidade. Assim sendo, os versos que expressam a relevância dessa sexualidade nessa faixa etária foram categorizados na “sexualidade na velhice”.

O eu-lírico da canção para encontrar solução para seu problema sexual recorreu a pessoas do seu contexto social, demonstrando que existia um médico amigo que lhe apontou a solução. Ao se fazer uma reflexão sobre as questões sociais e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, infere-se que o eu lírico mesmo diante dos desafios enfrentados com a chegada dessa nova faz e teria pessoas em que pudesse contar, encontrando em alguns pares acolhimento e aconchego para dividir seus problemas.

Outro fator crucial dessa canção é a exposição de desejo sexual do idoso. Como a sexualidade é algo inerente do ser humano também está presente nessa fase etária, colaborando para a quebra de mitos e tabus no sentido de acharem que os idosos são assexuados. Frente à realidade dos idosos inseridos no abrigo temporário municipal na cidade de Timon para morador de rua, local onde trabalho diariamente, é nítido ver como a ausência de uma vida sexual regular afeta a autoestima, confiança e o bem-estar do indivíduo, levando a falar constantemente das suas experiências amorosas passadas, e de como sentem profunda tristeza por não terem uma companheira. Os versos que narram o discurso de libido sexual na velhice foram categorizados em “desejo sexual”.

A associação do envelhecer com problemas sexuais demonstra que a sexualidade na terceira idade é permeada por muitos tabus e preconceitos. Envelhecer não significa tornar-se assexuado ou obrigatoriamente apresentar disfunções sexuais. Ao contrário dos que muitos pensam, os idosos sentem desejo sexual e, quando existe oportunidade, têm relações sexuais. Por isso, é importante esclarecermos e divulgarmos as informações sobre este assunto a fim de que os idosos entendam as mudanças no seu corpo e tomem os devidos cuidados com a sua saúde sexual.

2.5.3- Informações sobre o Compositor da canção “Vaqueiro Véio”

Quadro 19 - Ficha Técnica da música Vaqueiro Véio

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1972	Vaqueiro véio	João Silva/J. B. de Aquino	Luiz Gonzaga

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2022

João Leocádio da Silva nasceu em 1935 no estado do Pernambuco, foi um dos grandes compositores do gênero conhecido como forró do Brasil. Durante muitos anos apresentou limitações em saber escrever muitas palavras além do próprio nome, mas isso não foi impedimento para compor diversas músicas que fizeram sucesso. Foi influenciado

pelo seu grande parceiro musical e amigo Luiz Gonzaga a retomar os estudos visando o aperfeiçoamento e ampliação do seu conhecimento e de suas habilidades. Começou a fazer suas composições influenciado pela admiração ao cantor Luiz Gonzaga, e, após se conhecerem, este sentimento resultou na maioria de suas composições gravadas principalmente pelo intérprete. Para a composição da música “*Vaqueiro Véio*” fez parceria com J. B de Aquino, violonista, cantor, compositor, arranjador e produtor musical, nascido em 1945. O artista João Silva faleceu dormindo aos 78 anos no ano de 2013 ao lado do seu gravador e caderno de anotações, deixando um legado com mais de 3 mil canções, de acordo com o Documentário Danado de Bom (2015). Logo abaixo a letra da música *Vaqueiro Véio*:

2.5.4 - Letra da música “*Vaqueiro Véio*”

*Vaqueiro véio sentado
Na varanda da morada
Estrupiado
Já não tange mais boiada
Fica chorando
Quando passa outro aboiando
Êêê boi...
Lembrando o tempo
Quando bom vaqueiro foi.....bis
Vaqueiro véio
A velhice é tão mesquinha
Não é tua, não é minha
Para todos vai chegar
Te consola vaqueiro
Solta aboio vaqueiro
Que sorrindo ou chorando
Amanhã senta outro em teu lugar
Êêê boi...*

O intérprete e compositor Luiz Gonzaga, conhecido como Rei do Baião, se inspirou no personagem vaqueiro para explorar diversas temáticas, entre elas, o envelhecimento. Ao debruçar sobre a melodia, vêm à tona algumas observações sobre as produções de sentido dados à velhice. Na primeira estrofe apreende-se que a música condiciona os idosos a sujeitos passivos e doentes, reforçando uma imagem negativa e desfavorável da vida do indivíduo, conforme demonstram os versos: “*Vaqueiro véio sentado/ Na varanda da morada/ Estrupiado*”. Tal imagem da velhice nos dias pandêmicos também tem sido uma constante já que os idosos pertencem ao principal grupo de risco da infecção causada pelo COVID-19, onde 74,7% das mortes registradas até 13/08/2020 ocorreram em pessoas com 60 anos ou mais, dos quais 56,4% eram

homens (CAMARANO, 2020) Logo, as pessoas que fazem parte desta faixa etária têm sido atravessadas pelo medo e o sofrimento, desencadeado em alguns casos até mesmo pela morte de pessoas com idades similares e próximas: companheiros(as), vizinho (as), amigo (as), familiares, etc.

Pautada na melodia, a chegada da velhice vem acompanhada de dores e lamentos, ocasionados pela perda da ocupação desempenhada pelo idoso, que pode ser reflexo da subtração do seu vigor físico. Diante à realidade do eu lírico presenciar outra pessoa a realizar a sua atividade laborativa, relembra com tristeza do tempo que passou: *“Já não tange mais boiada/ Fica chorando/ Quando passa outro aboiando/ Êêê boi... Lembrando o tempo/ Quando bom vaqueiro foi.....bis”*. O afastamento das atividades produtivas pode funcionar como uma ameaça ao equilíbrio emocional e a continuidade harmônica do indivíduo.

Sendo assim, é importante atentar para ações educativas ou propostas que visem contribuir para que as pessoas se prepararem e valorizem o tempo livre com a chegada da aposentadoria. No caso dos líderes religiosos que viveram vários anos da sua vida em dedicação aos trabalhos eclesiais, como os pastores evangélicos que com a idade de 70 anos são jubilados compulsoriamente, o que traz consequências significativas tanto nos aspectos da vida social quanto patrimonial. Uma vez que sua vida social é pautada nas tarefas e obrigações direcionadas pela igreja, e se depara com a realidade de refazer suas atividades, sua rotina e suas tarefas.

Quanto aos aspectos patrimoniais, os pastores efetivos de uma igreja, além de um salário, são ofertados outros benefícios, como: casa pastoral ou aluguel de um imóvel, bem como o pagamento de despesas como telefone, luz, água, combustível e etc. Com a jubilação do pastor os acréscimos disponibilizados pela igreja ao líder religioso são retirados, e isto contribui para que dificilmente o pastor consiga viver como o valor da aposentadoria pago pelo Instituto Nacional de Seguro Social, repercutindo tanto psicologicamente como financeiramente na vida desse idoso (ALMEIDA, 2012).

A jubilação, para alguns pastores, significa a liberação de atividades rotineiras e desgastantes, um período caracterizado pelo descaso. Em contrapartida, outros, por terem se vinculado quase que restritamente a uma área de interesse. No caso, o pastor constrói uma igreja desde o tempo de consagração. Difícil, pois frente a seu afastamento, a sensação de um vazio na vida instala-se (ALMEIDA, 2012, p. 99).

Então, o sentimento de vazio passa ser frequente na vida dos idosos que se ausentam de suas funções profissionais, e não estabelece um novo projeto de vida, que

lhe traga sentido existencial. Na tentativa de reduzir o sofrimento psíquico ocasionado pela saída abrupta do contexto profissional busca o conformismo com esta nova condição, internalizando ser esta fase um processo natural do desenvolvimento, e que todos terão que passar. Por isso, dá-se início ao processo de aceitação dessa fase trazendo a averiguação sobre o assunto: “*A velhice é tão mesquinha/Não é tua, não é minha/Para todos vai chegar*”. Ao considerar a velhice como mesquinha leva-nos a crer que esta declaração não contempla de maneira positiva esta informação, pois apresenta-se como expressão de desalento, não se atentando o compositor a todas as superações e desafios vencidos na vida do indivíduo que lhes possibilitaram chegar a velhice, encarando esta fase com lamento e aflição.

Este discurso revela um envelhecimento desfavorável e a negação desse processo na vida pessoal também é frequente na maioria dos atores idosos, dado que a mídia preconiza no meio social os tratamentos “anti-aging” e o culto pela beleza à juventude, retratando na grande maioria uma compreensão estereotipada desta etapa. E isto favorece para que o próprio ofício realizado pelos idosos atores tenha a tendência de negar a própria velhice e de ter uma visão desfavorável sobre o envelhecimento (BECKER; FALCÃO, 2016).

...a profissão de ator influenciou as reflexões acerca dos diversos aspectos do envelhecimento e que a arte e as habilidades desse ofício favoreceram aos atores idosos a tendência de negar a própria velhice e de ter uma visão desfavorável sobre o envelhecimento (BECKER; FALCÃO, 2016, p.301).

Então, as pessoas que investem na aparência até mesmo para o desempenho de suas funções profissionais, como por exemplo, a classe artística, que possivelmente terá uma velhice complicada, pois é inevitável as mudanças corporais inerentes a essa fase (BEAUVOIR, 1990). Diante das diversas mudanças dessa fase, o compositor da canção reforça a importância da autoaceitação da velhice, pois é um fenômeno gradual e inevitável da vida, como citado no verso “*Te consola vaqueiro/ Solta aboio vaqueiro*”, onde cada pessoa deve desprender-se das atribuições e funções que já desempenhou à medida que descobre novos sentidos para a sua vida. Esta experiência do envelhecer pode ser vivenciada de maneira positiva ou negativa dependendo da percepção de cada pessoa “*Que sorrindo ou chorando*”.

Nos últimos versos, realça a certeza de que na velhice iremos ser substituídos, quando cita que “*Amanhã senta outro em teu lugar*”. Atualmente, alguns idosos continuam exercendo sua atividade laboral, e em determinados casos como uma necessidade de se sentirem úteis ou produtivos, outros com a motivação de

complementação de renda, desempenhando com excelência e êxito as atividades produtivas que lhe são atribuídas (PINHEIRO; RIBEIRO; SOUTO, 2016).

Mediante as constantes mudanças na imagem da pessoa idosa, influenciada pela análise interpretativa das letras das canções, e Análise de Discurso e pelo pensamento de Max Weber (1998) por meio da sociologia da música, investiga os discursos da canção e estabelece um quadro com as ideias centrais da linguagem cancionista acerca da velhice referente ao momento histórico, visando desvendar os sentidos das palavras e o lugar social desse sujeito que fala (Mariani, 1999). Segue abaixo o quadro da canção organizada em duas vertentes: os trechos da letra, e análise interpretativa da música.

Quadro 20 – Análise Interpretativa da música (Vaqueiro Véio)

Trechos da letra da música (Vaqueiro Véio)	Análise Interpretativa da música
Vaqueiro véio sentado/ Na varanda da morada/ Estrupiado/Já não tange mais boiada/ Fica chorando/ Quando passa outro aboiando/ Êêê boi/Lembrando o tempo/ Quando bom vaqueiro foi/ A velhice é tão mesquinha/ Não é tua, não é minha/ Para todos vai chegar/ Te consola vaqueiro/ Solta aboiado vaqueiro/ Que sorrindo ou chorando/ Amanhã senta outro em teu lugar/Êêê boi...	Melancolia (substituição na vida profissional)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Por meio da linguagem cancionista nota-se o sofrimento profundo do eu lírico pela chegada da sua velhice, dando um sentido negativo para essa fase, já que faz comparações do passado com o presente, percebendo que já não consegue mais desenvolver sua atividade profissional. O eu lírico se encontra tão preso à realidade do passado que não consegue descobrir o lado positivo do presente, e por isso vive um estado de tristeza profunda e de apatia sentido continuamente por ele.

Essa visão unilateral dessa fase de vida estabelecida pela sociedade na construção da imagem do idoso cria uma concepção de sem valor social e utilidade para seu contexto social, já que na visão capitalista este ator social não teria mais a força física para realizar sua atividade profissional. Representando uma imagem de peso e fardo para a sociedade capitalista. Com relação a sua autoimagem possivelmente vivenciaria um processo de negação da sua nova condição e existência.

De acordo com uma publicação em Sindprevs (2022) Foi nessa década de 70, precisamente no ano de 1977, que a francesa Beauvoir publicou a sua obra “A velhice” no qual faz duras críticas ao sistema capitalista pela distorção da imagem da pessoa idosa, pois compreende este ator social com base apenas na produção e geração de lucro, representando uma imagem de um indivíduo incapaz, sem perspectivas para o futuro e excluído de seu papel ativo na sociedade restando-lhe somente o sofrimento devido a sua nova condição. Assim sendo, a velhice traria desfortúnio para o indivíduo devido à construção social de alienação do idoso refletindo na autoimagem pessimista que ele tem de si. No entanto, esta imagem é descaracterizada e mutilada do idoso, emergindo nos dias atuais novos velhos, que não aceitam imposições e envelhecem à sua própria maneira. São atores sociais extremamente rentáveis para o sistema capitalista, visto que aproveitam seu tempo livre e liberdade para viajar, ir à academia, ao restaurante, cinema, teatro, fazer faculdade. Com o avançar da idade descobrem que o tempo é o verdadeiro capital que possuem, por isso não desejam mais desperdiçar o próprio tempo. Ao longo de muitos anos viveram se dedicando e cuidado de outras pessoas, agora priorizam o tempo para cuidarem de si. (GOLDENBERG, 2018).

Já nos próximos versos o próprio eu lírico já trabalha a aceitação a essa fase, dizendo para si mesmo que é uma fase que vai chegar para todos, tendo que se conformarem. As questões sociais e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, anunciam um desamparo desse ator social frente aos desafios inerentes dessa fase. A ausência de amparo social na preparação e treinamento do idoso para lidar com a sua saída do contexto profissional pode ocasionar o surgimento de diversos tipos de transtornos psíquicos nesse idoso, visto que o trabalho é para o homem condição de existência social e de criação de identidade.

Dejours (1999) expôs em sua obra “A psicodinâmica do trabalho” a relevância da atividade profissional na constituição da identidade do indivíduo, sendo construída a partir da interação dialética entre o eu e o outro, atravessado pelas significações e representações desenvolvidas socialmente.

A construção da identidade é mediada, pois necessita do olhar e do julgamento do outro. O sujeito não constrói sua identidade a partir de si, então ele procura ter reconhecido seu fazer e não o seu ser, pois “somente depois de ter reconhecida a qualidade do meu trabalho é que posso, em um momento posterior, repatriar esse reconhecimento para o registro da identidade” (DEJOURS, 1999, p. 21).

Frente a essa correlação do eu e o outro para a construção da identidade, percebe-se que a imagem do idoso é forjada a partir do olhar do outro, e através da atividade profissional que desempenha. Como na época ainda a família, a sociedade e o poder público não estavam os amparando, garantindo-lhes direitos básicos, como participação e integração na comunidade predominava a exclusão e a marginalização do idoso, e a desvalorização da conquista de se viver esta fase.

Na canção, o envelhecimento é visto como uma condição desfavorável, carregado de significados negativos como descritos em: “*Vaqueiro véio sentado*” “*Fica chorando*” “*A velhice é tão mesquinha*” e apresenta uma valorização excessiva da juventude em “*Lembrando o tempo*” “*Quando bom vaqueiro foi*”. Percebe-se que existe uma imagem pré-estabelecida socialmente do idoso. No entanto, frente à ampliação de conhecimento da população sobre a velhice espera-se contribuir para que os longevos se recriem e se apresentem de modo mais singular. Apesar de todos os mitos e preconceitos direcionados a este segmento da população, acredita-se que hoje já está emergindo outro conceito de se viver a velhice, mais positivo e inclusivo.

2.5.5 Informações sobre os Compositores da canção “A velhice da porta bandeira”

Quadro 21- Ficha técnica da música A velhice da porta Bandeira

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1973	A velhice da porta Bandeira	Eduardo Gudin/Paulo César Pinheiro	Eduardo Gudin

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022

Eduardo dos Santos Gudin ou simplesmente (Eduardo Gudin), compositor, violonista, arranjador, cantor e produtor musical, nasceu no estado de São Paulo em 1950. Aos 16 anos iniciou sua carreira musical a convite da cantora Elis Regina para participar do programa “O Fino da Bossa”, na TV Record, como solista de violão. Na década de 70, iniciou sua parceria com Paulo César Pinheiro, lançando seu primeiro álbum, somando mais quase cem composições conjuntas. O artista Paulo César Francisco Pinheiro (conhecido como Paulinho) é compositor, letrista, poeta e escritor brasileiro. Nasceu no estado do Rio de Janeiro em 1949, e com a idade de 14 anos compôs a sua primeira canção. Outras parcerias musicais do compositor Eduardo Gudin destacam entres elas: Paulinho da Viola, Mônica Salmaso, Francis Hime e sua ex-esposa Vânia Bastos. Em suas composições é constante encontrar na sua poesia melancolia, o clima tenso e um amor distante, como na letra de “*A velhice da porta bandeira*” Logo a seguir a letra da música “A velhice da porta bandeira”

2.5.6 – Letra da música A velhice da porta bandeira

*Ela renunciou
A Mangueira saiu, ela ficou
Era porta-bandeira
Desde a primeira vez
Por que terá sido isso que ela fez?
Não, ninguém saberá
Ela se demitiu, outra virá
Ninguém a viu chorando
Coisa tão singular
Quando a bandeira tremeu no ar
Ô... quando toda avenida sambou
O seu mundo desmoronou
Ela se emocionou
Perto dela ela ouviu, alguém gritou:
"Viva a porta-bandeira",
"Sou eu", ela pensou
Mas foi a outra quem se curvou
Ô... quando toda avenida sambou
O seu mundo desmoronou
Ô... quando a porta-bandeira passou
Quem viu
Ela se levantou e aplaudiu*

O compositor narra a história de uma importante personagem das manifestações carnavalescas. Inicia o verso da canção contando que a porta bandeira renunciou o seu ofício “*Ela renunciou*” seu lugar de destaque e visibilidade. Mediante as mudanças corporais, processo natural do envelhecimento, esta etapa da vida pode ser cruel para algumas mulheres, por simbolizar perdas, e torna-se mais laborioso ainda para as mulheres que possuem o corpo como seu instrumento de trabalho, como é o caso das bailarinas (LIRA, 2018).

Bailarinas de gerações diferentes têm compreensões distintas sobre o lugar do corpo envelhecido na dança. Enquanto as bailarinas mais jovens se atém às dificuldades e ao pouco espaço do mercado, ou ainda à pouca receptividade para trabalhos de dança que envolvam, em cena, corpos que não são mais jovens. As bailarinas mais velhas estabelecem relações de aceitação com seus corpos, acolhem as mudanças no metabolismo e enxergam as potencialidades e a beleza que existe em “contar uma história com o seu corpo (LIRA, 2018, p. 136).

Mesmo sendo desafiador, o envelhecer para os profissionais que usam o corpo como instrumento de trabalho é necessário o processo de aceitação para que se tenham qualidade de vida nessa fase. No caso da porta bandeira, esta carrega um sofrimento profundo por não digerir a perda do seu papel ativo na sociedade. Ao renegar sua posição de notoriedade, a porta bandeira se encontra na plateia e aprecia o desfile de sua escola

de samba Mangueira: “*A Mangueira saiu, ela ficou*”, lembrando que desde o início sempre foi protagonista desta exibição: “*Era porta-bandeira/Desde a primeira vez*”. Frente às mudanças de papéis que está atravessando, surge o questionamento sobre quais motivos levaram a renegar a função que exercia durante anos: “*Por que terá sido isso que ela fez?*”. O próprio nome da canção, “*A Velhice da Porta-bandeira*”, nos revela que o renegar da sua função está relacionado ao processo de envelhecimento. Na obra “*Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira*” de Mirian Goldenberg (2011), denuncia a cultura de valorização do corpo jovem em nosso país, sendo este corpo visto como uma verdadeira riqueza, um corpo capital, e na ausência deste capital determinadas mulheres tem pânico da velhice e medo de falar a sua idade, pois à medida que não correspondem a este padrão de ditadura imposta sobre o corpo ficam marginalizadas e sem saber qual o seu espaço no mundo.

Face às transformações orgânicas, psicológicas e sociais oriundas do envelhecimento, e suas inúmeras consequências na vida do indivíduo, marcada pela vivência de um turbilhão de emoções em “*Não, ninguém saberá*”, onde o eu lírico informa que ninguém vai ter conhecimento do que está vivenciando. Para as demais pessoas, a sua ausência no desfile simboliza uma simples substituição: “*Ela se demitiu, outra virá*”, onde se subentende que há a troca por uma mais nova. A melodia denota o sofrimento da longeva por não ser mais a protagonista do desfile no trecho “*Ninguém a viu chorando/Coisa tão singular/ A bandeira tremeu no ar*”. O fato de ninguém a ter visto chorando remete aos achados de Mirian Goldenberg (2010) em sua pesquisa, que enfatiza o sofrimento das mulheres que envelhecem por não serem notadas pelas pessoas, sobretudo dos homens, que não direcionam mais seus olhares e cantadas a elas. Acabam estas mulheres se considerando invisíveis. Este sofrimento também é ocasionado pelas inúmeras transformações em seu corpo, entre eles, sua imagem corporal que está em constante remodelação, contribuindo para que o longo deixe de assumir um papel ativo na construção de sua história, à medida que se constitui outrem (SANTOS; DIACOMIN; FIRMO, 2019).

Outro momento do sofrimento da porta-bandeira é ver que sua angústia passa despercebida a todos que estão a sua volta, pois todos que estão na avenida se alegram com o samba, conforme descrito no verso “*Ó... quando toda avenida sambou*”, e ninguém identifica sua aflição, e neste exato momento sua aflição chega ao ápice, relatado em: “*O seu mundo desmoronou*”. E continua a descrever seu sofrimento, ao perceber que não é mais a porta-bandeira “*Ela se emocionou/ Perto dela ela ouviu, alguém gritou: "Viva a porta-bandeira"/ "Sou eu", ela pensou*” e que já tem outra em seu lugar “*Mas foi a outra*

quem se curvou”, e ao sentir que já não é mais reconhecida e valorizada pelas pessoas que fazem parte de sua escola de samba “*Ô... quando a porta-bandeira passou/ Quem viu/ Ela se levantou e aplaudiu*”. Este sentimento tristonho ao se deparar com a velhice também é encontrado na obra *La Force Des Choses* de Beauvoir (1963), que conta a dolorosa arte de enxergar o seu processo de envelhecimento frente ao espelho:

[...] No fundo deste espelho, a velhice me espreita [...] Ela me tem. Muitas vezes me detenho, ofuscada, diante desta incrível coisa que é o meu rosto. Compreendo Castiglione que tinha quebrado todos os espelhos [...] Vejo meu antigo rosto onde se instalou uma doença da qual não vou me curar. [...] A velhice me infecta também o coração [...] A morte não é mais, na distância, uma aventura brutal; ela obceca meu sono; acordada, sinto sua sombra entre o mundo e mim mesma: ela já começou. (BEAUVOIR, 1963, p.198).

Com base no relato de experiência pessoal de Beauvoir (1963) com o seu processo de envelhecimento é nítido o sofrimento psíquico e a recusa da imagem da velhice por parte da autora, ao ponto de denominar essa fase da vida a uma doença sem cura, indo na contramão do pensamento de Mirian Goldenberg (2013). Em seu livro “A bela velhice”, informa que as mulheres com mais de 60 anos declaram categoricamente que estão vivendo o melhor momento de toda a sua vida, chegando a afirmar que nunca fora tão feliz, sendo esta felicidade associada à liberdade de escolhas alcançadas com o passar dos anos.

Mediante as imagens e as produções de sentido acerca da velhice elaborada tanto pela autora Beauvoir (1963) quanto por Mirian Goldenberg (2013), alerta como a sociedade influencia significativamente na construção dessas imagens, pois segundo Brandão (2012) o sujeito que fala o discurso sobre determinado assunto é histórico, e recebe influência no seu inconsciente do seu meio social, então, à medida que se analisa o discurso do indivíduo, considero que este não é o dono do seu discurso, é apenas um representante de outras vozes que falam este pensamento, ou seja, reprodutor do pensamento coletivo (BRANDÃO, 2012). Segue abaixo uma tabela com as principais ideias da canção acerca da velhice referentes a essa década, que foram organizadas em duas vertentes: trechos da letra da música e análise interpretativa da música

Quadro 22- Análise Interpretativa da música (A velhice da porta Bandeira)

Trechos da letra da música (A velhice da porta Bandeira)	Análise interpretativa da música
Ela renunciou/A Mangueira saiu, ela ficou/ Era porta-bandeira/ Desde a primeira vez/ Por que terá sido isso que ela fez?/ Não, ninguém saberá/ Ela se demitiu,	Melancolia (substituição na vida profissional)

<p>outra virá/ Ninguém a viu chorando/ Coisa tão singular/ Quando a bandeira tremeu no ar/ Ô... quando toda avenida sambou/ O seu mundo desmoronou/ Ela se emocionou/ Perto dela ela ouviu, alguém gritou:"Viva a porta-bandeira"/"Sou eu", ela pensou/Mas foi a outra quem se curvou/ Ô... quando toda avenida sambou/ O seu mundo desmoronou/ Ô... quando a porta-bandeira passou/ Quem viu/ Ela se levantou e aplaudiu</p>	
---	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Nessa canção, a velhice é narrada por meio da centralidade do trabalho profissional na vida de uma pessoa, que acaba levando o eu-lírico da canção a dar um sentido negativo a essa fase, ao se deparar com a realidade de ser substituída em seu ofício, possivelmente por ser julgado em não apresentar mais a beleza padrão necessária para a atribuição da função. Tal julgamento é constituído a partir de um conceito prévio, que se caracteriza em preconceito, visto que a tomada de atitudes direcionada ao idoso resulta de crenças estereotipadas, não considerando os vários atributos reais desse ator social.

Diante um cenário social hostil a velhice se configura num espaço de marginalização e exclusão para este idoso, dado que é apenas retirado as suas funções sociais não sendo direcionado para um novo papel social. Isto oportuniza a construção da imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento de maneira desapropriada, já que é fundamentada em pontos de vistas reducionistas da velhice.

A visão negativa da sociedade da época, focada em limitações, restrições e perdas que essa fase pode ocasionar, não se atentando para o lado positivo de agregação de conhecimento que produz, interfere na própria imagem que o indivíduo tem de si, pois à medida que internaliza os pensamentos e valores da sociedade relacionados a sua imagem, se vê em uma ótica de insignificância e mediocridade frente ao seu entorno.

Esta conjuntura social nos ajuda a refletir sobre as questões sociais, e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, pois além de ser propício ao sofrimento psíquico dos idosos torna-se favorável para o aparecimento de diversos transtornos psíquicos, e potencializa a manifestação dos inúmeros problemas sociais como a violência física, psicológica e financeira, discriminação e isolamento contra a pessoa idosa.

Examinado atentamente este sentimento de tristeza na realidade dos nossos dias, Mirian Goldenberg (2021) publicou um texto na Folha de São Paulo sobre “Tristeza não

é doença” narrando seu profundo sentimento de tristeza frente a conjuntura social que estamos experienciando, a sensação de impotência, exaustão, sufocados por tanto ódio, violência e perversidade, não sendo necessariamente um estado patológico, mas revelando uma humanidade e sensibilidade ao momento histórico enfrentado. Este texto impulsiona outras pessoas a falarem sobre seus sentimentos, assim como não se envergonhar das suas angústias e dores. Não precisando se sujeitar à ditadura da felicidade, as pessoas são obrigadas a ser feliz o tempo todo.

Nota-se por meio da canção que esta fase da vida é marcada por diversas modificações nos aspectos biopsicossociais, e são percebidas conforme o contexto sociocultural no qual a pessoa está inserida. Tendo a sociedade uma influência significativa nas percepções dos idosos sobre o envelhecimento e sua autoimagem é importante considerar que o envelhecer muda o idoso, e cabe à família e à rede social ampará-lo, colaborando com a melhoria do seu envelhecimento.

2.5.7 - Informações sobre os compositores da canção “Capim novo”

Quadro 23- Ficha Técnica da música Capim novo

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1976	Capim novo	Luiz Gonzaga do Nascimento / Jose Clementino do Nascimento Sobrinho	Luiz Gonzaga

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Luiz Gonzaga do Nascimento, sanfoneiro, cantor e compositor, conhecido popularmente pelo título de "Rei do Baião", nasceu em 1912 no sertão do estado do Pernambuco. O músico foi o responsável pela valorização da cultura nordestina disseminando os ritmos como o baião, o xote e xaxado em todo o país. Desde a infância a música fazia parte da sua rotina, pois via o pai toca sanfona, o que levou seu pai a ficar conhecido como “Mestre Januario”. Em 1941 o cantor lançou dois álbuns como solista de sanfona. Em 1947, com o lançamento da música “*Asa Branca*”, nascia uma canção com raízes folclóricas e de grande aceitação pelo público, lhe garantindo notoriedade. Em uma premiação que aconteceu em Paris ganhou o “Nipper” de ouro e dois discos de ouro com a música “*Sanfoneiro Macho*”. Em 1965 deu-se início a parceria musical com José Clementino do Nascimento Sobrinho, natural do estado do Ceará que nasceu em 1936. A produção musical deles resultou em várias composições, e que trouxe grande repercussão nacional para o trabalho desenvolvido. Em agosto de 1989 Luís Gonzaga, devido estar enfrentando uma luta contra o câncer, foi hospitalizado, falecendo vítima de uma parada cardíaca. A letra da música “Capim novo” encontra-se logo a seguir:

2.5.8- Letra da música Capim novo

*Nem ovo de codorna,
Catuaba ou tiborna
Não tem jeito não
Não tem jeito não
Amigo véio pra você
Tem jeito não
Amigo véio pra você
Tem jeito não, não, não
Esse negócio de dizer que
Droga nova
Muita gente diz que aprova
Mas a prática desmentiu
O doutor disse
Que o problema é psicológico
Não é nada fisiológico
Ele até me garantiu
Não se iluda amigo véio
Vai nessa não
Essa tal de droga nova
Nunca passa de ilusão
Certo mesmo é
Um ditado do povo:
Pra cavalo véio
O remédio é capim novo*

A melodia retrata a sexualidade na terceira idade um assunto de extrema relevância, pois é permeado por muitos tabus e preconceitos (LIMA et al., 2016; MOURA; PESSÔA; ALMEIDA, 2017) que precisam ser desmistificados a fim de que esta temática não seja tratada como uma coisa exclusiva para pessoas mais jovens (ARAUJO; TEIXEIRA, 2018), bem como possibilite que os longevos possam entender suas mudanças corporais e tomem os devidos cuidados com a sua saúde sexual.

Com base no conteúdo da canção, percebe-se que diante do envelhecimento do corpo e das alterações hormonais o idoso busca alternativas que preservem seu desempenho sexual, citado na melodia “...ovo de codorna/ Catuaba ou tiborna”. Entretanto, métodos inúteis, pois declara no verso seguinte “*Não tem jeito não*”, devendo o longevo se conformar com esta nova realidade de diminuição de libido e da sua atividade sexual, conforme dito no verso “*Amigo véio pra você/ Tem jeito não*”.

Ainda nesse sentido, Mirian Goldenberg (2021) publicou um texto na Folha de São Paulo sobre “Tesão na alma”, descrevendo que a diminuição do desejo sexual na velhice pode ser canalizada para a descoberta de novos prazeres nessa fase. Por exemplo,

a cantora Rita Lee, com 73 anos, ao ser entrevistada pela pesquisadora afirma que não tem mais interesse em fazer sexo e usar drogas. A artista conta que transou para caramba e agora tem mais tesão na alma, sendo este prazer despertado por um bom livro, meditação, aprender coisas novas, entre outros.

A literatura reconhece que há um declínio na frequência da atividade sexual nessa fase, todavia, é atenuada por um aumento na intensidade do prazer, possibilitando uma atividade sexual mais satisfatória, uma vez que o indivíduo não se preocupa tanto com um bom desempenho físico e virilidade, mas em satisfazer o seu companheiro (ARAÚJO; TEIXEIRA, 2018). Os versos desta canção estão em consonância com as ideias de Freud, um dos precursores nos estudos da sexualidade humana. Em sua obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, afirma que o prazer pode estar presente na sexualidade humana não restringindo este ato a uma mera reprodução (FREUD, 1996).

Diversos fatores interferem na sexualidade dos idosos, entre eles: a ausência do parceiro devido à viuvez, valorização do padrão da beleza jovem, ocorrência de doenças, uso de medicamentos e mudanças na fisiologia sexual. Portanto, os fatores sociais, culturais, mudanças na fisiologia corporal e a ocorrência de doenças influenciam na sexualidade dos longevos (ALENCAR et al., 2014). Salienta-se que, à medida que existem atitudes negativas quanto ao envelhecimento, mais propensas são atitudes negativas face à sexualidade na terceira idade (PEREIRA; PONTE; COSTA, 2018). A sexualidade é apontada como um fator relevante para a qualidade de vida na terceira idade (LIMA et al., 2016).

Na terceira idade, a probabilidade de acontecimentos estressantes, tais como perda do cônjuge, prejuízo e deterioração do espaço social e do nível socioeconômico, e a presença de problemas de saúde na família, favorecem para inúmeras dificuldades na atividade e interesse sexual (GUIMARÃES, 2016). Isso resulta que alguns idosos em busca de solução para os seus problemas sexuais façam adesão à terapêutica farmacológica e psicoterapia, identificado nos versos “*Droga nova/Muita gente diz que aprova/ Mas a prática desmentiu*”.

Assim, deduz que o idoso se utilizou de fármaco, no entanto, no seu caso específico, não obteve o resultado desejado. Os casos de disfunção erétil podem ser decorrentes não apenas da idade ou anormalidades anatômicas e fisiológicas, mas também por problemas psicológicos (LIMA et al., 2016), sendo mencionado na canção: “*O doutor disse/ Que o problema é psicológico/ Não é nada fisiológico*”, comprovando que em seu caso trata-se de uma causa psicogênico.

Desvirtuando a imagem assexuada da velhice, e rompendo com a associação da velhice com problemas sexuais, Clarice Lispector, em seu conto “Mas vai Chover”, presente em *A Via Crucis do Corpo* (1974) retrata assuntos sobre sexo e velhice, onde a personagem central, Maria Angélica, de sessenta anos, paga para se relacionar sexualmente com um rapaz de dezenove anos. Com esta personagem se aprende que a pessoa idosa apresenta desejo sexual, e que pode manter uma vida sexualmente ativa, enxergando o seu corpo como uma possibilidade de prazer (LISPECTOR, 1998).

Após na música ser desvendada a causa do problema sexual “*Que o problema é psicológico*” o compositor se utiliza de uma metáfora para esclarecer a solução para este impasse: “*Pra cavalo véio/O remédio é capim novo*”. A figura de linguagem utilizada aponta a imagem da mulher jovem como a solução para dificuldade sexual do homem idoso, já que a representação desta mulher estaria relacionada à beleza, descobertas e energia, o que levaria o seu parceiro a se sentir potente, necessário e útil, colaborando para a sua autoestima.

Embora no momento presente há um aumento no número de relações conjugais entre homens mais novos com mulheres mais velhas, Mirian Goldenberg (2017) sensível às mudanças de arranjo conjugal, pesquisou sobre o assunto e lançou a sua obra “Por que os homens preferem as mulheres mais velhas?” constatando que este tipo de relacionamento ainda não é considerado normal ou legítimo para a sociedade, mesmo reconhecendo que os casais pesquisados parecem ser muito mais satisfeitos e apaixonados comparados aos outros casais mais comuns na sociedade, pois reduz os jogos de dominação, os conflitos e as disputas presentes em casamentos considerados mais “normais” ou “convencionais” (GOLDENBERG, 2017).

A sociedade estabelece imposições, ditaduras, pressão, opressão e repressão sobre o indivíduo por meio das leis e normas sociais, estipulando o modelo das condutas agradáveis socialmente, os relacionamentos amorosos ideais, a imagem que representa o belo, a idade para exercer a sexualidade, entre outros. Então, quando se lança a investigar o objeto simbólico representado pela letra da melodia, o pesquisador é levado a interpretar a melodia, explorando os sentidos relacionados ao assunto (ORLANDI, 2010). Para facilitar a interpretação e a produção de sentido das letras da canção sintetizou em um quadro as ideias centrais da música acerca das velhices referentes a essa década, sendo organizadas em duas vertentes: os trechos de letra da música e categorização da análise interpretativa da música.

Quadro 24- Análise Interpretativa da música (Capim novo)

Trechos da letra da música (Capim novo)	Análise Interpretativa da música
<p>Nem ovo de codorna/Catuaba ou tiborna/ Não tem jeito não/ Não tem jeito não/ Amigo véio pra você/ Tem jeito não/ Amigo véio pra você/ Tem jeito não, não,não/ Esse negócio de dizer que/ Droga nova/Muita gente diz que aprova/ Mas a prática desmentiu/ O doutor disse/ Que o problema é psicológico/ Não é nada fisiológico/ Ele até me garantiu Não se iluda amigo véio/ Vai nessa não/ Essa tal de droga nova/Nunca passa de ilusão/ Certo mesmo é/ Um ditado do povo: Pra cavalo véio/ O remédio é capim novo</p>	<p>Melancolia</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Nessa canção a velhice é apresentada sob o prisma da sexualidade, expondo a centralidade da temática para constituição da subjetividade desse indivíduo é identificado o sofrimento psíquico por parte do eu lírico, pois, com a chegada da velhice não possui manejo com as mudanças físicas, corporais e orgânicas do seu próprio corpo que se configuraram em problemas sexuais. Nos primeiros versos da canção é abordado os problemas sexuais, e à medida que se busca resposta para seu impasse transmite a certeza que não tem solução, caracterizando assim um sentido negativo a essa fase do desenvolvimento.

A busca por soluções imediatas por parte do eu lírico na intencionalidade de exercer a sua sexualidade, ensinam o quão é importante a prática sexual para esse indivíduo que tem a necessidade de exercita sua vida sexual normalmente, chegando a ser desesperador para este idoso ficar sem realizar sexo. Isto contribui para a quebra de paradigmas de que os idosos são assexuados, porém desencadeia uma imagem generalista de que todo ou a maioria deles teriam problemas sexuais. A partir dessa representação social de impasses, crises e problemas sexuais relacionadas a imagem do idoso, tem-se na figura do velho, da velhice e do processo de envelhecimento do idoso, um retrato de algo fragmentado e danificado, o que leva este ator social a não ser enxergando como um todo, de acordo com a integralidade de suas habilidades, capacidades e potencialidades.

A visão negativa da velhice reflete na autoimagem que o indivíduo tem de si, no sentido de achar que realmente tem um problema consigo pelo simples fato de ter envelhecido.O eu lírico trabalha nos versos da canção o seu processo de aceitação a sua nova condição limitadora, provavelmente a imagem que o idoso tem de si é de coitado,

desgraçado e infeliz, fatores estes favoráveis para a manifestação de inúmeros transtornos psicológicos.

Aos poucos, os rótulos impostos aos idosos referente a sua sexualidade estão sendo mudados. A jornalista Gloria Maria, de 72 anos, ex-apresentadora do programa Fantástico da Tv Globo, durante uma live realizada em 2021, expôs a sua liberdade sexual ao revelar já ter namorado cinco pessoas ao mesmo tempo. Mesmo sabendo que a sua declaração surpreendeu muitas pessoas, afirma que isso não lhe preocupa mais, pois o que ela quer é viver e ser livre. Este discurso está em consonância com os achados de Mirian Goldenberg (2019), onde na velhice as pessoas começam a viver para si, apertando o botão do “foda-se” no sentido de não se preocupar mais com a opinião alheia, se libertando de tudo aquilo que não lhe acrescenta

Posteriormente, descobre-se por meio de elucidações médicas que o problema que o eu lírico estava enfrentando é psicológico, e isto colabora para realizar uma reflexão sobre as questões sociais, e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, indicando a ausência de esclarecimentos e apoio da sociedade em ajudar o idoso a enfrentar as mudanças e desafios oriundos dessa fase, pois mediante tamanha busca para solucionar seus questionamentos, apenas um profissional da saúde trouxe esclarecimentos sobre a origem da doença e a possível solução.

Esta canção desnuda a necessidade de ampliar a compreensão acerca do envelhecimento e da sexualidade, pois existe a necessidade da desconstrução de ideias e preconceitos atribuídos a este assunto, que tem favorecido para dificultar a compreensão do processo de envelhecimento e suas singularidades (GATTI; PINTO, 2019). O preconceito sobre a sexualidade do idoso é fruto da escassez de informação tanto do próprio idoso como da sociedade, por isso pretende com este estudo contribuir para aumentar a compreensão do idoso considerando a mudanças oriundas dessa fase acompanhado de sua sexualidade, viabilizando a articulação de estratégias que reduzam as adversidades vivenciadas com o envelhecer.

2.5.9 - Informações sobre o Compositor da canção “Cajueiro Velho”

Quadro 25- Ficha Técnica da música Cajueiro Velho

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1976	Cajueiro Velho	João Carlos	Alcione

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2021.

Em 1911 nasceu João Carlos Dias Nazareth no estado do Maranhão, compositor, policial e integrante da banda de sua corporação. Com a morte do seu pai aos 12 anos de

idade a música foi uma alternativa para ajudar financeiramente a família. Em 1938, casou-se com Filipa Teles Rodrigues com quem teve 11 filhos, entre eles, a cantora Alcione (IFMA, 2011). Em 1966 assumiu a direção da Banda da Escola Técnica Federal do Maranhão quando foi reformado pela Polícia Militar. Entre as suas composições que mais fizeram sucesso, além dos dobrados para a banda da Polícia Militar do Maranhão (PM-MA) valsas, hinos da PM, hino da bandeira do Maranhão e Marcha Assunção, ainda ressalta as músicas gravadas pela sua filha Alcione: “*Cajueiro velho*” e “*Itelvina minha nega*”, recebendo notoriedade em todo o país. O músico veio a falecer no ano de 1986. A íntegra da letra da música está logo abaixo:

2.5.10- Letra da música Cajueiro Velho

*Cajueiro velho
Vergado e sem folhas
Sem frutos, sem flores
Sem vida, afinal
Eu que te vi
Florido e viçoso
Com frutas tão doces
Que não tinha igual
Não posso deixar
De sentir uma tristeza
Pois vejo que o tempo
Tornou-te assim
Infelizmente também a certeza
Que ele fará o mesmo de mim
Já tenho no rosto
Sinais de velhice
Pois da meninice
Não tenho mais traços
Começo a vergar como tu, cajueiro
Fui teu companheiro
Dos primeiros passos
Portanto
Não tens diferença de mim
Seguimos marchando
Em uma só direção
Apenas me resta da vida o fim
E da mocidade a recordação*

A música inicia reportando à semelhança da velhice a um cajueiro velho, na proporção que este idoso não tem a mesma vitalidade e disposição de outrora, sendo o sujeito definido meramente pelo novo adjetivo atribuído a ele: “*velho*” “*Cajueiro velho*”, visto como alguém que não pode acrescentar: “*Vergado e sem folhas/ Sem frutos, sem flores/Sem vida, afinal*”, pois foi lhe extirpada a capacidade reprodutiva. No entanto, atualmente, a resposta dos idosos à velhice está cada vez mais positiva, pois eles têm aproveitado o seu tempo livre para vivenciarem experiências singulares, como a inserção

nos espaços das Universidades Abertas para a Terceira Idade, o que tem colaborado para enxergarem a velhice de maneira satisfatória e prazerosa (FRANCO; OLIVEIRA JUNIOR, 2013).

Participar de uma UNATI contribui para apresentar altos níveis de bem-estar subjetivo e psicológico. Idosos com idades mais avançadas e do sexo masculino apresentaram índices mais altos de satisfação com a vida e de sentimentos positivos. Os idosos podem avaliar a própria trajetória de desenvolvimento, o compromisso com a sociedade e ponderar sobre o próprio empenho em perseguir um ideal de excelência pessoal (CACHION et al., 2017, p.340).

Ao se introduzir no contexto universitário, o idoso acaba constituindo para si um projeto de vida, e conseqüentemente um significado de existência, sendo estes fatores basilares para se viver uma bela velhice (GOLDENBERG, 2020). Quando o idoso não segue estes princípios básicos para felicidade na velhice, possivelmente seguirá a vida apenas enaltecendo as coisas que ficaram no passado, como por exemplo, enfatiza as características que o cajueiro já apresentou: *“Eu que te vi/Florido e viçoso/Com frutos tão doces/Que não tinha igual”*, pois verifica que com o passar dos anos o tempo trouxe mudanças significativas na planta, vista de maneira negativa, e isto ocasiona um sentimento tristonho dentro de si, pois conclui que o tempo também produzirá as mesmas modificações em sua vida, de acordo com os versos: *“Não posso deixar/ De sentir uma tristeza/ Pois vejo que o tempo/ Tornou-te assim/ Infelizmente também é certeza/ Que ele fará o mesmo de mim”*. Ao ouvir estes versos emergiu na memória uma passagem da Bíblia Sagrada, citada no livro de Mateus 6, versículo 22 e 23: "Os olhos são a candeia do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o seu corpo estará cheio de luz. Mas se os teus olhos forem maus, todo o seu corpo estará cheio de trevas". A conexão entre o texto musical e bíblico acontece, em virtude de se compreender que a concepção de envelhecimento depende da visão específica de cada pessoa, ou seja, a vivência desta fase de maneira positiva ou negativa depende em que aspectos da vida o indivíduo está focando, tendo de se considerar a subjetividade de cada pessoa e a existência de diversas velhices.

O autor exemplifica ao longo da canção as marcas da velhice em seu corpo: *“Já trago no rosto/Sinais de velhice”*, todavia, os pensamentos que guarda em sua mente, são das belas recordações de sua juventude, como descrito nos versos: *“Pois da meninice/Não tenho mais traços”*. E ao analisar a sua situação atual, identifica-se com cajueiro na circunstância de vivenciar estes processos de transformação, como também descrito em: *“Começo a vergar como tu, cajueiro/Que foi meu companheiro/Dos primeiros passos”*, assim carregando consigo a certeza de que percorrerá os mesmos caminhos

trilhados pelo cajueiro “*Portanto não tens diferença de mim/ Seguimos marchando/Em uma só direção*”, e nesta etapa da vida é conduzido a esperar apenas a morte, preservando as lembranças do que já foi um dia “*Apenas me resta da vida o fim/E da mocidade a recordação*”.

Nesta última estrofe, chama a atenção à falta de prazer pela vida que também está presente na realidade de alguns idosos que estão em situação de rua. O idoso que faz da rua o seu lugar de moradia e sobrevivência apresenta ao menos duas vulnerabilidades: ser velho e ao mesmo tempo estar em situação de rua. Através dos quatro anos de prestação de atendimentos psicológicos aos serviços Centro Pop e Abrigo para Morador de Rua, intitulado Casa Cidadão do Município de Timon-MA, foi possível perceber que diversos fatores contribuíram para que os longevos escolhessem as ruas como sua moradia fixa, entre eles: conflitos familiares, uso abusivo de substâncias psicoativas, transtornos psicológicos, morte de familiar, a situação econômica, o desajuste social e solidão.

Há um número crescente de idosos que estão em situação de rua, no entanto, há uma dificuldade de mensurar este segmento da população, justamente pela dificuldade estabelecida pela própria ausência de moradia fixa desta população, visto que as informações fornecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE se pautam em dados domiciliares (NATALINO,2016).

Então, cabe a população, sociedade, familiares, profissionais que diariamente atende a este público e poder público atentar-se para este problema social emergente que acomete a população da terceira idade, e assegurar os direitos sociais do idoso, possibilitando as condições de um envelhecimento ativo. O presente estudo pretende ser uma ferramenta de protesto contra essa triste realidade que os idosos em nosso país estão sendo expostos, da mesma maneira que o autor Manuel Bandeira em seu poema o Bicho, de 1968, tece uma dura crítica social à realidade brasileira de sua época:

*Vi ontem um bicho
Na imundice do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.
(MANUEL BANDEIRA)*

Embora o poema tenha sido escrito em 1968 pelo Manoel Bandeira, se torna atual por descrever a realidade presente de muitos idosos brasileiros, avançando em desvendar

a década de 70 na qual a canção foi composta. Utiliza-se da linguagem cancionista dessa música para compreender, não apenas aprender como a mensagem é transmitida acerca da velhice, mas sim explorar o seu sentido, se atentando no emissor, receptor e o contexto que o discurso foi escrito (VERGARA, 2010). Segue abaixo um quadro dividido em duas vertentes: trechos da letra da música e uma categorização do discurso interpretativo.

Quadro 26–Análise Interpretativa da música (Cajueiro Velho)

Trecho da letra da música(Cajueiro Velho)	Análise Interpretativa da música
Cajueiro velho/ Vergado e sem folhas Sem frutos, sem flores/ Sem vida, afinal Eu que te vi/ Florido e viçoso Com frutas tão doces/ Que não tinha igual Não posso deixar/ De sentir uma tristeza Pois vejo que o tempo/ Tornou-te assim	A descrição da imagem da velhice (negativa, inútil e desvalida)
Infelizmente também a certeza/ Que ele fará o mesmo de mim/ Já tenho no rosto Sinais de velhice/ Pois dá meninice Não tenho mais traços/ Começo a vergar como tu, cajueiro/ Fui teu companheiro Dos primeiros passos/ Portanto/ Não tens diferença de mim/ Seguimos marchando Em uma só direção/ Apenas me resta da vida o fim/ E da mocidade a recordação	Autoimagem (negativa, de inutilidade e desvalida)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

A música retrata a imagem da velhice com uma conotação negativa, visto que se utiliza de uma comparação com uma planta que se torna infrutífera, construindo a imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento com sentido de inutilidade e desvalia. A partir do momento que o idoso não teria nada a acrescentar e agregar a sociedade sua imagem simboliza um peso e um fardo para tal. A analogia da velhice com uma planta infrutífera resgata na memória a história bíblica de Jesus Cristo, que ao se deparar com uma figueira que não produzia frutos: “e, vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela; e, não tendo achado senão folhas, disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou imediatamente” (BIBLIA, Mateus 21:19).

Este ensinamento viabiliza interpretar como aquela figueira não estava cumprindo seu propósito aqui na terra, foi amaldiçoada perdendo toda a sua vitalidade, trazendo para a realidade do estudo. Na visão do cristianismo cada pessoa tem uma missão com a sua existência assim como cada fase da vida foi estabelecida com uma intencionalidade para o homem, então quando a pessoa idosa deixa de valorizar o plano de vida ou não desfruta de uma etapa da vida estabelecida pelo criador Deus vai de encontro a sua vontade, não fazendo sentido a sua permanência mais aqui na terra.

Diante a construção social da imagem negativa da velhice é nítido o sofrimento psíquico do eu lírico, já que se aproxima a sua velhice, e colabora para uma reflexão sobre as questões sociais e conexões entre as letras das melodias e as vivências desse idoso, caracterizando a sociedade da época preconceituosa e excludente contra a pessoa idosa, favorecendo para o surgimento de comportamentos ofensivos e desrespeitosos, desvalorizando e inferiorizando a pessoa idosa simplesmente por sua condição.

Mirian Goldenberg (2020), conhecida em pesquisar buscando desmitificar a velhice como algo triste ou desprezível, lançou a sua obra “A Invenção de Uma Bela Velhice”, e demonstra ser possível desfrutar de uma bela velhice, desde que o idoso encontre um projeto de vida, e o significado da existência, valorize a liberdade, alimente a felicidade, cultive a amizade, viva intensamente o presente, aprenda a dizer não, respeitando as próprias vontades e verdades, vencendo os medos e dando muitas risadas. Não se preocupando em se enquadrar em uma imagem socialmente aceita do idoso, todavia, se reinventando constantemente e não se aposentando de si, ressalta-se que as pessoas da classe média que são objeto da pesquisa da autora.

Interpretando o significado de envelhecer nas cinco músicas exploradas da década de 70, percebeu-se que o maior ponto de convergência entre elas é a descrição do sofrimento causada pelas mudanças e perdas no envelhecimento, como por exemplo em “*Ovo de codorna*” que é apontado uma associação da velhice com problemas sexuais, o que leva o sofrimento da pessoa idosa, já que não apresenta o mesmo desempenho sexual. O fato de o compositor dizer que ainda tem alguma mocidade se refere à questão do desejo sexual, levando a compreender que é algo que aconteceria apenas na fase da juventude, de acordo com os seguintes versos: “*Eu tô maduro/Mas ainda tenho/Alguma mocidade/Vou cuidar de mim*”. Tal pensamento de comprometimento da sexualidade na terceira idade também é presente na música “*Capim novo*”, sendo apresentado um método alternativo para a solução desta questão relatado nos seguintes versos: “*Para cavalo veio/O remédio é capim novo*”.

Na música “*Vaqueiro véio*” é nítido o sentimento de tristeza em razão da substituição do ofício do eu lírico da canção por uma pessoa mais nova descrito nos versos: “*Vaqueiro véio sentado/Fica chorando/Lembrando o tempo*”. Fato também que acontece na música “*A velhice da porta-bandeira*”, onde a carnavalesca sente a necessidade de renunciar ao seu ofício, no entanto, sofre de angústia por ver outra pessoa realizando a sua função, como relatado em: “*Ela renunciou/Ninguém a viu chorando/Coisa tão singular*”. Já na melodia “*Cajueiro velho*” é identificado o sentimento de melancolia pela comparação com uma planta que está sem vitalidade, focando apenas nas perdas que foram acontecendo ao longo do tempo, predominando a visão de que nesta fase não tem nada de novo para se agregar ou viver: “*Cajueiro velho vergado e sem folhas/Sem frutos, sem flores sem vida/De sentir uma tristeza/ Apenas me resta da vida o fim*”.

Além das aflições e preocupações advindas dessa fase, Miranda, Mendes e Silva (2016) narram que em nosso país a população brasileira nessa época sofreu uma modificação em seu perfil demográfico. Portanto, nesse período, diante da interação complexa de problemas internos (o sofrimento oriundo das mudanças e perdas do envelhecimento) e externos (as mudanças na sociedade) somado aos preconceitos e estereótipos relacionados com a pessoa idosa reconhece-se que a pessoa idosa vivenciou nesse momento um processo desafiador e de otimização de oportunidade para o crescimento pessoal.

2.6 - Recorte histórico década de 80

No Brasil, a partir da década de 80, a temática velhice deixa de se restringir ao âmbito da medicina, enfermagem e assistência social para começar a ser explorado por diversas áreas de saber, entre elas antropologia, história, sociologia e lingüística. A reverberação do assunto possibilitou mudanças no enfoque da velhice e a ampliação na compreensão da pessoa idosa, despertando na parcela da população uma sensibilização com o bem-estar deste público, visto a elevação da estimativa de vida deste segmento (SCHMITT, 2005). A seguir, o quadro com a ficha técnica das músicas “O homem Velho e Velhos do ano 2000” que foram analisadas com a intencionalidade de desvendarem as imagens das velhices na década de 80.

Quadro 27- Ficha Técnica das músicas O homem Velho e Velhos do ano 2000

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1984	O homem Velho	Caetano Veloso	Caetano Veloso
			Joyce Moreno

1985	Velhos do ano 2000	John Lennon/Paul McCartney/Vrs. Joyce Moreno	
------	--------------------	--	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

2.6.1 – Informações sobre o Compositor da canção “O homem velho”

Quadro 28- Ficha Técnica da música O homem Velho

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1984	O homem Velho	Caetano Veloso	Caetano Veloso

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2022.

Nascia em 07 de agosto de 1942 no estado da Bahia, Caetano Emanuel Viana Telles Veloso, um músico, produtor, arranjador e escritor brasileiro. Filho do funcionário público do Departamento de Correios e Telégrafos, José Telles Velloso e de Claudionor Vianna Telles Velloso. Ingressou no curso de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, mas logo depois abandonou a faculdade almejando novas oportunidades na carreira musical. A carreira profissional do artista começou sob a influência da sua irmã Maria Bethânia, ambos foram residir no estado do Rio de Janeiro, devido sua irmã ter sido convidada para substituir a cantora Nara Leão no show ‘Opinião’. Em 1965 a cantora Maria Bethânia gravou a composição de seu irmão Caetano Veloso dando visibilidade para o trabalho artístico do compositor. No ano de 1967 lança seu primeiro álbum “Domingo” em parceria com a cantora Gal Costa.

Na década de 60 surgiu o movimento “Tropicalismo”, no qual o artista teve uma contribuição significativa para a criação de uma arte brasileira e original. Seu acervo musical possui riquíssimo valor intelectual e poético para a cultura brasileira, já recebeu inúmeras premiações, destacando a mais recente, no Grammy Latino 2021 na categoria “Gravação do Ano” pela música “Talvez”, uma parceria do cantor com o filho, Tom Veloso, sendo o único brasileiro indicado na categoria. A premiação aconteceu em Las Vegas, nos Estados Unidos.

Em 1983 morreu o pai de Caetano com a idade de 82 anos, fato este inspirador para a composição no ano seguinte da música “*O homem velho*”. Caetano Veloso, por sua vez, buscou por meio da sua música “*O homem velho*”, gravada em 1984 no álbum “Velô”, descrever as angústias e os prazeres do que representa ser um homem velho, a quem ele dedicou no encarte do disco: “À memória do meu pai, a Mick Jagger e a Chico Buarque, que agora tem 40 anos, mas aos 20 fez uma canção lindíssima sobre o tema”. Segue abaixo a letra da música “O homem Velho”

2.6.2- Letra da música O homem Velho

O homem velho deixa a vida e morte para trás
Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais
O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais
O homem velho é o rei dos animais
A solidão agora é sólida, uma pedra ao sol
As linhas do destino nas mãos a mão apagou
Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n'roll
As coisas migram e ele serve de farol
A carne, a arte arde, a tarde cai
No abismo das esquinas
A brisa leve traz o olor fugaz
Do sexo das meninas
Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon
Belezas, dores e alegrias passam sem um som
Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron
E ao seu olhar tudo que é cor muda de tom
Os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval
Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal
Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual
Já tem coragem de saber que é imortal

Compreende-se que o homem velho citado na música em "*...deixa a vida e morte para trás*" não tem preocupação com a temática vida e morte, uma vez que este indivíduo não carrega consigo expectativas ou sonhos para o futuro, assim como interesse em manter-se vivo ou receio da morte. Segundo o Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição (DSM-5), a perda de interesse ou prazer pela vida é um dos sintomas cruciais para caracterizar o Transtorno Depressivo Maior (TDM), demonstrando ser uma realidade presente na velhice.

Este sentimento de angústia e desespero está presente na vida de muitos idosos que vivenciam o processo de luto pela perda de um filho, principalmente quando se trata de um acontecimento abrupto, já que o esperado pela lei natural da vida é os filhos enterrarem os pais. Frente ao intenso vínculo e o importante significado do cuidado construído durante a vida entre pais e filhos, somado as perdas decorrentes do próprio envelhecimento, colaboram para que estes atores sociais pensem nas questões da finitude e sintam uma dor profunda (GOMES, 2015).

Esta realidade de perda prematura do filho, somado ao desafio de vivenciar o próprio envelhecimento em nosso país é enfrentado pela figura da Déa Lucia, de 74 anos, mãe do humorista e ator Paulo Gustavo, que teve a morte prematura de seu filho em maio de 2021, vítima de complicações da COVID-19. Déa foi a inspiração para Dona Hermínia, personagem de sucesso do comediante. De acordo com Mirian Goldenberg (2021) por trás de tantas mortes em tempos pandêmicos, sobretudo as perdas dos idosos,

se escancara a “velhofobia” em nossa sociedade, visto que o Presidente do país, Jair Bolsonaro, juntamente com outras autoridades políticas, em rede nacional de telecomunicação expressa a visão de que os velhos podem morrer e “só morreu quem deveria”, visto que a pessoa idosa é pertencente ao grupo de risco da doença, sendo as suas vidas tratadas de maneira leviana.

A canção realça o posicionamento da cabeça erguida *"Cabeça a prumo, segue rumo"*, focado sempre em frente, no sentido de demonstrar a importância nos acontecimentos futuros em detrimento dos fatos passados *"nunca, nunca mais"*. Todavia, o mundo exerceria a função de espelho *"O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais"*, trazendo à tona as ações realizadas por este sujeito, levando-o sempre a relembrar suas atitudes do passado. Em consonância com este mesmo pensamento, *"Belezas, dores e alegrias passam sem um som"* na tentativa de serem silenciadas ou esquecidas de sua memória pelo idoso, mas em seguida constata-se que o homem velho não esquece, pois é encontrado *"rindo numa curva do caminho de Hebron"* e imagina-se que seja dos bons momentos vivenciados.

Ao investigar a memória desses idosos compreende-se como as identidades de cada longofoi sendo construída, e se metamorfoseando no processo do envelhecimento, além de permitir apontar como cada pessoa idosa apresenta identidades sociais diferenciadas, reconstruídas pela memória, sendo suas histórias de vida do passado parte integrante da identidade do presente.

Ao se utilizar a metáfora *"o homem velho é o rei dos animais"* enaltece a imagem do idoso, conferindo-lhe uma superioridade perante as demais pessoas. Este lugar de imponência conquistado pode ter sido galgado ao avançar da idade, por sua trajetória de vida que lhe propiciaram alcançar sabedoria, experiência, autoridade e respeito.

Em seu livro “Quem sou eu para julgar” Papa Francisco (2017) enaltece a imagem do idoso ao intitulá-los como memória e sabedoria dos povos, destacando que são vítimas dessa cultura do descartar. Mesmo diante de tamanho conhecimento e experiência de vida dos idosos, a sociedade capitalista insiste em propagar a imagem que os idosos representam um peso, um lastro. Como consequência desse pensar vêm na imagem do idoso uma pessoa que precisa ser descartada.

Este pensamento está em transformação, visto que a cantora Madonna tem demonstrado que se pode chegar aos 62 anos com uma vida produtiva e ativa. Representando por meio de sua imagem uma pessoa mais madura, sem complexos que continua provocadora e sexy. Na performance em shows comumente simula atos sexuais, e se relaciona abertamente com homens três décadas mais novos. Todas essas

experiências pessoais da cantora têm contribuindo para quebrar paradigmas relacionados à pessoa idosa de que corresponde um indivíduo que usa bengala, encurvado, cabelos brancos, sem perspectivas para o futuro, apenas esperando o tempo passar.

Face ao que foi mencionado nos versos "*A solidão agora é sólida, uma pedra ao sol*", identifica-se que a vida do homem velho é marcada pela solidão, sentimento este que se fez presente ao longo da sua vida, mas que neste ciclo da vida está sendo vivenciado de maneira mais intensa e notória. Confirmando os achados dos estudos descritos anteriormente que apontam a alta prevalência da depressão na população idosa (GONZÁLEZ, 2016).

Ainda neste mesmo sentido de isolamento social "*A brisa leve traz o olor fugaz do sexo das meninas*" reconhece que este velho não desfruta de um relacionamento amoroso, pois ao fazer menção ao "*sexo das meninas*" sugere que o contato mais próximo que teve foi por meio do "*olor fugaz*" levado pela brisa. Confirmando o discurso de Nibert Elias (2001) ao dizer que a sociedade frente ao pavor do fim da vida adota a postura de se esquivar da pessoa idosa, configurando o abandono e solidão desses atores sociais, colaborando para que os mesmos vivam uma partida antecipada, acontecendo principalmente nas sociedades industrializadas.

Ao analisar a sentença "*Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n'roll*", a pessoa idosa teve contato com a literatura, se permitindo a interação com diversos universos de conhecimento, e que já foi bastante influenciado pela cultura pertencente. Na atualidade, este idoso se encontra em outro cenário: "*As coisas migram e ele serve de farol*", e isso pode ser explicado pelas mudanças que o tempo provoca na vida do indivíduo, que o conduziu no presente momento a desempenhar um papel de referência e orientação para os demais.

No que tange à pessoa idosa, vista como fonte de conhecimento e sabedoria, transmissora de tantos ensinamentos para as novas e próximas gerações, vem à memória a imagem do educador, filósofo e escritor Paulo Freire, que morreu antes de completar os 76 anos. Portanto, de acordo com critério etário, viveu a fase da velhice por 15 anos.

Em sua obra "*À sombra desta mangueira*" traz algumas reflexões sobre a velhice no sentido de discordar que os critérios para a definição desta fase sejam puramente os de calendário "*Os critérios de avaliação da idade, da juventude ou da velhice, não podem ser puramente os de calendário*" (FREIRE, 2012, p.91). O autor também faz uma comparação entre juventude e velhice afirmando que a diferenciação entre estas fases consiste muito mais em função de como pensamos o mundo, da vivacidade de cada pessoa, disponibilidade e esperança em cada recomeço, e a capacidade contínua de sonhar. Critica

alguns idosos que rejeita o tempo presente, quando afirmam “no meu tempo era melhor” (FREIRE, 2012, p.91). Neste sentido, conclui-se que o autor mesmo com a chegada da velhice manteve seu propósito de vida, escrevendo seus livros e lutando pela superação das injustiças e dos preconceitos, tendo uma vida ativa e esperançosa.

Em seguida, a expressão "*A carne, a arte arde*" nos leva a deduzir que essa "carne" faz alusão ao corpo físico, que devido estar na velhice já sente o "arder" das dores e aflições em sua estrutura física (TODARO & CACHIONI, 2021). Em outros versos também evidencia as mudanças físicas oriundas desta etapa da vida, neste caso a cor dos cabelos: "*Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon*". Rompendo com os paradigmas estabelecidos pela sociedade, estes idosos não trazem nos seus corpos apenas as marcas do envelhecimento, mas por meio de tatuagem afirmam uma busca ou o desejo de eternizar no corpo memória de sentimentos. O corpo simbolizaria a matéria prima para impressão. A tatuagem transforma-se em memória que jamais será esquecida. Já a descrição emblemática da "arte arde" enfatiza a proximidade com a arte que este idoso teve anteriormente, mas que hoje em virtude de não ter o contato com esta arte resta apenas as dores das lembranças. (PEREIRA & RABINOVICH, 2020).

O documentário “Envelhescência” narra a chegada da velhice de seis idosos que gozam de uma vida cheia de atividade e humor. Com relação à tatuagem na velhice, a personagem Judith Caggiano de 84 anos, representa “os novos velhos” uma nova imagem acerca do envelhecimento. Com o falecimento do seu esposo, fez a sua primeira tatuagem aos 72 anos, contabilizando ao todo 71 tatuagens e 25 piercings, apontando uma nova perspectiva sobre o significado do envelhecer nos dias atuais (ENVELHESCÊNCIA, 2018). Goldenberg (2013) diz não interpretar a tatuagem como algo desviante, e sim que é algo novo, correspondendo para o idoso um discurso de libertação conquistado com o avançar da idade.

O homem velho por meio dos "*Os filhos, filmes, ditos, livros*" espalha-se pelo seu contexto social, transmitindo seus valores e conhecimento para as novas gerações "filhos", ultrapassando os limites de um mero ser individual. E diante da construção de sua história de maneira única, vai encantando, brilhando, deixando seu legado, que permanecerá mesmo após sua morte.

Respeitando a heterogeneidade das velhices, a pessoa idosa por meio de suas escolhas escreve a sua própria história de vida, e conseqüentemente transmite seus ensinamentos para as próximas gerações, nessa perspectiva, para a compreensão destes fenômenos e apropria da interpretação como objeto de reflexão (ORLANDI, 2012), almejando conhece através da linguagem musical as imagens retratadas acerca da velhice

na década de 80. Segue abaixo o quadro organizado em duas vertentes: com os trechos da letra da música “O homem Velho” e com a análise interpretativa.

Quadro 29- Análise Interpretativa da música (O homem Velho)

Trechos da letra da música (O homem Velho)	Análise Interpretativa da música
O homem velho deixa a vida e morte para trás/ Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais/O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais/ O homem velho é o rei dos animais/ A solidão agora é sólida, uma pedra ao sol/ As linhas do destino nas mãos a mão apagou/ Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n'roll/ As coisas migram e ele serve de farol/ A carne, a arte arde, a tarde cai/No abismo das esquinas/ A brisa leve traz o olor fugaz/ Do sexo das meninas/ Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon/ Belezas, dores e alegrias passam sem um som/Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron	Contemplação da velhice (descobertas e comparações)
Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron/ E ao seu olhar tudo que é cor muda de tom/ Os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval/ Espalhamo além da ilusão do seu ser pessoal/ Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual/ Já tem coragem de saber que é imortal	Imortalidade

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Por meio da linguagem cancionista é identificado como a velhice traz modificações e descobertas ao idoso frente a sua nova e peculiar condição de vida, ao mesmo tempo em que o eu-lírico faz comparações entre a juventude e a realidade, fica estarecido com as diversas mudanças dessa fase. Realça os fatores positivos, entre eles, a imagem da pessoa idosa está associada ao rei dos animais, sendo referência para a sua geração, e os negativos referente ao agravamento da solidão. É certo que o eu-lírico caracterizado como uma pessoa idosa não se preocupa com assuntos que não estão sobre o seu controle como a morte e a vida, direcionado seus pensamentos em aproveitar o presente

Assim sendo, considera que música retrata a velhice e atribui um sentido positivo a essa fase, dado que a canção elenca conquistas advindas dessa etapa da vida, e aborda este assunto com leveza. Com relação a imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento para a sociedade da época, foi construída em solo favorável para analisar este ator social baseada na compreensão da sua totalidade.

Esta visão ampla do idoso oportuniza uma reflexão sobre as questões sociais, e conexões entre os as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, pois

quando a sociedade tem uma representação positiva de ganhos dessa fase, e considera que estes idosos podem ter sentido de vida e realização pessoal, possibilita a construção da imagem desse ator social de maneira mais assertiva, e colabora para que se tornem protagonista de sua história, conhecedor de suas habilidades e potencialidades, assim como contribua para a quebra de preconceito relacionado a sociedade, elucidando que o idoso não é um peso, e deve ser tratado com respeito e dignidade.

Outro fator positivo dessa fase reportado na canção é a descoberta do sentimento de paz e tranquilidade em meio ao caos das incertezas, entre o viver e o morrer, pois mesmo compreendendo racionalmente sua incapacidade de sobreviver eternamente, se reconhecer como ser imortal pela transmissão de seu legado e sua contribuição com a sociedade que não se extingue. A morte do escritor Olavo de Carvalho, com a idade de 74 anos faleceu no dia 24 de janeiro de 2022, provocou uma grande repercussão e comoção nacional, visto que ele é considerado um dos líderes da nova direita brasileira, pertencendo à base ideológica de apoio ao atual presidente Jair Bolsonaro. Mesmo após a sua morte, as ideias defendidas pelo escritor continuaram a existir, já estão introduzidas na sociedade, podendo ser verbalizados e propagados por outros membros da sociedade.

Através dos versos da canção percebe-se que esta fase da velhice é avaliada positivamente, desmitificando a existência de apenas uma maneira de envelhecer. Logo, este conceito pode estar acompanhado de ideia de perdas, desuso, inutilidade e antiguidade, assim como significar amadurecimento, acúmulo de experiências, sabedoria, tranquilidade e prazer em viver. Como é uma experiência única e particular de cada pessoa o significado atribuído a essa fase é reflexo de como ser humano encara o seu envelhecimento.

2.6.3 - Informações sobre os Compositores da canção “Velhos do Ano 2000” (When i’m sixty-four)

Quadro 30- Ficha Técnica da música Velhos do ano 2000

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1985	Velhos do ano 2000	John Lennon/Paul McCartney/Vrs. Joyce Moreno	Joyce Moreno

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Em 1940 nasceu o artista John Lennon cantor e compositor, músico e guitarrista inglês da banda de rock britânica: The Beatles, constituída por John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr. Foi no ano de 1956 que John conhece a Paul

McCarrtney, e juntos decidem torna-se integrantes do mesmo grupo musical. Foi no ano de 1960 que o grupo de músico deles foi oficialmente batizado pelo nome de “Beatles”. Em 1963 na Inglaterra o grupo lançou o primeiro LP “Please, Please Me”. Rapidamente conquistando enorme sucesso em vários países. Os Beatles consolidaram uma carreira de êxito com a venda de mais de 800 milhões de álbuns em todo o mundo. Em 1969, John Lennon optou em sair do grupo, e oficialmente foi anunciado o fim da banda em 1970. O compositor veio a óbito em 1980 com a idade de 40 anos. Com relação ao cantor e compositor Paul McCartney nasceu em 1942, compôs a sua primeira canção com a idade de 14 anos. Jonh e Paul fizeram várias parcerias musicais de sucesso pertencente ao repertório do grupo, entre elas, “*When i’m sixty-four*”, “*Love Me Do*”, “*Eleanor Rigby, Yellow Submarine*” e “*Ticket to Ride*”. Após a dissolução da banda, o cantor e compositor Paul lançou seu álbum solo “McCartney” se mantendo no mundo da música com inúmeros sucessos. (EBIOGRAFIA, 2021). Em 1985 Joyce Moreno lança a sua versão da música “*When i’m sixtyn-four*” incluída no álbum Saudade do futuro. O discurso musical da melodia caracteriza o contexto mundial, e conseqüentemente o nacional da época, um cenário marcado pela instabilidade econômica: na década de 80 se instaurou uma crise econômica, especificamente no caso do Brasil, ocorreu a aceleração da inflação e a centralidade política de discussão sobre os planos de estabilidade econômica (SALLUM JR; KUGELMAS, 1991). Foi nesta década que se manifestou em nosso país a crise financeira mais severa, identificando o congelamento do Produto Interno Bruto e taxas de inflação sem precedentes (OMETTO; FURTUOSO; SILVA, 1995).Segue a letra de “Velhos do ano 2000”:

2.6.4- Letra da música Velhos do Ano 2000 (When i’m sixty-four)

*Quando este século se acabar
Que será de nós
Quer me dizer o que se passará
Quantas águas hão de rolar
Nós dois mais gordos
Quem sabe a voz, onde já se viu
Muito felizes depois das crises
Lá pro ano 2000
Vamos alugar uma casinha em Itamaracá Ipaquitá
Se ainda existir
Quem há dizer
Se o mundo há de explodir ou permanecer
Filhos crescidos e nada mais
Pra nos preocupar ocupar
Nem menopausa vai atrapalhar
Cada coisa em seu lugar
Já fomos hippies, loucos demais
Tudo nos uniu
Muito felizes depois das crises*

Lá pro ano 2000
Meus cabelos caem suas rugas traem
A nossa idade a nos desmentir
Vou envelhecer e se você quiser
Junto com você
Aposentados do INSS
Finalmente a sós
Vamos assistir nosso milênio entrar
O planeta se renova
Que privilégio estarmos aqui vivos no Brasil
Muito felizes depois das crises
Lá pro ano 2000
Ainda Felizes Depois das crises,
Lá pro ano 2000

Então, perante está conjuntura social de insegurança e por se aproximar a transição de século emergiram alguns questionamentos “*Quando este século se acabar/Quer me dizer o que se passara/Quantas águas hão de rolar*” e salienta sua inquietação sobre o futuro dos sujeitos descrito na melodia “*Que será de nós?*”.

Este contexto de medo, insegurança e sofrimento são presentes na vida também de mulheres mais velhas que se casam com homens mais novos. Esta circunstância acontece, segundo estas mulheres que costumam serem pelo menos dez anos mais velhas que seus companheiros, devido a realidade angustiante proveniente do olhar de censura das mães do casal, e de outras mulheres referente a união, bem como, pela atitude de mulheres mais nova se insinuarem aos seus esposos. Tais narrativas denunciam os rótulos estabelecidos pela sociedade em não reconhecer este casal como tal, associado a imagem de que estes homens são “interesseiros, aproveitadores, malandros, mulherzinhas da relação, enquanto as mulheres podem ser acusadas de “coroa piriguete”, “velha ridícula”, entre outros (GOLDENBERG, 2017, p. 79).

Imagina-se que no futuro estará mais feliz, pois até lá as crises já teriam sido resolvidas no ano 2000: “*Muito felizes depois das crises/ Lá pro ano 2000*”, demonstrando esperança no futuro. E a partir desta expectativa faz planos posteriores “*Vamos alugar uma casinha*”, e ao mesmo tempo apresenta receio de o mundo não existir mais em tempos vindouros, nota-se a presença de sentimentos contraditórios “*Se ainda existir/Quem há dizer/Se o mundo há de explodir ou permanecer*”. A ambivalência de sentimentos encontrados na melodia (elabora planos para o futuro e ao mesmo tempo o medo do amanhã) motiva a reflexão acerca da velhice como uma fase da vida composta de perdas e ganhos, pois é um processo complexo e gradativo que pode suscitar inúmeras perdas físicas, sociais, cognitiva, e paralelamente produzir aprendizagem e amadurecimento. Logo, espera-se que cada indivíduo realize as devidas adaptações em

seus estilos de vida e desenvolva habilidades emocionais para lidar com as perdas simbólicas e concretas que devem ser expostas (KREUZ; FRANCO, 2017).

No futuro o eu-lírico deduz que terá menos responsabilidades, ou seja, apenas com os filhos que já não serão tão dependentes *“Filhos crescidos e nada mais/ Pra nos preocupar ocupar”*, e isto confirma a pesquisa de Mirian Goldenberg (2013), ao expor que os homens longevos em sua disponibilidade de tempo buscam dedicar mais tempo para a família, aos filhos, apreciando mais a vida familiar. Já com relação às mulheres percebem que não respondem na mesma intensidade ao âmbito familiar, prezando mais a liberdade alcançada com a chegada da velhice.

Demonstra, também, que viveu intensamente sua vida, desfrutando um pouco de tudo, conforme demonstra no verso *“Já fomos hippies, louco demais/Tudo nos uniu”*, mas que realmente espera ser muito feliz depois das crises no ano dois mil, também demonstrado no verso *“Muito felizes depois das crises/Lá pro ano 2000”*. No tocante a estes versos, o compositor idealiza alcançar no futuro a felicidade plena, criando expectativas na solução das questões econômicas mundiais, pois sua felicidade dependeria da sua situação financeira.

Apesar do reconhecimento de que as diversas dificuldades econômicas repercutem no sentimento de felicidade das pessoas, outros aspectos são considerados basilares para explicar a variação no grau de felicidade da população brasileira, como por exemplo, as relações pessoais e sociais, afetivas e as percepções sobre saúde (RIBEIRO, 2015). Eis que *“a alta renda gera satisfação com a vida, mas não necessariamente felicidade. Já a baixa renda está relacionada com a baixa avaliação da vida e a diminuição do bem-estar emocional”* (VIANA, 2019, p.30).

Os próximos versos relatam sinais orgânicos e físico inerentes à velhice *“Meus cabelos caem suas rugas traem”*, e demonstra interesse em envelhecer junto de alguém *“Vou envelhecer e se você quiser/Junto com você”*. Mirian Goldenberg (2010) diz que para as mulheres mais velhas o mercado matrimonial é hostil e extremamente desfavorável, então quando estas mulheres têm marido sentem que possuem um verdadeiro capital, passando a serem consideradas superiores e poderosas por terem um capital raro e valorizado pela sociedade vigente, a escritora descreve como *“capital marital”*.

Levando em consideração as relações amorosas da sociedade atual, o sociólogo Anthony Giddens (1993) afirma que estes relacionamentos estão sendo construídos baseados no *“amor confluyente”* denominado como *“relacionamento puro”*, visto que as pessoas preservam a relação por elas próprias e não por outros interesses: filhos, aspectos

familiares e econômicos, entre outros, sendo a união entre o casal mantida enquanto ambas as partes se sentem satisfeitas e optam por permanecerem juntas.

O sociólogo Zigmunt Bauman (2004) em sua obra “Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos” na modernidade, analisa a fragilidade das relações humanas, para este autor, a relação “traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos – um amor líquido. A insegurança inspirada por essa condição estimula desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos” (BAUMAN, 2004, p. 4). Quanto aos idosos que estão se permitindo experimentar estas novas concepções de relações amorosas como “amor confluyente” e “amor líquido”, dizem que o amor na velhice é mais sereno, sendo o companheirismo o elemento mais importante na relação amorosa nessa fase, seguido de compreensão, respeito, paciência, cumplicidade, carinho, dedicação, entre outros (BAPTISTA; ROLDÃO, 2016)

Na estrofe seguinte traz a afirmativa “*Aposentados do INSS/Finalmente a sós*”. Agora a pessoa deixa de ocupar um papel ativo na sociedade, e passa a assumir um papel mais passivo de assistir e apreciar vida, e neste caso específico, a entrada do milênio “*Vamos assistir nosso milênio entrar/O planeta se renova*”. Nos dias atuais, os idosos em sua maioria estão aproveitando seu tempo, investindo mais em si, com base nos dados da pesquisa “Estilo de vida e Consumo da Terceira Idade 2018⁶” conduzida em sua segunda série pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo SPC Brasil apontam que os idosos acessam a internet com frequência e possuem perfis nas redes sociais com a finalidade de se comunicarem com outras pessoas e facilitar o acesso às informações; preocupam-se com a aparência e a autoestima, cultivam hábitos de lazer, adoram conviver com amigos e familiares, se planejam para planos futuros, e consideram-se sábios, felizes e orgulhosos das suas conquistas.

O discurso musical da canção anuncia como o eu-lírico sente-se privilegiado por estar vivo e residindo em nosso país “*Que privilégio estarmos aqui vivos no Brasil*”, e apresenta esperança que a crise acabará no ano 2.000, passando a viver muito mais feliz “*Muito felizes depois das crises/Lá pro ano 2000*”, e segue enfatizando que a sua felicidade se solidificará depois da crise “*Sempre felizes depois das crises/ Lá pro ano 2000*”.

Além dos desafios econômicos abordado no discurso musical da canção, atualmente em nosso país há uma incidência crescente dos casos de HIV (Vírus da

⁶Pesquisa “Estilo de vida e Consumo da Terceira Idade 2018”, conduzida em sua segunda série pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo SPC Brasil. Disponível em <https://bpmoney.com.br/coluna/confraria-do-empendedor/saiba-mais-e-commerce-cresce-em-publico-na-3o-idade/>, Acesso em 15 de setembro de 2020

Imunodeficiência Humana) na população com 60 anos ou mais, no sentido da garantia de políticas públicas e estratégias que visem ações preventivas e de qualidade de vida para este segmento da população. Uma vez que deve se considera que o tratamento adequado não corresponde apenas aos aspectos clínicos e epidemiológicos da AIDS nessa fase, sendo imprescindível que seja ofertado o apoio psicológico ao paciente para contribuir nas questões de ordem afetiva (FERREIRA et al., 2017).

Sendo assim, a pessoa idosa deve ser compreendida em sua singularidade e especificidade, e ancorada no modelo biopsicossocial que atende diretamente ao conceito de saúde, definido como um estado completo de bem-estar físico, mental e social (aspectos socioeconômicos, culturais e inter-relacionais), buscando considerar este fenômeno em sua complexidade e totalidade, destinou-se a apreender as imagens da velhice se utilizando da linguagem cancionista para acessar as velhices. Segue abaixo o quadro organizado em duas vertentes: com os trechos da letra da música e com a análise interpretativa.

Quadro 31- Análise Interpretativa da música (Velhos do ano 2000)

Trechos da letra da música (Velhos do ano 2000)	Análise Interpretativa da música
<p>Quando este século se acabar/ Que será de nós/ Quer me dizer o que se passará/ Quantas águas hão de rolar/ Nós dois mais gordos/ Quem sabe a voz, onde já se viu/ Muito felizes depois das crises/ Lá pro ano 2000 Vamos alugar uma casinha em Itamaracá Ipaquitá/ Se ainda existir/ Quem há dizer Se o mundo há de explodir ou permanecer/ Filhos crescidos e nada mais/ Pra nos preocupar ocupar/Nem menopausa vai atrapalhar/ Cada coisa em seu lugar/Já fomos hippies, loucos demais/ Tudo nos uniu/ Muito felizes depois das crises/ Lá pro ano 2000/ Meus cabelos caem suas rugas traem/ A nossa idade a nos desmentir/ Vou envelhecer e se você quiser/ Junto com você Aposentados do INSS/ Finalmente a nós Vamos assistir nosso milênio entrar/ O planeta se renova/ Que privilégio estarmos aqui vivos no Brasil/ Muito felizes depois das crises/ Lá pro ano 2000/ Ainda Felizes Depois das crises/ Lá pro ano 2000</p>	<p>Contemplação da velhice (Incertezas, suposições, planejamento para o futuro, mudanças de Vida, relação (Felicidade e Crise)</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Diante as incertezas com a virada do século, somado as inúmeras mudanças com a chegada da velhice, o eu-lírico faz suposições e planejamento para o futuro, e vincula a felicidade com a questão econômica. Mesmo este cenário social sendo de instabilidades, a imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento e sentido atribuído a velhice é positiva, uma vez que a pessoa idosa com a aproximação dessa fase contempla os desafios inerentes da velhice, e se permite viver o novo, elaborando planos para o futuro.

Embora a condição social e econômica seja desfavorável desse momento, viabiliza uma reflexão sobre as questões sociais, e conexões entre os as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, pois ao tempo que o eu-lírico projeta e condiciona a sua felicidade a sua posição financeira, apontando ser este um fator crucial para o bem-estar do idoso, podendo interferir na construção da imagem de uma boa velhice. Mirian Goldenberg (2021) em sua pesquisa descreve a relação da felicidade e trabalho, e conseqüentemente do dinheiro, e diz que em nossa cultura há uma valorização do trabalho, da família e da aparência do corpo, por isso as mulheres tem a necessidade de dominar estas três áreas da sua vida para se sentir felizes e bem sucedidas. O trabalho deve vim acompanhado de uma família feliz e de pelo menos um filho, diferente de outras culturas onde as mulheres podem escolher seguir carreira profissional ou a maternidade.

A partir da capacidade do eu-lírico de projetar planos para o futuro, representando este a pessoa idosa, se medita sobre a construção da imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento para a sociedade da época, defende que este ator possivelmente teria se tornado um sujeito mais resiliente capaz de transformar seus problemas em ferramentas para o seu desenvolvimento e crescimento pessoal, e assim, mais convictos de suas capacidades em enfrentar os desafios da vida. Representando na imagem da pessoa idosa uma pessoa corajosa, proativa, ousada e destemida para viver o novo.

Analisando as duas músicas investigadas na década de 80 “O velho” e “Velhos do ano 2000” se encontra semelhanças referentes ao sentido positivo atribuído à imagem da velhice. Na primeira canção “O velho” o compositor faz uma comparação do homem idoso com o rei dos animais, encontrando uma exaltação dos aspectos positivos como: conhecimento, acúmulo de experiências e sabedoria: "O homem velho é o rei dos animais". O discurso musical da segunda música “Velhos do ano 2000” expressa as vantagens dessa fase da vida, alegando que o único obstáculo para não gozar da plena felicidade seria a crise: “Filhos crescidos e nada mais/Pra nos preocupar ocupar/Muito felizes depois das crises”.O pensamento favorável relacionado a velhice presente no

discurso musical das duas melodias, refletindo na construção de uma imagem positiva acerca dessa fase, está em consonância com a descrição do momento histórico da época que aponta a ampliação na compreensão da pessoa idosa visto a elevação da estimativa de vida deste segmento (SCHMITT, 2005).

2.7 - Recorte histórico década de 90

Em meados dos anos 90 foi realizado no Brasil um estudo que buscava analisar os vocabulários empregados para se referir a velhice, no jornal Folha de S. Paulo (1990-1999), levando à compreensão de qual o sentido da velhice suscitado pelos meios de comunicação social, é um conteúdo heterogêneo, pois uma vez que faz associação como sendo uma etapa de decadência, em outro momento, a relaciona ao rejuvenescimento (NOGUEIRA, 2001). Schmitt (2005) diz que na década de 90 eram escassos os estudos científicos sobre a temática, sendo direcionado apenas no prisma da relação velhice versus juventude. A seguir, o quadro com a ficha técnica da música “50 anos” que foi analisada com a intencionalidade de desvendar as imagens das velhices na década de 90.

Quadro 32- Ficha Técnica da música 50 anos

Ano	Música	Compositor	Intérprete
1996	50 anos	Cristóvão Bastos/Aldyr Blanc	Paulinho da Viola

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

2.7.1- Informações sobre os Compositores da canção “50 anos”

Aldir Blanc Mendes nasceu em 2 de setembro de 1946, médico de formação, escritor e compositor. O artista fez o curso de medicina com especialização em psiquiatria, mas largou tudo para se tornar compositor. A sua obra musical é marcada pela elaboração de temas como a crônica urbana, a crítica política e a experiência humana (ITAU CULTURAL, 2021). Começou a ganhar destaque na MPB por meio de suas parcerias com João Bosco, criando a canção "*Bala com Bala*" (sucesso na voz de Elis Regina), entre outras. Em 1996 foi gravado o disco comemorativo “Aldir Blanc 50 Anos” com a participação de vários parceiros musicais, entre eles, Cristóvão Bastos com quem compôs a faixa que leva o nome do álbum “50 anos” (LETRAS, 2022). Além dessa música, os dois fizeram outras parcerias musicais, Cristóvão da Silva Bastos Filho (2019) ou Cristóvão Bastos, como é conhecido, é compositor, arranjador, pianista, acordeonista

e produtor musical, e nasceu no Rio de Janeiro em 3 de dezembro de 1946. Diante da vasta produção musical e literária de Aldir Blanc para o patrimônio cultural brasileiro, o jornalista Luís Fernando Vianna conta a história do compositor no livro “Aldir Blanc: Resposta ao Tempo” (2013), descrevendo fatos da sua vida que foram inspirações para a sua composição, como o trauma ocasionado pela morte das filhas gêmeas e da mãe. Um acidente de carro que quase o deixou sem movimento na perna, refletiu na escolha do compositor aos 66 anos decidir cada vez ficar dentro de casa, se relacionado com pouquíssimas pessoas, mas sempre que possível produzindo músicas. Aldir Blanc faleceu em 2020, aos 73 anos, por complicações causadas pela covid-19. (JORNAL GGN, 2013). Abaixo, a letra da música “50 anos”.

2.7.2 Letra da música 50 anos

*Eu vim aqui prestar contas
De poucos acertos
De erros sem fim
Eu tropecei tanto às tontas
Que acabei chegando no fundo de mim
O filme da vida não quer despedida
E me indica: ache a saída
E pede socorro onde a lua
Que encanta o alto do morro
Que gane que nem cachorro
Correndo atrás do momento que foi vivido
Venha de onde vier
Ninguém lembra porque quer
Eu beijo na boca de hoje
As lágrimas de outra mulher
Cinquenta anos são bodas de sangue
Casei com a inconstância e o prazer
Perdão a todos, não peço desculpas
Foi isso que eu quis viver
Acolho o futuro de braços abertos
Citando Cartola:
- Eu fiz o que pude
Aos cinquenta anos
Insisto na juventude*

O eu-lírico da canção ao completar meio século de idade sentiu a necessidade de dar explicações e informações sobre as escolhas adotadas em sua trajetória de vida. Admite suas imperfeições e erros, e buscou explorar ao máximo seu universo, vendo em cada momento de sua vida uma oportunidade para reinventar-se “*De poucos acertos/De erros sem fim/Eu tropecei tanto às tontas/Que acabei chegando no fundo de mim*”. Esta reinvenção experienciada pelos longevos pode ser vista nos idosos que participam das Universidades Abertas para a Terceira Idade, uma vez que dentro deste espaço eles se

permitem vivenciar troca de conhecimento científico e conhecimento adquirido no transcurso da vida (FRANCO; BARROS JUNIOR, 2013).

Pensando acerca de uma imagem que simbolize este processo de reinvenção e descoberta de si, Mirian Goldenberg (1995) publicou um livro "Toda Mulher É Meio Leila Diniz: Gênero, Desvio e Carreira Artística", uma versão adaptada de sua tese de doutorado, defendida no programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que conta a história de Leila Diniz, uma mulher que transformou milhares de cabeças femininas nos anos 60. Mesmo morrendo jovem aos 27 anos revolucionou a sua época, viveu intensamente e influenciou mudança de comportamento na sexualidade e na maternidade, rompendo com os padrões estabelecidos pela época relacionados aos papéis sociais da mulher.

Mirian Goldenberg (1995) ao dizer que “Toda Mulher É Meio Leila Diniz” se utiliza da imagem de liberdade e amor livre dessa artista para representar o que todas as mulheres almejam ser: livres. Mulheres desprendidas de toda escravidão social, tendo o direito de liberdade para mudar de parceiros quantas vezes desejar, para vestir e mostrar o seu corpo da maneira que lhe for conveniente, para poderem falar palavrões, simplesmente livres, e esta liberdade também contemplaria as mulheres na velhice podendo recriar e reinventar seu próprio lugar no mundo.

Goldenberg (2019) chama a nossa atenção que ainda hoje se precisa lutar pelo direito de liberdade da mulher, bem como para desconstruir o estigma do envelhecimento, a pesquisadora traz em sua fala o caso que aconteceu em 2013, com a atriz Betty Farias, no tempo na casa dos 70 anos, que foi a praia do Leblon, no estado do Rio de Janeiro, de biquíni, sendo bastante criticada por sua atitude, o que fez a artista se posiciona da seguinte maneira “Quer dizer que eu preciso ir à praia de burca?” Então, o caso reportado na entrevista da antropóloga demonstra que mesmo após vários anos de luta contra as limitações impostos as mulheres, e rótulos estabelecidos a pessoa idosa pela sociedade tem muitos desafios que precisam ser superados

Em seguida, tendo entendimento de que a morte é uma realidade próxima, o eu-lírico com a chegada da nova idade promove a reflexão sobre o tempo de existência, desejando viver mais, conforme o trecho “*O filme da vida não quer despedida*”, e prontamente procura alternativas que prolongue este processo em “*E me indica: ache a saída/E pede socorro onde a lua/Que encanta o alto do morro*” de maneira desesperada “*Que gane que nem cachorro/Correndo atrás do momento que foi vivido*” busca em suas recordações algo que revigore o prazer pela vida, independente de que lugar possa suscitar “*Venha de onde vier*”.

Esta informação acima é refutada pela antropóloga Mirian Goldenberg (2021) referente ao eu-lírico buscar momentos felizes nas fases anteriores a velhice, haja visto que nessas fases anteriores em média as mulheres aos 45 anos são mais infelizes, sendo descrito os três motivos principais: comparação, culpa e cobrança, portanto, é com a chegada da maturidade que estas mulheres depois dos 50 anos seriam mais felizes, a escritora abordou este assunto sobre a curva da felicidade ao participar de um podcast intitulado “Prazer, Renata” dirigido pela jornalista e apresentadora Renata Ciribelli.

Na busca em desfrutar ao máximo da vida, determinados idosos são potenciais consumidores para as empresas de turismo, visto que habitualmente viajam o ano inteiro e prezam por conforto e segurança, que em sua maioria, realizam ao menos uma ou duas viagens ao ano e tem preferências por praias e interior (ALMEIDA; VARJÃOS; SANTOS, 2020). Uma parcela de nossos idosos tem aproveitado para desfrutar os anos de vida que lhes restam de forma mais livre, preservando a dignidade de viver uma velhice repleta de experiências prazerosas, com significados profundos propiciados pelo conhecimento e apropriação de si. Fator que aumenta a possibilidade do idoso desfrutar de qualidade de vida nessa fase, e conseqüentemente gozar de uma velhice positiva, é quando dispõe de condição econômica favorável. Pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (2020) em nosso país, afirma que os idosos representam 17,44% dos 5% dos brasileiros mais ricos e 1,67% dos 5% mais pobres. Correspondendo a 15,54% da classe AB, 13,07% da classe C, 4,71% na classe D, e 1,4% dos idosos são da classe E, demonstrando que esta população idosa brasileira apresenta condição econômica favorável e estável comparada ao restante do país.

Ao vaguear em suas lembranças, o eu-lírico descobre que não lembra só do que se almeja “*Ninguém lembra porque quer*”, e entende que suas experiências amorosas de hoje são reflexos de relacionamentos anteriores “*Eu beijo na boca de hoje/ As lágrimas de outra mulher*”. Chegando a associar seus cinquenta anos de vida a obra *Bodas de sangue* (1933) “*Cinquenta anos são bodas de sangue*”, atribuindo ao seu processo de envelhecimento um sentido negativo, pois esta obra teatral de Federico Garcia Lorca descreve a história de um amor impossível que culmina em uma tragédia sanguínea.

Ao se pensar em narrativas/circunstâncias de vida desfavoráveis a pessoa idosa na atualidade, lembra-se do caso das profissionais do sexo nessa fase, devido a questão da idade avançada desqualificar estas mulheres que exercem a profissão, e por não possuírem outra fonte de renda já que estão há muitos anos na prostituição, refletindo na redução tanto do rendimento profissional quanto do financeiro, podendo ocasionar em vulnerabilidade extrema, devido à dificuldade em conseguir outro emprego sem ter

experiência e estando nessa etapa da vida (SILVA, 2018). Silva (2018) destaca que algumas profissões ainda não foram regulamentadas por lei, como é o caso dessas profissionais:

...houve vários avanços no que se refere à garantia de direitos e proteção da pessoa idosa no Brasil, porém, é importante compreender que ainda existe categoria profissional que não é regulamentada por lei dificultando dessa forma o acesso desses indivíduos aos direitos trabalhistas que estão garantidos na Consolidação das Leis do Trabalho (SILVA, 2018, p.7).

O fato das profissionais do sexo ainda não estarem inserida em uma categoria profissional regulamentada por lei, acaba agravando a situação de vulnerabilidade e adversidade de determinados idosos. A ausência do reconhecimento dessa atividade como profissão, acrescida dos desafios inerentes a velhice, pode-se repercutir em dores e aflições na vida da pessoa idosa. O discurso musical dessa canção, retrata o eu-lírico ao chegar na última etapa da vida, não vendo sentido em carregar ressentimentos de ninguém “*Perdoo a todos*”, segue ratificando suas atitudes e escolhas, não se arrependendo de nenhuma delas “*Não peço desculpas*”, pois entende que isto é viver “*Foi isso que eu quis viver*”.

Vivendo intensamente desejos e vontades, certas pessoas se envolvem em casos de infidelidade conjugal, Mirian Goldenberg (2010) ao investigar razões de adultérios contou histórias, mágoas e justificativas de seus entrevistados no seu livro “Porque os homens e as mulheres traem” apontando que os comportamentos de gêneros relacionados aos aspectos sexuais não estão tão distantes, já que 60% dos homens e 47% das mulheres afirmaram que já foram infiéis.

Embora haja uma diferença gritante quanto aos motivos da traição, culturalmente os homens são propensos à infidelidade. No caso das mulheres vive-se isto em segredo, e quando descoberta, ser associada à imagem de “puta”. Além dos estigmas oriundos da fase da velhice, as mulheres na velhice que tiverem seus casos de traição revelados possivelmente terão sua imagem rechaçada, representando o sigilo da infidelidade uma questão de sobrevivência social (GOLDENBERG, 2010).

Para o eu-lírico é válido seguir aceitando as novas condições dessa fase da vida, “*Acolho o futuro de braços abertos*”, e se apropria da fala de Cartola para expressar seu sentimento com a chegada da longevidade, de sempre desfrutar a vida, mesmo com o avançar da idade, e preservando um espírito juvenil “*Eu fiz o que pude/Aos cinquenta anos/Insisto na juventude*”. A pessoa idosa que apresenta a aceitação de sua idade e tem consciência quanto ao seu processo de envelhecimento manifesta uma resposta positiva

a esta etapa da vida, predominantemente em relação às alterações físicas, e se sente estimulada para à adesão de atividades diárias e ao convívio social, o que os torna mais felizes nessa fase da vida (MENEZES et al., 2018).

Através da aceitação dessa etapa da vida pelo indivíduo, e admitindo a influência da sociedade como da própria cultura, e dos costumes éticos e morais para a construção da imagem e sentido produzido positiva ou negativa referente a essa fase da vida, se identifica a relação direta entre a imagem da velhice na sociedade em que se está inserido e o indivíduo que está envelhecendo, por isso examina-se o discurso musical desta canção como um recurso metodológico para acessar as velhices vivenciada na década de 90. Segue abaixo o quadro organizado em duas vertentes: com os trechos da letra da música e com a análise interpretativa.

Quadro 33 - Análise Interpretativa da música (50 Anos)

Trechos da letra da música (50 Anos)	Análise Interpretativa da música
<p>Eu vim aqui prestar contas/ De poucos acertos/ De erros sem fim/ Eu tropecei tanto às tontas/ Que acabei chegando no fundo de mim/ O filme da vida não quer despedida/ E me indica: ache a saída/ E pede socorro onde a lua/ Que encanta o alto do morro/ Que gane que nem cachorro/ Correndo atrás do momento que foi vivido/ Venha de onde vier</p>	<p>Saudosismo (insistentemente vive preso em suas lembranças dos passado)</p>
<p>Ninguém lembra porque quer/ Eu beijo na boca de hoje/ As lágrimas de outra mulher/ Cinquenta anos são bodas de sangue/ Casei com a inconstância e o prazer/ Perdô a todos, não peço desculpas/ Foi isso que eu quis viver/ Acolho o futuro de braços abertos/ Citando Cartola:- Eu fiz o que pude/ Aos cinquenta anos/ Insisto na juventude.</p>	<p>Visão negativa da velhice (comparação da velhice com as bodas de sangue)</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Ao analisar o retrato da velhice expresso pela linguagem cancionista depara-se com uma imagem de um idoso desesperançoso com a sua realidade, que busca em suas lembranças. insistentemente motivos que nutram o sentido de sua existência. Os pensamentos que povoam a sua mente é como se fosse um filme da retrospectiva de sua

vida, trazendo a conclusão de que chegou ao fim da vida.

Tantas incertezas e ausência de esclarecimentos a esta nova condição do idoso contribuem para que seja atribuído um sentido negativo a essa fase da vida, além de oportunizar a manifestação de inúmeros transtornos psicológicos, e uma tendência demasiada em valorizar coisas do passado. A prisão do idoso nas lembranças de sua memória impossibilita de desfrutar o novo, tornando-o possivelmente uma pessoa introspectiva, de pouca interação e baixa intimidade com o mundo exterior.

Através dessa imagem acerca da velhice exposta na linguagem musical se pode compreender a sociedade que o eu-lírico está inserido, pois de acordo Karl Marx e Friedrich Engels, na obra *A Ideologia Alemã* (2002) as representações coletivas (imagens) são construídas pelos vínculos sociais, em decorrência do modo de produção e das relações de produção que predomina em cada sociedade. Os indivíduos se comportam em sociedade, da mesma maneira que agem com as suas produções, visto que a maneira e o vínculo de produção seguida por cada sociedade são decisivos na gênese das representações sociais (imagem).

Ainda neste sentido afirmam, que “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, ENGELS, 2002, p. 86). Os indivíduos estabelecem uma relação de dependência com as condições materiais de sua produção, sendo aptos para transformarem e revolucionarem o contexto social que estão inseridos, pois na concepção marxista “os homens ao desenvolverem sua produção material e relações materiais, transformam, a partir da sua realidade, também o seu pensar e os produtos de seu pensar” (MARX; ENGELS, 2002, p. 96).

Fundamentada nos pressupostos defendido por Karl Marx e Friedrich Engels (2002), se fez uma reflexão sobre as questões sociais, e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, na qual a imagem desfavorável dessa fase expressa nas letras das canções, enfatiza a ausência de iniciativa da sociedade em propiciar um espaço acolhedor e humanizado para este novo ator social como consequência do próprio idoso em lidar com sua própria subjetividade diante tantas mudanças, resultando em uma imagem pessimista dessa fase da vida

A imagem negativa e desfavorável acerca da velhice difundida na canção, e a demonstração de escasso conhecimento sobre o assunto pela sociedade, é visível pelo título da canção “50 anos” e associação da imagem da velhice com as bodas de sangue, “Cinquenta anos são bodas de sangue”, depreende-se que este fenômeno ainda não era algo cognoscível, em razão do título da canção sugerir que uma pessoa de 50 anos

correspondesse a um “velho”, sendo que nos dias atuais, está cada vez mais difícil determinar uma idade cronológica para esta fase, visto que as pessoas estão vivendo mais tempo, tais informações corroboram, com o pensamento de Schmitt (2005) que diz que nessa década eram escassos os estudos científicos sobre a temática.

2.8 - Recorte histórico década dos anos 2.000

No ano 2002 ocorreu a Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, sendo aprovado o Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento (PIAE), um acordo firmado por todos os membros das Nações Unidas. Então, como medida de viabilização do PIAE foi desenvolvida a Política do Envelhecimento Ativo destinada primordialmente a ampliar a qualidade de vida da pessoa idosa, incluindo aqueles que apresentam limitações e necessitam de auxílio para desempenharem suas atividades de rotina. Destaca-se alguns princípios dessa política: valorização à interdependência e solidariedade entre gerações, criação de espaços sociáveis para os longevos, práticas que favorecem a extinção de formas de discriminação de idade, incentivo a autonomia e independência dos idosos.

Em nosso país, em 2003, foi criado o Estatuto do Idoso, por meio da lei nº 10.741/03 como medida de assegurar à pessoa idosa seus direitos, a saber: os direitos à vida, cidadania, liberdade, dignidade, alimentação, saúde, trabalho, cultura, educação, lazer, esporte e convivência familiar e comunitária, e responsabilizando a família, sociedade e poder público de garantir ao idoso a efetivação de seus direitos. Subsequentemente, no ano de 2006 foi aprovada a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, por meio da Portaria n.º 2.528/06, que tem como finalidade preservar, recuperar e promover autonomia e independência da pessoa idosa. A seguir, o quadro com a ficha técnica das músicas Lema, Envelhecer e Matusalém, que foram analisadas com a intencionalidade de desvendarem as imagens das velhices nos anos 2.

Quadro 34 - Ficha Técnica das músicas Lema, Envelhecer e Matusalém

Ano	Música	Compositores	Intérprete
2008	Lema	Carlos Rennó E Lokua Kanza	Ney Matogrosso
2009	Envelhecer	Arnaldo Antunes/Ortinho/Marcelo Jeneci	Arnaldo Antunes
2016	Matusalém	Arthur Nestrovski / Luiz Tatit	Luiz Tatit

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

2.8.1 - Informações sobre o Compositor da canção “Lema”

Quadro 35 - Ficha Técnica da música Lema

Ano	Música	Compositores	Intérprete
2008	Lema	Carlos Rennó e Lokua Kanza	Ney Matogrosso

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

No estado de São Paulo no ano de 1956 nascia Carlos Rennó compositor, letrista jornalista e escritor brasileiro. Após a conclusão do curso em jornalismo trabalhou na Folha de São Paulo, depois deixou a carreira jornalística dedicando integralmente a produção musical. O compositor fez inúmeras parcerias com relevantes nomes da música popular brasileira, entre eles, Tetê Espíndola, Gilberto Gil, Lenine e Chico César. Compôs várias canções com grande teor político, onde se destacam: Demarcação Já, Reis do Agronegócio e Manifestação. Com relação à “Lema”, a parceria foi internacional, Lokua Kanza, de origem africana nasceu em 21 de abril de 1958, é compositor, cantor e instrumentista. Kanza em 1984 morou em Paris com a finalidade de estudar em uma escola de jazz. O artista canta em inglês, francês, "um pouco em português" e em lingala e swahili (duas das línguas faladas na República Democrática do Congo) (FOLHA, 2000). A partir de uma ligação do cantor Ney Matogrosso para Carlos Rennó solicitando uma música, surgiu a quarta parceira musical entre Carlos Rennó e Lokua Kanza. Então, no ano de 2008, a música “Lema” foi lançada pelo cantor Ney Matogrosso, no álbum “Inclassificáveis”. Segundo os compositores da canção, abaixo descrita, esta seria uma homenagem ao próprio cantor Ney, uma vez que já estava com seus 67 anos, e representava a imagem do idoso na idade contemporânea. Abaixo, a letra da música “Lema”.

2.8.2- Letra da música Lema

(Ioba iê)
Não vou lamentar
a mudança que o tempo traz, não
o que já ficou para trás
e o tempo a passar sem parar jamais
já fui novo, sim
de novo, não
ser novo pra mim é algo velho
quero crescer
quero viver o que é novo, sim
o que eu quero assim
é ser velho.
Envelhecer
certamente com a mente sã
me renovando

*dia a dia, a cada manhã
Tendo prazer
me mantendo com o corpo são
eis o meu lema
meu emblema, eis o meu refrão
Mas não vou dar fim
jamaís ao menino em mim
e nem dar de, não mais me maravilhar
diante do mar e do céu da vida
e ser todo ser, e reviver
a cada clamor de amor e sexo
perto de ser um Deus
e certo de ser mortal
de ser animal
e ser homem
Tendo prazer
me mantendo com o corpo são
eis o meu lema
meu emblema, eis o meu refrão
Eis o meu lema
meu emblema, eis minha oração
Eis o meu lema
meu emblema, eis minha oração
(Ioba iê)*

Inicialmente a canção retrata as diversas mudanças ocasionadas pelo tempo na vida do indivíduo “*a mudança que o tempo traz*”, onde circunstâncias novas e o que ficou para trás não deve ser lamentado pelo eu-lírico “*Não vou lamentar*”, pois de acordo com a própria literatura é um processo inevitável e natural (MACENA; HERMANO; COSTA, 2018) contínuo, caracterizado por mudanças decorrentes da passagem do tempo (BARBOSA, 2015) as quais o ser humano deve vivenciar.

Em uma entrevista cedida à série: *Outros Tempos: Velhos*, lançada em 2017, no canal HBO MAX⁷, o próprio cantor Ney Matogrosso afirmou que é estranha a sensação de estar envelhecendo, pois, este processo acontece pelo lado de fora, por dentro parece que está tudo intocado, ou seja, na cabeça continua tudo igual. O cantor em seguida realizou alguns questionamentos acerca da temática, “Mas vai fazer o quê? Meter uma bala na cabeça?”, questiona o cantor: “Vou viver com medo do futuro? Tem coisas que não estão no nosso controle, que a vida bota na frente. E aceito. Tem que aceitar mesmo, abrir sua compreensão e falar: isso é inevitável.”.

A partir de depoimentos de um engenheiro de 69 anos presente no livro “*A Bela Velhice*” de Mirian Goldenberg (2013) na atualidade a lamentação da vida não é uma opção para as pessoas estão envelhecendo com planos e vitalidade, pois ao invés de focar

⁷A série *Outros Tempos – Velhos*, coprodução da HBO Latin America com a Prodigio Films, venceu a categoria “Melhor Série Documental para TV Aberta, fechada ou OTT” do 12º Prêmio Fiesp/Sesi-SP de Cinema e TV. A série é composta por oito episódios, reunindo oito personagens conhecidos, como Ney Matogrosso, Tânia Alves, Regina Guerreiro e Hermeto Pascoal, e também oito anônimos, com mais de 60 anos de idade, que questionam conceitos como “melhor idade” e levantam reflexões sobre como é envelhecer no século 21.

em momentos adversos investe seu tempo em cursos, viagens, namoro, cuidado com a casa, trocando informações e aprendendo muito sobre a vida com os netos, com tantas ocupações, projetos de vidas e aprendizado, vivem uma velhice de maneira positiva.

No verso *“quero viver o que é novo, sim/o que eu quero assim é ser velho”*, demonstra a aceitação dessa fase por parte do eu-lírico que resolve aproveitar as virtudes de ser velho. Para Mirian Goldenberg (2020) o fator crucial para a aceitação da velhice é a amizade entre as mulheres na luta contra a “velhofobia” a fim de pararem de se estabelecerem tantas limitações devido se encontra na fase da velhice, e não aceitar os seguintes questionamentos: “Não posso mais isso, não posso mais aquilo, estou velha, estou horrorosa, estou medonha, sou invisível”, bem como deixar de julgar com tanta crueldade as atitudes de outras mulheres que estão envelhecendo.

Em outro momento da entrevista a série *Outros Tempos: Velhos*, o cantor Ney relata que estava no lucro, pois apesar da sua idade avançada, não apresentava dores no seu corpo e mantém a mesma performance em seus shows com a mesma ousadia para vivenciar o novo em palco ou na vida *“Envelhecer certamente com a mente sã me renovando dia a dia, a cada manhã”*. O compositor da música Lema, ao homenagear o cantor com esta letra, afirma: “O Ney é um espírito jovem que inspira todos nós por envelhecer de uma forma sã, mantendo uma vitalidade, uma poesia, uma alegria de viver”, explica Carlos Rennó⁸.

Apesar das diversas mudanças físicas, psicológicas e sociais ocasionadas pelo processo de envelhecimento, *“Mas não vou dar fim jamais ao menino em mim”* o eu-lírico faz uma promessa em preservar o espírito de juventude e o prazer pela vida. Neste sentido, o idoso continuaria a apreciar os pequenos detalhes da vida e a contemplar com paciência a trajetória da sua caminhada. Nos versos *“e nem dar de, não mais me maravilhar diante do mar e do céu da vida”*, o eu-lírico demonstra entusiasmo para vivenciar o novo, por meio dos seus relacionamentos amorosos *“e reviver a cada clamor de amor e sexo”* se permitindo ser autor da sua própria história, transformando-se e reinventando-se todos os dias: *“perto de ser um Deus/e certo de ser mortal/de ser animal/e ser homem”*. Em consonância com o discurso musical dessa canção, cita-se o poema que retrata a velhice de maneira digna e saudável, enfatizando o prazer pelo viver:

QUANTOS ANOS TENHO?

⁸Carlos Rennó é um dos compositores da música Lema. Afirma que escreveu a letra da canção em homenagem ao Ney Matogrosso. Disponível em <http://singledodia.blogspot.com/2017/06/lema-carlos-rennolokua-kanza.html>. Acesso: 02 de janeiro de 2021

*Tenho a idade em que as coisas são vistas com mais calma, mas com o interesse de seguir crescendo.
 Tenho os anos em que os sonhos começam a acariciar com os dedos e as ilusões se convertem em esperança.
 Tenho os anos em que o amor, às vezes, é uma chama intensa, ansiosa por consumir-se no fogo de uma paixão desejada. E outras vezes é uma ressaca de paz, como o entardecer em uma praia.
 Quantos anos tenho? Não preciso de um número para marcar, pois meus anseios alcançados, as lágrimas que derramei pelo caminho ao ver minhas ilusões despedaçadas...
 Valem muito mais que isso.
 O que importa se faço vinte, quarenta ou sessenta?!
 O que importa é a idade que sinto.
 Tenho os anos necessários para viver livre e sem medos.
 Para seguir sem temor pela trilha, pois levo comigo a experiência adquirida e a força de meus anseios.
 Quantos anos tenho? Isso a quem importa?
 Tenho os anos necessários para perder o medo e fazer o que quero e o que sinto*

(José Saramago)

O avançar da idade viabilizam determinados idosos a terem mais coragem e liberdade para fazerem as suas escolhas de vidas, suscitando o ânimo para viver o novo. O eu-lírico transforma a música em uma espécie de guia e motivação para a sua vida "Eis o meu lema", bem como para a vida daqueles que se encontram nesta faixa etária, pois faz referência à coletividade com "meu emblema", na proporção que a canção também opera como uma solicitação ou prece dirigida a Deus ou a outro ser espiritual com a finalidade de serem atendidas com pedidos acerca da longevidade "eis minha oração".

A motivação de viver alinhado a espiritualidade do idoso, expõe o desejo intenso pela vida, por isso analisando o discurso musical desta canção que segue os pressupostos definidos na obra "Ordem do Discurso" de Michel Foucault (1996) ao considera o discurso como uma construção de características sociais, se investiga por meio linguagem cancionista a imagem construída acerca do velho, da velhice e do processo de envelhecimento nos anos 2.000, por isso sintetizou em um quadro os principais pensamentos desta década acerca da velhice transmitidos na canção. Segue abaixo um quadro organizado em duas vertentes: com os trechos da letra da música e com a análise interpretativa.

Quadro 36 - Análise Interpretativa da Música (Lema)

Trechos da letra da música(Lema)	Análise Interpretativa da música
Não vou lamentar/ a mudança que o tempo traz, não/ o que já ficou para trás/ e o tempo a passar sem parar jamais/ já fui	Aceitação da Velhice

novo, sim de novo, não/ ser novo pra mim é algo velho/ quero crescer/ quero viver o que é novo, simo que eu quero assim/ é ser velho/Envelhecer	
Envelhecer/ certamente com a mente sã me renovando/ dia a dia, a cada manhã Tendo prazer/ me mantendo com o corpo sãoeis o meu lema/ meu emblema, eis o meu refrão/ Mas não vou dar fim/ jamais ao menino em mim/ e nem dar de, não mais me maravilhar/ diante do mar e do céu da vidae ser todo ser, e reviver/ a cada clamor de amor e sexo/ perto de ser um Deus/ e certo de ser mortal/ de ser animal/ e ser homem/ Tendo prazer/ me mantendo com o corpo são/ eis o meu lema/ meu emblema, eis o meu refrão/ Eis o meu lema/ meu emblema, eis minha oração/ Eis o meu lema/ meu emblema, eis minha oração	Imortalidade

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Ao se analisar as ideias principais dessa canção acerca da imagem das velhices, considera as convicções do sociólogo Emile Durkheim (1970) sobre as representações coletivas (imagem) descritas como permanentes, dispondo de uma força coercitiva própria e apresentando pouca possibilidade a mudança. Analisando esta relação dialética entre o indivíduo com o seu contexto social, compreende-se que a imagem construída relacionado ao velho, a velhice e o processo de envelhecimento e as produções de sentido atribuído a essa fase é positiva, sendo visto sob a perspectiva cronológica como o esperado e natural, devendo o ser humano passar por todas as fases do desenvolvimento, inclusive a velhice. O retrato cantando positivo da velhice anuncia a própria existência do eu-lírico da canção, dias vividos, momentos desfrutados, fases alcançadas e maturidade conquistada, e assim experiencia seu processo de aceitação da velhice.

Com base nesse processo de autoaceitação, se repensa sobre as questões sociais, e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, demonstrando indícios de transformações sociais acontecendo na sociedade, fundamentais para que se alcancem os direitos desse seguimento, e um contexto social mais justo e igualitário para esses idosos, bem como oportuno para que tenham a liberdade de ser o que quiser. Um desafio para a sociedade e Estado é disponibilizar condições de saúde dignas para esta população, assim como um desejo explícito do eu-lírico que possa envelhecer gozando de boa condição física e psíquica.

Nessa canção a imagem da pessoa idosa é associada à ideia de amor próprio e autoconfiança, se construindo a imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento nessa sociedade, com uma postura de coragem e destemor relacionada ao enfrentamento de julgamentos, rejeição e críticas, reconhecendo que mesmo após a morte o seu legado permanecerá, se tornando semelhante aos deuses, que são imortais.

A mensagem transmitida pela música encara o envelhecimento como um processo positivo e natural da vida. Ao ouvir a canção suscitou na memória a frase de Simone de Beauvoir (1990): “*Viver é envelhecer e nada mais*”. A partir desta compreensão do envelhecer como um processo que faz parte da vida, do ser, do existir. Compreende-se que diariamente nosso corpo vai envelhecendo, gradativamente, durante toda a nossa existência. Sendo assim, um processo natural, e cada um de nós faz a sua própria trajetória, envelhecendo de maneira única e individual, pois as experiências que vivenciamos dizem respeito a cada um de modo particular.

2.8.3 Informações sobre os Compositores da canção “Envelhecer”

Quadro 37 - Ficha Técnica da música Envelhecer

Ano	Música	Compositores	Intérprete
2009	Envelhecer	Arnaldo Antunes/Ortinho/Marcelo Jeneci	Arnaldo Antunes

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho (Arnaldo Antunes) é um músico, poeta, compositor e artista visual brasileiro que nasceu no ano de 1960. Ingressou no curso de Filosofia na Universidade de São Paulo (USP), mas não concluiu a faculdade para seguir a carreira artística. Com a idade de 21 anos se integrou do grupo musical Titãs permanecendo até os 32 anos. Em 1992 saiu em carreira solo, no entanto, anos mais a frente se juntou a Carlinhos Brown e Marisa Monte no projeto Tribalistas (SUCESSO, 2020). Em 2009 compôs a música “*Envelhecer*” em parceria com Ortinho e Marcelo Jeneci que faz parte do álbum *Iê Iê Iê*. Os co-autores da música analisada “*Envelhecer*” são: Wharton Gonçalves Filho (Ortinho), cantor e compositor que nasceu em 1964 no estado de Pernambuco (G1, 2021). Ortinho, em 2017 começou a residir no estado de São Paulo expandindo a parceria com o compositor Arnaldo Antunes. O outro co-autor dessa música é o cantor e compositor, Marcelo Jeneci, que nasceu em 1982 no estado de São Paulo. Jeneci foi premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte, na categoria Melhor Compositor em 2014. Abaixo, a letra da música “*Envelhecer*”

2.8.4- Letra da música Envelhecer

*A coisa mais moderna
Que existe nessa vida é envelhecer
A barba vai descendo
E os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
Os filhos vão crescendo
E o tempo vai dizendo que agora é pra valer
Os outros vão morrendo
E a gente aprendendo a esquecer
Não quero morrer, pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pro que vai acontecer
Eu quero que o tapete voe
No meio da sala de estar
Eu quero que a panela de pressão pressione
E que a pia comece a pingar
Eu quero que a sirene soe
E me faça levantar do sofá
Eu quero pôr Rita Pavone
No ringtone do meu celular
Eu quero estar no meio do ciclone
Pra poder aproveitar
E quando eu esquecer meu próprio nome
Que me chamem de velho gagá
Pois ser eternamente adolescente
Nada é mais demodê
Com os ralos fios de cabelo
Sobre a testa que não para de crescer
Não sei porque essa gente
Vira a cara pro presente e esquece de aprender
Que felizmente ou infelizmente
Sempre o tempo vai correr
Não quero morrer, pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer*

O compositor e intérprete da canção Arnaldo Antunes⁹ dedica esta canção a todos "que enfrentam e afrontam o medo de envelhecer". Ao cantar a melodia em sua festa de aniversário de 50 anos conta: "Várias coisas que falo na música a gente já sente: os filhos crescendo, o cabelo caindo, amigos que morrem...". E ao ser indagado sobre a velhice dispara: "Há certa curiosidade para o que será isso e certo temor. A música é feita para responder a esse temor com uma forma de enfrentamento e o desejo de manter certa inquietude. Quero coisas que me façam levantar do sofá, que mantenham a vitalidade dentro dessa perspectiva de confronto". Assim, percebe-se nesta melodia a

⁹O cantor Arnaldo Nunes em sua festa de aniversário de 50 anos cantou pela primeira vez a música Envelhecer. Ao cantar Envelhecer, ele a dedica a si mesmo, a propósito do aniversário, e a todos que enfrentam e afrontam o medo de envelhecer. Disponível em <https://arnaldoantunes.com.br/new/index.php?page=67>. Acesso 22 de setembro de 2020

naturalidade do processo de envelhecimento e o prazer de viver a vida com coragem e ousadia.

Na melodia, o processo de envelhecimento é concebido como algo natural e contemporâneo em *“A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer”*. O envelhecimento é uma temática contemporânea e relevante pelo crescimento expressivo desta população atualmente (IBGE, 2018), reflexo da conquista de melhores condições de saúde e da redução na taxa de fecundidade, segundo a gerente da PNAD, Maria Lúcia Vieira¹⁰. Além de este assunto despertar a curiosidade de todos, pois é um fenômeno que integra toda a humanidade. De acordo com Mirian Goldenberg (2013) a única categoria social que engloba todo o mundo é o velho, pois independente das classificações que são expostas no ser humano: homem e mulher, homo ou heterossexual, negro ou branco, cada indivíduo vivenciará a velhice hoje ou amanhã.

E quando a velhice chega começa a manifestar seus primeiros sinais corporais e orgânicos *“A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer”*. Apesar das mudanças físicas acontecerem de maneira semelhante em certos longevos, a experiência de envelhecer é um processo singular, pois segundo a Mirian Goldenberg (2013), a compreensão do envelhecer não está relacionada totalmente aos aspectos externos, todavia é influenciada pela visão do indivíduo: *“O sentimento de envelhecer não vem apenas de fora, não é apenas um produto do olhar do outro, mas envolve também uma percepção e uma interpretação de sinais corporais que se inscrevem nos diferentes registros do corpo orgânico, da aparência e da energia”* (GOLDENBERG, 2013, p. 40).

Ao que se reflete acerca desse corpo envelhecido, compreende que este corpo não representa apenas a esfera biológica, no qual se materializa a presença do indivíduo no mundo. A corporeidade é vista como espaço de significação, é por intermédio do corpo que se vivencia vontades, desejos, e se coloca em prática tudo que foi aprendido ao longo de nossa história pessoal, neste sentido o corpo é reflexo da construção social, repleto de representações culturais e simbólicas de uma sociedade (SILVA, 2004). Em conformidade Gumbrecht (2004) afirma que corpo corrobora nossa presença no mundo, e através do mesmo se estabelece vínculos com as coisas do mundo, se manifesta atitudes, comportamentos e intencionalidades de movimento.

Na visão de Foucault, *“é uma jaula desagradável, na qual terei que me mostrar e passear. É através de suas grades que eu vou falar, olhar, ser visto. Meu corpo é o lugar*

¹⁰Maria Lúcia Vieira informa os dados do censo do IBGE. Disponível em <https://censos.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/22690-estatuto-do-idoso-completa-15-anos.html> Acesso: 13 de agosto de 2020

irremediável a que estou condenado” (FOUCAULT, 2010, p.01). O corpo seria o instrumento pelo qual se diferencia dos outros, é por onde se é visto, observado e julgado, possibilitando a experimentação de sensações e percepções de si mesmo, e de todas as pessoas e das coisas que nos rodeiam se internalizarem, e assim se tornarem componentes da estruturação de uma definição que se pré-determinou sobre a diferença (SILVA, 2014).

Nietzsche e Deleuze (2002), em sua obra: *Que pode o corpo*, consideram o corpo como “fio condutor”, observando uma valorização do corpo, entretanto não afirmam a materialização do corpo, pois entendem que o corpo se coloca para além do materialismo e do idealismo, mostrando que o homem, enquanto indivíduo corpóreo, não é matéria, nem espírito, nem qualquer tipo de entidade ou forma substancial. Este homem é compreendido como um jogo de forças em contínuo dinamismo, uma união de impulsos em frequente devir, um processo constituído permanente, promovido pela vontade de potência.

Rodrigues (2006) expõe que desde a infância o indivíduo descobre o seu corpo, e desenvolve seu esquema corporal, e com auxílio dos pais e do seu contexto social, organiza sua imagem corporal, oportunizando o processo de conscientização da diferença corpórea. Assim, a criança já consegue identificar as semelhanças e as diferenças de seu corpo. E a medida que aumenta a influência da sociedade e da cultura sobre esta criança integra sua estruturação da imagem corporal. Neste sentido, a cultura e suas definições são internalizadas pelo corpo do indivíduo, sendo construídas concepções concernentes.

Ao fazer menção aos filhos no verso da canção, entende-se que com a chegada da velhice as responsabilidades e obrigações com os outros vão diminuindo, principalmente com os filhos que já não são tão dependentes “*Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer*”. Mirian Goldenberg (2013) expõe que as mulheres na velhice se sentem mais livres, sendo a liberdade uma das maiores riquezas conquistada com esta idade, pois passam a viver e cuidar mais de si, deixando de existir para os outros. Simmel (1967, p. 24): “significa mais do que esse direito de ‘mera liberdade’, significa a possibilidade de “*elaboração de um modo de vida*”. Representa um tempo de realização de sonhos e desejos postergados:

As mulheres mais jovens estão cansadas, exaustas, deprimidas, não dormem, não comem direito, não têm tempo para cuidar delas. As mais velhas aprendem a ligar o botão do foda-se! e passam a priorizar os próprios desejos. É uma mudança radical de foco. O tempo que era para os outros, passa a ser delas. Elas se tornam senhoras do próprio tempo” (GOLDENBERG, 2019, p.80).

A liberdade alcançada com o avançar da idade, é reconhecida como um aspecto positivo dessa fase, no entanto existe o outro lado desta etapa da vida. Durante este processo de envelhecimento conviver com a morte (familiares e amigos) e perdas simbólicas é inevitável, uma vez que nesta faixa etária estão mais suscetíveis a serem submetidos a estas situações “*Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer*”, então, diante o momento de dor enfrentado adotam como estratégia para se manter vivo o esquecimento. O sociólogo Norbert Elias (2001) em sua obra *A solidão dos moribundos*, retrata duas formas de lidar com a finitude da vida: a primeira é pautada na crença de vida após a morte, que na sua visão seria uma fantasia coletiva ancorada por intermédio do medo: “O medo de nossa própria transitoriedade é amenizado com a ajuda de uma fantasia coletiva de vida eterna em outro lugar” (ELIAS, 2001, p.17). Já para a segunda vertente, a solução apontada seria esquivar da temática morte, levando a ser um assunto proibido (ELIAS, 2001).

Na estrofe seguinte há uma necessidade do eu-lírico em vivenciar tudo o que esta fase contempla “*Eu quero que o tapete voe/ No meio da sala de estar/ Eu quero que a panela de pressão pressione/E que a pia comece a pingar/ Eu quero que a sirene soe*”, com a finalidade de não perder o prazer pela existência, “*E me faça levantar do sofá*”. Posteriormente, o eu-lírico faz referência à cantora italiana de 74 anos, Rita Pavone, um exemplo de envelhecimento feliz e bem-sucedido: “*Eu quero pôr Rita Pavone/No ringtone do meu celular*”, demonstrando disposição em vivenciar todas as transformações e modificações oriundas desta fase. Entende-se que somente assim poderá desfrutar a velhice “*Para poder aproveitar*”. O eu-lírico não se importa com as possíveis identificações pejorativas que possa ser exposto “*E quando eu esquecer meu próprio nome/ Que me chamem de velho gagá*”. O fato do eu-lírico não se preocupar com os julgamentos da sociedade por conta do seu processo de envelhecimento, traz a memória o episódio da vida da antropóloga Mirian Goldenberg (2008) que narra em seu livro “*Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*”, o fato de ter sido constrangida a realizar cirurgias faciais para parecer mais jovem, e como consequências da pressão imposta pela sociedade, a autora faz algumas inferências. “*Eu sou culpada por estar envelhecendo. A culpa é minha!*”.

E novamente o compositor realça a ideia de que atualmente o que está em alta é ser velho, confirmando os dados do IBGE (2018), que indica o crescimento exponencial desta população, conquistando a visibilidade mundial “*Pois ser eternamente adolescente nada é mais démodé*”. E logo depois critica o fato de determinados longevos não se

permitirem aprender com esta fase: *“Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender”*.

Nos dias atuais, o idoso está deixando de ser vinculado à sabedoria, isto porque se entende que sabedoria de vida se trata de um ensinamento que possibilita viver de maneira melhor, contrapondo aos dados que demonstram as altas taxas de suicídio nesta parcela da população. Apesar dos indicadores apontarem que os idosos vivem por mais tempo, há indícios de que parte deste segmento está vivendo de maneira pior (PAULA, 2016).

Mesmo ciente que a velhice tem uma proximidade com a morte, o eu-lírico não deseja morrer, pois almeja descobrir os prazeres de vivenciar esta fase *“Não quero morrer pois quero ver/Como será que deve ser envelhecer”*. Diante das circunstâncias novas referentes ao envelhecer o eu-lírico se propõe a enfrentar de frente o desafio imposto pela vida, demonstrando interesse em desbravar os novos caminhos concernentes a velhice: *“Eu quero é viver pra ver qual é/E dizer venha pra o que vai acontecer”*.

Diante o intenso desejo pela vida, Mirian Goldenberg (2013), como já foi exposto neste estudo descreve como algumas idosas intituladas “coroas poderosas” estão gozando em descortinar o inextricável universo da velhice: “Elas estão se divertindo com tudo o que conquistaram na maturidade: liberdade, segurança, charme, amizades, sucesso, reconhecimento, respeito, independência e muito mais” (GOLDENBERG, 2011, p. 01).

Essas conquistas com o avançar da idade, não é uma realidade absoluta para todos os idosos, por isso, se investiga através do discurso musical dessa canção a imagem e sentidos atribuídos ao velho, a velhice e processo de envelhecimento durante os anos 2.000, com a finalidade de ampliar a compreensão sobre este assunto, sintetizou os principais pensamentos desta década acerca da velhice transmitidos na canção. Segue abaixo um quadro organizado em duas vertentes: com os trechos da letra da música e com a análise interpretativa.

Quadro 38 – Análise Interpretativa da música (Envelhecer)

Trechos da letra da música(Envelhecer)	Análise Interpretativa da música
A coisa mais moderna/ Que existe nessa vida é envelhecer/ A barba vai descendo/ E os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer/ Os filhos vão crescendo/ E o tempo vai dizendo que agora é pra valer/ Os outros vão morrendo/ E a gente aprendendo a esquecer/ Não quero morrer, pois quero ver/ Como será que deve ser envelhecer/ Eu quero é viver pra ver qual é/ E dizer venha pro que	Aceitação da velhice

<p>vai acontecer/ Eu quero que o tapete voe/ No meio da sala de estar/ Eu quero que a panela de pressão pressione/ E que a pia comece a pingar/ Eu quero que a sirene soe/ E me faça levantar do sofá/ Eu quero pôr Rita Pavone/No ringtone do meu celular/ Eu quero estar no meio do ciclone/ Pra poder aproveitar</p>	
<p>E quando eu esquecer meu próprio nome/ Que me chamem de velho gagá/ Pois ser eternamente adolescente/ Nada é mais démodé/ Com os ralos fios de cabelo/ Sobre a testa que não para de crescer/ Não sei porque essa gente/ Vira a cara pro presente e esquece de aprender/ Que felizmente ou infelizmente/ Sempre o tempo vai correr/ Não quero morrer, pois quero ver/Como será que deve ser envelhecer</p>	<p>Autoimagem da velhice</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Nos primeiros versos há uma caracterização da imagem da velhice, dando um sentido positivo a esta fase da vida devido ser visto como um processo natural. Mesmo reconhecendo as inúmeras mudanças que permeiam esta etapa da vida, o eu-lírico da canção escolhe viver, decidindo se aventura na descoberta dos diversos desafios inerentes a essa fase, evidenciando no seu processo de autoaceitação.

Como houve uma abertura a novas experiências e objetivos de vida por parte do eu-lírico, se pensar sobre as questões sociais, e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, pois a virtude da aceitação da idade por meio da conscientização sobre o processo de envelhecer, recebe influência do pensamento coletivo, ou seja, de como a sociedade vê a imagem do idoso, assim como o idoso se vê no processo de envelhecimento.

Trazendo à tona a obra “As formas elementares da Vida Religiosa” de Durkheim (2003) se entende como a força coletiva se sobrepõe às consciências individuais, sendo as categorias básicas de apreensão do real pautadas em referências sociais e coletivas. Isto é nítido ao analisar a religião como eminentemente social, pois exerce uma força exterior aos homens, impondo aos mesmos a própria sociedade. As representações são coletivas (imagens) e os ritos são maneiras de agir e que se emergem exclusivamente no entorno dos grupos, portanto não sendo constituídas individualmente e possibilitando a religião a constituição de conhecimento desencadeado socialmente (DURKHEIM, 2003).

A partir da influência do contexto social sobre o homem, tem si ciente da relevância do trabalho em conjunto que a família, sociedade e o Estado devam ter no sentido de amparar a pessoa idosa, assegurando sua participação na comunidade,

defendendo sua dignidade e bem-estar, e garantindo o direito à vida, colabora para a construção da autoimagem positiva da pessoa idosa, estando atrelada a imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento, a autonomia, independência e protagonismo, favorecendo condições para vivenciar uma bela velhice.

Os versos da canção conferem uma imagem positiva à velhice, demonstrando ser uma fase em que se pode buscar o equilíbrio entre as duas noções: a aquisição (positivo) e a perda (negativo). E que as mudanças/perdas provenientes desse processo não significam o término/fim, muitas vezes engendra uma aquisição/recomeço. Neste sentido, o eu-lírico da canção apresenta a curiosidade em desfrutar o novo, tendo a visão de que essa fase da vida pode agregar e acrescentar algo em sua vida.

2.8.5 – Informações sobre os Compositores da canção (Matusalém)

Quadro 39 - Ficha Técnica da música Matusalém

Ano	Música	Compositor	Intérprete
2016	Matusalém	Arthur Nestrovski / Luiz Tatit	Luiz Tatit

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Arthur Rosenblat Nestrovski (Arthur Nestrovski) nasceu no estado de Rio Grande do Sul em 1959, é violonista, compositor, escritor e crítico. Ingressou na graduação de música na University of York (1983) e doutorado em literatura e música na University of Iowa (1990). Entre os anos de 1991 a 2005 assumiu a função de professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente está no cargo de diretor artístico da Osesp (Orq. Sinfônica do Estado de SP). A vida artística do compositor é marcada pela interação frequente entre música e literatura. Em 2016 compôs a música “Matusalém” em parceria com o compositor e intérprete Luiz Tatit. O artista Luiz Augusto de Moraes Tatit (Luiz Tatit), nasceu no estado de São Paulo em 1951, é compositor, cantor, violonista, professor universitário e semiótico. (ITAU CULTURAL, 2018). A seguir, a letra da música “Matusalém”

2.8.6- Letra da música Matusalém

*Superviveu
Como ninguém
Matusalém
Ficou assim
Muito melhor
Depois dos cem*

*Compreendeu
No geral
E no particular
Por que que é tão bom viver
E não só navegar
Sem parar
Quase que ouviu
Mil parabéns
Matusalém
Comemorou
Como convém
De cem em cem
Foi então
Que sentiu
Que envelhecer faz bem
E em vez de morrer também
Criou a vida eterna
Terna como a vida já vivida
Em novecentos anos
Terna como a nova namorada
Que justificou seus planos*

O nome da canção faz referência a Matusalém, um personagem bíblico do Antigo Testamento conhecido por ser o homem mais longevo de toda a Bíblia, pois teria vivido 969 anos de vida. Filho de Enoque, pai de Lameque e o avô de Noé. Com base nesta alusão ao homem bíblico “Matusalém”, a música expõe que este sujeito envelhecido teve a oportunidade de desfrutar de muitos dias “*Superviveu/Como ninguém*”. Outras passagens bíblicas relacionam a velhice com fartura de dias, Gênesis (25: 8) “E Abraão expirou, morrendo em boa velhice, velho e farto de dias...”, Gênesis (35:29) “Velho e farto de dias, expirou Isaque e morreu...”; Jó (42:17) – “Então morreu Jó, velho e farto de dias”.

Mirian Goldenberg (2018) pautada no discurso do cientista inglês Aubrey de Grey¹¹ que defende que as pessoas poderão viver até mil anos, elaborou uma pesquisa sobre “Você gostaria de viver mil anos” e “Oitenta anos já está bom demais ou melhor é não morrer nunca” e revela que cerca da metade dos seus entrevistados afirmaram que não desejam viver tanto tempo devido tantas dificuldades enfrentadas com os filhos, trabalho e família. Outros idosos durante o diálogo demonstraram entusiasmo com esta possibilidade de viver mais tempo devido ganhar tempo para realizar projetos futuro, demonstrando amor pela vida.

Na estrofe “*Ficou assim/ Muito melhor/ Depois dos cem*” traz à memória a expressão “melhor idade” referente à fase da velhice exposta por alguns autores contemporâneos, Barbieri (2012), diz que nesta etapa da vida é comum as mulheres

¹¹Dr Grey pretende criar, nos próximos 20 anos, medicamentos e tratamentos para reduzir ou reparar os danos provocados pelo envelhecimento. Conhecido como o profeta da imortalidade, o pesquisador acredita que, com as células-tronco e a terapia gênica, não ficaremos mais frágeis, doentes, decrepitos e dependentes com o passar dos anos. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5220/luiz-tatit>. Acesso em 14 fev. 2021.

descobrirem novos prazeres, como dançar, ter novos amigos e se permitir vivenciar atividades que outrora eram realizadas apenas no contexto familiar, e que por muitos anos foram proibidas por seus esposos. O acesso às Universidades Abertas à Terceira Idade, e aos diversos centros sociais, bailes, entre outros, contribuem para relatarmos esta fase como a “melhor idade” da vida. Atualmente, a literatura, mídia e a sociedade têm apresentado a “identidade terceira idade”, vinculando a velhice à “melhor idade” sendo este ciclo considerado como vital e pleno de possibilidades (VELÔSO et al., 2017). Mirian Goldenberg (2013) afirma que o envelhecer se torna o melhor momento da vida para algumas mulheres, porque antes era um tempo de obrigação agora passa ser um tempo de vontades, viabilizando uma fase libertadora para ser elas mesmas.

Com relação aos versos *“Compreendeu/ No geral/ E no particular”* com avançar da idade *“Depois dos cem”* o eu-lírico demonstra ter uma maior capacidade de refletir a respeito da vida, pois essa fase leva o idoso *“não só navegar/ Sem parar”*. Tal capacidade introspectiva adquirida possivelmente é ocasionado pela maior disponibilidade de tempo em virtude da saída do mundo do trabalho, o que resulta a descobrir o prazer pela vida por meio de um novo estilo de vida *“Por que que é tão bom viver”*. Em geral, a satisfação de vivenciar esta fase está relacionada ao contentamento de investir tempo em coisas que não podiam ser realizadas antes, por razão de outras prioridades, como viagens (LUIZ et al., 2018). Os idosos que aproveitam o tempo ocioso para se dedicarem a prática de atividades físicas proporcionam uma expectativa de melhor qualidade de vida, e contribuem para retardar os efeitos do envelhecimento. A prática do surfe é considerada como um fator positivo para a qualidade de vida dos idosos, influenciando principalmente nos domínios psicológico, ambiental e social do que os benefícios físicos e metabólicos. Com relação às questões psicológicas destacam-se as conquistas e sentimentos positivos. A questão ambiental enfatiza-se a oportunidade de aprender novas habilidades. A questão social realça o suporte social. Neste sentido a prática do surfe traz inúmeros benefícios para a vida da pessoa idosa (DORO; LIMONGELLI, 2016)

Não percebo que a diferença de idade possa ser de 20, 25 ou 30 anos, pois quando eles estão no mar o que vejo são pessoas felizes, otimistas, conversando sobre objetivos para o futuro (mesmo que a maioria destes objetivos esteja ligada ao surfe) e dispostas a encararem os desafios da vida. O “mar liso” dito por eles é muito temido, ou seja, sem a presença de um mar agitado que proporcione boas ondas, muitas vezes ficam em casa, vendo televisão, e não encontram os velhos amigos do surfe. (DORO; LIMONGELLI, 2016,p.60).

A prática esportiva realizada pelos idosos promove qualidade de vida aos anos desfrutados, e motivação para enfrentar os desafios inerentes dessa fase, ao longo da

canção é enfatizado a quantidade de anos vivenciados pelo idoso “*Quase que ouviu/Mil parabéns*”, o eu-lírico celebra com alegria a passagem do seu aniversário “*Comemorou/Como convém/De cem em cem*” e identifica o processo de envelhecimento como algo construtivo “*Foi então/Que sentiu/Que envelhecer faz bem*”, e imagina-se que seja lembrada esta fase pelo eu-lírico com prazer pelas inúmeras experiências vivenciadas e pela oportunidade de compartilhar estes momentos com diversas pessoas formidáveis. Uma parcela desse seguimento da população idosa tem aproveitado este momento para vivenciarem algo novo, como por exemplo, participar de uma banda de música, e isto tem sido aliado ao processo de ressignificação do envelhecimento. A música tem sido uma ferramenta para incentivar o idoso a ocupar um lugar de destaque, favorecendo o desenvolvimento de potencialidades e aquisições e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitário (FERNANDES; GRANGEIRO; SILVA; 2017).

À luz de fundamentos bíblicos que falam a respeito da morte “*E em vez de morrer também/Criou a vida eterna*” o próprio Jesus Cristo afirma no livro de João 5:24: “Em verdade, em verdade vos asseguro: quem ouve a minha Palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida”. Assim, por intermédio da obediência a palavra de Deus, o indivíduo não morreria, mas passaria desta vida a uma outra vida que seria a eterna, imortalizando-se e perpetuando-se ao longo do tempo. A vida eterna chega a ser comparada com a quantidade de anos já desfrutados “*Terna como a vida já vivida*”. E no último verso da canção, o idoso se permite a vivenciar um romance que lhe motiva a criar planos para o futuro “*Terna como a nova namorada/Que justificou seus planos*”. Frente à “sociedade midiática”, “era digital”, “era da informação” expressões utilizadas para designar os avanços da tecnologia nos dias atuais, a pessoa idosa está cada vez mais conectada nas tecnologias digitais, e isto favorece a busca por relacionamento entre idosos, reduzindo o sentimento de solidão e abandono, e colaborando para a promoção de um envelhecimento saudável (LUCIANO, 2018). Segue os dados que expressam o crescimento significativo de idosos ativos nas redes sociais:

Nos últimos anos, houve forte avanço do número de idosos com acesso à internet: o percentual de pessoas com mais de 60 anos no Brasil navegando na rede mundial de computadores cresceu de 68%, em 2018, para 97%, em 2021. É o que mostra pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL)¹² e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com a Offer Wise Pesquisas. (MONITOR MERCANTIL, 2021).

¹²Pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil). Disponível em <https://monitormercantil.com.br/numero-de-idosos-que-acessam-a-internet-cresce-de-68-para-97/>. Acesso: 05 de maio de 2021

Este crescimento vigente de idosos adeptos as redes sociais, é reflexo dos tempos pandêmicos ao qual a pessoa idosa se encontra, de maneira que este meio de comunicação tem se tornando essência e indispensável na sociedade, colaborando para o combate a solidão e abandono, e influenciando para a vivência de uma boa velhice, neste sentido busca desvendar a imagem construída acerca do velho, velhice e processo de envelhecimento nesta época por meio do discurso musical, sintetizando os principais pensamentos desta década acerca da velhice transmitidos na canção. Segue abaixo um quadro organizado em duas vertentes: com os trechos da letra da música e com a análise interpretativa.

Quadro 40 - Análise Interpretativa da música (Matusalém)

Trechos da letra da música(Matusalém)	Análise Interpretativa da música
Superviveu/ Como ninguém/ Matusalém Ficou assim/ Muito melhor/ Depois dos cem Compreendeu/ No geral/ E no particular/ Por que que é tão bom viver/ E não só navegar/ Sem parar	Aceitação da velhice
Quase que ouviu/ Mil parabéns/ Matusalém/ Comemorou/ Como convém/ De cem em cem/ Foi então/ Que sentiu/ Que envelhecer faz bem/ E em vez de morrer também/ Criou a vida eterna/ Terna como a vida já vivida/ Em novecentos anos/ Terna como a nova namorada/ Que justificou seus planos	Imortalidade

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

A linguagem musical dessa canção inspirada no personagem bíblico “Matusalém”, descreve o velho, a velhice e o processo de envelhecimento de maneira positiva, no qual o eu-lírico da canção deixa de apenas existir e começa a gozar dos seus dias de vida. Com o passar dos anos, o eu-lírico possivelmente tenha tido uma transformação tanto na sua mentalidade como na sua maturidade: anseios, preocupações, inquietações, objetivos de vida e interesses pessoais, e tudo isso refletiria na fase de contemplação da velhice, e no seu processo de autoaceitação dessa fase.

A partir do momento que este ator social aceita seu processo de envelhecimento, oportuniza uma reflexão sobre as questões sociais, e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social, que demonstram que o crescimento desse segmento da população acrescido da aprovação das leis que amparam socialmente e

asseguram uma melhor qualidade de vida para a pessoa idosa, contribuíram para uma construção de uma imagem positiva e para o processo de aceitação dessa fase.

Nesse momento histórico a pessoa idosa teria sua imagem vinculada a um indivíduo consciente de seus direitos e protagonista de sua história. A morte é vista pelo eu-lírico como inevitável, porém se torna imortal à medida que é impossível apagar o seu legado. Ao se pensar em legado se lembra na cantora Elza Soares que nasceu em 1930 e aos 91 anos, no dia 20 de janeiro de 2022, veio a óbito por causas naturais. Uma mulher a frente do seu tempo que se tornou símbolo de resistência a violência, a fome e ao preconceito. Aos 71 de carreira artística deixa uma história de vida que é uma inspiração para muitas brasileiras, sendo descrita por Chico Buarque (2006) como “Dura na Queda” na música que compôs especialmente para ela. Ao longo dos anos a artista sempre buscou se atualizar nas várias vertentes da música brasileira, repercutiu que nos anos 2000, recebeu o prêmio de melhor cantora do milênio, concedido pela a British Broadcasting Corporation (BBC) que é um sistema de difusão de rádio e televisão pública do Reino Unido que tem a sua sede em Londres.

Examinando as três canções selecionadas da década dos anos 2000, “Lema”, “Envelhecer” e “Matusalém” identificou-se que uma correlação positiva atribuída ao processo de envelhecimento. “Lema” aponta a aceitação da velhice e o prazer de viver o novo “quero viver o que é novo, sim/ o que eu quero assim é ser velho”; “Envelhecer” aborda o número crescente de pessoas que estão vivendo o envelhecimento na contemporaneidade, e o entusiasmo do eu-lírico em descobrir as vivências desta nova fase: “A coisa mais moderna/Que existe nessa vida é envelhecer/ “Não quero morrer, pois quero ver/Como será que deve ser envelhecer”. “Matusalém” diante a experiência do eu-lírico de viver muitos anos de vida, chega à conclusão que é muito bom viver, assim como o envelhecimento é uma fase que pode ser vivida de maneira prazerosa “Por que que é tão bom viver/Que envelhecer faz bem”.

(IN) CONCLUSÕES

Mediante a compreensão da ciência como uma obra sempre inacabada, em contínua depuração e construída por meio de muitas pessoas, preferiu apropriar-se da expressão “(in) conclusão” para apresentar os achados deste estudo. Este termo também foi utilizado pelo sociólogo Costa (2019) na sua tese de mestrado com o intuito de

desconstruir com as maneiras imperativas de fazer ciência. Assim sendo, a própria escolha da metodologia que é o acesso às velhices pela via dos textos musicais, imagens das velhices, é uma crítica às metodologias impostas pelas ciências positivistas, ao mesmo tempo em que incita novas formas de se fazer pesquisa, apontando a música como um riquíssimo material para explorar a temática estudada.

A partir dos objetivos gerais e específicos investigados por este estudo para compreender as diversas imagens sobre o velho, a velhice e o processo de envelhecimento por intermédio da música brasileira, foi atestado, a saber: 1) É uma fase da vida que apresenta várias facetas e preconceitos associados à sua imagem; 2) velhices devem ser pensadas, sócio-historicamente e de forma plural; 3) “Envelhecer é um processo multidimensional que comporta mecanismos de reparação e de destruição desencadeados ou interrompidos em momentos e a ritmos diferentes para cada ser humano” Berger e Mailloux-Poirier apud Moniz (2003, p. 48).

Com relação às produções de sentidos associado à imagem da velhice, destacando-se que foi identificado apenas nas músicas da década de 80 e nos anos 2.000 um sentido positivo vinculado à imagem da pessoa idosa. A partir dos achados se compreendeu que nas últimas décadas essa fase da vida está sendo atravessada por transformações semânticas, tornando-se um campo fecundo para contemplar a pluralidade do envelhecer.

A antropóloga e escritora Mirian Goldenberg defende uma imagem positiva da velhice, mas ressalva que seus estudos e pesquisas são realizados com pessoas de classe média da cidade do Rio de Janeiro, por isso se considera uma possível correlação dessa imagem favorável da velhice com a condição socioeconômica do indivíduo. Neste sentido, este aspecto seria um fator de risco ou protetivo para imagem e produção de sentido associada à velhice.

Outros fatores também exercem a mesma influência sobre o indivíduo na construção dessa imagem acerca da velhice de maneira favorável ou depreciativa, como os fatores físicos, biológicos, psicológicos, culturais e sociais, de acordo com os autores estudados, e Mirian Goldenberg (2020) destacam alguns fatores essenciais para se viver uma bela velhice, como: projeto de vida, significado da existência, liberdade, amizade, respeitar as vontades e verdades, entre outros.

A análise das demais músicas que apresentam um sentido negativo, depreciativo, desfavorável e de repulsa à velhice e ao processo de envelhecimento, compostas nas décadas (30,40,50,60,70,90), contribuem para responder o problema de pesquisa dessa tese que constitui no seguinte questionamento: existiria no cancionário popular nacional

uma imagem pré-estabelecida socialmente para o idoso ao longo dos séculos XX e XXI? Então, com base na exploração dessas canções foi comprovado que durante muitos anos prevaleceu apenas a imagem da velhice associada a um período de declínio e perdas, contribuindo para a existência de estereótipos e preconceitos em relação à pessoa idosa.

Seguindo a ótica da sociedade moderna descrita pela Simone de Beauvoir (1990) este contexto social seria totalmente ostensivo a população idosa, valorizando de maneira demasiada a utilidade e beleza do corpo, como a produtividade. O indivíduo que não tivesse estes atributos sofreria o apagamento social, inclusive, o afastamento do mercado de trabalho e a perda da função social, fortalecendo a cristalização de estereótipos, preconceitos e discriminação associada a imagem da pessoa idosa.

Como a sociedade está em constante transformação, econômica, tecnológica, social, política, e tantas outras, e justamente como nas últimas décadas, já se transmite um discurso musical positivo referente a velhice, como nas músicas da década de 80 e anos 2.000, e com base nos achados de Mirian Goldenberg, é possível planejar para se viver uma bela velhice, emergindo os “novos velhos”, “inclassificáveis” ou “ageless”, geração esta que envelhece a sua própria maneira, desfrutando de novo estilo de vida.

Embora este estudo aponte e defenda que existe este novo envelhecimento, esta realidade não contempla a todos os idosos. Então, à medida que se aponta esta maneira positiva de envelhecer, chama a atenção do Estado, sociedade e indivíduo para que realizem o planejamento para esta etapa da vida, e assim tenham as condições necessárias para desfrutar de uma bela velhice, e juntos rompam com os estereótipos, preconceitos e discriminação relacionado à imagem da pessoa idosa.

Durante a análise da linguagem musical, me utilizei da imagem de “artistas, celebridades e famosos” e seus exemplos de vida, conhecidos nacionalmente e até mundialmente, como uma ferramenta de facilitar a compreensão do leitor referente às múltiplas maneiras de envelhecer, recurso bastante utilizado pela escritora Mirian Goldenberg em suas palestras, entrevistas e livros, como uma estratégia de aproximar o leitor do assunto estudado.

À medida que se pensou criticamente na construção da imagem do velho, da velhice e do processo de envelhecimento em nossa sociedade através das canções brasileiras compostas entre as décadas (1930-2020), houve uma contribuição para desmistificação de mitos, preconceitos e estereótipos concernentes à velhice no sentido de trazer à tona esclarecimentos sobre este fenômeno plural, decorrente da existência de experiências diferentes. Nas interpretações dos versos da canção buscou-se enfatizar a

multiplicidade de formas de envelhecer, alertando para importância de se agregar qualidade de vida aos anos adicionais.

Quando se fez a reflexão das questões sociais, e conexões entre as letras das melodias e as vivências presentes na realidade social para elucidar quais eram as imagens em evidência em cada década, constatou a influência mútua da sociedade e o indivíduo, pois a medida que os aspectos culturais, sociais, econômicos e especificamente a classe social pertencente do indivíduo são determinantes para a construção da imagem acerca da velhice, esta mesma visão (imagem) determinará o comportamento adotado pelo indivíduo em sociedade relacionado a esta etapa da vida.

Nesse estudo a noção de social ancorou tanto na visão da Psicologia, haja visto que dentro da abordagem desta área existe a Psicologia Social que analisa as subjetividades e a identidade do indivíduo construída socialmente, através da relação do eu com seu contexto social, e da Sociologia que analisa os fenômenos sociais, e sobretudo investiga como as imagens elaboradas acerca desses fenômenos refletem em nosso comportamento.

Por fim, desde o início da pesquisa não se teve a pretensão de esgotar a temática, mas de descrever as diversas concepções sobre o velho, a velhice e o processo de envelhecimento encontrado no repertório musical brasileira. Assim, as possíveis lacunas e limitações correspondentes a este estudo não depreciam as premissas defendidas por este trabalho, ao contrário, incentivam novas proposições de pesquisa que busquem explorar estas duas fontes de conhecimento Ciência e Arte.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. C. de. **Velhice: uma nova paisagem**. São Paulo: Ágora, 2017.

AIRES, M.; PASKULIN L.M.; MORAIS E.P. **Capacidade funcional de idosos mais velhos**: estudo comparativo entre três regiões do rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/fKYSpJT5nqDCYRVVXzrwMsj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 04 nov. 2021.

ALMEIDA, B. L. S.; LORENTZ, M.; BERTOLDO, L. T. M.. Aspectos Psicossociais do Suicídio em Idosos e Percepções de Sobreviventes. **Rev. Psicol. IMED**, Passo Fundo, v. 10, n. 1, p. 21-36, 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217550272018000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 abr. 2020.

ALENCAR, D.L., LEAL, A.P.de O.; M.C.C., & Vieira, J.de C.M. **Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa**, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/PFm6gRq887pk5ndcvYvzdXq/abstract/?lang=pt>. Acesso em 16 fev. 2021.

ALMEIDA, B. L. S.; LORENTZ, M.; BERTOLDO, L. T. M.. Aspectos Psicossociais do Suicídio em Idosos e Percepções de Sobreviventes. **Rev. Psicol. IMED, Passo Fundo**, v. 10, n. 1, p. 21-36, 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217550272018000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 abr. 2020.

ALMEIDA, R. C. M. **O lugar do pastor jubilado na igreja**. 2012. Dissertação Mestrado - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

ALMEIDA, V. M. VARJÃO, F. T. SANTOS, F. A. **Turismo na Terceira Idade: Estudo Sobre a Segmentação de Mercado**, 2020. Disponível em: https://liceu.fecap.br/LICEU_ON-LINE/article/view/1821. Acessado em: 21 abr. 2021.

ALVAREZ, Â. M.; SANDRI, J. V. de A. O envelhecimento populacional e o compromisso da enfermagem. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília , v. 71, n. 2, p. 722-723, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672018000800722&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 Abr. 2020.

ARAÚJO, L. F; CASTRO, J.L. C; SANTOS, J.V.O. A família e sua relação com o idoso: um estudo de representações sociais. **Revista Psicologia Pesquisa**, Juiz de fora, v. 12, n. 2, p. 14-23, 2018.

AUGUSTO, M.M.; ROCHA, I. N. **Identidade, trabalho e aposentadoria: estudo com trabalhadoras aposentadas de uma fundação pública**. 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/153391>. Acesso em: 28 abr. 2021.

AOS 91 ANOS, LAURA CARDOSO AFIRMA: “NUNCA QUE QUERO ME APOSENTAR E FAZER TRICÔ”. **Istoé**, 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/aos-91-anos-laura-cardoso-afirma-nunca-que-quero-me-aposentar-e-fazer-trico/>. Acesso em: 13 set. 2021.

A BIOGRAFIA DE ALDIR BLANC. **Jornal GGN**, 2013. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/editoria/cultura/a-biografia-de-aldir-blanc/>. Acesso em 15 mai 2021.

A INVENÇÃO DE UMA BELA VELHICE”: como ter mais liberdade, prazeres e ser feliz na vida. **Diário Zona Norte**, 2021. Disponível em: <https://www.diariozonanorte.com.br/a-invencao-de-uma-bela-velhice-como-ter-mais-liberdade-prazeres-e-ser-feliz-na-vida/>. Acesso em 19 set. 2021.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARROS, D. F. O slackline: do surgimento a evolução e seus benefícios. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 19, n 202, 2015.

BALDIN, T. **Velhice e Institucionalização: cenas da vida no abrigo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação de Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

BARBOSA, KTFB. **Vulnerabilidade física, social e programática de idosos atendidos na atenção primária de saúde do município de João Pessoa.** (Dissertação Mestrado em Enfermagem) – Faculdade Federal da Paraíba, 2015.

BARROSO, S. M.; CURTIÇO, J. H. ; LOPES, D. G. PEREIRA, F. E; RUIZ, J. M. Treinamento cognitivo de idosos com uso de jogos eletrônicos: um estudo de caso. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 43-53, 2018.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BALLESTROS, S.; MAYAS, J.; RUIZ-MARQUES, E; PIETRO. A. **Effects video game training on behavioral and electrophysiological measures of attention and memory: protocol for a randomized controlled trial.** *JMRI Publications*, 6(1), 1-20, 2017.

BAPTISTA, P. C. D. ROLDÃO, F. D. **Significações e sentidos de amor na terceira idade: a perspectiva de idosas da fase sênior, 2016.** Disponível em: <https://cadernopaic.fae.emnuvens.com.br/cadernopaic/article/view/197>. Acesso em: 03 dez. 2021.

BARBIERI, N. A. Velhice: melhor idade? **O Mundo Da Saúde**, São Paulo, v. 36, n.1, p-116-119, 2012.

BARRIGA DE ALUGUEL: A MULHER DE 61 ANOS QUE ENGRAVIDOU PARA QUE FILHO GAY PUDESSE SER PAI. G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/04/barriga-de-aluguel-a-mulher-de-61-anos-que-engravidou-para-que-filho-gay-pudesse-ser-pai.ghtml>. Acesso em: 27 set. 2021.

BRASILEIRA DEU À LUZ AOS 61 ANOS: QUAL A IDADE MÁXIMA PARA ENGRAVIDAR?. **Veja**, 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/brasileira-que-deu-a-luz-aos-61-anos-qual-a-idade-maxima-para-engravidar/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

BRASILEIROS COM 65 ANOS OU MAIS SÃO 10,53% DA POPULAÇÃO, DIZ FGV. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/brasileiros-com-65-anos-ou-mais-sao-10-53-da-populacao-diz-FGV>. Acesso em: 15 nov. 2021.

BRASIL. **LEI N 10.741, de outubro de 2003.** Dispõe sobre o *Estatuto do Idoso* e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm Acesso: em 16 mai 2020.

BRASIL. **Portaria 2.528/06.** Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html. Acesso em 22 dez. 2021.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso.** Campinas: Ed. UNICAMP, 2012.

BEE, Helen. O ciclo vital. Tradução Regina Garcez. Porto Alegre: Artmed, 1997.

- BEAUVOIR, S. **La force des choses**. Paris: Galimard, 1963.
- BEAUVOIR, S. **Mal-entendido em Moscou**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro, Brasil: Nova Fronteira, 1990.
- BERGER, K. S. **The developing person through the life span**. New York: Worth Publishers, 1994.
- BEZERRA-FILHO, S., & MIRANDA-SCIPPA, Â. **Suicide attempts in Brazil, 1998–2014: an ecological study**, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-016-3619-3>. Acessado em 19 fev, 2021.
- BLACKING, J. Música, cultura e experiência. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 16, p. 201-218, 2007.
- BRITO, A. M. *et al.* **Representações sociais do cuidado e da velhice no Brasil e Itália**, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/tSXVkJQ8xv8N3R5ScpWdvVvL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- BRITO, A. M. B; CAMARGO, B. V; CASTRO, A. **Representações Sociais de Velhice e Boa Velhice entre Idosos e Sua Rede Social**, 2017. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/1416/1329>. Acesso em: 12 fev. 2021.
- BIASOLI, T. R.; MORETTO, M. C.; GUARIENTO, M. E. **Baixa escolaridade e doenças mentais em idosos: possíveis correlações**, 2016. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-833184>. Acesso em 17 mai.2021.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo vivo da memória. Ensino de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Edital. 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 2. ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.
- BIOGRAFIA LUIZ TATIT. **Enciclopédia Itau Cultural**, 2018. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5220/luiz-tatit>. Acesso em: 17 fev. 2021.
- BIOGRAFIA DE EDUARDO GUDIN. **Letras**, 2022. Disponível em: <https://www.letras.com.br/eduardo-gudin/biografia>. Acesso em 16 jan. 2022.
- BIOGRAFIA ALDIR BLANC. **Enciclopédia Itau Cultura**, 2021. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5973/aldir-blanc>. Acesso em: 16 mai. 2021.
- BIOGRAFIA DE NELSON CAVAQUINHO. **Letras**, 2021. Disponível em: <https://www.letras.com.br/nelson-cavaquinho/biografia>. Acesso em: 15 set. 2021.
- BIOGRAFIA DE ALDIR BLANC. **Letras**, 2022. Disponível em: <https://www.letras.com.br/aldir-blanc/biografia>. Acesso em: 17 nov, 2021.
- BIOGRAFIA CRISTOVÃO BASTOS. **Cristovao Bastos Blogspot**, 2021. Disponível em: <https://cristovaobastos.blogspot.com/p/biografia.html> . Acesso em: 18 fev, 2021.

BIOGRAFIA DE GORDURINHA. **Letras**, 2022. Disponível em: <https://www.lettras.com.br/gordurinha/biografia>. Acesso em 26 jan. 2022.

BIOGRAFIA DE CAETANO VELOSO. **Bahia Ws**, 2022. Disponível em: <https://www.bahia.ws/biografia-caetano-veloso/>. Acesso em 12 jan. 2021.

BIOGRAFIA DE JOHN LENNON. **Ebiografia**, 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/john_lennon/. Acesso em 18 nov. 2021.

BIOGRAFIA DE PAUL MCCARTNEY. **Ebiografia**, 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/paul_mccartney/. Acesso em 18 nov. 2021.

BIOGRAFIA DE OLDEMAR MAGALHÃES. **Letras**, 2021. Disponível em: <https://www.lettras.com.br/oldemar-magalhaes/biografia#:~:text=Oldemar%20Magalh%C3%A3es%2C%20compositor%20e%20radialista,gravadas%20principalmente%20nos%20anos%201950>. Acesso em 17 nov. 2021.

BÍBLIA, A. T. **Provérbios**. In BÍBLIA. Português. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BÍBLIA, A. T. **Matheus**. In BÍBLIA. Português. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

CAETANO VELOSO VENCE "GRAVAÇÃO DO ANO" DO GRAMMY LATINO POR TALVEZ. **Correio Braziliense**, 2021. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/11/4964264-caetano-veloso-vence-gravacao-do-ano-do-grammy-latino-por-i-talvez-i.html>. Acesso em 18 nov. 2021.

CABELO BRANCO OU TINGIDO? O QUE VOCÊ QUISE, RESPONDE MIRIAN GOLDENBERG. **Uol**, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/brenda-fucuta/2021/12/06/cabelo-branco-ou-cabelo-tingido.htm>. Acesso em: 07 dez. 2021.

CACHION, Meire Cachion; DELFINO, Lais Lopes; YASSUDA, Mônica Sanches Yassud; TAVARES, Samila Sathler; MELO, Ruth Caldeira de Melo; DOMINGUES, Marisa Accioly Rodrigues da Costa. Bem-estar subjetivo e psicológico de idosos participantes de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, 20(3): 340-352, 2017.

CACHIONI, Meire. **Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de Universidades da Terceira Idade**. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese Doutorado em Gerontologia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CAMARANO, A. A. **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, A. A. **Como Vive o Idoso Brasileiro**. In: CAMARANO (org). **Muito Além dos 60: os novos idosos brasileiros**, IPEA, Rio de Janeiro, 1999.

CAMARANO, A. A. **Os dependentes da renda dos idosos e o coronavírus: órfãos ou novos pobres?**, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/pgDTDv7hLHfHRtsvbFbsQqg/?lang=pt>. Acessado em 14 jan. 2022.

CARLOS, K. P. T. **Representações sociais da velhice lgbt: estudo comparativo entre universitários**, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação de Mestrado em Sociologia) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

CARVALHO, J. A. M. GARCIA, R. A. O Envelhecimento da População Brasileira: Um enfoque demográfico. **Revista Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3: p.725-733, 2003.

CHAVES RN; LIMA; PV; VALENÇA, TDS; SANTANA, ES; MARINHO, MS; REIS, LA. Cognitive loss and functional dependence in long-lived elderly in homes for the aged. **Cogitare Enferm**, Vitória da Conquista, v. 22. n. 1, 2019.

CAVALCANTI. L. D. A infância nas canções de Chico Buarque: da fantasia ao abandono. **Anu. Lit.**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 46-66, 2018.

CORRÊIA, A. P.L; SANTOS, J. M. C.. **A atuação do enfermeiro no tratamento de idosos com transtornos mentais**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) - Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, 2018.

COSTA, P. Cavalcante. **A voz do morro: territorialidade e resistência no samba de bezerra da silva**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação de Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

COUTO, M. C. P. P.; MARQUES, S. Atitudes em relação ao envelhecimento: vamos falar sobre idadismo? In: FALCÃO, D. V. S.; ARAÚJO, L. F.; PEDROSO, J. S. (Orgs). **Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar**. Campinas, SP: Alínea Editora, p. 17-32, 2016.

CONHEÇA OS FAMOSOS QUE NÃO REVELAM SUA IDADE. **Estrelando**, 2021. Disponível em: <https://www.estrelando.com.br/foto/2021/01/27/conheca-os-famosos-que-nao-revelam-sua-idade-161725/foto-1>. Acesso em 27. set. 2021.

CONHEÇA AS MÚSICAS MAIS TOCADAS DE ARNALDO ANTUNES. **Portal Sucesso**, 2020. Disponível em: <https://web.portalsucesso.com.br/home/conheca-as-musicas-mais-tocadas-de-arnaldo-antunes>. Acesso em 18 abr. 2021.

CIRURGIA PLÁSTICA REGISTRA CRESCIMENTO NA TERCEIRA IDADE. **Paran@shop**. Disponível em: <https://paranashop.com.br/2020/10/cirurgia-plastica-registra-crescimento-na-terceira-idade/>. Acesso em: 18 set. 2021.

CILLA, K. F. COSTA, L.C. **A análise de discurso como metodologia para o estudo de políticas educacionais: o caso da proposta curricular do estado de São Paulo**, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/338187523> A análise de discurso como m

etodologia para o estudo de políticas educacionais o caso da proposta curricular do estado de Sao Paulo. Acesso em 17 fev 2021.

CRIPPA, A; ROHDE, KLC; SCHWANKE, CHA; FEIJÓ, AGS. Violência contra pessoa idosa a partir da análise de boletins de ocorrência. **Revista Sistema Penal & Violência**, Recife, v. 8, n. 2, p. 220-230, 2016.

CRISTOVÃO BASTOS: pianista, compositor e arranjador. **Blogspot**, 2019. Disponível em: <https://cristovaobastos.blogspot.com/p/biografia.html>. Acesso em 13 dez. 2021.

CRUZ, Danielle Teles da; LEITE, Isabel Cristina Gonçalves. **Quedas e fatores associados em idosos residentes na comunidade**. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro; pp. 551-561, 2018

CIALIS: para que serve? **Omens**, 2022. Disponível em: <https://omens.com.br/blog/tratamentos/cialis-para-que-serve/>. Acesso em: 07 fev. 2022.

DARDENGO, C.F.R.; MAFRA, S.C.T. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? **Revista de Ciências Humanas**, vol. 18, n. 2, 2018.

DERROSSO, G.; OLIVEIRA, M. A Inserção de Idosos no Mercado de Trabalho de Foz do Iguaçu. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 11, n 1, p. 47 - 61, 2018.

DEL PRETTE, Z. A P. A. **Psicologia das Habilidades Sociais: terapias e educação**. Petrópolis: Vozes, 2009.

DEJOURS, Christophe. Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho. São Paulo: Fundap: EAESP/FGV, 1999.

DEBERT, GG. **A reinvenção da velhice**. Edusp-FAPESP, São Paulo, 1999.

DURKHEIM, É. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, E. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DURKHEIM, E. **Sociologia e filosofia**. São Paulo: Forense, 1970.

DURKHEIN, E. **As formas elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

DOCUMENTÁRIO 'DANADO DE BOM' CONTA A HISTÓRIA DE JOÃO SILVA. **UAI**, 2017. DISPONÍVEL EM: <https://www.uai.com.br/app/noticia/cinema/2017/07/02/noticias-cinema,208980/documentario-danado-de-bom-conta-a-historia-de-joao-silva.shtml>

Acesso em: 12 mai. 2021.

DORO, L. C. M. D; LIMONGELLI, A. M. de A. **Surfe e qualidade de vida do idoso**, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revminef/article/view/9905>. Acesso em 14 set. 2021.

ELOI, J. F; LIMA, M.E.G; SILVA, A. M. S. **Reinserção de Idosos no Mercado de Trabalho: Uma Etnografia de Tela do Filme Um Sr. Estagiário**, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n1/v23n1a15.pdf>. Acesso em 24 out. 2021.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ENVELHESCÊNCIA. Direção: Gabriel Martinez. São Paulo: Lado B Digital Filmes, 2018. 1h 24min, color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i4cLyLdK5EA>. Acesso em: 19 dez. 2018.

EM MOMENTO DE CRISE, PRECISAMOS ENCONTRAR SAÍDAS. **Folha**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/07/em-momento-de-crise-precisamos-encontrar-saidas-diz-goldenberg.shtml>. Acesso em 16 set. 2021.

EM 2018, EXPECTATIVA DE VIDA ERA DE 76,3 ANOS. **Agência IBGE**, 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/26104-em-2018-expectativa-de-vida-era-de-76-3-anos>. Acesso em 16 set. 2021.

FALEIROS, Vicente de Paula. Envelhecimento no Brasil do Século XXI: transições e desafios. **Argumentum**, Vitória, v. 6, n. 1, p. 6–21, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/7952/0>. Acesso em: 9 ago. 2019.

FALLER, JW; TESTON, EF; MARCON, SS. A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades. **Texto Contexto Enferm**, n. 24, v.1, p. 128-37, 2015.

FERNANDES, P. V. GRANGEIRO, E. S. SILVA, M. N. S. **Banda 6.0**: a experiência da música na terceira idade, 2017. Disponível em: http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/1909. Acesso em 8 nov. 2021.

FERREIRA, A. A. O Brasil e o preconceito: uma análise teórica e crítica da Lei 7.716/89 frente à realidade brasileira. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XVIII, n. 134, mar. 2015. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/o-brasil-e-o-preconceito-uma-analise-teorica-e-critica-da-lei-7-716-89-frente-a-realidade-brasileira>. Acesso em: 20 set. 2017.

FERREIRA, C.M. As dores emocionais da velhice. **Revista Portal de Divulgação**, São Paulo, n. 48, 2016. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/596/652>. Acessado em: 18 nov.2021.

FERREIRA, M. A. M. ; SILVA, I.B.N. ; RODRIGUES, B. F L. ; LEITE, M. A. P. ; PATRÍCIO, A. C. F. A. **Expectativa de futuro em idosos com HIV/AIDS**. In: V Congresso Internacional do Envelhecimento Humano, 2017, Maceió. Anais V Cieh. Campina Grande: Realize Eventos e Editora, 2017.

FIN, T.C.; PORTELLA, M.R., SCORTEGAGNA, S.A.; FRIGHETTO, J. Estética e expectativas sociais: o posicionamento da mulher idosa sobre os recursos estéticos. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 18 n. 4, p. 133-149, 2015.

FILHO REVELA O QUE LEVOU FLÁVIO MIGLIACCIO AO SUICÍDIO. **Terra**, 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/filho-revela>

[o-que-levou-flavio-migliaccio-ao-suicidio.eb8c69720e0d8eb8a90383b7fffca2d53ptq31vz.html](https://www.redalyc.org/pdf/3172/317232811005.pdf). Acesso em: 12 fev. 2021

FONTOURA, D. S.; DOLL, J.; OLIVEIRA, S. N. de. O Desafio de Aposentar-se no mundo Contemporâneo/The Challenge of Retiring in the Contemporary World. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 53-79, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3172/317232811005.pdf>. Acesso em: 24 set. 2017.

FRANCO, C. M. B; BARROS, F. O. J. O envelhecimento ativo e o espaço acadêmico: significações das pessoas idosas do programa integração de gerações em Teresina-Pi. **Revista FSA**, Teresina, v. 10, n. 4, n. 18, p. 334-346, 2013.

FRANCISCO, P. **Quem sou eu pra julgar?** Rio de Janeiro: Leya, 2017.

FRAZÃO, D. Biografia de Ary Barroso. Ebiografia, 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/ary_barroso/. Acesso em 13 de Nov. 2021.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira; **Três Ensaaios Sobre a Teoria da Sexualidade** (1905). Direção Geral: Jayme Salomão. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREITAS, M. C.; QUEIROZ, T. A.; SOUSA, J. A. V. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 2, 2010.

FRIDAS, Todas. **Em entrevista, atriz, Laura Cardoso, fala sobre autoestima aos 90 anos**. São Paulo, 9, Nov. 2017. Facebook: Todas Frida. Disponível em: <https://www.facebook.com/TODASFridasoficial/photos/a.464342950405349/826187730887534>. Acesso em 12 jan. 2021.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GATTI, M. C.; PINTO, M. J. C. Velhice ativa: a vivência afetivo-sexual da pessoa idosa. **Vínculo**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 133-159, 2019.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GOLDENERG, M. Movimento das Coroas Poderosas. **Folha de São Paulo**, 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0410201101.htm>. Acesso em: 15 mai. 2020.

GOLDENBERG, M. **Toda mulher é meio Leila Diniz**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GOLDENBERG, M. Tristeza não é doença. **Folha**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2021/03/tristeza-nao-e->

[doenca.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=compfb&fbclid=IwAR0Qx8P2EyE1dFSYxbyyVp0SbcZSZeWAWaYcG0vdpzGRDk70bmGfezWYF_5Q](https://www.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2021/08/doenca.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=compfb&fbclid=IwAR0Qx8P2EyE1dFSYxbyyVp0SbcZSZeWAWaYcG0vdpzGRDk70bmGfezWYF_5Q). Acesso em 18 ago. 2021.

GOLDENBERG, M. Manifesto das Coroas Poderosas. **Época**, 2013. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/colunas-e-blogs/ruth-de-aquino/noticia/2013/08/o-manifesto-das-coroas-poderosas.html>. Acessado em: 16 de Nov. 2021.

GOLDENBERG, Mirian. Pandemia de coronavírus evidencia 'velhofobia' no Brasil, diz antropóloga. BBC, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>. Acesso em: 15 mai. 2020.

GOLDENBERG, M. Pandemia só evidencia solidão de idosos e sensação de que são um peso. **Folha**, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/pandemia-so-evidencia-solidao-de-idosos-e-sensacao-de-que-sao-um-peso-diz-mirian-goldenberg.shtml>. Acesso em: 17 set. 2021.

GOLDENBERG, Mirian. **A invenção de uma bela velhice: em busca de uma vida com mais liberdade e felicidade**, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/HF9gPOF5FkxhqLJGZB9TDks/?lang=pt>, Acesso em: 10 set. 2021.

GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record: 2013.

GOLDENBERG, M. O marido como capital. **Folha**, 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0106201001.htm>. Acesso em: 18 set. 2021.

GOLDENBERG, M. **Amor, sexo e tesão na maturidade**. Folha, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2021/08/amor-sexo-e-tesao-na-maturidade.shtml?origin=folha> . Acesso em 23 fev. 2021.

GOLDENBERG, M. **Tesão na alma**. Folha, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2021/10/tesao-na-alma.shtml>. Acesso em 23 fev. 2021.

GONZÁLEZ, A. C. T. IGNÁCIO, Z. M.; JORNADA, L. K.; RÉUS, G. Z.; ABELAIRA, H.M.; SANTOS, M. A. B.; CERETTA, L.B.; QUEVEDO, JL; Transtornos depressivos e algumas comorbidades em idosos: um estudo de base populacional. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1 p. 95-103, 2016.

GOLDENBERG, M. Velho não quer trepar. Folha, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2020/09/velho-nao-quer-trepar.shtml>. Acesso em: 16 mar. 2021.

GOLDENBERG, Mirian. **Por que os homens preferem as mulheres mais velhas?** Rio de Janeiro: Record, 2017.

GOMES, S. S. *et al.* **O processo de luto pela perda de um filho em uma idosa cuidadora de um paciente crônico**, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092015000100005. Acesso em 17 out. 2021.

GOMES, A. R; SILVA, G. S. O impacto da prática da dança na qualidade de vida da pessoa idosa, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

GRETCHEN, M. O. D. **Cirurgias plásticas**. Pará, 29, out. 2021. @mariagretchen. Instagram: Vídeo Stories. Disponível em: <https://www.instagram.com/mariagretchen/?hl=pt-br>. Acessado em: 29 Out. 2021.

GUERRA, A. C. L. C.; CALDAS, C. P. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, p. 2931-2940, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232010000600031&lng=en&nrm=iso> acesso on 14 May 2021.

GUIMARÃES, H. C. Sexualidade na terceira idade. **Revista Portal de Divulgação**, v.47,n. 4, 2016.

GULLICH, I; DURO, S. MANJOURANI, S.; CESAR, Juraci Almeida. Depressão entre idosos: um estudo de base populacional no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 19, n. 4, p.691-701, dez. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **La Nuptialité en France Depuis la Guerre**, Annales sociologiques. Série E. Morphologies sociale, langage, technologie, esthétique Fasc. 1 (1935), pp. 1-46 (46 pages). Presses Universitaires de France, 1935.

HOSPITAL DO JABAQUARA EXIBE DOCUMENTÁRIO 'ENVELHESCÊNCIA'. **PREFEITURA SP**, 2016. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.PREFEITURA.SP.GOV.BR/CIDADE/SECRETARIAS/SAUDE/AUTARQUIA_HOSPITALAR_MUNICIPAL/NOTICIAS/?P=212311. ACESSO EM 18 SET. 2021.

HORN, V. Q. **A imagem da velhice na contemporaneidade**. 2013. Trabalho de Conclusão de curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- UNIJUÍ, Santa Rosa, 2013.

IDOSOS NO MERCADO DE TRABALHO, É POSSÍVEL? Pontotel, 2020. Disponível em: <https://www.pontotel.com.br/idoso-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em 29 set. 2021.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Projeções da população: Brasil e unidades da federação**, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101597>. Acesso em: 17 jun. 2021.

IFMA celebra centenário de nascimento do maestro João Carlos Nazareth. **Portal IFMA**, 2011. Disponível em: <https://portal.ifma.edu.br/2011/04/12/ifma-celebra-centenario-de-nascimento-do-maestro-joao-carlos-nazareth/>. Acesso em: 24 nov. 2021.

JESUS, M.C.P; BRAGA, V.,A.S; MACHADO, D.R; TOCANTINS, F.R; MERIGHI, M.A.B. Envelhecimento saudável na perspectiva de idosos: uma revisão integrativa. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 889-900, 2017.

KHOURY, H. T. T.; FERREIRA, A. J. C.; SOUZA, R. A. S.; MATOS, A. P.; GÓES, S. B. Por que aposentados retornam ao trabalho? O papel dos fatores psicossociais. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 13, n.1 2010.

KREUZ, G. FRANCO, M. H. P. **O luto do idoso diante das perdas da doença e do envelhecimento**, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000200012. Acessado em 14. Nov. 2021.

KATO, G. H. *et al.* Representação política atual do idoso e o reflexo sobre uma instituição de ensino superior pública. **Archives of health investigation**, 2020. Disponível em: <https://www.archhealthinvestigation.com.br/ArcHI/article/view/5097>. Acesso em: 15 dez. 2021.

KLAFKE, R. L., DUARTE, N. A. S., VIEBRANTZ, I. S., FREITAS, C. R., & Areosa, S. V. C. (2017). Perda cognitiva, depressão e ansiedade na terceira idade. **Revista Jovens Pesquisadores**, n. 7, v. 1, 106-117.

KACZALLA, F. K. **A felicidade na perspectiva de idosos institucionalizados**, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação de Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2017.

KOCH, I. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez; 2006.

LEITE, G. **Modernidade líquida e incertezas sólidas**, 2017. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/55092/modernidade-liquida-e-incertezas-solidas>. Acessado em: 15 dez. 2021.

LEJDERMAN, B. BEZERRA, S. Choro: um complexo fenômeno humano, **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v. 16, n.3, p.44-53, 2017. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/revista-portal-de-divulgacao-no-52/>. Acesso: em 15 dez. 2021.

LIVRO DE MIRIAN GOLDENBERG MOSTRA CONQUISTAS DE NONAGENÁRIOS. **Folha**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/07/livro-de-mirian-goldenberg-mostra-conquistas-de-nonagenarios.shtml>. Acesso em 26 fev. 2021.

LIVRO DA ANTROPÓLOGA MIRIAN GOLDENBERG QUER INSPIRAR MULHERES A LIGAREM O FODA-SE PARA SEREM FELIZES. **Revista Trip**, 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/conversamos-com-antropologa-mirian-goldenberg-que-lanca-o-livro-liberdade-felicidade-e-foda-se>. Acesso em 29 out. 2021.

LIMA, M. A. **A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: a UnATI/UERJ**, 1999. Trabalho de Conclusão do Curso (Dissertação de Mestrado em Antropologia) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LIMA, G. A. F. *et al.* Fatores que interferem na qualidade de vida do homem idoso. **Anais I CNEH**. Campina Grande: Realize Editora, 2016.

LIMA, P. V. **Memória e representações sociais de idosos encarregados sobre velhice e saúde**. Trabalho de conclusão de curso (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.

LIMA, P. V.; VALENÇA, T. D. C.; REIS, L. A. Envelhecer com dependência funcional: construindo estratégias de enfrentamento, 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahuufma/article/view/6082> Acessado em 24 nov. 2016.

LIRA, C. B. Quando bailarinas envelhecem: gênero, corpo e envelhecimento. **Revista Feminismo**, v. 6, n. 2, 2018.

LISPECTOR, C. **A Via Crucis do Corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LINS, I.L; ANDRADE, L.V.R. A feminização da velhice: representação e silenciamento de demandas nos processos conferencistas de mulheres e pessoas idosas. **Mediações**, v.23, n.3, p.436-465, 2018.

LUIZ, K.K.I; LORETO, M. D. S; MAFRA;S. C. T; FERREIRA, M.A. M. Envelhecimento e velhice: protagonismo, temporalidade e desafios. **Temporalis**, Brasília, ano 18, n. 35, p.289-304, 2018.

LOPES, M. S. Os juízes no espelho: ver e ser visto. In: **GRÜNE, Carmela**. (Org.). Samba no pé & Direito na cabeça. São Paulo: Saraiva, 2012.

MACENA, W. G.; HERMANO, L. O.; COSTA, T. C. Alterações fisiológicas decorrentes do envelhecimento. **Revista Mosaicum**, v. 23, n 56. 224- 236, 2018.

MACHADO, L M. **O Idoso Diante da Finitude e a Morte: uma Compreensão Existencial-Fenomenológico sobre a Possibilidade Última de Vida**, 2016. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/tanatologia/o-idoso-diante-da-finitude-e-a-morte-uma-compreensao-existencial-fenomenologico-sobre-a-possibilidade-ultima-de-vida>. Acessado em 17 fev. 2021.

MÃE PERTO DOS 50 (OU MAIS). **Veja**, 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/mae-perto-dos-50-ou-mais/>. Acesso em: 13 set. 2021.

MARTINS, J. D. F.; FELZEMBURGH, R. M.; DIAS, A. B.; CARIBÉ, A. C., BEZERRA, S.; Miranda-Scippa, Â. **Suicide attempts in Brazil, 1998–2014: an ecological study**, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-016-3619-3>, 2016. Acesso em: 12 set. 2021.

MARIANI, B. S. C. **Favela, ensino de português e escola: algumas histórias com a “Rocinha”**. In: TEVES, N.; RANGEL, M. (org.). Representação social e educação: Temas e enfoques contemporâneos de pesquisa. Campinas: Papyrus, 1999.

MARX, K. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

MARX, K. **O Capital**. London: Penguin classics, 1990.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2002

MENEZES, G. Saudade. Rio de Janeiro, 20, ago. 2021. @ gloriamenezesoficial. **Instragram**: foto feed. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSzcPG0FjMW/>. Acessado em 26 jan. 2022.

MELLO, D. R. B. *et al.* Fatores de Resiliência no Envelhecimento Verificados Na Visita Domiciliar:Relato de uma experiência na atenção básica. **Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico**. v. 2, n. 2. p, 30-44, 2016.

MELLO, M. **Estética na velhice: a percepção da mulher idosa**. Dissertação de Mestrado - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2019.

MENEZES, J. N. R.; COSTA, M. P. M.; IWATA, A. C. N. S. ; ARAÚJO, P. M. de; OLIVEIRA, L.G.; SOUZA, C. G.D.; FERNANDES, P. H. P. D.**A visão do idoso sobre o seu processo de envelhecimento**. **Revista Contexto & Saúde**, Fortaleza, v.18, n. 35, p. 8-12, 2018.

MANTOVANI, E. P., LUCCA, S. R. D., & Neri, A. L. 2016. Associações entre significados de velhice e bem-estar subjetivo indicado por satisfação em idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, n.2, 203-222.

MIRIAN GOLDENBERG: "LUTAR CONTRA A VELHOFOBIA É LUTAR PELA NOSSA PRÓPRIA VELHICE". **Apublica**, 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/mirian-goldenberg-lutar-contr-a-velhofobia-e-lutar-pela-nossa-propria-velhice/>. Acesso em: 19 jan. 2021.

MIRIAN GOLDENBERG EXPLICA CURVA DA FELICIDADE FEMININA: 'Aos 45 anos, é o fundo do poço'. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/podcast/prazer-renata/noticia/2021/11/15/mirian-goldenberg-explica-curva-da-felicidade-feminina-aos-45-anos-e-o-fundo-do-poco.ghtml>. Acessado em 14 dez. 2021.

MIRIAN GOLDENBERG: "Envelhecimento no Brasil é visto como morte simbólica". **UOL**, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/12/03/envelhecimento-no-brasil-e-morte-simbolica-e-precisamos-combater-velhofobia.htm>. Acesso em 13 dez. 2021.

MINAYO, MCS; COIMBRA, CEA. Entre a liberdade a liberdade e a dependência.*In*. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MORAES, C.C. **A História em cantos: música popular brasileira na pesquisa e no ensino da história**, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772189_c6f7a6ba153e2481ebe2c62ffe7f053f.pdf. Acesso em 14 dez. 2021.

MODERNIDADE LÍQUIDA E INCERTEZAS SÓLIDAS. **Jus**, 2017. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/55092/modernidade-liquida-e-incertezas-solidas>. Acesso em: 18 out. 2021.

MONTEIRO, T. M. **Aqueles que envelhecem, o tempo e as rugas, 2015**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Dissertação de Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

MOTA, K.M. BABINSKI, L.R. **Lazer na terceira idade: o turismo como opção**, 2005. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt11-lazer-na-terceira-idade.PDF>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MÚSICO CONGOLÊS LOKUA KANZA TRAZ SÓ VOZ AO FESTIVAL. **Folha**, 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2704200025.htm>. Acesso em 17 jan. 2021.

NASCIMENTO, M. I. C, CORDOILI, A. *et. al.* Trad.**Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5: American Psychiatric Association...** [et al.]. – 5.^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

NADA PIORA COM O TEMPO, SÓ MELHORA. **Gama Revista**, 2020. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/velho-eu/mirian-goldenberg-sobre-velhice-e-perspectivas-para-a-melhor-idade/>. Acesso em: 22 jan. 2021.

NÃO ME SINTO VELHA, DIZ RAINHA ELIZABETH, DE 95 ANOS, AO RECUSAR PRÊMIO PARA IDOSOS. **Uol**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/reuters/2021/10/19/nao-me-sinto-velha-diz-rainha-elizabeth-de-95-anos-ao-recusar-premio-para-idosos.htm>. Acesso em: 17 out. 2021.

‘NADA PIORA COM O TEMPO, SÓ MELHORA’. **Gama Revista**, 2020. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/velho-eu/mirian-goldenberg-sobre-velhice-e-perspectivas-para-a-melhor-idade/>. Acessado em 15 out. 2021.

NÃO FICA MAIS FÁCIL PERDER ALGUÉM QUE VIVEU MUITO. **Vamos falar sobre o luto**, 2021. Disponível em: <http://vamosfalarsobreoluto.com.br/2021/10/14/nao-fica-mais-facil-perder-alguem-que-viveu-muito/> . Acesso em 17 fev. 2021.

NATALINO, M. A. C. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- IPEA, 2016.

NERI, A. **Palavras-chave em Gerontologia**. Campinas: Alínea Editora, 2008.

NETTO, T. M., GRECA, D. V., ZIMMERMANN, N., OLIVEIRA, C. R., TEIXEIRA-OLIVEIRA, J. M. B. *et al* . Envelhecimento, saúde mental e suicídio. Revisão integrativa. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro , v. 21, n. 4, p. 488-498, 2018.

NELSON CAVAQUINHO. **Filho de jorge**, 2021. Disponível em: <http://filhodejorge.blogspot.com/2007/09/nelson-cavaquinho.html>. Acesso em: 13 jan 2021.

NOVAES, J. V; BARRETO, A. C.B; BARRETO, L. Repensando novas representações da velhice: relato de uma experiência na mídia. **Revista eletrônica da Uerj**, Rio de Janeiro, v. 17, n.4, p. 30-41, 2017.

NOGUEIRA, C. S. Os “mais velhos” na Folha de S. Paulo: uma análise crítica do discurso jornalístico sobre a velhice. **Sínteses Revista de Pós-Graduação**, v 6. N, 1. 297-308, 2001.

OLIVEIRA, JMB; VERA, I; R LUCCHESI, GC. SILVA; TOMÉ, EM; ELIAS, RA. Envelhecimento, saúde mental e suicídio. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 21, n 6, p. 488-498, 2018.

O ABANDONO DOS IDOSOS NO BRASIL. IstoÉ, 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/o-abandono-dos-idosos-no-brasil/> Acesso em: 19 mai. 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 9 ed. Campinas: Pontes, 2010.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

Orlandi, E. P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 9 ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

ORTINHO COMEMORA 20 ANOS DE CARREIRA SOLO E HOMENAGEIA CARUARU COM DISCO DE FORRÓ: 'Inspiração pela própria história'. **G1**, 2021. Disponível: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2021/05/17/ortinho-comemora-20-anos-de-carreira-solo-e-homenageia-caruaru-com-disco-de-forro-inspiracao-pela-propria-historia.ghtml>. Acesso em: 19 mai. 2021.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Envelhecimento Ativo: uma Política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **26a Conferência Sanitária Pan-Americana. A Saúde e o Envelhecimento**. Washington: Organização Pan-Americana da Saúde, 2002.

OMS – Organização Mundial de Saúde. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**, 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf> Acesso em 18 nov. 2021.

PANDEMIA DE CORONAVÍRUS EVIDENCIA 'VELHOFOBIA' NO BRASIL, DIZ ANTROPÓLOGA. **BBC**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735> Acesso 17 nov. 2021.

PAULSE, Carolina. **Cantando a resistência, construindo identidade: análise das canções de Chico Buarque**. III Semana de pesquisa em artes, 2009.

PAIVA, Marília Luana Pinheiro de. Sociologia e rock: música como instrumento de reflexão em sala de aula. **Revista Café com Filosofia**, V 5, n. 1, 2016.

PESSIN, Giséle; ISTOE, Rosalee Santos Crespo; MANHÃES, Fernanda Castro. **A sexualidade e o Envelhecimento na Contemporaneidade: reflexões sobre uma história em construção**. In: MANHÃES, Fernanda Castro; ISTOE, Rosalee Santos Crespo; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de (Orgs). **Envelhecimento em Foco: abordagens interdisciplinares II**. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2015

PEREIRA, M. B. J. RABINOVICH, E. P. **Corpos tatuados: desejo de memória em completude**, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6872/16539>. Acesso em 12 fev. 2021.

PEIXOTO, Clarice. **Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...** In: Barros, Myriam Moraes Lins de. *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV Editora. 2006.

PESSOAS COM MAIS DE 50 ADEREM A TATUAGEM PARA REGISTRAR MEMÓRIAS. **FOLHA**, 2013. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/humanos/1218576-pessoas-com-mais-de-50-aderem-a-tatuagem-para-registrar-memorias.shtml>. Acesso em: 18 mai. 2021.

PEREIRA, D; PONTE, F; COSTA, E. Preditores das atitudes negativas face ao envelhecimento e face à sexualidade na terceira idade. **Análise Psicológica**, Lisboa , v. 36, n. 1, p. 31-46, 2018.

PEREIRA, M. B. J; RABINOVICH, E. P. **Corpos tatuados: desejo de memória em completude**, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6872/16539>. Acesso em 17 out. 2021.

PINHEIRO, Â. F. S.; RIBEIRO, D. J; SOUTO, I. F. Q. Inserção do idoso no mercado de trabalho. **Humanidades**, v. 5, n. 1, 2016.

PIOSSEVAN, A.M.W. *et al.* A análise do discurso e questões sobre a linguagem. **Revista X**, Paraná, v. 2, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/viewFile/5424/5222> . Acessado em: 29 dez. 2021.

POR QUE ALGUNS ARTISTAS IDOSOS DECIDEM ANTECIPAR A MORTE: O ator Flavio Migliaccio não foi o único a sucumbir à tristeza e ao inconformismo com situações ao seu redor. Terra, 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/por-que-alguns-artistas-idosos-decidem-antecipar-a-morte,0aa662e2f6fd09f5c31a5698514f1b4ed0yk7dwp.html> Acessado em: 27 nov. 2021.

PROJETOS DE VIDA PARA A MATURIDADE. **Parceiros do Futuro**, 2022. Disponível em: <https://parceirosdofuturo.com.br/projetos-de-vida-para-a-maturidade/>. Acesso em: 12 jan. 2021

RAMOS, L. R. *et al.* Envelhecimento Populacional: uma realidade brasileira. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, n. 3. p. 211-24, 1997.

REBELO, M. **Promover o Envelhecimento Ativo: o Desafio da Institucionalização sob o olhar do Enfermeiro Instituto Politécnico de Porto Alegre**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação Mestrado em Enfermagem) - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais Escola Superior de Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, 2019.

REIRE, P. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

RESENDE, E.G; LODOVICI, F. M.M; CONCONE, M.H.V.B. A infinitude na religião: **quando uma vida só não basta**, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/semduh/Downloads/17037-Texto%20do%20artigo-42092-2-10-20131024.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2020.

RIBEIRO, V. S. ; BOGONI, G. L. **Depressão no idoso: um estudo bibliográfico**, 2016. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp->

[content/uploads/2016/10/VILMAR-DA-SILVA-RIBEIRO.pdf](#). Acessado em 17 fev. 2021.

RICARDO, Zé. Nelson Cavaquinho. **Filhos de Jorge**, 2007. Disponível em: <http://filhodejorge.blogspot.com/2007/09/nelson-cavaquinho.html>. Acesso em: 17. dez. 2020.

RIBEIRO, M. S. *et al.* Estratégias de enfrentamento de idosos frente ao envelhecimento e à morte: revisão integrativa. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 869-877, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180998232017000600869&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 apr. 2020.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Renda, Relações Sociais e Felicidade no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 1, p. 37-78, 2015.

RODRIGUES, A. G.; SILVA, A. A. A rede social e os tipos de apoio recebidos por idosos institucionalizados. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 159-170, 2013.

ROCHA, J.A. **O envelhecimento humano e seus aspectos psicossociais**, 2018. Disponível em: <http://revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/113>. Acesso em 12 fev. 2021.

ROZENDO, A.S. **Construção social do envelhecimento e experiências da velhice**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação de Mestrado em Psicologia)-Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

SACKS, O. A grande orquestra do cérebro. **Revista VEJA**. São Paulo, v. 2027, p. 9. 2007.

SANTOS, A. OTANI, M. MARIN, M. PINTO, A. **Sentimentos e dificuldades do familiar do idoso com transtorno mental**, 2016. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/856> Acesso em 14 mai. 2021.

SCHALLER, Katrin. Acordes curativos. Viver Mente & Cérebro. **Revista de psicologia, psicanálise, neurociências e conhecimento**. São Paulo, p. 64-69, jun. 2005.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estud. psicol.** Campinas, v. 25, n. 4, p.585-593, 2000. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2008000400013&lng=en&nrm=iso: Acesso em 14 mai 2021.

SANTOS, R. C. S. S. *et al.* Violência e Fragilidade na pessoa idosa. **Revista enfermagem UFPE online**, Recife, v. 12, n. 188, p.27-34, 2018.

SANTOS, W. J.; GIACOMIN, K. C.; FIRMO, J. O. A. Alteridade do corpo do velho: estranhamento e dor na Saúde Coletiva. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 11, p. 4275-4284, 2019.

SANTOS, P. F; SANTOS. *et al.* **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.7.n.10. out. 2021. ISSN - 2675 – 3375.

SAMPAIO, T. S. O; SAMPAIO, L. S; VILELA, A. B. Alves. Conteúdos e estrutura representacional sobre família para idosos em coresidência. **Ciência saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 24, n. 4, p. 1309-13162019. Disponível em : http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232019000401309&lng=en&nrm=iso. Acesso em 14 Mai. 2021.

SAGALLA R; SPINELLI RB; ZANARDO VPS; ZEMOLIN, GP. Perfil antropométrico e qualidade de vida de idosos independentes institucionalizados e não institucionalizados, no município de Erechim, RS. **Perspectiva**, v. 37, n. 137, p. :81-92, 2013.

SALINET, A. **A mulher idosa no contexto da institucionalização:autoimagem, autoestima, beleza e cuidado na velhice**. 2018.Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação de Mestrado) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2018.

SAVAZZONI, S.A. **Revista do Curso de Direito da Faculdade de Humanidades e Direito**, São Paulo, v. 12, n. 12, p. 39-75, 2015.

SCHMITT, J. M. Z. **Histórias e publicações sobre a velhice no Brasil**. 2005. Disponível em:http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/artigos/artigo_jaquelinezarbatoschmitt.PDF . Acesso em: 25 fev. 2021.

SANTOS, E. G. O., OLIVEIRA, Y. O. M. C., AZEVEDO, U. N., NUNES, A. D. S., AMADOR, A. E., & BARBOSA, I. R. Análise espaço-temporal da mortalidade por suicídio em idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Santa Cruz, v. 20, n. 6, p. 854-865, 2017.

SEM VISITA ÍNTIMA, EIKE BATISTA TERÁ QUE SUSPENDER USO DE REMÉDIO PARA DISFUNÇÃO ERÉTIL. **Extra**, 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/sem-visita-intima-eike-batista-tera-que-suspender-uso-de-remedio-para-disfuncao-eretil-20866370.html>. Acesso em 18 fev. 2021.

SEGALLA, R. SPINELLI, R. B.. ZANARDO, V. P. S.. ZEMOLIN, G. P. **Perfil antropométrico e qualidade de vida de idosos independentes Institucionalizados e não institucionalizados, no município de Erechim, RS**, 2013. Disponível em: https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/137_328.pdf. Acesso em 25 fev. 2021.

SIQUEIRA, C. E. ACOSTA, M. A. F. A Construção Do Campo Da Gerontologia: Dimensão Política Na Cidade De Santa Maria (RS). *In*: II Simpósio Internacional de Gerontologia Social, 2015. São Paulo. **Anais XV Semana de Gerontologia**. São Paulo: PUC, 2015.

SIMONE DE BEAUVOIR DA VELHICE E DA MORTE. **Sindprevs**, 2022. Disponível em: <http://sindprevs-sc.org.br/geap/11-artigos/3743-simone-de-beauvoir-da-velhice-e-da-morte>. Acesso em: 18 fev. 2021.

SILVA, W. L. F. S; PAULA, G. L; GOMES, L. C; CRUZ, D. T. Prevalência de sofrimento psíquico em pessoas idosas: um estudo de base comunitária, **Revista**

Brasileira Geriatria e Gerontologia, Juiz de Fora, v. 23, n. 5, p 1-12, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/zppmS36dmR9ckP66XGTJXVh/?lang=pt&format=pdf> . Acessado em: 3 nov. 2021.

SILVA, L. N. **Profissionais do sexo e a 3ª idade: uma discussão sobre a garantia de direitos para as profissionais do sexo da cidade de belo horizonte**, 2018. Disponível em: [+PROFISSIONAIS+DO+SEXO+E+A+3%C2%AA+IDADE+UMA+DISCUSS%C3%83O+SOBRE+A+GARANTIA+DE+DIREITOS+PARA+AS+PROFISSIONAIS+DO+SEXO+DA+CIDADE+DE+BE.pdf](https://www.scielo.br/j/rbagg/a/zppmS36dmR9ckP66XGTJXVh/?lang=pt&format=pdf). Acesso em 19 nov. 2021.

SILVA, L.R. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 15, n.1, p.155-68. Rio de Janeiro, 2008.

SIMÕES, J. A. **Velhice e espaço político**. In: LINS DE BARROS, M. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SIMÕES, R.; MOURA, M M; MOREIRA, Wagner. *Esperando a Morte: O corpo Idoso institucionalizado*, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/25202/18035>. Acesso em: 18 abr. 2020.

SOUZA, C. H. M de; BOECHAT, I. Sob as “Réstias de Sol” Fluminenses: tecnologia e publicação literária no “estágio tardio da vida”. In: MANHÃES, F. C; ISTOE, R.S. C; SOUZA, C. H. M. (Orgs.). **Envelhecimento em foco: abordagens interdisciplinares II**. Rio de Janeiro: Campos dos Goytacazes. Multicultural, 2015.

SOUZA, M. R. Corpo, velhice e subjetividades: cartografias do envelhecimento no sertão piauiense. In: Araújo, L. F.; Carvalho, C. M. R. G. (Org.). **Envelhecimento e Práticas Gerontológicas**. (1a ed., Cap. 13), 2017.

SCHNEIDER, R.H. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LTdtHbLvZPLZk8MtMNmZyb/?lang=pt>. Acessado em 10 fev. 2021.

“SOU LIVRE”, DIZ GLÓRIA MARIA APÓS REVELAR TER NAMORADO CINCO AO MESMO TEMPO. **Portal Popline**, 2021. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/gloria-maria-namorou-cinco-mesmo-tempo/>. Acesso em 18 dez, 2021.

TEIXEIRA, S.M.O. *et al*. Da velhice estigmatizada à dignidade na existência madura: novas perspectivas do envelhecer na contemporaneidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n.2, 2016.

TAVARES, R.E. JESUS, M.C.P. BRAGA, V.A. **Envelhecimento saudável na perspectiva de idosos**, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/pSRcgwghsRTjc3MYdXDC9hF/abstract/?lang=pt>. Acesso em 08 dez. 2021.

TIRE O SEU SORRISO DO CAMINHO, QUE EU QUERO PASSAR COM A MINHA DOR. **Tribuna**, 2019. Disponível em: <https://www.tribunaribeirao.com.br/site/tire-o->

[seu-sorriso-do-caminho-que-eu-quero-passar-com-a-minha-dor/](#). Acesso em: 15 nov. 2021.

TODARO, M. A. CACHIONI, M. **O legado de Paulo Freire sobre a velhice: história de vida e o contexto brasileiro atual**, 2021. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16554#:~:text=Paulo%20Freire%20nasceu%20em%2019,da%20velhice%20por%2015%20anos>. Acesado em 07 nov. 2021.

TOMAZI, M. M. **O lamento da figura materna na canção de chico buarque: contra o silêncio e a opressão**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação de Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura) UNICOR, Minas Gerais, 2012.

TOMEI, F. A. **O conceito de representações coletivas em Durkheim**, 2013. Disponível em: https://ensinosociologia.fflch.usp.br/sites/ensinosociologia.fflch.usp.br/files/Francesco_texto_0.pdf. Acessado em 14 dez. 2021.

TRABALHO, FAMÍLIA E APARÊNCIA DEFINEM SUCESSO PARA MULHERES. **Exame**, 2021. Disponível em: <https://exame.com/carreira/trabalho-familia-e-aparencia-definem-sucesso-para-mulheres/>. Acessado em 15 nov. 2021.

UCHOA, Y. S. *et al.* **A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa**, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/7dtmjLMf3c4bHR8bgcQDFXg/abstract/?lang=pt>. Acessado em 17 out. 2021.

VASCONCELOS, A. T. de; JAGER, M. E. A percepção de psicólogos sobre o envelhecimento Psicologia e envelhecimento. **Multiciência Online**, Rio Grande do Sul, v. 2, n.4, p. 163-197, 2016.

VERAS, R.P.; OLIVEIRA, M. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.23, n.6, p. 1929- 1936, 2018.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em Administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VIANA, L. C. **Dinheiro traz Felicidade? Uma perspectiva comportamental**, 2019. Monografia. Departamento de Economia – UFSC- Florianópolis, 2019.

VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. P. L.; SARAIVA, E. R. A. A Sexualidade Na Velhice: Representações Sociais De Idosos Freqüentadores de Um Grupo de Convivência. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 36, n. 1, p. 196-209, 2016.

VITORINO, J. P. F. **Envelhecimento, trabalho e aposentadoria: expectativas e planejamento para a vida pós-trabalho**, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/184958>. Acesso em 17 nov. 2021.

WEBER, M. **Sociologie de la musique**. Paris: Éditions Métailié, 1998.

WEBER, Max. A **‘Objetividade’ do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política**. In: Metodologia das Ciências Sociais. Campinas: Ed. UNICAMP & Cortez Editora, 1999.

WICHMANN F. M. A. *et al.* Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, v.16, n. 4, p. 821-832, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/MZNRCPFPYrFLgqg8GRGZm/abstract/?lang=pt>
Acesso em: 10 ago. 2021.

ZANELLI, J. C; SILVA, N; SOARES, D. H. P. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho: construção de projetos para o pós-carreira**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice: Aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.